C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA

TEOTÓNIO REBELLO TEIXEIRA DE ANDRADE E CASTRO

PRESIDENTE DA JUNTA DISTRITAL DE BRAGA

Com os seus cum-
primentos.

EX-LIBRIS:

Colaboração artística de

LUÍS DE CAMPOS

Colaboração fotográfica de

ARCELINO A. DE AZEVEDO

261



C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA

PEDRAS DE ARMAS E ARMAS TUMULARES DO DISTRITO DE BRAGA

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR

HERÁLDICA E GENEALOGIA:

Capela de S. Bento, em Vila do Conde – Subsídios para a sua história. Separata de «Douro Litoral». 1952 e 1955.

A Heráldica de Família nos Cemitérios do Porto, em «O Tripeiro», V série.

As Pedras de Armas do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral. Separata de «Douro Litoral». 1953.

A Heráldica de Família no Cemitério Inglês do Porto. Separata de «Douro Litoral». 1954.

Pedras de Armas do Concelho de Santo Tirso (heráldica de família). Subsidiado e editado pela Câmara Municipal de Santo Tirso. 1957.

Cartas de Brasão registadas nos Livros do Registo Geral da Câmara Municipal do Porto. Separata do «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto». 1957.

Arquivo Heráldico do Concelho de Santo Tirso (cartas de brasão). Separata de «O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural». 1958.

Pedras de Armas do Concelho de Lousada (heráldica de família). Subsidiado e editado pela Junta de Província do Douro Litoral. 1959.

Pedras de Armas do Concelho de Matosinhos (heráldica de família). Em colaboração com o Dr. Alberto de Laura Moreira. Subsidiado e editado pela Câmara Municipal de Matosinhos. 1960.

Pedras de Armas do Concelho da Póvoa de Varzim (heráldica de família). Separata de «Póvoa de Varzim – Boletim Cultural». 1962.

Vales Peixotos de Vilas-Boas, da Casa de Carvalho de Arca – Subsídios para a sua genealogia. Braga, 1964.

A publicar:

A ascendência Peixoto dos Vales Peixotos de Vilas-Boas, da Casa de Carvalho de Arca (sécs. XIII – XVI).

BIBLIOGRAFIA:

Catálogo da Ramalhiana de Alberto Ortigão de Oliveira. Porto, 1968.

VAZ-OSÓRIO DA NÓBREGA

Do Instituto Português de Heráldica
Do Colégio Brasileiro de Genealogia
Da Academia Portuguesa de Ex-Libris
Da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto
Etc.

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA

PEDRAS DE ARMAS E ARMAS TUMULARES DO DISTRITO DE BRAGA

C. M. P.
BIBLIOTECA

I

CIDADE E CONCELHO DE BRAGA

1

CIDADE

Tomo I

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
8418
Barcelone Perm

JUNTA DISTRITAL DE BRAGA
1970

RAZÃO DE SER DESTA OBRA

A história de um povo, a história de uma terra, toda a sua grandeza no decorrer dos tempos, tudo isso nos é contado pelo que de visível o passado nos deixou.

A acção das instituições e o esforço dos homens perduraram e imortalizaram-se nos monumentos que ficaram, nas pedras que resistiram à deterioração do tempo.

Dos que se distinguiram, — desses Homens e dessas Instituições que deram sentido à História, à História Religiosa e à História Política, — tantos deixaram gravados na pedra os símbolos que usaram; tantos são hoje conhecidos pelas armas com que assinalaram as portas das suas casas ou as capelas da sua devoção; tantos são hoje conhecidos pelos brasões que cobrem as sepulturas onde os enterraram.

Olhar para todas essas pedras armoriadas; fazer-lhes a leitura e recordar os nomes e os feitos que traduzem, é honrar os grandes de outro tempo, é fazer História.

Nesta região de tão antigo e tão grande passado; nesta região de castelos, de paços e de solares, de mosteiros, de igrejas e de capelas; nesta terra de Arcebispos e de Filhos d'algo; neste Distrito de Braga, onde tantas pedras de armas recordam Varões que foram virtuosos e que foram santos, recordam Homens que foram guerreiros e heróis, Homens que ao Rei e à Nação deram o melhor da sua inteligência e da sua acção; neste Distrito de Braga, onde por toda a parte, — nas cidades, nas vilas, nas aldeias, — tantos brasões atestam a grandeza doutrora, entendeu por bem a Junta Distrital levar àvante a obra que se apresenta.

Ela é o trazer a público e o dar a conhecer todas as pedras de armas e todas as armas tumulares aqui existentes: a heráldica de família e a heráldica religiosa, as heráldicas desportiva e corporativa, a heráldica municipal..., — é a descrição exaustiva de todas elas, com o estudo dos seus elementos e com a sua interpretação, — todas elas reproduzidas em estampa.

Ao fazer isto, a Junta Distrital de Braga dá um contributo válido e grande para a História do Distrito.

Braga, 1 de Dezembro de 1970

Teotónio Rebello Teixeira de Andrade e Castro
(Presidente da Junta Distrital de Braga)

CARTA-DEDICATÓRIA A UM VELHO COMPANHEIRO DAS ANDANÇAS GENEALÓGICAS

Meu Prezado Amigo Dr. Henrique Büstorff da Costa-Ferreira

Aqui tem o primeiro tomo do primeiro volume das *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*. Volume I: duzentos e tantos exemplares heráldicos descobertos, inventariados e estudados em toda a cidade de Braga, depois de calcorrear ruas, travessas, praças, avenidas..., espreitando aqui, indagando ali, vasculhando além..., tido eu, quantas vezes, — quando o recolher de elementos subsidiários me levava a ir por todo o Distrito, e para além deste, — como se fora um fiscal camarário em assuntos de varejo de vária espécie, um oficial de diligências meticuloso, um farejador de bens de velhinhas desprevenidas, um afadigado elemento da Judiciária em missões melindrosas, um comprador ávido e sagaz de antiguidades, um entendedor de *hidráulicas*..., e, certa ocasião, por uma tarde triste de inverno, fria e chuvosa, como se fora um espião, — o que tudo é testemunhado pelo meu imprescindível companheiro nas investigações heráldico-genealógicas através dos treze concelhos do Distrito, *Manuel Machado da Silva,* atento, prestável, curioso, que eu sempre observei, quando acompanhando-me, não se descuidar em bem servir a entidade oficial a que pertence: a Junta Distrital de Braga.

Em Portugal, os trabalhos sobre heráldica e genealogia ainda provocam, em grande número de pessoas, uma psicose que raiaria pelo picaresco se ela não fosse o resultado de uma compreensão errada do que, com verdade, são a Heráldica e a Genealogia nos seus autenticos valor e significado, como ciências auxiliares da História, da Arte, da Arqueologia, da Sociologia, da Genética, da Jurisprudência, etc., etc. Responsabilizem-se os cimentadores de tal compreensão: quase todos os genealógicos de setecentos e oitocentos e uns tantos fidalgos e nobres do século passado, que pela pena de pato, nem sempre criteriosa, uns, e arraigados a prosápias descabidas, outros, desvirtuaram para o futuro a essência daquelas duas ciências, essencialmente práticas e objectivas.

A Heráldica, — que muitos indivíduos ditos de cultura média, com a sua mentalidade pessoal de tudo mostrar saber, *a priori,* sem procurar saber estudando, e de tudo pretender simplificar, complicando, e de fermentar críticas sem para tal haver a noção de crítica construtiva, ainda engendram considerações sobre armas e brasões com um atraso de quase dois séculos em referência ao raciocinar equilibrado e sentir prático dos povos de países onde a heráldica é apreciada no seu verdadeiro significado, quer eles sejam países com governo de padrão monárquico, ou democrático, ou socialista, ou totalitarista..., — a Heráldica, como estava eu principiando, tem sido alvo, hoje em dia, de uma atenção e de um interesse precisos: manifestação viva do pensamento do homem evoluído.

Castelos, torres, barcos, rios, o mar, cruzes, as quinas de Portugal, Santos, estrelas, crescentes, criaturas da fauna delicada ou arrogante, espécies várias ou elementos soltos da flora, quer mimosa ou pujante..., penetraram nos escudos das nossas cidades e vilas da Metrópole e do Ultramar, — no Além-mar recordando-nos permanências de séculos, ou lembrando para os que virão gesta recente: Ambriz, Ambrizete, Bembe, Catete, Caxito, Cuimba, Damba, Maquela do Zombo, Mucaba, Nambuangongo, Negage, Nóqui, Nova Caipemba, Quibaxe, Quimbele, Quitexe, Santa Cruz, Santo António do Zaire, Sanza Pombo, S. Salvador do Congo, Songo, — leões, punhais, machetes gentílicos, a igreja de Mucaba, azagaias, catanas, flechas...

No desporto, os clubes drapejam, ao calor dos entusiasmos, as suas bandeiras emblemadas: vemos as armas do Sporting Clube de Braga, que são as da Cidade, com o campo do escudo partido de prata e vermelho, — a prata simbolizando, em heráldica, a fé, a pureza e a integridade, e o vermelho a fortaleza, o valor, a fidelidade, a alegria e a honra; o brasão, — onde domina a figura do Rei Conquistador, — do Vitória Sport Clube de Guimarães; as armas do Futebol Clube Tirsense, — no escudo um leão rompante, vigoroso e altivo, empunhando um báculo, elementos heráldicos das armas beneditinas, tirados do brasão concelhio; no campo do escudo das armas da Associação Académica de Coimbra a silhueta da Universidade e as iniciais do Clube, — desporto e cultura num só campo; as armas da cidade do Porto assentes numa bola dos relvados, — distintivo de bairrismo acalorado do Futebol Clube do Porto; as armas afamadas do *e pluribus unum*, — com a águia que já tem pairado sublime por céus de além-fronteiras, — do Sport Lisboa e Benfica; o brasão, — com o leão rompante de ouro, combativo e leal, — do Sporting Clube de Portugal; o brasão, — com a cruz das caravelas, a cruz do mais além, brocante sobre uma cruz em aspa firmada, — do Clube de Futebol «Os Belenenses»...

E temos as armas das Misericórdias, das Confrarias, dos Bombeiros Voluntários (onde teima a Fénix Renascida das próprias cinzas), das Estalagens (as da Estalagem do Castelo de Bode, por ex., alusivas e falantes)..., as armas dos Grémios da Indústria, do Comércio e da Lavoura, as dos Sindicatos, das Casas do Povo, das Casas dos Pescadores, das Uniões, das Federações de Grémios, das Ordens, das Corporações..., e as armas e os emblemas que recheiam a lista classificada dos C. T. T.: de cooperativas, de companhias, de estabelecimentos comerciais e industriais, de empresas, de hotéis, de colégios e de escolas, de sociedades mercantis, de marcas de vinhos... E as armas da BBC, as da Corporação dos Lloyds, as do Instituto da Energia Atómica (onde entrou um pintarroxo das armas do primeiro físico que realizou a cisão do átomo: Lord Rutherford), as da Interpol..., e os emblemas da Socony (o Pégaso), da Shell (a vieira)..., e as armas e os emblemas de marcas de automóveis.

Seivando-se nos campos de batalha, em séculos da Idade Média, a Heráldica viu-se sempre ligada às formações militares. Não olhando agora nós para muito distante no tempo, olhemos: na segunda guerra mundial, os escudos pintados nos capacetes da Wehrmacht e os que andavam bordados nas mangas dos dólmanes e dos blusões das tropas dos três aliados, franceses, ingleses e americanos, e as armas do quartel-general do grupo de Exército 21.º, do Exército britânico do Reno, e as armas do VIII Exército...; as armas do Exército Reno-Danúbio, o francês de ocupação na Alemanha, que são as da cidade de Colmar, sua sede (*partido de vermelho e verde, com uma estrela caudata de ouro em contrabanda, brocante*); o brasão das formações militares da NATO (*escudo clássico: duas espadas convergentes e apontadas ao meio do chefe, brocantes sobre folhas espalmadas de palmeira e de outra espécie, as espadas e as folhas contidas por um listel com a legenda «Vigilia pretium libertatis»*)... Em Portugal, as armas da Academia Militar, da Escola Prática de Engenharia, os emblemas heráldicos do Governo Militar de Lisboa e das Regiões Militares...

Quanto às armas e aos emblemas heráldicos, de soberania, usados por cada Estado, temos, ao acaso: do Estado do Vaticano (*as Chaves de S. Pedro passadas em aspa e encimadas pela tiara pontifícia*, — símbolo de uma teocracia), da República Turca (*o crescente e a estrela de*

cinco pontas, do antigo Império Otomano), da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (*a foice e o martelo passados em aspa pelos seus cabos,* — emblema de partido e símbolo heráldico de domínio), da República Federal Austríaca (*escudo: de vermelho, faixa de prata,* — *as armas assumidas pelo Duque Leopoldo II de Habsburgo; o escudo carregando o peito da Águia Germânica, partida de vermelho e negro* (simbolizando a coligação dos partidos da esquerda e da direita), *a águia segurando nas garras a foice e o martelo*), da República Popular da Hungria (*a estrela vermelha de cinco pontas, um martelo e uma espiga de trigo passados em aspa e espigas enfeixadas e arqueadas*), da República Popular da Albânia (*a estrela vermelha de cinco pontas, a águia bicéfala tradicional, espigas de trigo enfeixadas, arqueadas e cruzadas em ponta, e a data 24 MAJ 1944*), da República de Israel (*em campo de azul, o candelabro de sete braços, ladeado de dois ramos de oliveira, e em contrachefe o nome de Israel, em caracteres hebraicos*), da República Democrática Popular da China (*uma estrela de cinco pontas de ouro, acompanhada à sinistra de quatro estrelas mais pequenas de cinco pontas, do mesmo, sobre vermelho, e uma construção* (simbolizando Pequim?), *tudo contido por uma coroa de espigas de trigo ligadas por panejamentos saindo do orifício do eixo de uma roda dentada*), do Império do Japão (*o Sol: um disco vermelho sobre branco*), e também as armas da República Federal Alemã, da República da Confederação Helvética, da República da Finlândia, da República Socialista da Checoslováquia, da República de S. Marinho, da República Árabe Unida, da República da Tunísia, da República da Libéria, da República Federal da África do Sul, da República Islâmica do Paquistão, da República Islâmica da Indonésia, do Estado Federal da Austrália, dos Estados Unidos da América do Norte, da República do Haiti, da República Socialista de Cuba...

O século XIV deu-nos duas fontes notáveis onde colhemos dados sobre as gerações das principais famílias das primeiras centúrias da Nacionalidade. Fontes que havemos de ter como de confiança, enquanto documentos, considerados seguros, não vierem negar a autenticidade do seu testemunho. São elas: o *Nobiliário do Conde D. Pedro* e os *Livros Velhos de Linhagens*. Monumentos da história da alta sociedade medieval portuguesa, onde o correr da existência de certas famílias, contado com uma sinceridade chocante, desenrola, perante os nossos olhos curiosos, as lealdades que a moral oportunista de hoje não entende, as traições impressionantes, as virtudes que agradam a Deus, os vícios e os crimes que macularam para sempre donas e ricos-homens...

Com o século XV chegamos à *grande noite genealógica,* que se demora quase enigmática até à obrigatoriedade dos registos paroquiais, por meados de quinhentos, o que permitiu a genealogistas confiantes em terceiros ou oportunistas para terceiros, em séculos vindouros, que engendrassem, sem mais quê, sucessões ligando os últimos personagens dos velhos nobiliários com as primeiras gerações de seiscentos, contribuindo em peso para que a muitas famílias viesse a caber, no seu *flos originum,* um rei dos godos ou dos suevos ou dos lombardos ou de outro não menos notório povo. Foram quase duzentos anos sem continuadores precavidos e sóbrios dos livros de linhagens do século XIV; e só buscas exaustivas por arquivos oficiais e particulares, na peugada de perfilhações, prazos, testamentos e outros documentos de cunho legal, encontrados, quantas vezes, por mero acaso, depois de porfiadas procuras postas de parte, vêm permitindo, aos já alguns cuidadosos investigadores de agora, reconstituir, com muita cautela, as linhagens através dessa *grande noite,* mau grado a conta circunspecta em que uns tantos historiadores responsáveis do presente ainda têm os fazedores de genealogias e armoriais de seiscentos até quase novecentos.

É no século XVII que a *fábula genealógica,* com títulos e subtítulos eloquentes a ocuparem uma página inteira, principia, com raras e notáveis excepções, a tomar características de um mal endémico, com as famílias a recuarem a sua ancestralidade até aos tempos mais remotos, — não me

esquecendo aquele cavalheiro que não contava com Noé entre os seus ancestrais, pois que, sendo a sua família de elevado conceito social aquando do Dilúvio, esta se tinha salvo milagrosamente numa barca própria! Os iniciadores responsáveis de tais teatros genealógicos consideram-se iluminados para anotarem, corrigirem, recuarem no tempo e continuarem, sem se sentirem obrigados a justificarem-se documentalmente, os quase sempre sérios livros de linhagens do século XIV. Estava lançado o trunfo dos subsídios lendários para a história das famílias portuguesas. E após esses iniciadores, o bacharel fidalgo, o morgado provinciano com pitada de ilustração, o frade curioso de ordem pingue, e muitos outros indivíduos com pruridos de genealogista, vão encher laudas e laudas com árvores de costados e de desenvolvimentos genealógicos, todos eles porfiando-se em se copiarem uns aos outros, para de seguida incluirem as imprescindíveis achegas de lavra própria. Infólios curiosos, quantas vezes com grande cópia de informações de muito interesse para a história social da época e, mesmo assim, nunca de desprezar nas suas notícias mais fantasiosas, porque uma peta pode trazer-nos à curiosidade o seu quê de verdade adulterada, e cuja consulta não se deve esquecer, pois que, em muitas ocasiões, serão de grande utilidade como ponto de partida para buscas a efectuar.

Juntamente com este surto de genealogias de famílias com certos avós de encomenda, com os quais tantas vezes se maculavam de propósito antepassadas de costumes virtuosos, assistiu-se ao aparecimento de fazedores de armoriais por vontade própria, que se deram à importância de corrigir o que de certo se encontrava iluminado nos livros oficiais de brasões do século XVI: quer alterando esmaltes, quer modificando o número e a disposição das peças e figuras, como aceitação incondicional das confusas linhagens criadas pelos continuadores dos nobiliários do século XIV; quer generalizando timbres de fresca data, que recordavam feitos acontecidos, ou havidos por acontecidos, com personagens medievais que nenhuma ligação tinham com a ascendência autêntica das famílias vangloriadas com esses novos e sugestivos símbolos heráldicos.

Frise-se, no entanto, que toda a imponência do descalabro da Genealogia e da Heráldica se situa nos séculos XVIII e XIX:

> Foi então que tomou maior vulto o terror da suspeição de vestígios de sangue de judeu antigo ou de cristão-novo em grande parte da fidalguia portuguesa, quando está provado, por investigadores conscientes, que muitas galantes judias douraram, pelo casamento, nos séculos XVI e XVII, os escudos armoriados de bastantes casas fidalgas em decadência, — recordando-nos, também pela sua realidade, a enorme porção de sangue mouro que se misturou, principalmente, com o sangue dos naturais do sul e do centro do País, e também a não muito pouca quantidade de sangue de aborígenes do Brasil, da África Negra e do Oriente que circula, sem peias de racismo, em alguma gente nascida e criada neste velho Portugal da aventura e do amor.
>
> Culminou a preocupação em aspar-se da ascendência os avós tonsurados, quando é uma verdade compreensível, por ser humana, que muitos portugueses têm, pelo menos, um eclesiástico entre os antepassados, que sempre se preocupou, como pai consciente, em legitimar os seus filhos de mãe solteira ou viúva, os quais ficavam isentos de certos impostos e obrigações, na qualidade de rebentos de tal progenitor, e se incomodou em dar-lhes posição decente para o futuro dia a dia e a casá-los em casas desafogadas do Reino; — e para mais, uns tantos sacerdotes, párocos de freguesias rurais, muito contribuiram para o caldeamento da raça portuguesa, espalhando por todo o País, nos seus descendentes, apelidos circunscritos a zonas restritas.
>
> Alastrou-se a convicção de que todas as famílias fidalgas de então já o eram aquando dos primeiros reinados da primeira dinastia, e que todos os brasões, tirando os de acrescentamento e os de mercê-nova, haviam sido inventados por cavaleiros nas lutas para a consolidação da Nacionalidade, quando a verdade é que a maior parte dos brasões

assumidos datam dos séculos XIV e XV, e que, excluindo aquelas famílias cujos maiores se encadeavam, pela certa, nos livros antigos de linhagens, as outras, ou provinham de lavradores enriquecidos, vivendo à lei da nobreza nas suas casas erguidas em prazos reguengos ou dos conventos ou dos grandes senhores, ou provinham de marinheiros e militares que principiaram a sua grandeza nas novas descobertas de terras e nas guerras contínuas da nossa expansão no além-mar, ou provinham da alta burguesia, cujas armas não constavam dos armoriais oficiais do século XVI, tendo tido nesta classe posição social de importância os mercadores do Porto do século XV que, de origem francesa, ou a ela ligados, trouxeram a flor-de-lis para as armas assumidas por algumas famílias daquele burgo de grande trato comercial.

Formou-se a crença de que a Nobreza havia sido sempre uma classe fechada, não permitindo, portanto, que as suas fileiras fossem limpas de elementos não vivendo conforme a sua lei ou que para elas entrassem indivíduos que, subindo da multidão anónima, as viessem arejar e fortalecer, quando a Nobreza, classe sempre aberta, muitos elementos do povo e da burguesia recebeu no seu seio: militares de origem obscura que, com o Rei de Boa Memória, lutaram pela independência da Pátria; plebeus salientados aquando das descobertas e da nossa expansão marítima; judeus que com seus cruzados robusteceram o erário público periclitante ou contribuiram para o apetrechamento de esquadras partindo para os feitos da África e da Ásia; e mais tarde, em pleno Constitucionalismo, veio a receber os trunfos do Comércio e da Indústria, com os seus estranhos brasões de mercê-nova, todos significativos de uma nova época; — ajuntando-se que, em Portugal, a nobreza se comunicava aos filhos tanto pelo pai, como pela mãe, com o direito ao uso dos apelidos e das armas de uma e outra parte.

Obteve foros de crença, sem discussão, que todos os indivíduos com determinado apelido tinham origem comum e, portanto, as mesmas armas, quando, embora pese na ousadia de umas tantas justificações de nobreza, e daí na incongruência das cartas de armas consequentes, todas as nossas famílias (de parte àquelas a quem, por sucessão, lhes advieram seus apelidos dos filhos de algo da nossa Idade Média) ganharam os sobrenomes de cunho toponímico do seu local de naturalidade ou residência, ou continuaram os apelidos de origem patronímica, ou mantiveram os de invocação cristã, em geral transmitidos por linha feminina, ou conservaram ou não puderam fazer esquecer as alcunhas de sabor rural e marítimo, contando-se, também, com aqueles indivíduos que receberam os apelidos, estranhos à sua ascendência, mas continuados na descendência, ou de padrinhos de baptismo, ou de protectores, ou de senhorios de quem eram caseiros, ou de senhores, quando escravos, ou de instituidores de morgadios para os quais eram chamados para administradores, ou do lugar de origem, quando fixados noutro (com *de, do* ou *da* antecedendo o apelido), etc., etc.

Arreigou-se o uso do tratamento de *Dom,* quando, em alguns casos, a sua origem está no *Dom* transmitido aos descendentes varões, por linha masculina, e às vezes feminina, de filhos de eclesiásticos com direito a tal tratamento, ou no *Don* espanhol com que famílias portuguesas, em função de alguma costela não muito antiga do país irmão, fizeram preceder os seus nomes próprios; e também se tornou hábito em dar indevidamente o tratamento de *Dona* a certas antepassadas, quer elas tivessem sido fidalgas sem direito a tal, quer burguesas, quer simples mulheres do povo.

Generalizou-se a aversão em aceitarem-se determinadas fraquezas humanas acontecidas nas gerações ascendentes de muitas casas fidalgas, mormente da província, quando tais devaneios povoaram de ilegítimos, desde a fundação da Monarquia, os Paços d'El-Rei e as casas dos grandes de Portugal.

E assim se chega ao final do século XIX a mancar-se por tantos atropelos em genealogias e armarias.

Mas Deus é grande, e, ao presente, continuando-se a arrancada sublime de teimosos pioneiros dos fins de oitocentos e da primeira metade deste século, outros trabalhadores estão contribuindo, com a sua pena honesta e a sua paixão comedida, para que a Heráldica e a Genealogia vinquem bem a sua posição de fonte pura da História e da Sociologia.

E aqui tem, meu querido Amigo, camarada em profundas e demoradas investigações genealógicas por variegadas terras do nosso Portugal e em vibrantes e suculentas lucubrações sobre famílias notórias, o primeiro volume das *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga,* que lhe dedico com um apertado abraço de velha e sempre presente amizade.

Vaz-Osório da Nóbrega

Na Cidade dos Arcebispos, a 13 de Novembro de 1970

PEDRAS DE ARMAS
E
ARMAS TUMULARES

1

Localização:

— Sé Catedral.
— Frontaria.

Material: granito.

Época: a frontaria da Sé e as torres foram reconstruídas nos anos de 1723 e 1724 (1).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo ovalado, com motivos de fantasia.
— O escudo assente sobre a cruz da Ordem de Cristo.
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de oito borlas pendentes a cada lado (1, 2, 2 e 3).
— Todo o conjunto descrito rodeado por motivos decorativos.

---

(1) Em *Diario Bracarense das Epocas, Fastos, e Annaes mais remarcaveis,* por Manoel Joze da Silva Thadim, pág. 94, ms. (principiado em 1748) pertencente ao arquivo do meu Exmo. Amigo Dr. Manuel António Braga da Cruz, em Braga: «O Sn.r Arcebispo [D. Rodrigo «de Moura Teles] mandou fazer as duas torres da fronteira da Sê, que se principiaram a fazer «neste mez [de Fevereiro de 1723], e se acabaram no anno de 1724. e a 4. de Novembro do «anno de 1724. pela hũa hora da tarde foi o Sn.r Arcebispo a Sê, e benzeo a Imagem de «N. S. feita de pedra, e dipois foi para o Terreiro da Se vendo subir por Calabres a Senhora, «estando a hi os Muzicos cantando a Ladainha». E em *Memorias de Braga,* por Bernardino José de Senna Freitas, tomo I, pág. 341: «A fronteira e torres [da Sé] que hoje existem «foram feitas pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, e principiaram a fazer-se em «Fevereiro de 1723, acabando-se no seguinte anno de 1724».

Escudo:

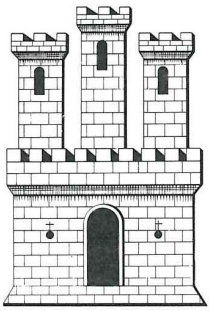
Composição: plena.

Leitura:

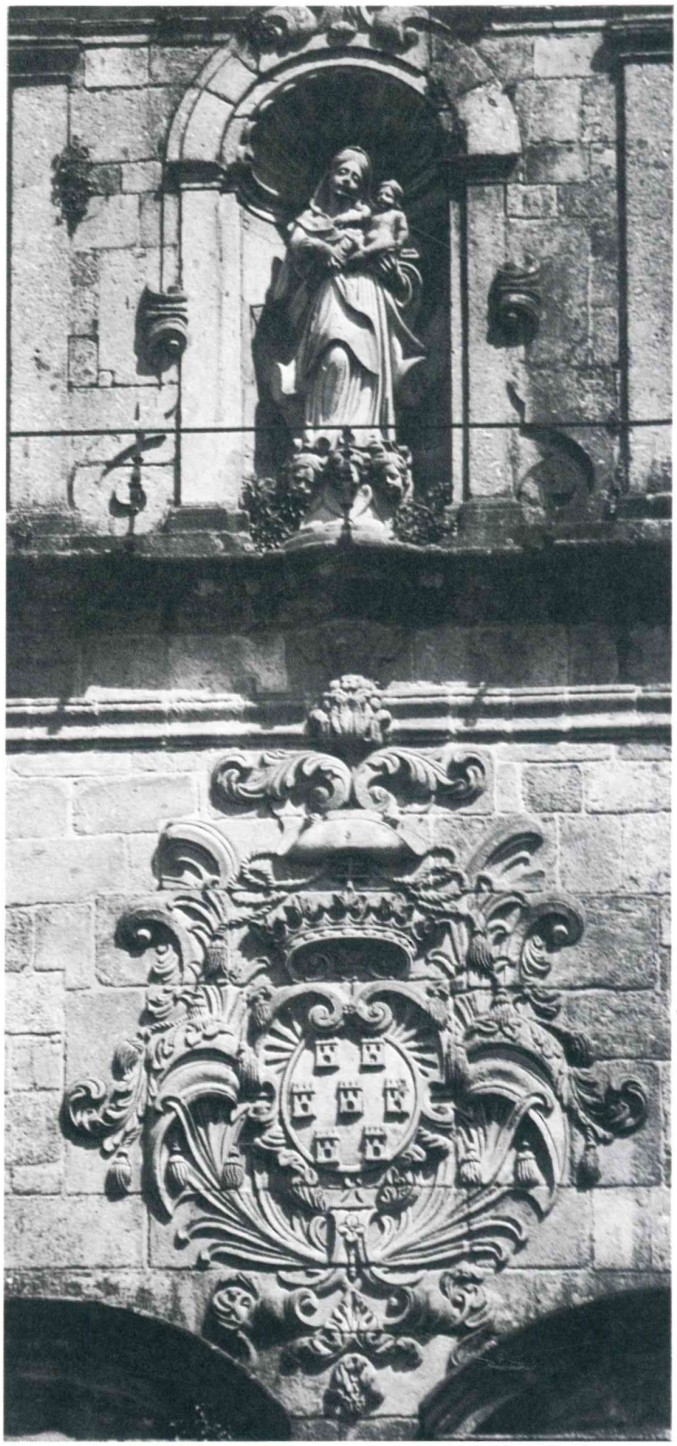
MOURA (1)

(1) Assim: sete *torres* alinhadas em pala, 1, 2, 1, 2 e 1.

São as armas usadas pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728), que era filho de Nuno de Mendoça, 2.º Conde de Vale de Reis, e de sua mulher, D. Luísa de Castro, tendo nascido em Vale de Reis, Alcácer do Sal, a 26 de Janeiro de 1644 (2).



(2) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* por Monsenhor José Augusto Ferreira, tomo III, págs. 225 e 226.



1



1

2

Localização:

— Sé Catedral.
— Galilé. Frontaria. Na face inferior da mísula que sustenta a imagem do Anjo da Guarda da Cidade.

Material: pedra de Ançã.

Época: a decoração exterior da galilé deve-se ao Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532) (3).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu da dignidade de arcebispo (chapéu eclesiástico com cordões de dez borlas pendentes a cada lado, 1, 2, 3 e 4).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

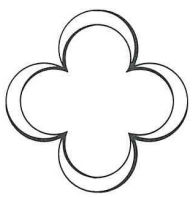
SOUSA, de Arronches (1)

(1) Assim: esquartelado, tendo no I e IV cinco escudetes postos em cruz (os cinco

(3) Cf. *A Cathedral de Santa Maria de Braga,* pelo P.e Manuel d'Aguiar Barreiros, pág. 16.

besantes que deviam carregar cada escudete desapareceram com o tempo) e no II e III uma caderna de crescentes.

As armas dos Sousas, de Arronches, sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV, usadas pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa, que era filho de João Rodrigues de Vasconcelos, senhor de Figueiró e de Pedrógão, e de sua mulher, D. Branca da Silva, e neto paterno de Rodrigo Vasques Ribeiro e de sua mulher, D. Violante de Sousa (4).



(4) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 366.



2



2

3

Localização:

— Sé Catedral.
— Galilé. Abóbada.

Material: granito.

Época: a galilé foi mandada construir pelo Arcebispo D. Jorge da Costa (1486-1501), o qual a não chegou a ver concluída de todo (5).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de sete borlas pendentes a cada lado (1, 3 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

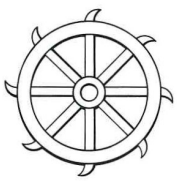
ARMAS USADAS PELO ARCEBISPO
D. JORGE DA COSTA (1)

(1) A roda de navalhas de Santa Catarina. Estas armas também foram usadas por seu irmão D. Jorge da Costa, o Cardeal Alpedrinha, que foi administrador do

(5) Cf. *A Cathedral de Santa Maria de Braga*, pág. 15.

Arcebispado de Braga (1501-1505), o qual faleceu em Roma em 1508 e está sepultado na Capela de Santa Catarina, na Igreja de Santa Maria del Popolo, num túmulo brasonado com as suas armas (6).

Deixou escrito para a posteridade um frade bernardo que os Costas, de Alpedrinha, descendiam do rei Costa, que viveu no século III e foi pai de Santa Catarina (7).

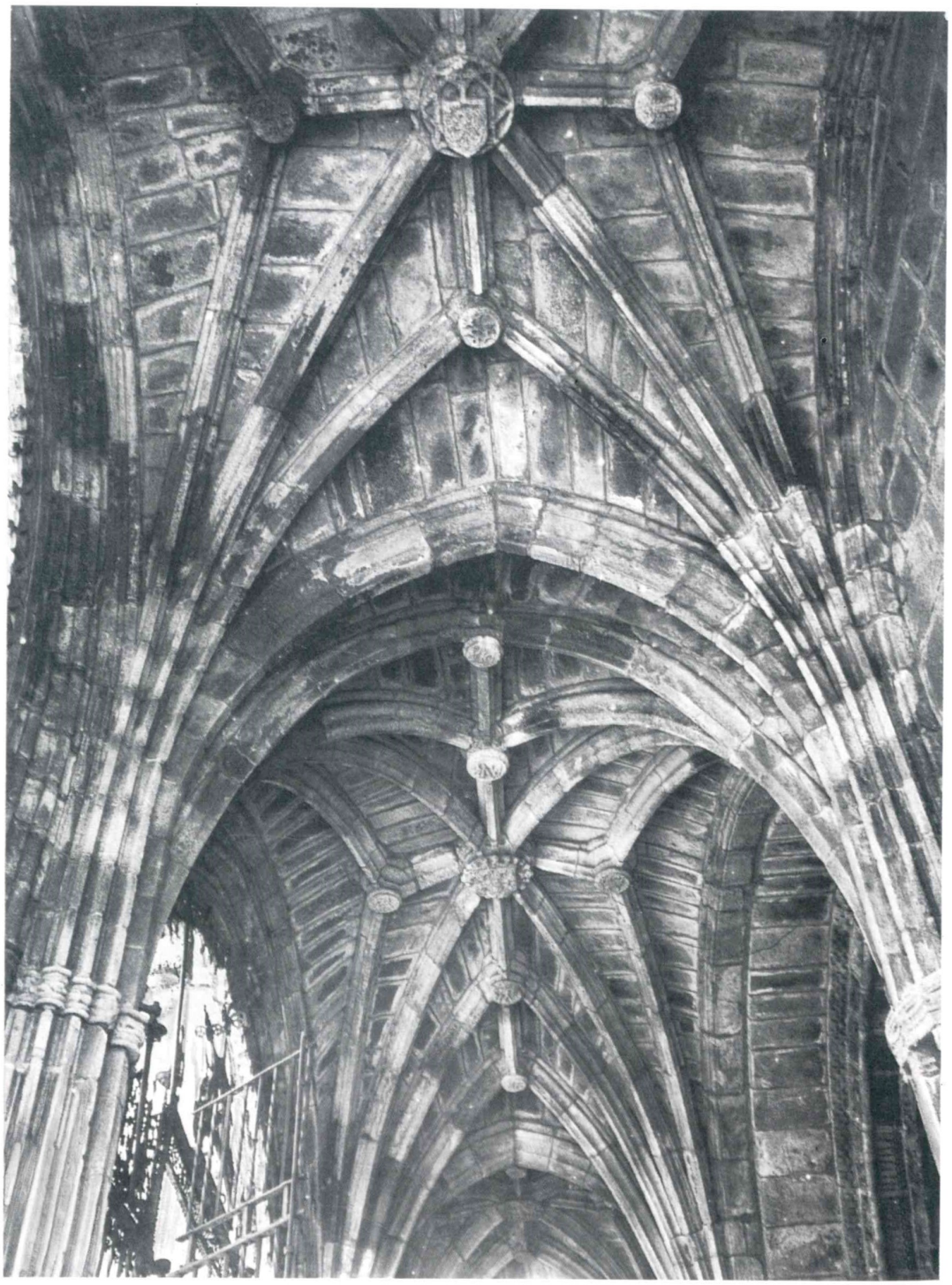


(6) Ver *Brasões de Armas de Famílias Portuguesas em Itália,* por José Bénard Guedes Salgado, em «Armas e Troféus», tomo X, Abril-Junho de 1969, n.º 2, págs. 155, 156 e 157. Ver também *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 361.

(7) Fr. Bartolomeu Ponce, na *Vida de D. Pedro da Costa,* citado por D. Rodrigo da Cunha na *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga,* II parte, pág. 268. Nos *Fastos Episcopaes,* tomo II, pág. 339, o Autor, desabafando: «Em materia de genealogia é o cumulo!».



3



3-4-5

4

Localização:

— Sé Catedral.
— Galilé. Abóbada.

Material: granito.

Época: fins do século quinze (8).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo clássico.
— Coroa real aberta.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

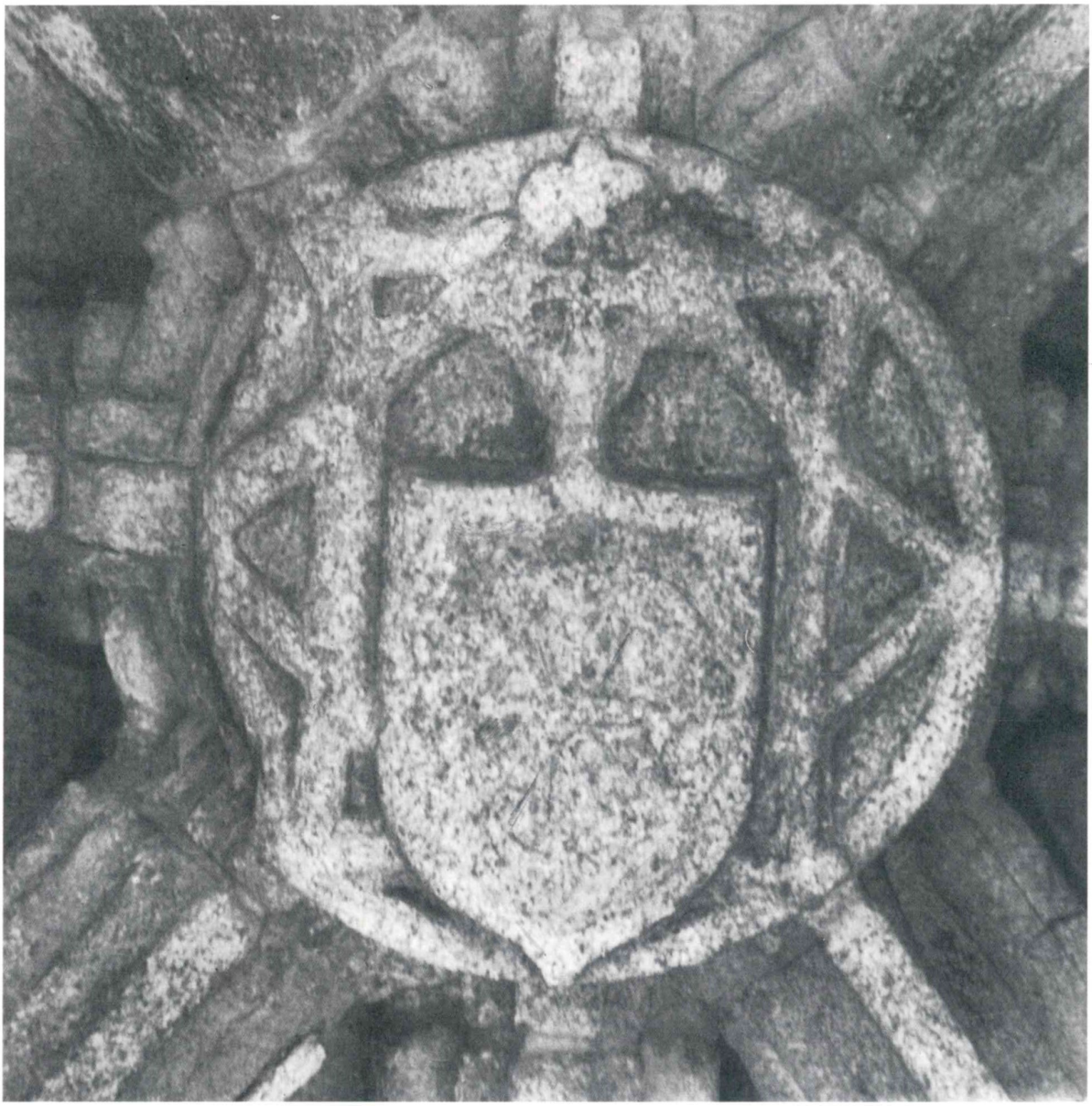
(1) Cinco escudetes postos em cruz (os cinco besantes que deviam carregar cada escudete desapareceram com o tempo) e bordadura carregada de sete castelos.

---

(8) Ver o n.º anterior.



4



5

5

Localização:

— Sé Catedral.
— Galilé. Abóbada.

Material: granito.

Época: fins do século quinze (9).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ARMAS USADAS PELO ARCEBISPO
D. JORGE DA COSTA (1)

(1) A roda de navalhas de Santa Catarina.

---

(9) Ver o n.º 3.

6

Localização:

— Sé Catedral.
— Encimando a porta principal.

Material: granito.

Época: as armas foram mandadas esculpir pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo clássico.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de dez borlas pendentes a cada lado (1, 2, 1, 2 e 4).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

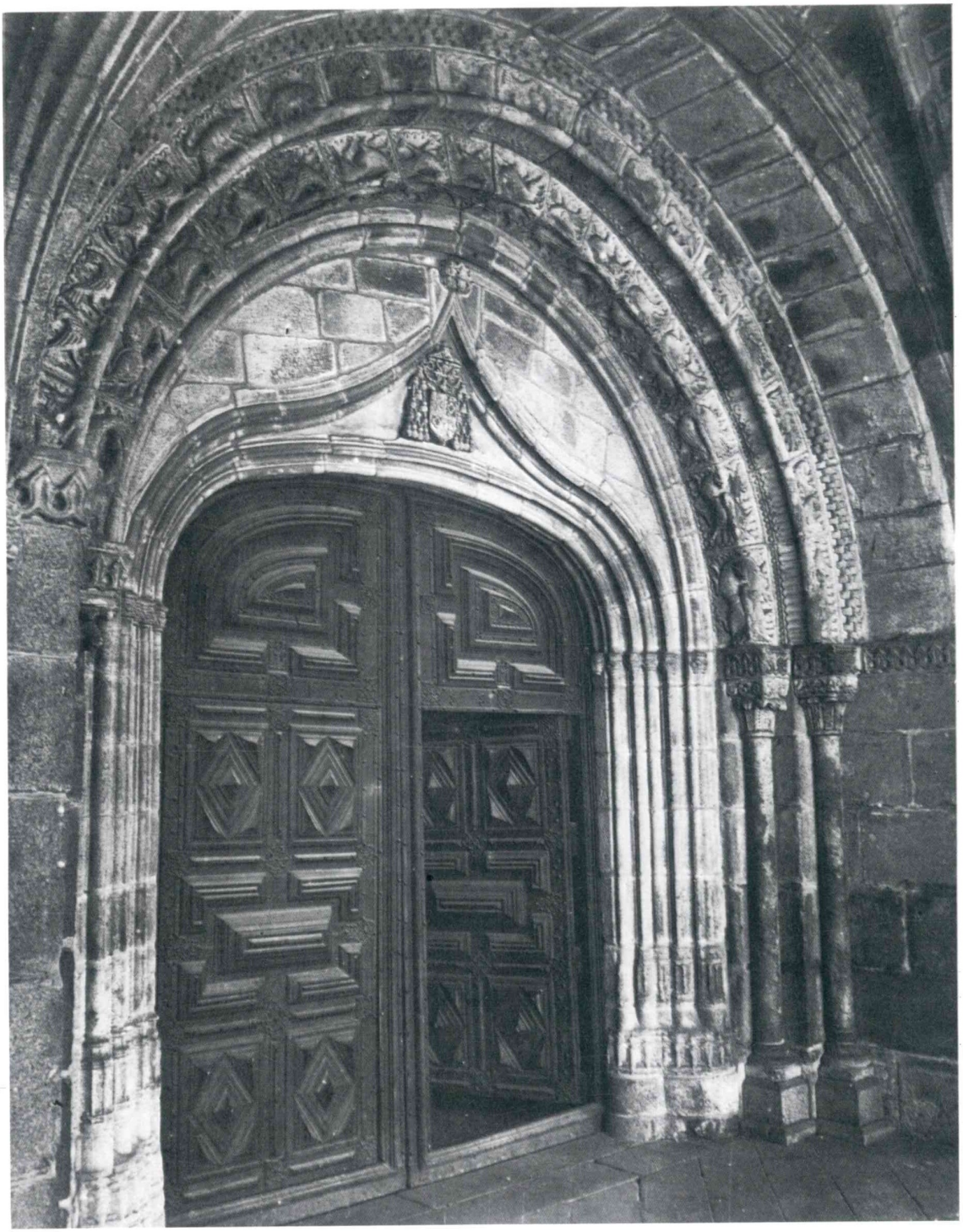
SOUSA, de Arronches (1)

(1) Assim: esquartelado, tendo no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no II e III uma caderna de crescentes.

As armas dos Sousas, de Arronches, sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV, usadas pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa.



6



6

7

Localização:

— Sé Catedral.
— À entrada do templo, numa pequena capela, do lado da Epístola.
— Pregado na face inferior do dossel que protege o túmulo do Infante D. Afonso.

Material: madeira, com pintura a óleo (policromia).

Época: segunda metade do século dezanove.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

—Escudo francês.
— Coroa real aberta, com timbre.

Escudo:

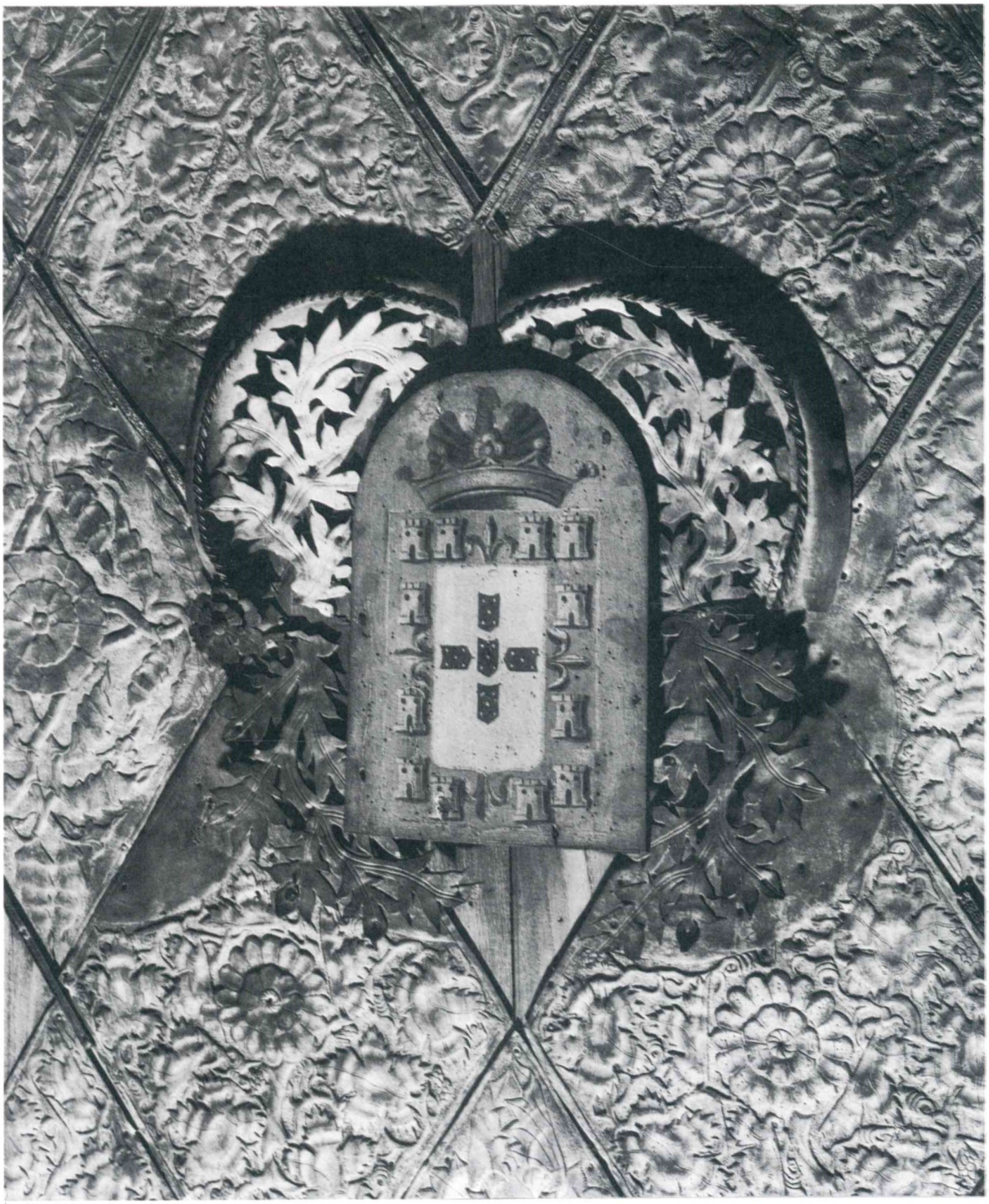
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL-AVIS (1)

Timbre das armas (2)

(1) Assim: de *prata,* cinco escudetes de azul, postos em cruz, os dos flancos apontados ao do centro, cada escudete carregado de cinco besantes de *prata,* e bordadura de vermelho, carregada de doze torres (em vez de castelos) de *ouro,* três em cada ângulo do escudo, postas em esquadria, e de quatro flores-de-lis de pé cortado, de *ouro* (deviam ser de verde), moventes do bordo interior da bordadura, uma em



7



7

Para colar entre as págs. 24 e 25 do Tomo I

Por lapso não se disse que os quatro pinheiros estão a carregar uma bordadura. O mesmo descuido na pág. 80.

chefe, uma invertida em ponta e duas deitadas e adossadas, uma em cada flanco (10).
(2) Assim: um dragão sainte, olhando para a sinistra, de verde, com os olhos e a língua de vermelho (11).

* * *

No tempo do Arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca (1398-1416), a 22 de Dezembro de 1400, estando D. João I em Braga, aqui faleceu o Infante D. Afonso, com dez anos de idade, pois nascera em Santarém a 30 de Julho de 1390 (12), filho primogénito d'El-Rei e de sua mulher, a Rainha D. Filipa de Lancastre. «Enterraraõno na Sè, entre as duas colunnas, que deuidem a naue do «meyo da do Euangelho, começando do cruzeiro» (13). A Infanta D. Isabel, sua irmã, mulher de Filipe V, o Bom, Duque de Borgonha e Conde de Flandres «lhe «mandou a sepultura em q̃ hoje està (14), detras da colunna, a que arrima o altar «de Nossa Senhora do Rosario, por baixo do pulpito, & de fronte dõde primeiro «esteue enterrado. O tumulo he de cobre dourado, laurado a feição de leito dos q̃ «agora se costumão. He toda a obra semeada de hũ bosque ricamente aberto a «meyo releuo, onde os ramos, & folhajẽs fazẽ curiosas, & vistosas laçarias. Sustetaõ «o tumulo quatro Leoẽs dos quatro cãtos; cercao hũ letreiro de letras de ouro «assẽtadas sobre negro, q̃ por serẽ sò de pinzel as gastou o tẽpo de maneira, q̃ se «não podẽ lêr (15). Cobreo hũ sobreceo sustentado em quatro balaustes (16), em «cuja face interior se vê o escudo das armas de Portugal com coroa por cima, «& com muitos Castellos pella orla (17). Outro escudo se vè ali tambẽ quartelado, «onde jà senão deuizão maes, q̃ algũas flores de Lis (18) Iaz sobre o mesmo «tumulo, vestida de roupas roçagantes, a imagẽ do Infante na representação da

---

(10) Ver *Armaria Portuguesa,* por Braamcamp Freire, pág. 407, em PORTUGAL *(Reis de–), Evolução Histórica das Armas Nacionais Portuguesas,* por Armando de Mattos, e *Heráldica, Ciência de Temas Vivos,* por F. P. de Almeida Langhans, vol. II.

(11) Ver obs. cits.

(12) Cf. *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza,* por D. António Caetano de Sousa, tomo II (1736), pág. 37.

(13) Em *Da Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* etc., por D. Rodrigo da Cunha, II parte, pág. 241.

(14) Em 1635.

(15) Ver *Memorias de Braga,* tomo II, pág. 140.

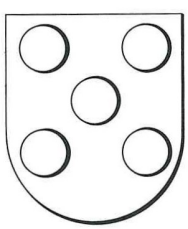
(16) O dossel e as colunas e capitéis de bronze trabalhados foram mandados fazer pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532) em 1527 (cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 208).

(17) Estas armas desapareceram, sendo mais tarde substituídas pelas que lá se encontram actualmente.

(18) Este brasão já não existe.

«idade em que morreo, encosta a cabeça sobre tres almofadas, q̃ lhe guardão «dous Anjos, hũ de cada parte, & aos pês hũ cachorrinho de admirauel «primor» (19).

Mais tarde, *provàvelmente por ocasião das grandes obras de 1780* (20), o túmulo foi levado para dentro dum arco aberto na parede, logo à direita de quem entrava no templo pela porta principal (21), e aí se manteve até que, aquando das obras de restauro efectuadas na Sé pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi colocado na pequena capela, então aberta debaixo da torre sineira, onde actualmente se encontra.



(19) Em *Da Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* etc., II parte, págs. 241 e 242.
(20) Cf. *Archeologia Christã*, por Albano Bellino, pág. 75.
(21) Ob. cit., fotografia (pág. 75).

C. M. B.
BIBLIOTECA

C. M. B.
BIBLIOTECA

8

Localização:

— Sé Catedral.
— Sob o segundo arco a contar do transepto, entre a nave central e a nave do lado do Evangelho.
— Tampa de sepultura rasa.

Material: granito.

Época: meados da segunda metade do século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo peninsular, com suas correias, posto ao balão.
— Elmo aberto, gradeado, voltado à direita a três quartos, com virol, paquife e timbre.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PINTO (1)

Timbre das armas (2)

(1) Cinco crescentes.
(2) Um leopardo carregado dum crescente na espádua.

C. M. B.
BIBLIOTECA

* * *

Pela leitura que me foi possível fazer da inscrição tumular, a qual tem letras de todo gastas pela passagem dos fiéis,

. . . . .APELA D ANTº
PORTOCARº E D SVA
MOLHER FILIPA D. . .
INSTITVIDOR . . . .
. . . . . SEV SO . . . .
NHO ANTº PI. . . . . .
. . . . ER CA. . . . . ,

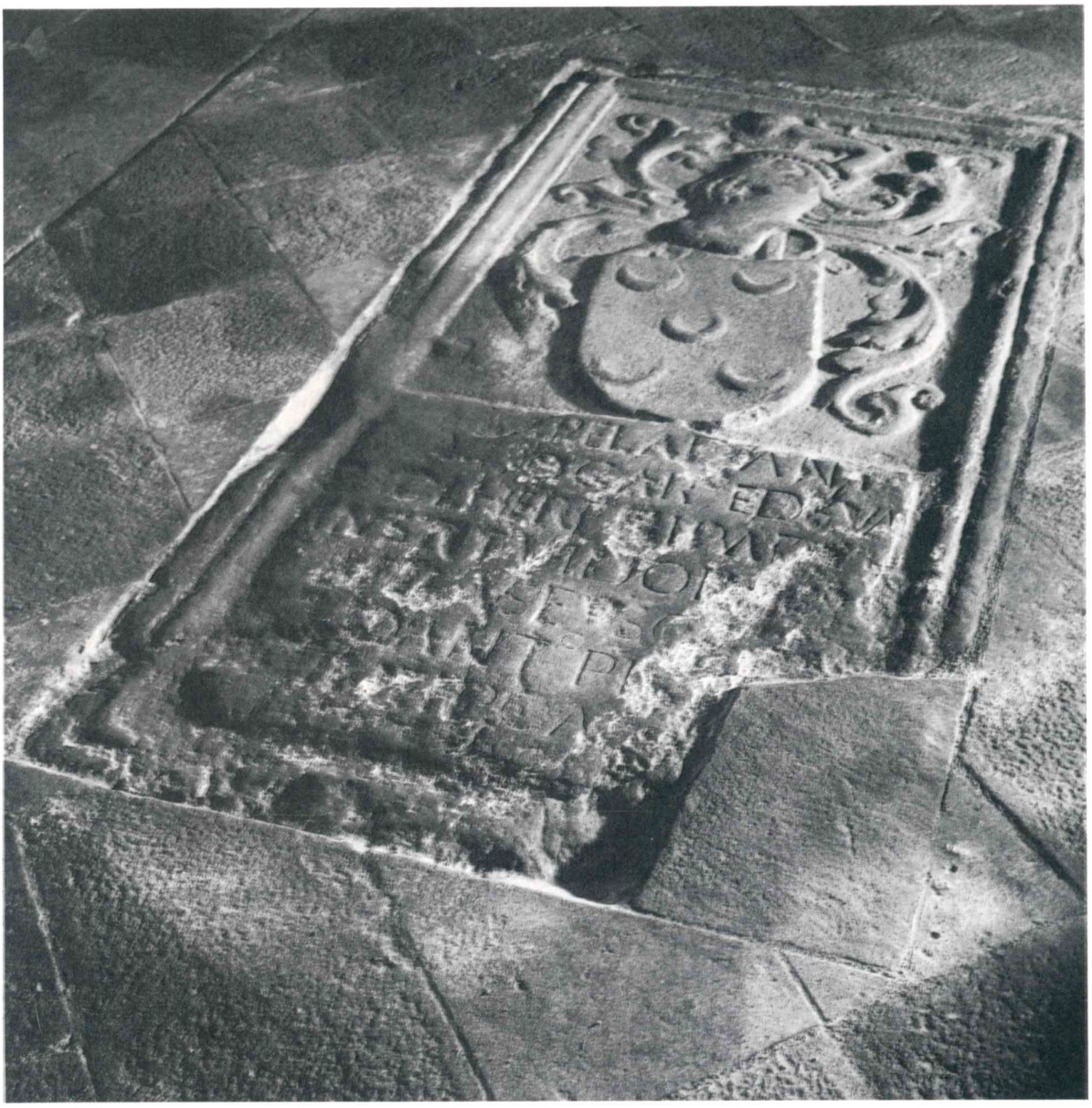
poderíamos concluir que a laje foi, primitivamente, uma lápide mural pertencente à Capela de Nossa Senhora da Boa Memória, no antigo claustro de Santo Amaro, destruída aquando do último restauro da Sé (em 1930 e tal), e que era a capela do vínculo instituído, a 7 de Agosto de 1559, por António Portocarreiro e mulher, Filipa Dias de Lemos, os quais chamaram para 1.º administrador o sobrinho António Pinto Portocarreiro, que casou com D. Catarina Ferreira dos Guimarães, — capela onde, em 1634, foi fundada a Confraria de Nossa Senhora da Boa Memória, cujo fim em vista era pedir a protecção da Virgem para os filhos da nobreza bracarense que se encontravam a estudar em Coimbra (22).

* * *

António Portocarreiro, vereador em Braga em 1522, 1530, 1535 e 1552, juiz ordinário em 1547, que faleceu a 9 de Setembro de 1560, era filho de António Portocarreiro e de sua mulher, Catarina Machado, filha de Gil Eanes Machado, que morou no Porto na sua Quinta de Lagares. Casou com Filipa Dias de Lemos, e ambos instituíram, a 7 de Agosto de 1559, um vínculo na Sé Primaz, no claustro de Santo Amaro, com Capela de Nossa Senhora da Boa Memória, chamando para 1.º administrador seu sobrinho António Pinto Portocarreiro, filho de João Pinto Cochofel (filho de Gonçalo Martins Cochofel, escudeiro de linhagem, e de sua mulher, Briolanja Pinto, filha de Aires Pinto, do tronco da geração dos Pintos), fidalgo de cota de armas (c. b. de 27 de Julho de 1538), senhor da Quinta e Torre da Lagariça, na freguesia de S. Cipriano, no antigo concelho de Aregos, e de sua

---

(22) O altar, destruída a capela, foi então colocado na Capela de Nossa Senhora da Piedade, no claustro novo da Sé. Ver *in* «Diário do Minho», de 15 de Julho de 1957 e de 15 de Maio de 1961, os dois artigos do P.e Arlindo Ribeiro da Cunha em *Monografias*, respectivamente: *Nossa Senhora da Boa Memória* e *O Morgado de N. Senhora da Boa Memória*.



8

mulher, D. Brites Machado, irmã de António Portocarreiro, casado com Filipa Dias de Lemos, instituidores do vínculo de Nossa Senhora da Boa Memória.

António Pinto Portocarreiro, 1.º administrador do vínculo instituído por seus tios maternos, foi escudeiro fidalgo da Casa Real, cidadão de Braga, procurador do Concelho em 1543, vereador em 1551-1564, 1570, 1579 e 1583, juiz ordinário em 1567 e 1576, etc., tendo casado com D. Catarina Ferreira dos Guimarães, filha de João Afonso Campelo, cidadão de Braga, e de sua mulher, Inês Dias de Lemos, — com geração. (23)

•

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Pintos Portocarreros,* — separata (1967) de «O Distrito de Braga», vol. IV, págs. 133 á 152.



(23) Arquivo do meu bom Amigo Dr. Domingos de Araújo Affonso, em Braga.

9

Localização:

— Sé Catedral.
— Sob o segundo arco a contar do transepto, entre a nave central e a nave do Santíssimo Sacramento.
— Tampa de sepultura rasa.

Material: granito.

Época: segunda metade do século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo posto ao balão.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife e timbre.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I e IV HOMEM (1)
II SILVA (2)
III AZEVEDO, dos senhores da Casa de Azevedo (3)

Timbre de AZEVEDO, dos senhores da Casa de Azevedo (4)

(1) Seis crescentes, 2, 2 e 2.
(2) Um leão.
(3) Uma águia.
(4) Uma águia.

* * *

É a sepultura de Diogo Lopes Homem, como se depreende da leitura que me foi possível fazer da inscrição tumular:

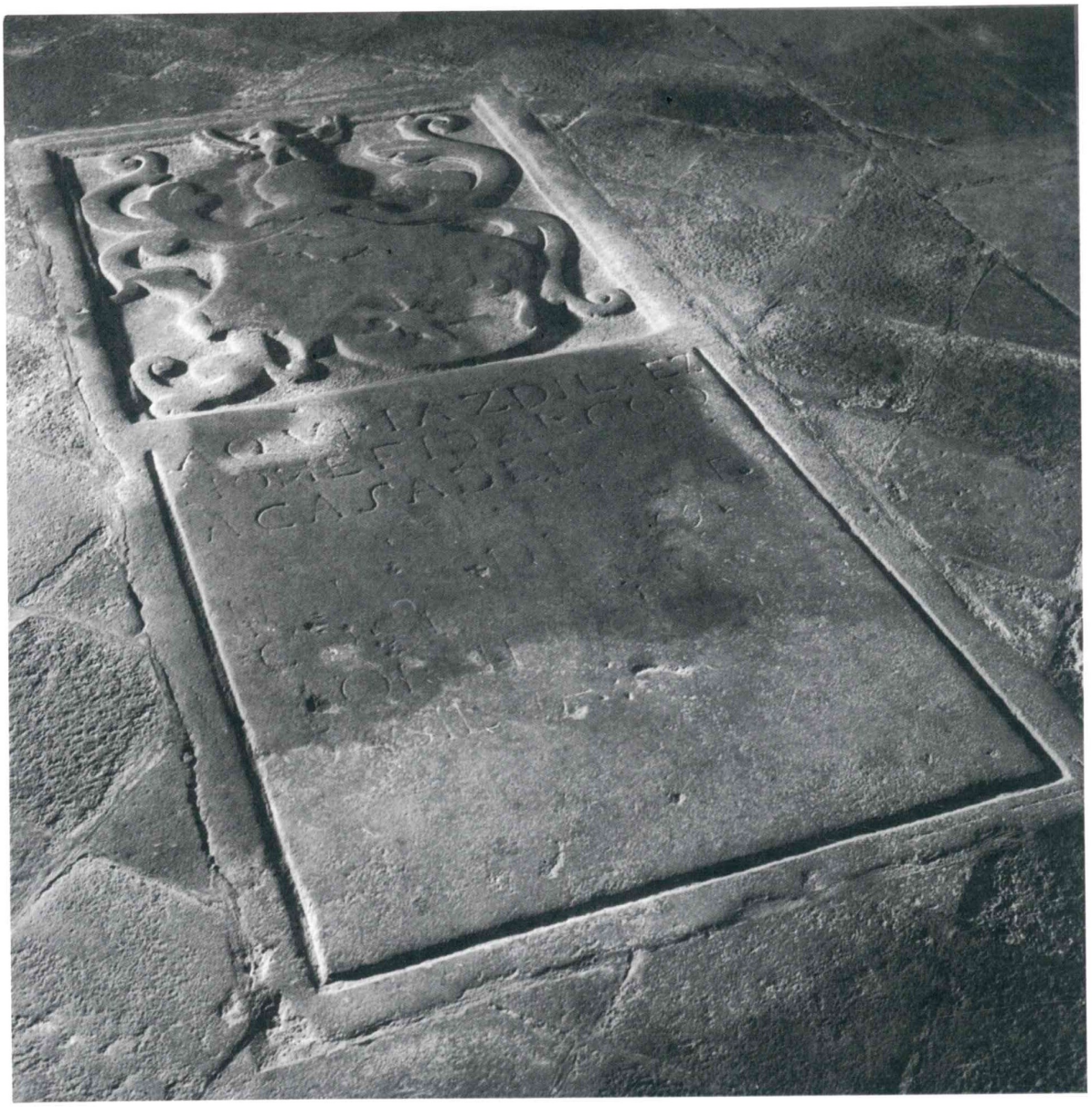
AQVI IAZ DI[OGO] LOPEZ
HOMẼ FIDALGO D
A CASA DEL REI . . . .
. . . . . .
. . . . . DE . . . .
C. . . . . .
MOLHER . . . . . .
DA SILVA . . . . . .

O Chantre D. Pedro de Sousa emprazou, em três vidas, como administrador da Capela de D. Gonçalo Pereira, umas casas que ficavam defronte da dita capela, sobre a Fonte de S. Geraldo, foreiras à citada capela, a Branca de Azevedo, dona viúva que havia ficado de Diogo Lopes Homem, cujos emprazamento e vedoria se fizeram a 16 de Abril de 1556, acrescentando-se dois vinténs aos oitocentos reis que delas pagava o dito Diogo Lopes Homem (24). E em 1560 principiou-se a construir a actual Igreja da Misericórdia, no local onde existiam essas moradas de casas de Branca de Azevedo, viúva de Diogo Lopes Homem, e outras da Mitra (25).

---

(24) Arquivo do Dr. Domingos de Araújo Affonso. Ver também *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 377.

(25) Cf. ob. cit., *ibid., Archeologia Christã,* por Albano Bellino, pág. 161, e *Inscripções e Lettreiros da Cidade de Braga e algumas freguezias ruraes,* pelo mesmo autor, pág. 41.



9

10

Localização:

— Sé Catedral.
— Nave central. Encimando o púlpito do lado do Evangelho ([26]).

Material: granito.

Época: primeiro quartel do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo ovalado.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

MOURA (1)

(1) Sete *torres* alinhadas em pala, 2, 3 e 2.

Mandado esculpir pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728).

([26]) Em *Archeologia Christã,* pág. 74: «Encostados ás columnas do arco primeiro d'esta «nave, existem [em 1900] dois pulpitos de marmore rosado, sendo o da Epistola obra de «D. fr. Agostinho de Jesus e o do Evangelho de D. Rodrigo de Moura Telles, como o indicam «os respectivos escudos». O primeiro *escudo* foi destruído aquando das últimas obras de restauro da Sé.



10

11

Localização:

— Sé Catedral.
— Ábside. Na parede testeira, do lado do Evangelho.

Material: granito.

Época: a ábside foi concluída no ano de 1509 (27).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Coroa real aberta.

Escudo:

Composição: plena.

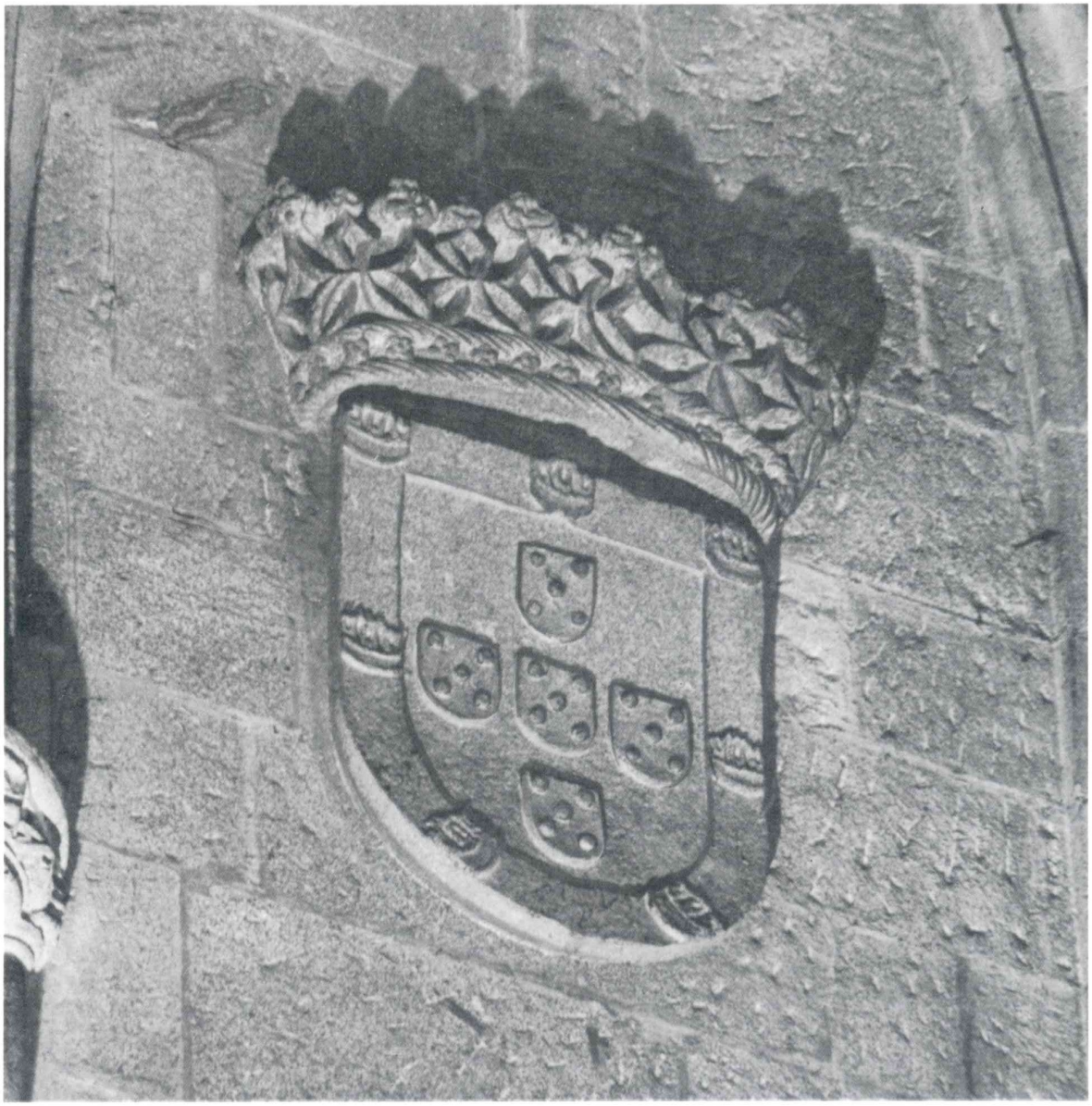
Leitura:

PORTUGAL (1)

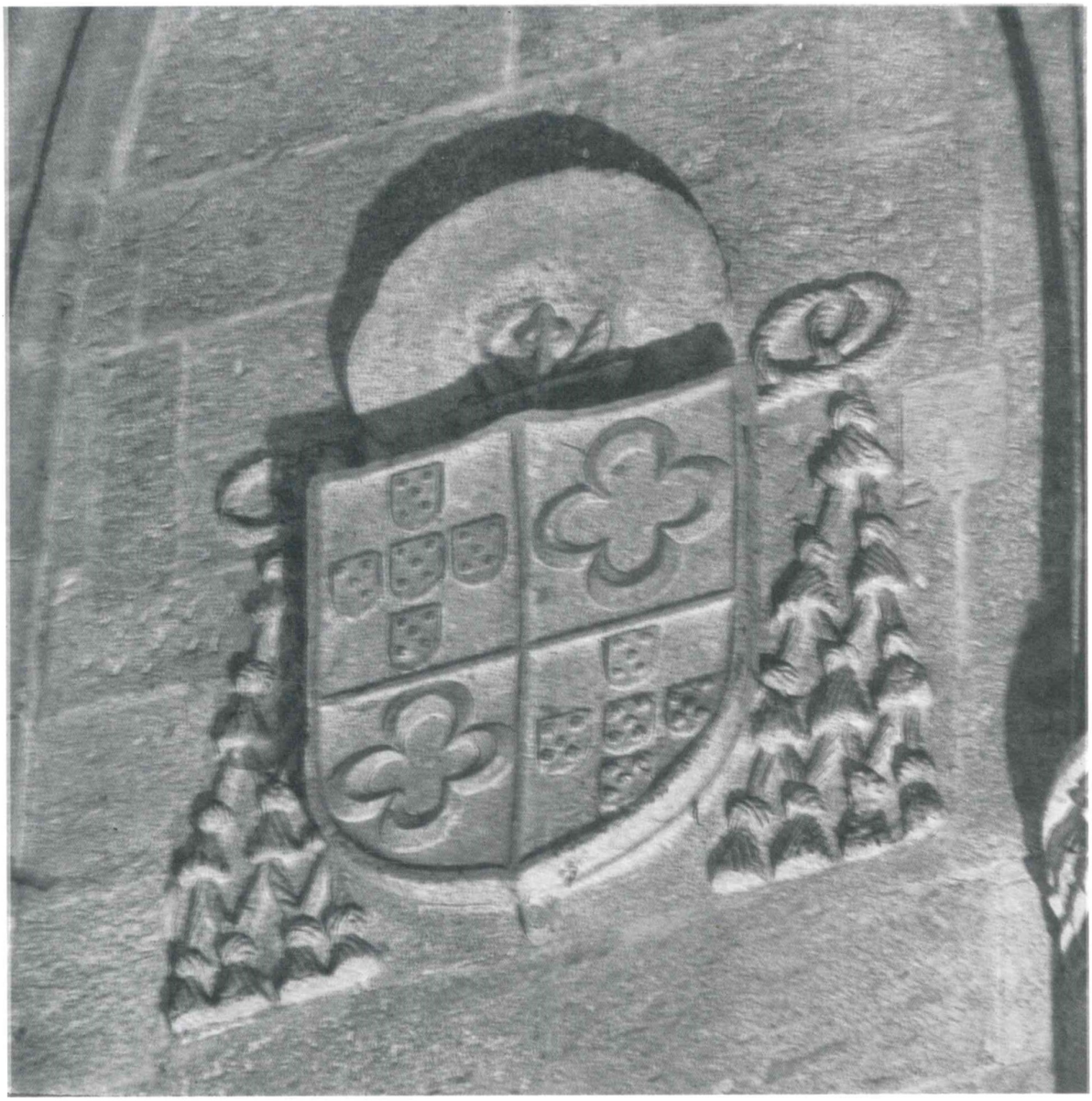
(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete castelos.

---

(27) Inscrição existente no exterior da parede cabeceira da ábside, inferiormente à imagem de Nossa Senhora do Leite: DIDACVS DE SOVSA : ARCHIEPISCOPVS / AC DOMINVS BRACARENSIS — HISPANIA / RVM PRIMAS : FECIT ANNO SALVTIS : / · 1509 ·



11



12

12

Localização:

— Sé Catedral.
— Ábside. Na parede testeira, do lado da Epístola.

Material: granito.

Época: a ábside foi concluída no ano de 1509 (28).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu da dignidade de arcebispo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

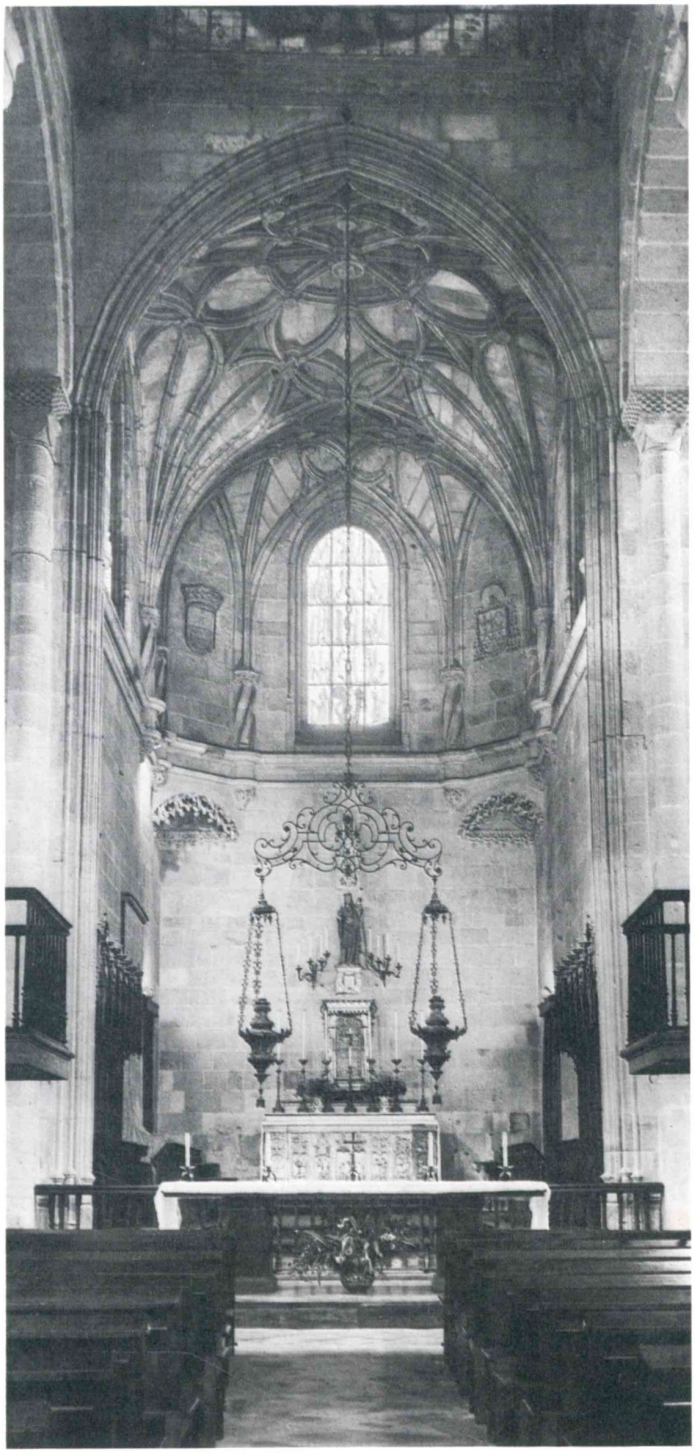
SOUSA, de Arronches (1)

(1) Assim: esquartelado, tendo no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no II e III uma caderna de crescentes.

As armas dos Sousas, de Arronches, sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV, usadas pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

---

(28) Ver o n.º anterior.



11 - 12 - 13 - 14

13

Localização:

— Sé Catedral.
— Ábside. Fecho da abóbada.

Material: granito.

Época: a ábside foi concluída no ano de 1509 (29).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo alemão.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

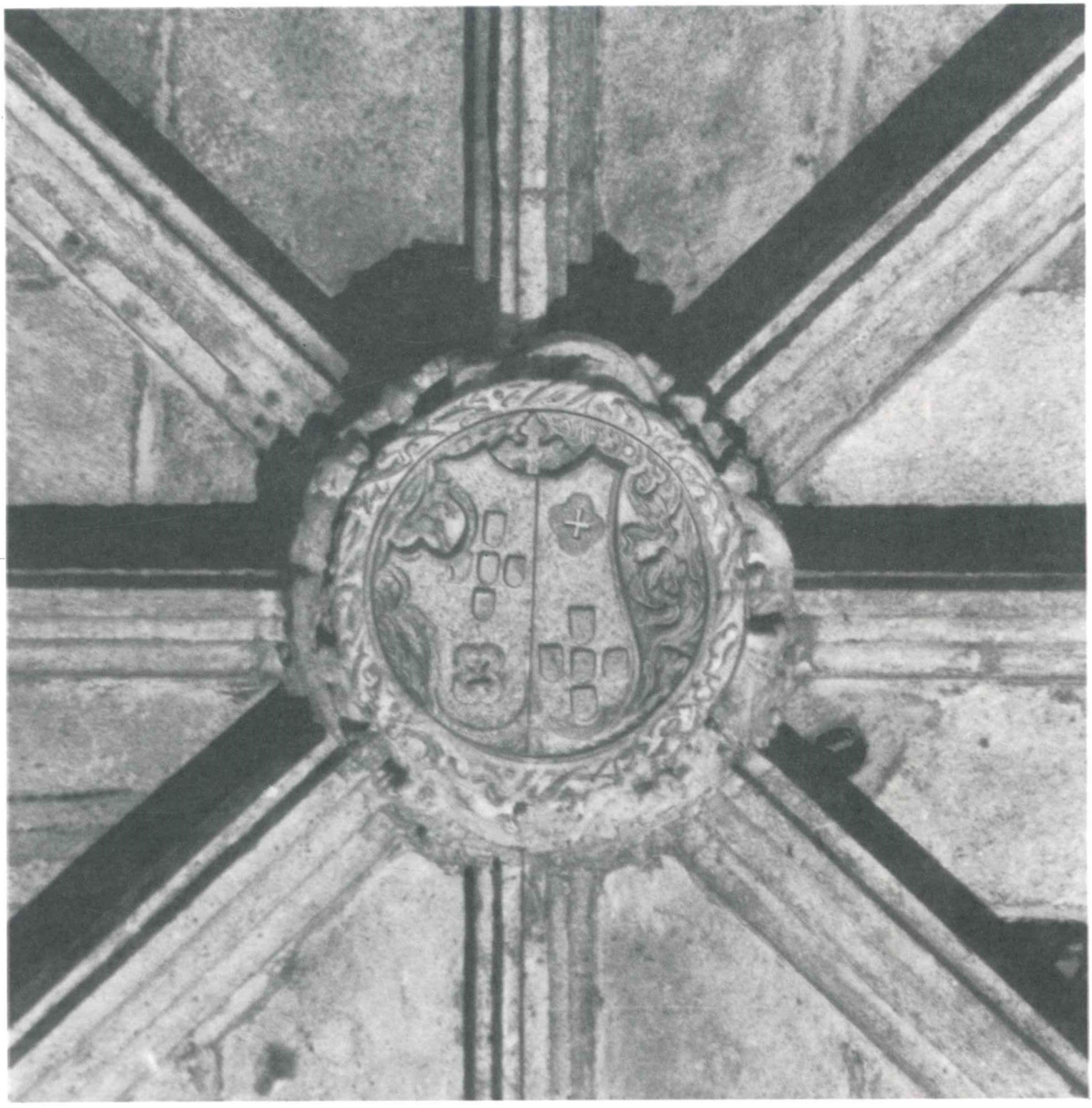
SOUSA, de Arronches (1)

(1) Assim: esquartelado, tendo no I e IV cinco escudetes postos em cruz (sem os cinco besantes que deviam carregar cada escudete) e no II e III uma caderna de crescentes (no III a caderna posta em aspa).

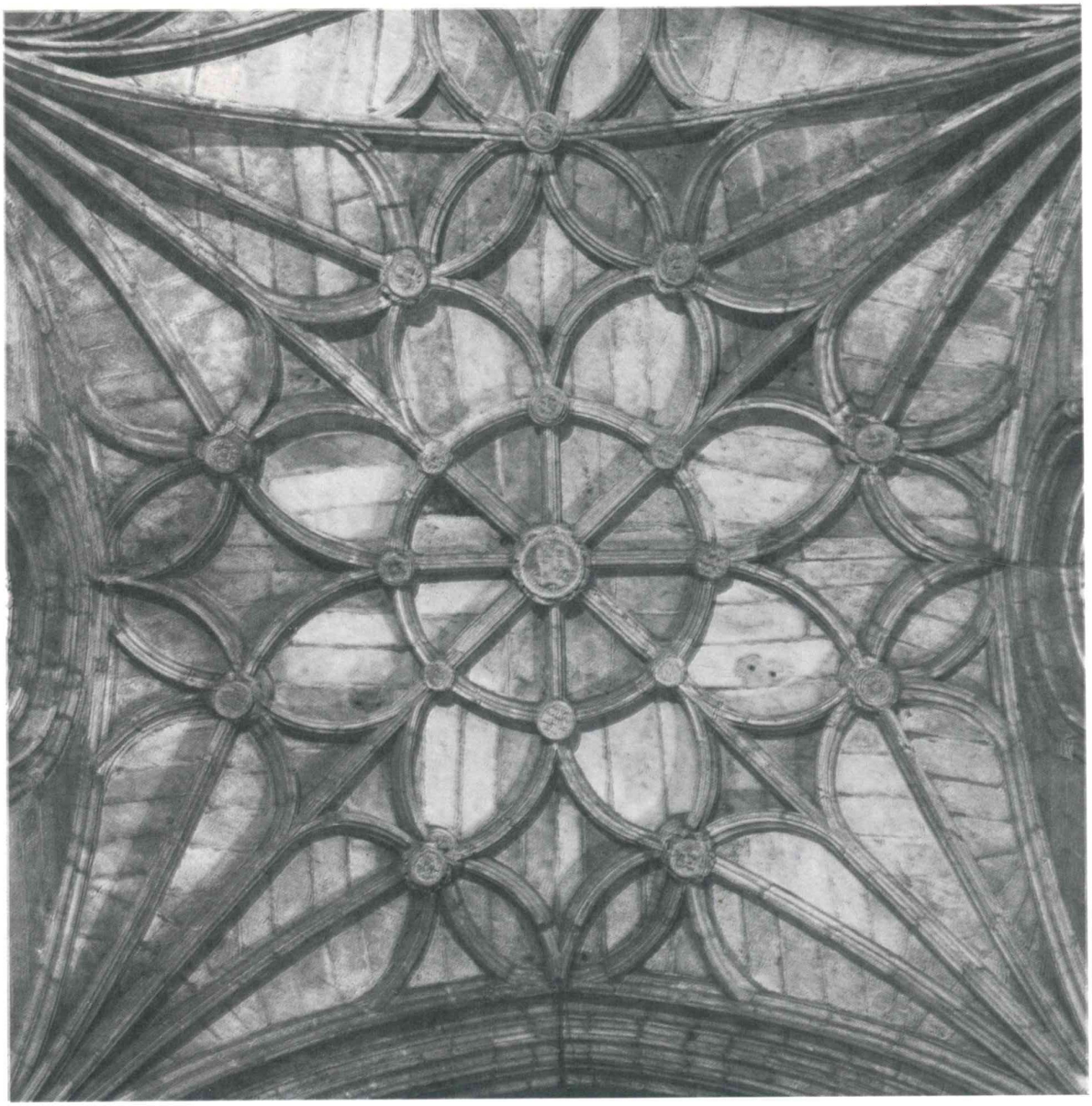
As armas dos Sousas, de Arronches, sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV, usadas pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

---

(29) Ver o n.º 11.



13



13

14

Localização:

— Sé Catedral.
— Ábside. Parede testeira. Na peanha onde assenta a imagem de Santa Maria de Braga (século catorze?).

Material: pedra de Ançã.

Época: primeiros anos da quarta década do século vinte (30).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: simbologia religiosa.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Tenentes: dois anjos vestidos.
— Coronel de fantasia.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

AS INICIAIS DA SAUDAÇÃO ANGÉ-
LICA AVE-MARIA

---

(30) Aquando do último restauro da Sé Catedral. Informação que me foi dada pelo meu Exmo. Amigo Arq. José da Costa Vilaça.



14

15

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela de Nossa Senhora da Piedade (Misericórdia Velha). Arco cruzeiro.

Material: granito. Relevo e pintura a óleo (policromia).

Época: ano de 1513 (31).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples de *ouro,* posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico cinzento escuro, debruado a *ouro,* com cordões de nove borlas (sendo visíveis seis) pendentes a cada lado (1, 3 e 5, mas destas cinco só são visíveis duas) de *ouro.*

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

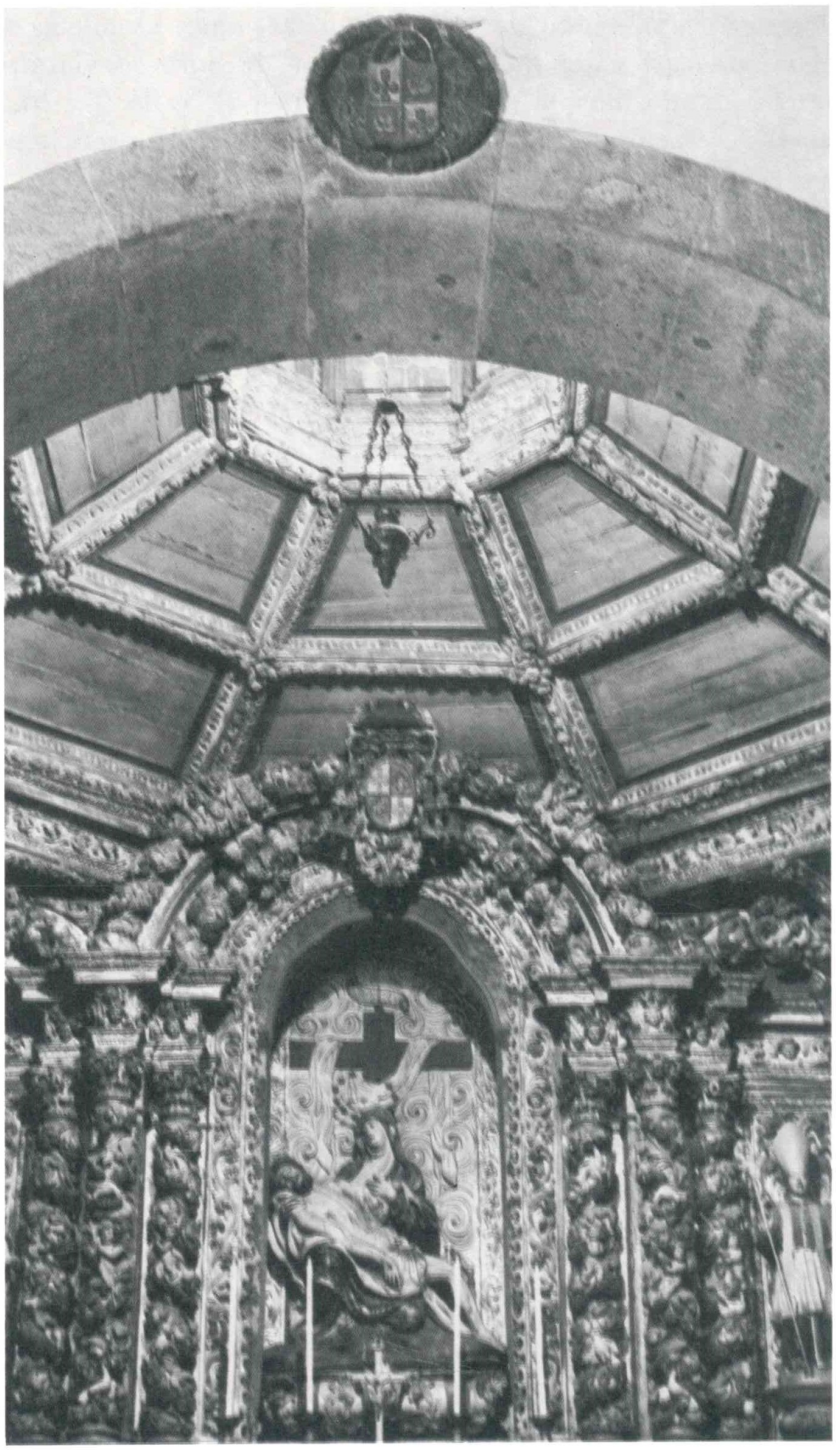
SOUSA, de Arronches (1)

---

(31) Ao fundo da Capela de Nossa Senhora da Piedade, próximo da capela lateral da Santíssima Trindade, há uma placa de granito onde se lê que *esta capela mandou fazer o Arcebispo D. Diogo de Sousa, para sua sepultura e de seus irmãos* [e d'] *as pessoas capitulares desta igreja que se nela quiserem lançar,* e que *foi feita na era de 1513.*

Para colar entre as págs. 46 e 47 do Tomo I

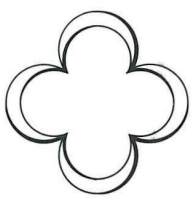
Creio estarmos perante uma empresa, empresa que se repete no Cruzeiro de Nossa Senhora da Guia, mandado construir por Afonso Vieira, nas proximidades da sua capelinha, e que ao presente se encontra levantado na Rua de Alfredo Guimarães.



15

(1) Assim: esquartelado, tendo no I e IV, de *prata*, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes de *ouro* (deviam ser de prata), postos em cruz (quando deviam estar postos em aspa), e no II e III, de vermelho, uma caderna de crescentes de *ouro* (quando devia ser de prata), posta em aspa.

As armas dos Sousas, de Arronches, sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV, usadas pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).



16

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela de Nossa Senhora da Piedade. Capela-mor, do lado do Evangelho, dentro dum arcossólio.
— Túmulo do Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão (1790-1805).

Material: gesso.

Época: ano de 1890 (32).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— O escudo numa cartela decorativa.
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás da cartela e passando por dentro do coronel.
— Chapéu da dignidade de arcebispo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ARMAS DE FÉ DO ARCEBISPO D. FR. CAETANO BRANDÃO (1)

---

(32) Cf. legenda tumular. O túmulo é de mármore, com motivos decorativos de gesso.

(1) Esquartelado: no I cinco chagas postas em cruz, no II três flores-de-lis, 1 e 2, e no III e IV, respectivamente, a imagem de S. Martinho de Dume e a de S. Frutuoso, paramentadas e com mitra, segurando na mão sinistra o báculo, com a volta para dentro, e com a mão dextra levantada na atitude de abençoar.

O Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão (1790-1805), que, aos dezoito anos, vestiu o hábito de S. Francisco da Ordem Terceira da Penitência no Colégio de S. Pedro, em Coimbra, nele professando a 28 de Novembro de 1759 (33), promoveu a publicação da *Vida, e Opusculos de S. Martinho Bracarense* (Lisboa-1803) e da *Vida, e Regras Religiosas de S. Fructuoso Bracarense* (Lisboa-1805), «e fica com isto desempenhado «em parte o obsequio, que devo aos dous Santos Bispos, que tomei para Brazão das «minhas Armas» (34).

Do meu prezado Amigo Dr. Carlos da Silva Lopes, heraldista notável, a seguinte carta:

«14 de Outubro de 1970

«Meu caro Amigo

«Continuando a cogitar nas nossas conversas a respeito do «segundo quartel das armas usadas pelo Arcebispo Primaz «D. Frei Caetano Brandão, nada encontrei que modificasse a «minha impressão de que as três flores-de-lis visíveis nesse «quartel correspondiam a devoção particular por São Luís, Rei «de França, devoção perfeitamente admissível dado o facto de «São Luís ter sido Terceiro Franciscano. Assim, todos os quartéis «das armas assumidas por D. Frei Caetano Brandão possuem «significado religioso, aludindo a São Francisco de Assis, «São Luís Rei de França, São Martinho de Dume e São Frutuoso.

«E aqui tem o que posso dizer.

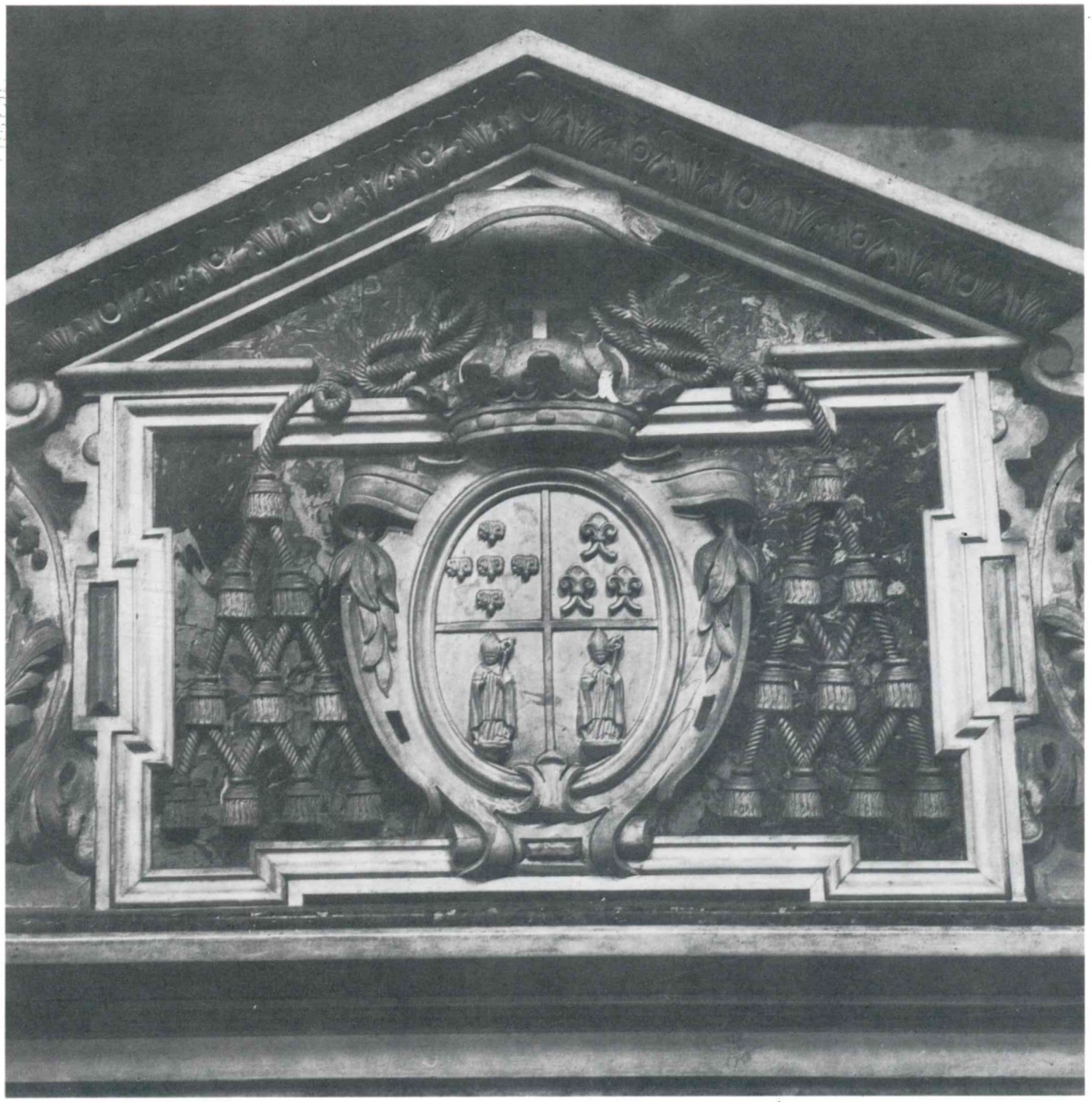
«Com os melhores cumprimentos, fica ao dispor o velho amigo

«a) Carlos da Silva Lopes».

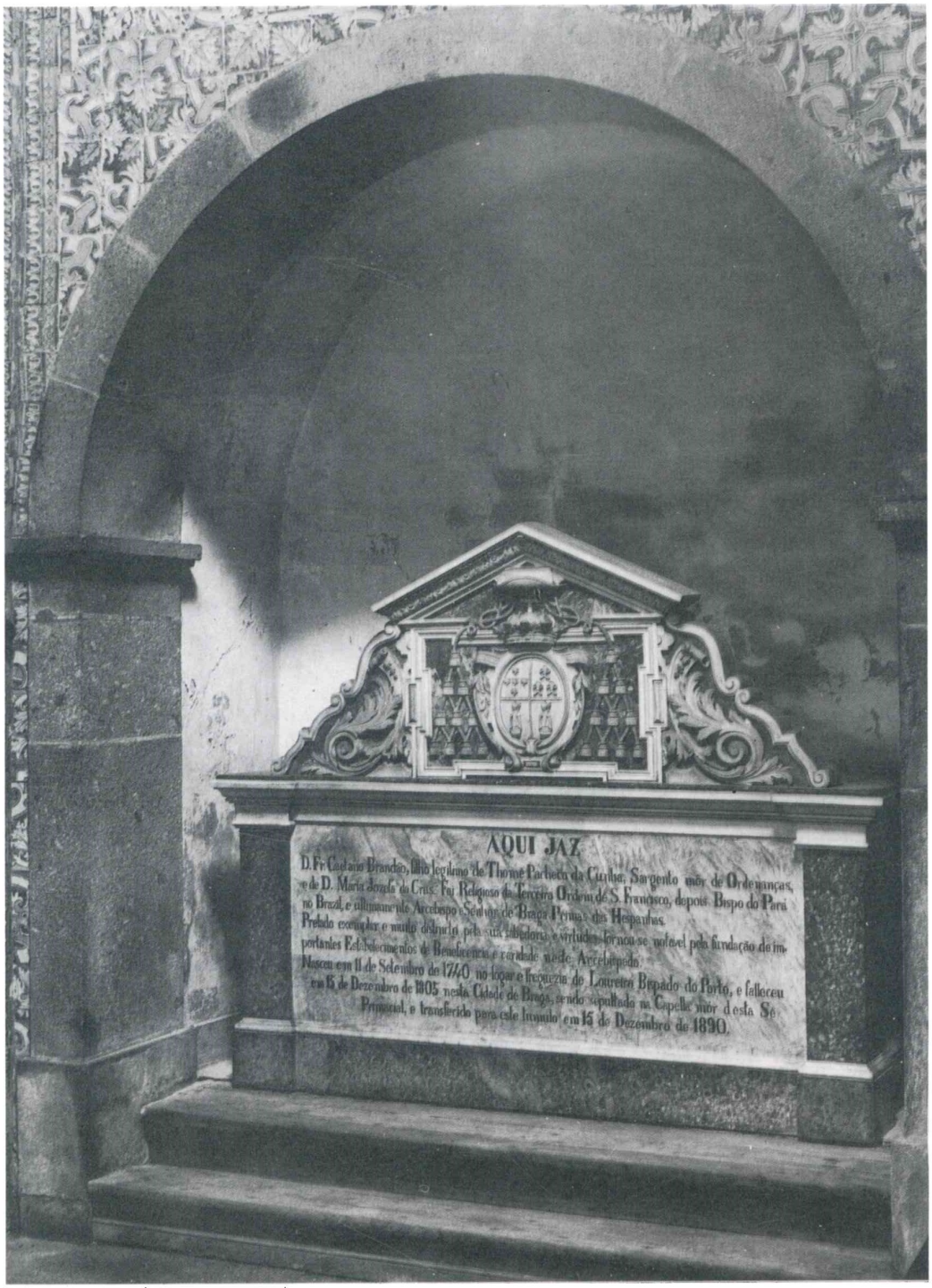
---

(33) Ver *História Breve do Arcebispo Caetano Brandão. 1740-1805,* por Feliciano Ramos, Braga, 1963, e *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo III.

(34) Cf. *Memorias para a Historia da Vida do Veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão,* por António Caetano do Amaral, tomo II, 2.ª ed. (no frontespício o ano de 1847; o tomo I tem no frontespício o ano de 1867), pág. 162.



16


AQUI JAZ
D. Fr. Caetano Brandão, filho legitimo de Thome Pacheco da Cunha, Sargento mór de Ordenanças,
e de D. Maria Josefa da Cruz. Foi Religioso da Terceira Ordem de S. Francisco, depois Bispo do Pará
no Brazil, e ultimamente Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas.
Prelado exemplar e muito distincto pela sua sabedoria, e virtudes, tornou-se notavel pela fundação de im-
portantes Estabelecimentos de Beneficencia, e caridade no seu Arcebispado.
Nasceu em 11 de Setembro de 1740 no logar e freguezia de Lourosa Bispado do Porto, e falleceu
em 15 de Dezembro de 1805 nesta Cidade de Braga, sendo sepultado na Capella mór desta Sé
Primacial, e transferido para este Jazigo em 15 de Dezembro de 1890.

Dirigido um ofício da Junta Distrital ([35]) a sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo de Belém, no Pará, D. Alberto Ramos, no qual se solicitava uma descrição das armas existentes no pedestal da estátua de D. Fr. Caetano Brandão naquela cidade brasileira ([36]), o digníssimo Prelado fez-nos o inestimável favor de nos fornecer, em carta particular, uma transcrição do texto que, no livro *Les Armoiries Ecclésiastiques au Brésil,* editado por Luís D. Gardel (Rio de Janeiro, 1963), págs. 55 e 59, se referem às armas de D. Fr. Caetano Brandão. Assim:

> «*Junto à gravura de dois brasões de armas, estão as seguintes* «*descrições:* 1) écartelé: au premier d'argent aux Cinq Plaies «du Seigneur; au deuxième d'or à trois fleurs de lis d'or «mal ordonnées; au troisième d'argent à la figure d'un évêque «revêtu de l'étole et de la cappa magna, coiffé avec la mitre, «portant la crosse tournée à dextre, et bénissant avec la «main droite, le tout au naturel; au quatrième d'argent avec «la même figure de l'évêque, sauf la crosse qui est tournée «à senestre, et la main bénissant qui est plus haute que «dans la figure du troisième quartier, le tout également au «naturel. 2) parti de gueules, à dextre la figure d'un évêque «revêtu de l'étole et cappa magna, coiffé avec la mitre, «portant la crosse tournée à dextre, et bénissant avec la «main droite, le tout au naturel, au chef d'argent aux Cinq «Plaies du Seigneur; et à senestre la même figure d'évêque, «sauf la crosse qui est tournée à senestre, également au naturel; «et au chef d'azur ou d'argent à trois fleurs de lis d'or. *Segue-se* «*uma bibliografia, e depois:* NOTES — L'étude des sources citées «permet de constater d'autres différences entre les deux variantes «des armes de Mgr. Brandão. Dans la première édition des «MEMORIAS (1818) le blason est écartelé, et figure sous le portrait

---

([35]) Of. n.º 783, de 10-11-1969.

([36]) *História Breve do Arcebispo Caetano Brandão,* cit., pág. 17, e fotografia na pág. 23. Ver o artigo de António Magalhães, no «Jornal de Notícias» de 11 de Abril de 1970, *Terras de La Salette — Do Pará a Loureiro, em homenagem ao grande apóstolo do Amazonas,* que assim principia: «A 4 de Dezembro de 1966, com a presença honrosa de várias entidades, «inaugurou-se em Loureiro um monumento a D. Frei Caetano Brandão, descerrando-se ainda «uma lápida que dava o seu nome a uma nova artéria à margem da qual se situa a casa onde «pela primeira vez contemplou a luz do dia essa prestigiosa figura da Igreja», — o monumento constituído por um pedestal de granito, sustendo o busto, de bronze, de D. Fr. Caetano Brandão (da autoria do escultor Henrique Moreira), sendo as armas do túmulo de D. Fr. Caetano Brandão *exactamente da mesma configuração das que estão no referido pedestal* (informação que nos foi dada pelo digno Presidente da Junta de Freguesia de Loureiro, no concelho de Oliveira de Azeméis, Amadeu Soares de Amorim).

«du prélat, avec la légende: DOM FREI CAETANO BRANDÃO «ARCEBISPO DE BRAGA PRIMAZ DAS HESPANHAS, l'écu «orné de la croix patriarcale et du chapeau épiscopal à six glands. «Dans l'édition de 1867, le blason est parti, et l'écu orné d'une «couronne à trois fleurons séparés par deux grosses perles, et «du chapeau cardinalice à quinze glands. Dans le livre de «Mgr. Ferreira, les fleurs de lis sont d'or sur champ d'argent, et «l'écu est orné de la croix patriarcale, de la couronne et du «chapeau archiépiscopal. Dans le portrait conservé au Palais des «Archevêques de Belém, le chef à senestre est d'azur et les fleurs «de lis d'or. Enfin, dans le blason sculpté sur le piédestal du «monument de la Praça, de Belém, la figure de l'évêque, «au troisième quartier, est représenté portant la crosse de la main «droite et bénissant avec la main gauche (sic). Nous avons vu «deux exemplaires du sceau employé par Mgr. Brandão pendant «son épiscopat à Belém du Pará, apposés sur deux documents «de la "Coleção Mesa da Consciência e Ordens", à l' "Arquivo «Nacional Público" de Rio de Janeiro (Caixa 235, Pac. 2, Doc. «15, pièces s/n, du 12 février 1786 et du 26 juin 1787). Les deux «exemplaires sont très opaques, ne permettant pas de voir «clairement les particularités héraldiques. Le sceau de 1786 est «un peu plus grand que celui de 1787; les deux ont la même «forme ronde, et consistent de deux écus accolés, avec cimier «aux Conformités de Saint François, la couronne de marquis et «le chapeau épiscopal. Nous pensons qu'il s'agit de l'emblème de «la "Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência"; «l'écu à dextre aux armes du Portugal, et celui à senestre aux «Cinq Plaies du Seigneur. L'inscription entourant les écus accolés «est illisible».

E acrescenta sua Excelência Reverendíssima:

«As armas que se encontram no pedestal da estátua, em Belém, «são realmente diferentes dos dois desenhos apresentados pelo «sr. Luís D. Gardel. É exato que o bispo da direita esteja «com o báculo na mão direita e abençôe com a esquerda. «Talvez o artista tenha julgado que assim ficava mais «simétrico [...]».

E conclui, na carta, que a cidade de Belém, considerando com honra e estima a grande figura moral de D. Fr. Caetano Brandão, deu o seu nome à praça mais antiga da cidade, a da Catedral e do Paço Arquiepiscopal, assim como a um dos pavilhões da Santa Casa da Misericórdia, onde está o seu busto em mármore.

* * *

Legenda tumular:

AQUI JAZ / D. Fr. Caetano Brandão, filho legitimo de Thomè Pacheco da Cunha, Sargento mõr de Ordenanças, / e de D. Maria Jozefa da Crus. Foi Religioso da Terceira Ordem de S. Francisco, depois Bispo do Parà / no Brazil, e ultimamente Arcebispo e Senhor de Braga Primas das Hespanhas. / Prelado exemplar e muito distincto pela sua sabedoria e virtudes, tornou-se notavel pela fundação de im = / portantes Estabelecimentos de Beneficencia e caridade neste Arcebispado. / Nasceu em 11 de Setembro de 1740 no logar e freguezia de Loureiro, Bispado do Porto, e falleceu / em 15 de Dezembro de 1805 nesta Cidade de Braga, sendo sepultado na Capella mòr desta Sè / Primacial, e transferido para este tumulo em 15 de Dezembro de 1890.



17

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela de Nossa Senhora da Piedade. Capela-mor, do lado da Epístola, dentro dum arcossólio.
— Túmulo do Arcebispo D. Diogo de Sousa. Cabeceira.

Material: granito. Relevo e pintura a óleo (policromia).

Época: ano de 1530 (37).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de sete borlas pendentes a cada lado (1, 3 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

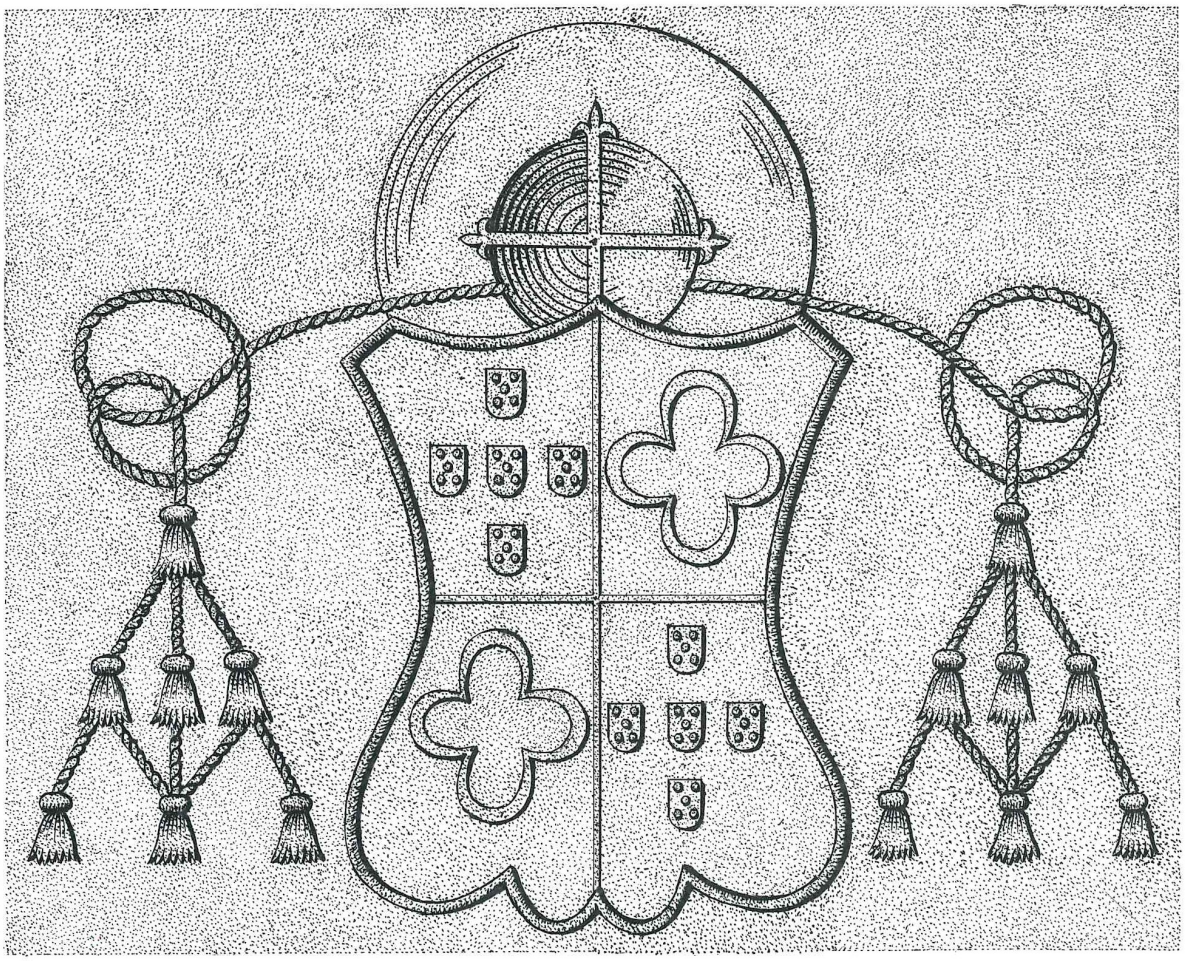
Leitura:

SOUSA, de Arronches (1)

(1) Esquartelado: o I e IV de *prata,* cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes do campo; o II e III de vermelho, uma caderna de crescentes de *prata.* Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

---

(37) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 402.



17


AQVI IAZ DO DIOGVO IDE SOVSA ARCEBPO DE BRAGA FILHO DE IOA ROIZ DE VAS
COCELOS SOR DE FIGVEIRO E DO PEDRO GAÕ E DE DONA BRACA DA SILVA SVA MOLHER
O OVAL EI REI DO IOA O SI GVDO MADOV POP EBAIXADORA ALEXADRE
ALHEDAR SVA OBEDIECIA E EL REI DO MANOEL TEDO O FEITO CAPELAO
NHA DONA MARIA SVA MOLHER O MADOV DAR SVA OBEDIECIA AO PA
DO E EL REI DO IOA O TERCEIRO O FEZ CAPELÃO MOR DA RAINHA DO
NA SVA MOLHER COVA MEZ ESTA CAPELA ERA SVA SERVETVRA VIVEO LXX
ANNOS E
SEO AXVIIII DIAS DO MES DE IVNHO DA ERA DE 1837

17-18

São as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

* * *

Inscrição tumular:

AQVI IAZ DÕ DIOGVO DE SOVSA ARCEBPÕ DE BRAGA FILHO DE IOÃ ROIZ DE VAS / CÕCELOS SÕR DE FIGVEIRO E DO PEDROGÃO E DE DONA BRÃCA DA SILVA SVA MOLHER / O QVAL ELREI DÕ IOÃ O SEGVDO MÃDOV POR ẼBAIXADOR A ALEXÃDRE PAPA SEXTO / A LHE DAR SVA OBEDIẼCIA E ELREI DÕ MANOEL TẼDO O FEITO CAPELÃO MOR DA RAI / NHA DONA MARIA SVA MOLHER O MÃDOV DAR SVA OBEDIẼCIA AO PAPA IVLIO SEGV / DO E ELREI DÕ IOÃ O TERCEIRO O FEZ CAPELÃO MOR DA RAINHA DONA CATERI / NA SVA MOLHER + O QVAL FEZ ESTA CAPELA PERA SVA SEPVLTVRA + VIVEO LXX / E * II * ANNOS E FALECEO + A XVIIII (38) + DIAS DO MES DE IVNHO DA ERA DE + 1532 +

(38) Dezanove.

18

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela de Nossa Senhora da Piedade. Capela-mor, do lado da Epístola, no arcossólio resguardando o túmulo do Arcebispo D. Diogo de Sousa.

Material: granito. Relevo e pintura a óleo (policromia).

Época: ano de 1817 (39).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Cruz dupla de *ouro,* posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico cinzento escuro, debruado a *ouro,* com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3), de *ouro.*
— Cartela decorativa sobre a qual assentam o escudo, a cruz e os cordões com as borlas.

Escudo:

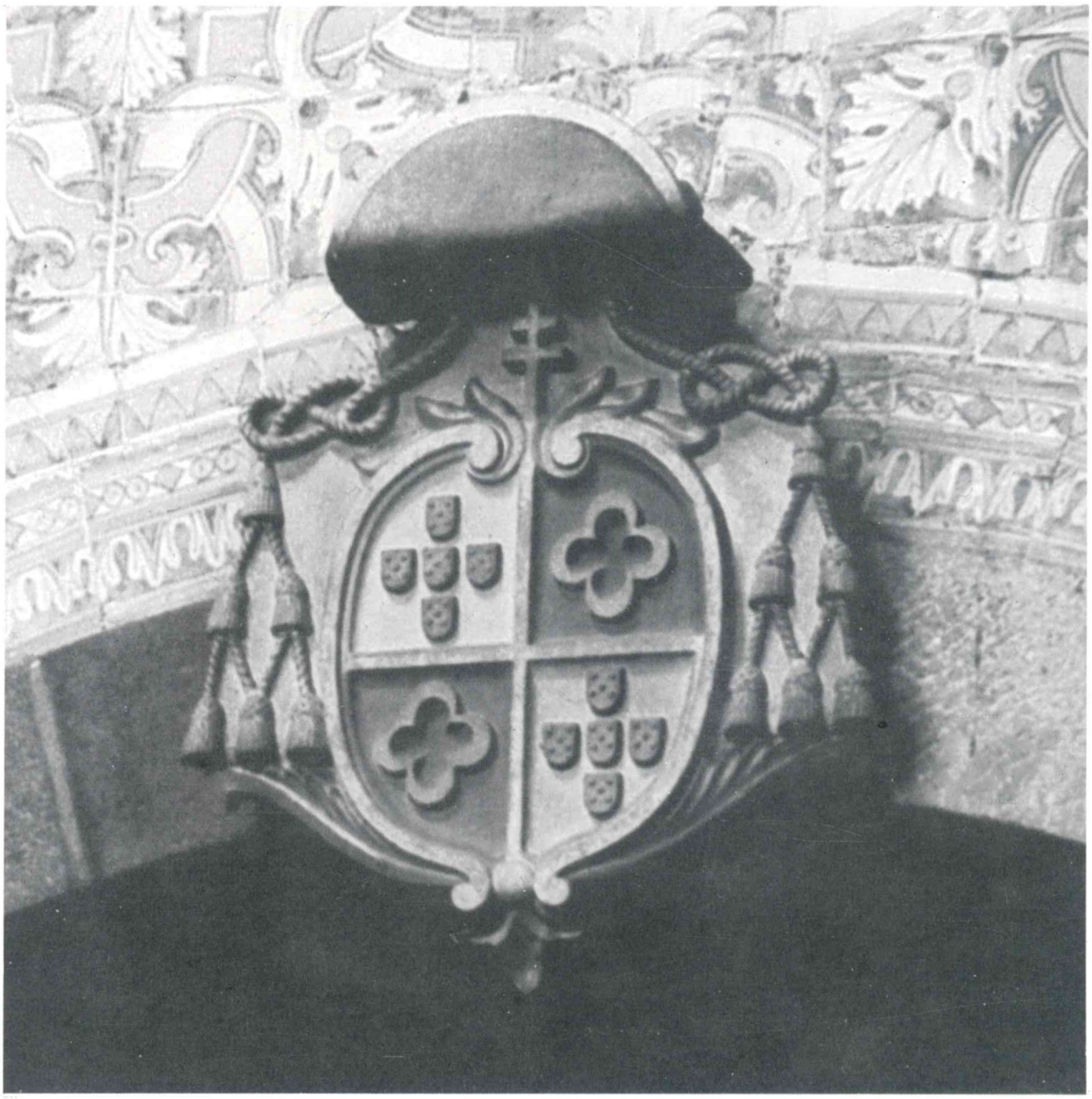
Composição: plena.

Leitura:

SOUSA, de Arronches (1)

---

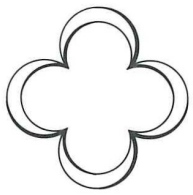
(39) A arca tumular de D. Diogo de Sousa fora colocada a meio da capela-mor, em frente do altar, conforme as suas determinações (cf. *A Cathedral de Santa Maria de Braga,* págs. 34 e 35); e em 1817 foi mudada para o local onde actualmente se encontra, tendo-se,



18

(1) Assim: esquartelado, tendo no I e IV, de *prata*, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes de *ouro* (deviam ser de prata), e no II e III, de vermelho, uma caderna de crescentes de *prata*. Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

São as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).



---

então, escrito no seu rebordo inferior a seguinte legenda, desaparecida aquando das obras de restauro da Sé levadas a efeito pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: E TRESLADADO DO MEIO DA CAPELLA AOS XXII DE FEVR.O DO ANNO DE 1817 ANNOS / SENDO ADMIN.OR O THEZ.RO MOR MANOEL IGN.O DE MATTOS SZ.A CARDOZO (cf. ob. cit., fig. 38 («Tumulo de D. Diogo de Sousa» [em 1922]), e *Inscripções e Lettreiros da Cidade de Braga e algumas freguezias ruraes*, por Albano Bellino, pág. 39). No lugar onde o túmulo esteve primitivamente encontra-se a sepultura rasa, com uma inscrição na tampa de mármore, do Arcebispo D. António José de Freitas Honorato, nascido a 16 de Outubro de 1820 e falecido a 28 de Dezembro de 1898. Ver *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, tomo IV, págs. 303 e segs.

19

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela de Nossa Senhora da Piedade.
— Frontão encimando o dintel da porta de entrada da Capela da Santíssima Trindade (40).

Material: granito.

Época: ano de 1513 (41).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

SOUSA, de Arronches (1)

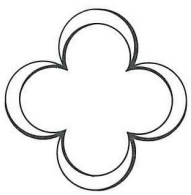
---

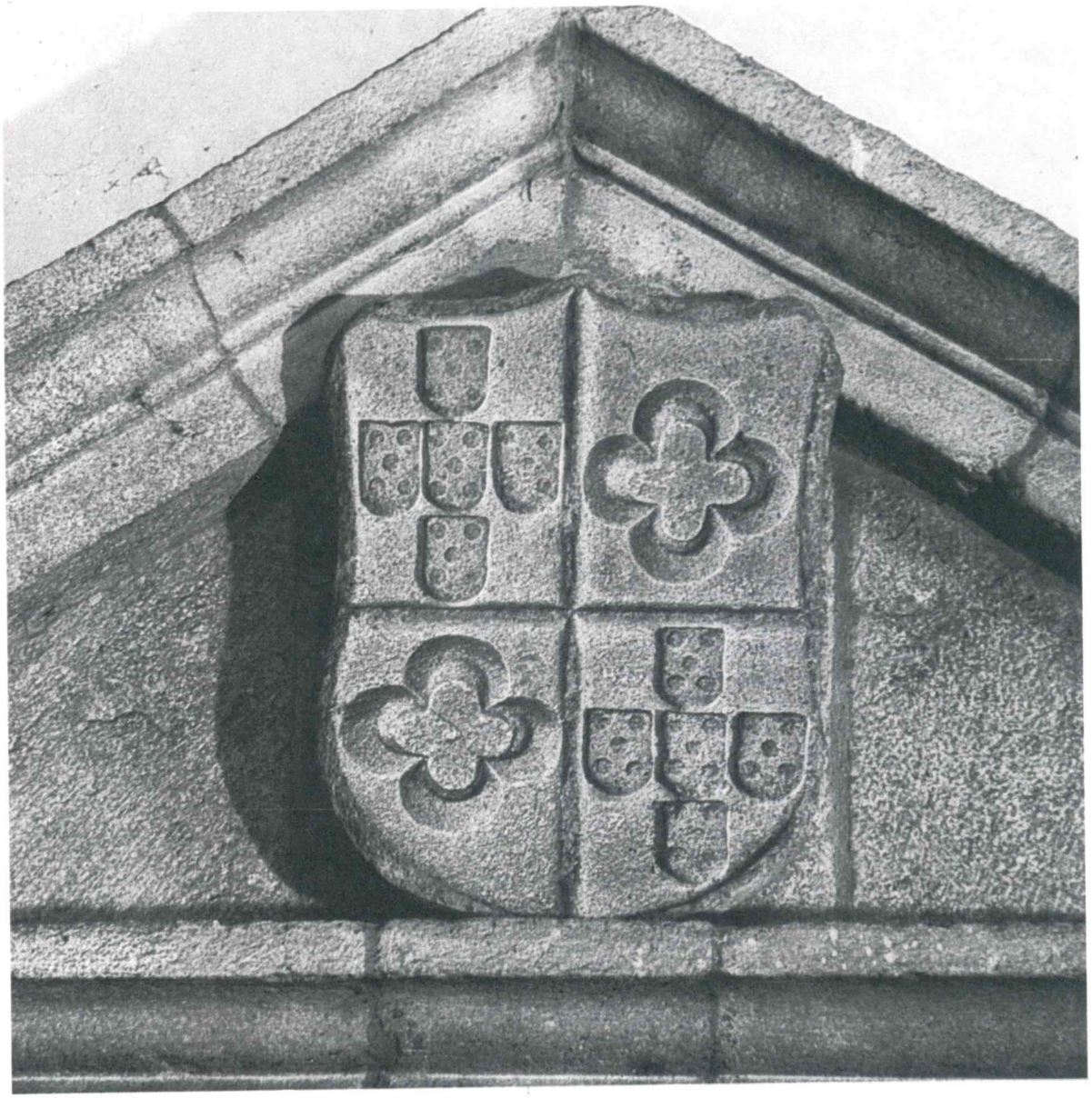
(40) Em *A Cathedral de Santa Maria de Braga,* pág. 35: «A porta da capella [de Nossa «Senhora da Piedade] tambem não é a primitiva; d'esta, a maior parte, incluindo o brazão, «foi inconvenientemente adaptada á capella do fundo, junto ao côro, mais conhecida pela «designação dos *Santos Pretos*». Esta Capela dos Santos Pretos, que primitivamente foi da invocação de S. Cosme e S. Damião e hoje é a Capela da Santíssima Trindade, mandara-a construir, em testamento, D. Briolanja de Sousa, irmã do Arcebispo D. Diogo de Sousa, com licença dada por D. Fr. Bartolomeu dos Mártires a 21 de Agosto de 1561, sendo administrador dos seus bens vinculados D. Pedro de Sousa, chantre da Sé Primaz, sobrinho da instituidora e filho do Arcebispo D. Diogo de Sousa (cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, tomo II, págs. 403 e 404).

(41) Ver o n.º 15.

(1) Esquartelado: no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no II e III uma caderna de crescentes. Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

Pedra de armas mandada esculpir pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).





19

20

Localização:

— Sé Catedral.
— Claustro. Capela de Santa Catarina de Sena, na parede do lado da Epístola.

Material: granito. Relevo e policromia (óleo).

Época: séculos dezasseis - dezassete.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

FIGUEIRA, de Braga (1)

(1) De *ouro,* cinco folhas de figueira de verde, e bordadura de vermelho, carregada duma cadeia de *ouro,* movente do meio do bordo do chefe, e de duas estrelas de oito pontas do mesmo, alinhadas em faixa e postas a meio do chefe.

Estes Figueiras descendem do Bacharel Lopo de la Higuera, que, sendo de Toledo, veio para Braga em 1485 e foi naturalizado português em 1489. Os Higueras, que são andaluzes, trazem por armas, segundo Atienza: «En campo de «oro, cinco hojas de higuera, de sinople, puestas en sotuer; bordura de plata, con «este lema en letras de sable: «Por Dios y por la Patria»» (42), — que creio serem

(42) *Nobiliario Español,* por Julio de Atienza. Madrid — 3.ª ed., 1959, pág. 436.



20

posteriores ao século XVI. Teria Lopo de la Higuera, estabelecendo residência em Portugal, ou algum descendente próximo, assumido as armas que estão na Capela de Santa Catarina de Sena, instituída por seu bisneto, por varonia, o Cónego Manuel Pinheiro Figueira, adiante tratado (43), 3.º administrador do vínculo de Pindela? Estas armas têm sido usadas, unidas às de outra ou outras famílias, pelos da Casa de Pindela, em Santiago da Cruz, no concelho de Vila Nova de Famalicão, descendentes de Lopo de la Higuera (44).

O Bacharel Lopo de la Higuera usou, em Portugal, o apelido *Figueira* (tradução de *Higuera*); mas os nossos armoriais anteriores ao século dezanove não se referem às armas usadas pelos Figueiras, de Braga, descendentes do Bacharel Lopo da Figueira (45).

---

(43) O brasão, que estava no arco de entrada da capela, passou, aquando da reforma do claustro da Sé, nos fins do séc. XIX, para o local onde presentemente se encontra (cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, tomo II, pág. 369).

(44) *Anuário da Nobreza de Portugal*, II (1964), em Pindela (Visconde de).

(45) Diz Braamcamp Freire na *Armaria Portuguesa*, pág. 195, que os Figueiras trazem as armas dos Figueiredos ou as dos Figueiroas. Em Figueiredo, pág. 196: *de vermelho, cinco folhas de figueira de verde, nervadas e perfiladas de ouro*, — citando, como fontes, cartas de brasão de 1530 e 1535 e outras do séc. XVIII, a *Benedictina Lusitana*, por Fr. Leão de Santo Tomás, tomo II, 1651, a *Nobiliarchia Portuguesa*, por António de Villasboas e Sampayo, 1676, o *Thesouro de Nobreza*, por Francisco Coelho, Rei de Armas Índia, ms., 1675, o *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, ms. do 2.º quartel do séc. XVIII, o *Thezouro da Nobreza de Portugal*, por Fr. Manuel de Santo António, reformador do Cartório da Nobreza, ms. dos fins do séc. XVIII; e com as folhas só nervadas, não perfiladas de ouro, no *Livro do Armeiro-mor*, organizado e iluminado por João du Cros, concluído em 1509, e no *Livro da Torre do Tombo*, organizado e iluminado por António Godinho de 1515 a 1530; e acrescentando que nos *Blasones de Portugal*, pelo P.e Manuel da Purificação Magalhães, ms., 1676, as armas dos Figueiredos são *de ouro, cinco folhas de figueira de verde, nervadas de ouro, e bordadura de vermelho, carregada de sete flores-de-lis do campo*. E em Figueiroa, pág. 198: *de ouro, cinco folhas de figueira de verde*, – citando como fontes a *Nobleza del Andaluzia*, por Gonçalo Argote de Molina, 1588, cartas de brasão de 1531, 1543 e 1795, a *Benedictina Lusitana*, a *Nobiliarchia Portuguesa*, o *Thesouro de Nobreza*, os *Blasones de Portugal*, o *Espelho da Nobreza* e o *Thezouro da Nobreza de Portugal*. No *Brasonário de Portugal*, por Armando de Mattos, vol. I (1940), pág. 169, n.º 686 (e gravura n.º 686), lê-se: «FIGUEIRA (do Visconde «de Pindela) — De oiro, cinco fôlhas de figueira de verde; posta em orla, uma cadeia de azul, «rematada na ponta por duas estrêlas [do mesmo]», — indicando, como fonte, a *Resenha das Familias Titulares e Grandes de Portugal*, por Albano da Silveira Pinto, que no tomo II [1890] traz em «PINDELLA (Visconde de). — Vicente Pinheiro Lobo Machado de Mello e «Almada» (pág. 264), a pág. 269, o brasão deste titular: partido, «na primeira as armas dos «Figueiras, accrescentadas com uma bordadura composta de uma corrente de prata, fechada «por duas estrellas de ouro [em ponta], e na segunda, as armas dos Pinheiros *etc.*», descrição que não condiz, em parte, com a gravura (com os esmaltes indicados) a pág. 264, onde a cadeia é de negro e as estrelas são de prata, nem condiz, em parte, com a descrição no *Brasonário de Portugal*. Acrescento que na *Noticia Historica das Cidades, Villas e Casas*



Figueira, de Braga



Higuera

* * *

O Rev.do Doutor Miguel Pinheiro Figueira foi 3.º administrador do vínculo de Pindela, em Santiago da Cruz, no concelho de Vila Nova de Famalicão, 1.º padroeiro de Santa Maria de Arnoso, administrador da Capela de S. Tomás, no claustro da Sé de Braga, desembargador da Relação Eclesiástica de Braga, cónego da Santa Basílica Primacial com a abadia de S. Lourenço de Celeirós, etc. Foi baptizado em S. João do Souto, em Braga, a 15 de Maio de 1567 (46) e faleceu a 10 de Setembro de 1644. Teve por pais Manuel Figueira, senhor da Casa do Passadiço, em Braga, vereador nesta cidade em 1572 e juiz ordinário em 1591, e sua mulher, D. Ana Pinheiro de Mendanha, 2.ª administradora do vínculo de Pindela, filha e herdeira de Simão Pinheiro Lobo e de sua 1.ª mulher, D. Leonor de Almeida, 1.os administradores do vínculo de Pindela, — sendo ele, Manuel Figueira, filho do Licenciado Fernão Figueira, formado em Cânones e em Leis, pajem do Arcebispo D. Diogo de Sousa e depois desembargador da Relação Eclesiástica de Braga, quando era Arcebispo o Cardeal-Infante D. Henrique, etc., e de sua mulher, Leonor Tomé Ronquillo, filha de Jerónimo Tomé e de sua mulher, N. Ronquillo, e neto paterno do Bacharel Lopo de la Higuera, natural de Toledo, letrado da Câmara do Cardeal Don Pedro González de Mendoza, Arcebispo de Toledo (1428-1495), — que, por ter assassinado, em Alcalá de Henares, um familiar da Rainha D. Isabel, a Católica, se refugiou em Portugal, domiciliando-se em Braga, em 1485, onde morou na Rua do Souto, concedendo-lhe El-Rei D. João II a naturalização por carta passada em Santarém a 6 de Julho de 1489, — e de sua mulher, Doña Isabel Díaz Tamayo, filha de Álvaro Díaz Tamayo, que foi mordomo-mor de Don Juan Manuel de Villena. (47)

•

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Figueiras,* — separata de «Hidalguia», Madrid, 1959.

Illustres da Provincia do Minho, por António Lopes de Figueiredo, Braga, 1873, pág. 147, se dão aos Figueiras as seguintes armas: «Em campo d'oiro cinco folhas de figueira verde, com «uma corrente de prata fechada por duas estrellas d'oiro por bordadura». Por último, chamo a atenção para o seguinte: nos brasões da Casa de Pindela e nos que estão no jazigo desta casa no cemitério de Santiago da Cruz, onde figuram as armas dos Figueiras, estas têm a cadeia e as estrelas carregando uma bordadura, as estrelas postas a meio do chefe.

(46) Livro de Nascimentos n.º 1, fl. 7. Arquivo Distrital de Braga.

(47) Arquivos dos meus bons Amigos os genealogistas Dr. Domingos de Araújo Affonso e Dr. Henrique Bűstorff da Costa-Ferreira.

21

Localização:

— Sé Catedral.
— Claustro. Dentro dum arcossólio, encimando, na parede, a arca tumular da casa dos Barros, de Real (48).

Material: granito. Relevo e pintura a óleo (policromia).

Época: século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo posto ao balão.
— Elmo acinzentado, aberto, gradeado, guarnecido de *ouro,* posto de frente, com paquife de *ouro* e timbre.
— O conjunto descrito assente num rectângulo de fundo cinzento e com uma cercadura decorativa amarela.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

BARROS (1)

Timbre das armas (2)

---

(48) É o que resta da antiga Capela de Nossa Senhora da Graça, destruída aquando das últimas obras de restauro da Sé. Esta capela « apresenta [em 1922] um bem trabalhado retabulo

(1) De vermelho, três bandas de azul, acompanhadas de nove estrelas de cinco pontas de *ouro,* 1, 3, 3 e 2. As armas usadas pelos Barros são: *de vermelho, três bandas de prata, acompanhadas de nove estrelas de seis pontas de ouro, 1, 3, 3 e 2* (cf. *Armaria Portuguesa,* por Braamcamp Freire, em *Barros*). Mas com as três bandas de azul, e não de prata, estão pintadas no *Livro do Armeiro-mor,* composto por João du Cros (concluído em 1509), e também estão pintadas com as três bandas de azul, mas perfiladas de ouro, no *Livro da Torre do Tombo,* composto por António Godinho de 1515 a 1530, — em ambos com as estrelas de prata.
(2) Uma aspa formada por uma banda de azul sobposta a uma barra de vermelho, a aspa carregada de cinco estrelas de cinco pontas de *ouro*. É timbre das armas dos Barros: *aspa de vermelho, carregada de cinco estrelas de seis pontas de ouro* (cf. *Armaria Portuguesa*). Porém, no *Livro da Torre do Tombo,* já citado, a aspa é formada por uma banda de vermelho sobreposta a uma barra de azul.

* * *

Lopo de Barros, — que recebeu ordens menores em Braga em 1493, cavaleiro fidalgo da Casa Real (alv. de 4 de Fevereiro de 1412), juiz ordinário em Braga nos anos de 1529, 1535 e 1538, 4.º administrador do vínculo da Morreira, no termo de Braga (instituído por seu 3.º avô, por varonia, o Rev.do Martim Martins de Barros, arcediago da Sé Primaz), etc., que faleceu na Quinta de Real, em S. Jerónimo de Real, no termo de Braga, a 22 de Novembro de 1584, filho legitimado, em Coimbra, a 29 de Julho de 1506, de Valentim de Barros, escudeiro da Casa d'El-Rei D. Afonso V, da d'El-Rei D. João II e da d'El-Rei D. Manuel I, 3.º administrador do vínculo da Morreira e senhor da Torre de Pousada das Donas, em S. Pedro de Calvelo, etc., corregedor da comarca da Beira, quatro vezes capitão-mor das armadas reais, que recebeu ordens em Braga em 1455 e era homem bom em 1488, e de Brites Pereira ou Brites Vaz, — instituiu, a 10 de Abril de 1539, com D. Brites Bravo de Araújo (com quem casou precedendo escritura dotal de 16 de Março de 1516, senhora da Quinta de S. Jerónimo de Real, filha de Diogo Bravo, que havia comprado esta quinta à Casa de Regalados, e de sua mulher, Inês Lopes Garro), um grande vínculo constituído pela Quinta de S. Jerónimo de Real, pela de Ventosa, no concelho de Regalados, e pela da Morreira, o qual foi anexado à sua Capela de Nossa Senhora da Graça, no claustro da Sé de Braga. De Lopo de Barros e sua mulher foi filho Diogo de Barros, fidalgo da Casa Real (alv. de 9 de Outubro de 1547), acrescentado a escudeiro fidalgo, capitão-mor de Braga em 1580, procurador em Cortes pelo concelho de Braga, 5.º administrador do vínculo da Morreira e 1.º do de Real, que nasceu em Braga a

---

«do seculo XVII, e foi jazigo da casa dos Barros de Real» (cf. *A Cathedral de Santa Maria de Braga,* pág. 36).



21



21

25 de Fevereiro de 1527 e casou com D. Lourença Mendes, filha bastarda do Rev.do Gonçalo Mendes de Antas, abade de S. Tomé de Negrelos, e de Joana Mendes, mulher solteira, de Vimieiro, — dos quais foi 8.ª neta D. Emília Augusta Barba Alardo de Lancastre e Barros, herdeira das grandes casas de seus antepassados, que casou com António de Albuquerque do Amaral Cardoso, senhor da Casa do Arco, em Viseu, fidalgo cavaleiro da Casa Real, que faleceu a 12 de Março de 1911, filho de António de Albuquerque do Amaral Cardoso, senhor da Casa do Arco, fidalgo cavaleiro da Casa Real, etc., e de sua mulher, D. Ana Teles da Silva, filha dos 5.os Marqueses de Alegrete, — em cuja descendência está a representação dos Barros conhecidos por *Barros de Real.* (49)

•

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Barros, chamados de Real* (a publicar).

(49) Arquivo do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

22

Localização:

— Sé Catedral.
— Claustro. Tampa da sepultura rasa do Bacharel Pedro Fernandes, de sua mulher, Margarida da Cunha, e do filho de ambos o Cónego Pedro Fernandes da Cunha, — em exposição no local onde existiu a Capela de Nossa Senhora da Graça (destruída) (50).

Procedência:

— Sé Catedral (51).

Material: granito.

Época: o Cónego Pedro Fernandes da Cunha faleceu em 1564.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo.

Escudo:

Composição: esquartelada, com um sobre-o-todo.

Leitura:

I e IV. . . . . (1)
II e III . . . . . (2)

---

(50) Ver o n.º 21.

(51) Creio que a tampa pertenceu a alguma sepultura existente numa das capelas do antigo claustro de Santo Amaro, destruídas aquando das últimas obras de restauro da Sé.



Sobre-o-todo:
CUNHA (3)

(1) Um leão.
(2) Três flores-de-lis (Albuquerque, antigo?).
(3) Assim: nove cunhas invertidas, 3, 3 e 3.

Lê-se na inscrição tumular:

. . . . . DR Pº FRZ
D. . . . . E D SVA
M . . . . . Mda D CVNHA
E . . . . . V Fº Pº D CNHA
A. . . . . D NEIVA CNEGO
NESTA SE Cio D Mº D
VILA NOVA DE M . . .

É meu parecer que o brasão descrito era o brasão do Cónego Pedro Fernandes da Cunha, de quem escrevo adiante, filho do Bacharel Pedro Fernandes e de sua mulher, Margarida da Cunha, também adiante tratados, — o qual usaria as armas do apelido de sua mãe (Cunha) sobrepostas a um esquartelado com as armas de dois apelidos de antepassados seus por linha materna (? e Albuquerque, antigo?).

Afirmam alguns linhagistas que o Bacharel Pedro Fernandes era filho de Don Álvaro de Sotomayor, que se intitulava Conde de Caminha, e que foi 13.º senhor de Sotomayor, Fornelos, Tenório, etc., filho primogénito de Don Pedro Álvarez de Sotomayor, 1.º Visconde de Tui e 1.º Conde de Caminha, senhor da grande Casa de Sotomayor, na Galiza, etc., e que esteve na batalha de Toro (1 de Março de 1476), como partidário de D. Afonso V, e de sua mulher, D. Teresa de Távora, filha de Álvaro Pires de Távora, senhor de Mogadouro, e de sua 2.ª mulher, D. Leonor da Cunha; mas, esclarece o genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso, «Poderia Pedro Fernandes ter nascido em Portugal, quando o «pretenso pai por cá andou, no reinado do rei D. João II, mas não há documento «algum que confirme esta filiação, nem ele se apelidou Sotomayor» (52).

* * *

Pedro Fernandes viveu em Braga, onde, sendo bacharel, foi ouvidor em 1507, 1510, 1515 e 1519 e vereador em 1526. Deve ter falecido em 1530. Casou em

(52) Em *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* tít. de *Cunhas Sotomayores,* pág. 6 da separata.

Braga, cerca de 1500, com Margarida da Cunha, senhora do Casal de Portas, em Braga, à entrada da Rua das Cónegas (por compra que fez a D. Catarina de Sousa, irmã do Arcebispo D. Diogo de Sousa), que faleceu a 4 de Julho de 1558, filha do Bacharel Lopo Ribeiro, juiz ordinário (1500) e ouvidor (1510), e de sua mulher, D. Violante da Cunha, e neta paterna de Gonçalo Afonso e de sua mulher, Leonor Ribeiro, e neta materna de Manuel de Araújo e de sua mulher, D. Margarida da Cunha, a qual, segundo Felgueiras Gayo ([53]), era filha de Vasco Martins da Cunha e de sua 2.ª mulher, D. Teresa de Albuquerque, filha do Mestre de Santiago D. Fernando Afonso de Albuquerque.

De Pedro Fernandes e de sua mulher foi filho, entre outros:

Pedro Fernandes da Cunha. Clérigo de missa, cónego da Sé Primaz (1540), abade de Santa Maria de Sequeira, no termo de Braga, e de S. Tomé de Esturãos, no antigo concelho de Montelongo (1557), arcediago de Neiva na Sé de Braga (1561). Nos últimos anos da sua vida foi protonotário apostólico e comendatário do Mosteiro de Vila Nova de Muía, dos cónegos regrantes de Santo Agostinho, no termo de Ponte da Barca. Senhor do prazo do Casal de Portas, em Braga, que sua mãe comprara, onde morou e onde faleceu em 1564. Teve filhos bastardos de sua parente D. Maria da Silva de Meneses, senhora da Quinta de Gege, no concelho de Vila Verde, viúva de Manuel Pereira, fidalgo da Casa Real, senhor da Casa de Gege, etc. (de quem tinha filhos), filha de Martinho da Silva, cavaleiro fidalgo da Casa Real, senhor da Casa de Passos, no Areal, em S. Vítor, Braga, e de sua mulher, D. Margarida de Abreu, — filhos estes que foram os primeiros, na geração, a usar o apelido *Sotomayor*. ([54])

•

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Cunhas Sotomayores,* – separata (1967) de «Bracara Augusta», vol. XX, fasc. 45-46 (57-58).

([53]) *Nobiliário de Famílias de Portugal,* tít. de *Cunhas,* § 44, N 10.

([54]) Arquivo do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

23

Localização:

— Sé Catedral.
— Claustro. Tampa da sepultura rasa do Cónego Lourenço Cerveira, — em exposição no local onde existiu a Capela de Nossa Senhora da Graça (destruída) (55).

Procedência:

— Sé Catedral (56).

Material: granito.

Época: meados da segunda metade do século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo de fantasia.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CERVEIRA (1)

(1) Assim: uma cerva deitada e voltada. São armas dos Cerveiras: *duas cervas passantes, uma sobre a outra, e bordadura carregada de treze escudetes, cada um sobrecarregado de cinco besantes,* ou *esquartelado, tendo no I e IV uma cruz florida e*

---

(55) Ver o n.º 21.

(56) Creio que a tampa pertenceu a alguma sepultura existente numa das capelas do antigo claustro de Santo Amaro, destruídas aquando das últimas obras de restauro da Sé.



23

vazia e bordadura carregada de doze escudetes, cada um sobrecarregado de cinco besantes, e no II e III duas cervas passantes, uma sobre a outra.

* * *

Inscrição tumular:

AQVI IAZ LOV
RECO SERVEI
RA CONEGO
DA SE DE BRA
GVA E A . . . . .
AD. . . . . .
NOD . . . . . .

Lourenço Cerveira tomou ordens menores em 1525 e foi cónego da Sé em 1569. Era filho de João Cerveira, cavaleiro da Casa do Arcebispo D. Diogo de Sousa, o qual lhe deu, em 1519, a administração da Capela de S. Miguel e Santa Bárbara, então vaga, na Sé de Braga, e de sua mulher, Leonor Ribeiro, filha do Bacharel Lopo Ribeiro, ouvidor em Braga (1509-1510), e de sua mulher, D. Violante da Cunha (57).

•

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Cerveiras* (a publicar).

(57) Arquivo do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

24 e 25

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela dos Reis (58). Na abóbada.

Material: granito.

Época: a capela foi instituída no ano de 1391 (59).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica assumida?

Escudo clássico.

Escudo:

Composição: plena.

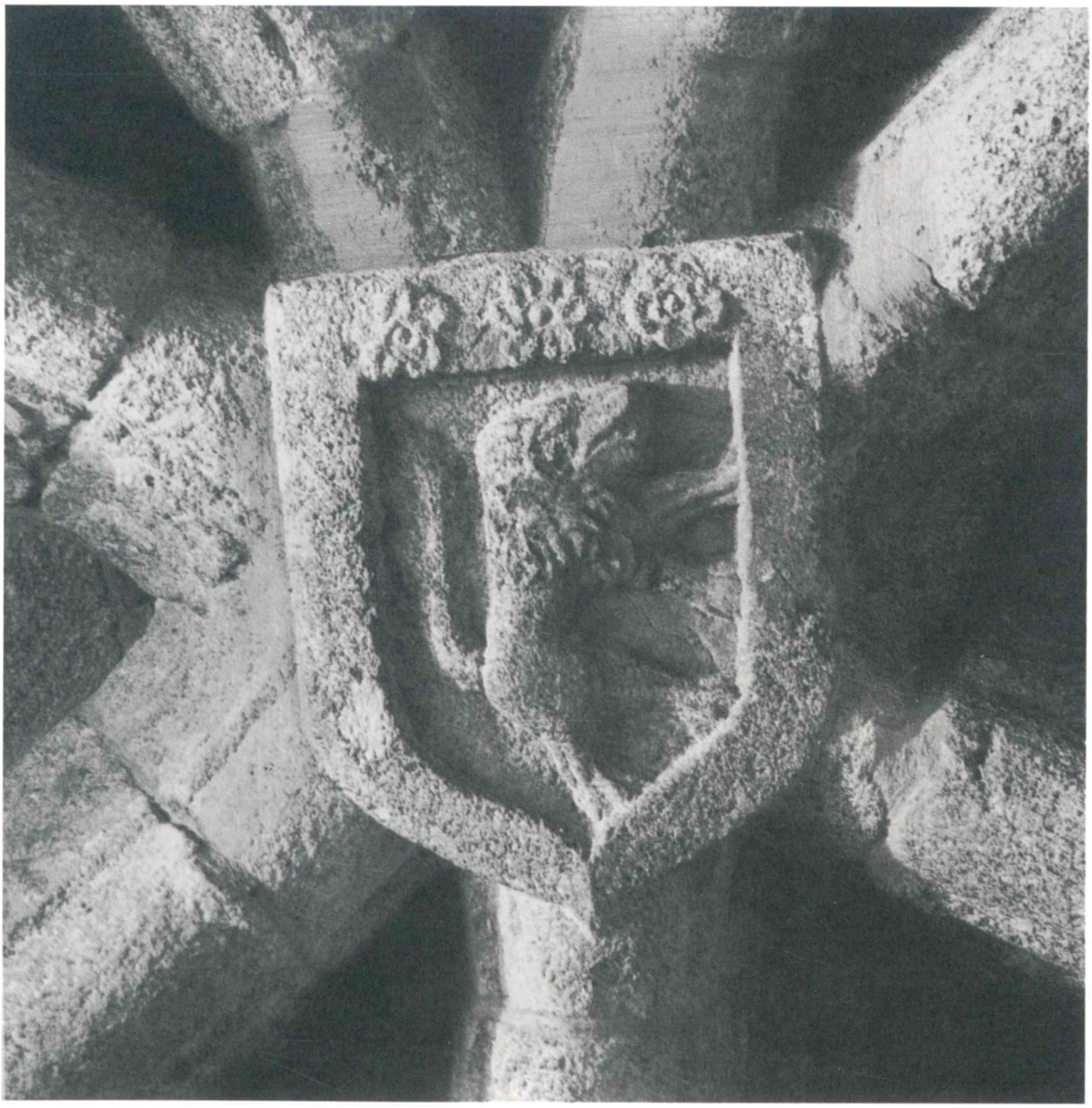
Leitura:

ARMAS USADAS PELO
ARCEBISPO D. LOURENÇO VICENTE (1)

---

(58) Também conhecida por Capela de S. Lourenço e Capela da Senhora do Livramento.

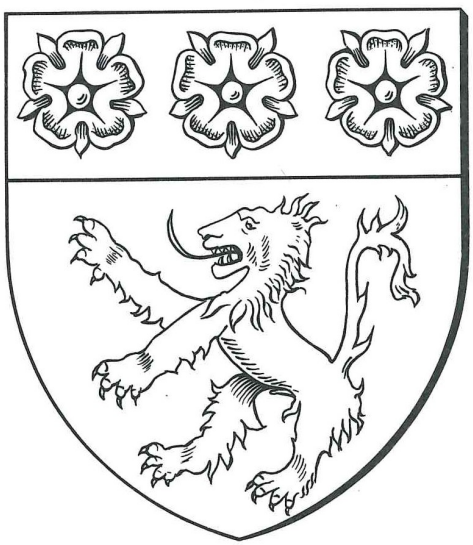
(59) A capela, mandada edificar pelo Arcebispo D. Lourenço Vicente (1374-1397), que a dedicou a Nossa Senhora nos seus mistérios da Anunciação e da Assunção e aos patronos dele os mártires S. Lourenço e S. Vicente, foi instituída a 28 de Agosto de 1391 (cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 220 e págs. 222 a 225). Ver *Os Bens da Capela de D. Lourenço Vicente, Arcebispo de Braga e Combatente de Aljubarrota,* por A. Ambrósio de Pina, S. J., em «Bracara Augusta», vol. XVIII-XIX, Janeiro-Dezembro de 1965, n.os 41-42 (53-54), págs. 122 a 138.



24



(1) Assim: um leão voltado e bordadura carregada de três rosas em chefe. As armas trazidas por este prelado seriam: um leão e chefe carregado de três rosas, — conforme estão esculpidas em outros dois escudos existentes na abóbada (n.os 26 e 27)? A bordadura que aparece nos escudos n.os 24 e 25 seria, então, o resultado da ligação do chefe com os bordos sobressaídos do escudo, aos quais se deu a mesma largura do chefe.



* * *

O Arcebispo D. Lourenço Vicente (1374-1397), que combateu em Aljubarrota (1385), era natural da Lourinhã, diocese de Lisboa, e a sua casa ficava na Quinta da Charrua (60). «NAda pudemos descubrir a cerca da geração do Arcebispo «D. Lourenço, sò por hũa verba de seu testamẽto sabemos foi natural da villa da «Lourinham Arcebispado de Lisboa, e estar sua mãy enterrada no adro da Igreja «de Sãtiago de Torres Vedras, ser o nome de hũa de suas auòs Maria Vicente a lõga «da fonte, & o de hum seu tio Ioaõ Peres» (61).

---

(60) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, tomo II, pág. 180, em nota.

(61) Em *Da Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* etc., por D. Rodrigo da Cunha, II parte (1635), págs. 193 e 194.

26 e 27

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela dos Reis (62). Na abóbada.

Material: granito.

Época: a capela foi instituída no ano de 1391 (63).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica assumida?

Escudo clássico.

Escudo:

Composição: plena.

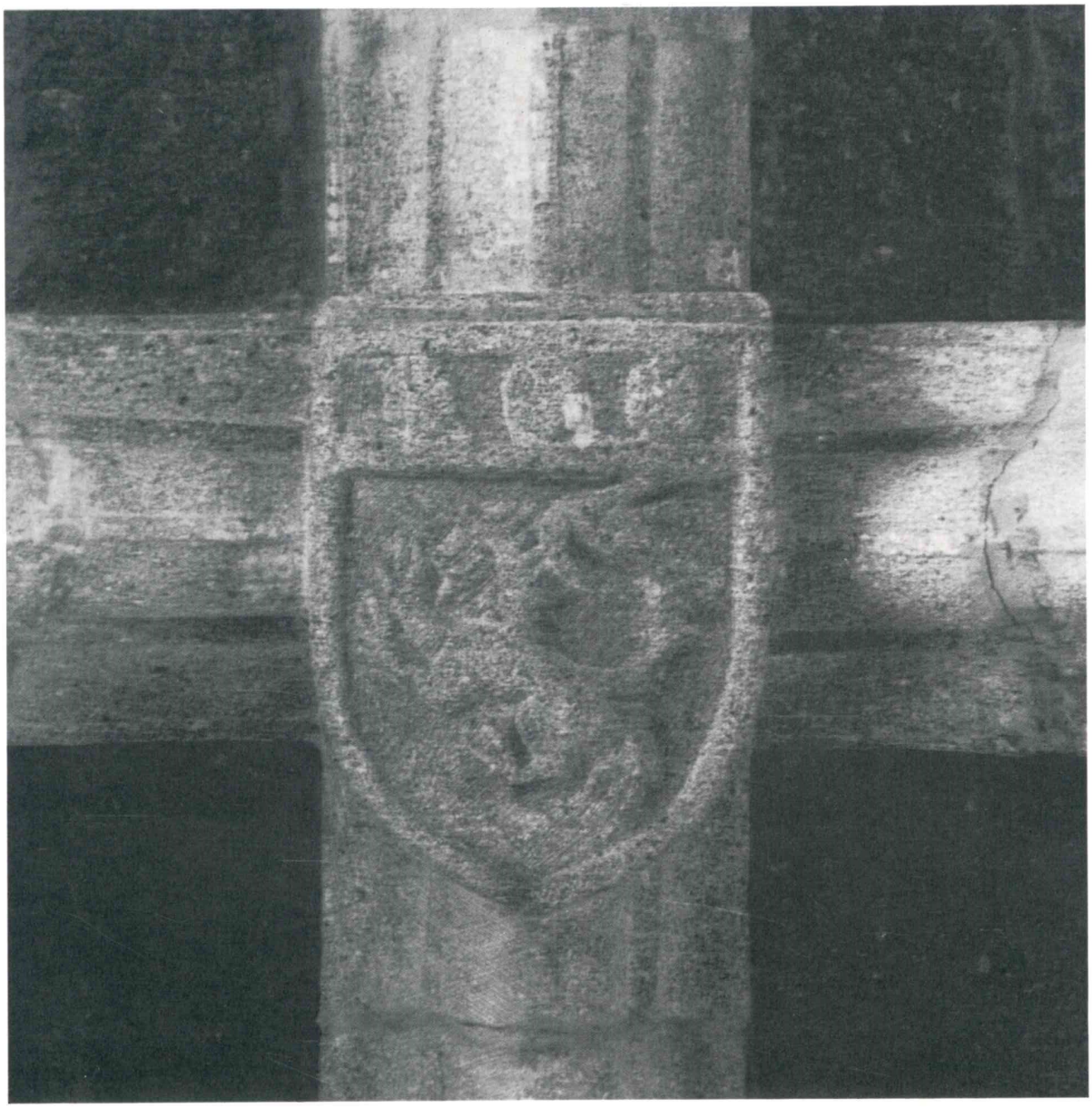
Leitura:

ARMAS USADAS PELO
ARCEBISPO D. LOURENÇO VICENTE (1)

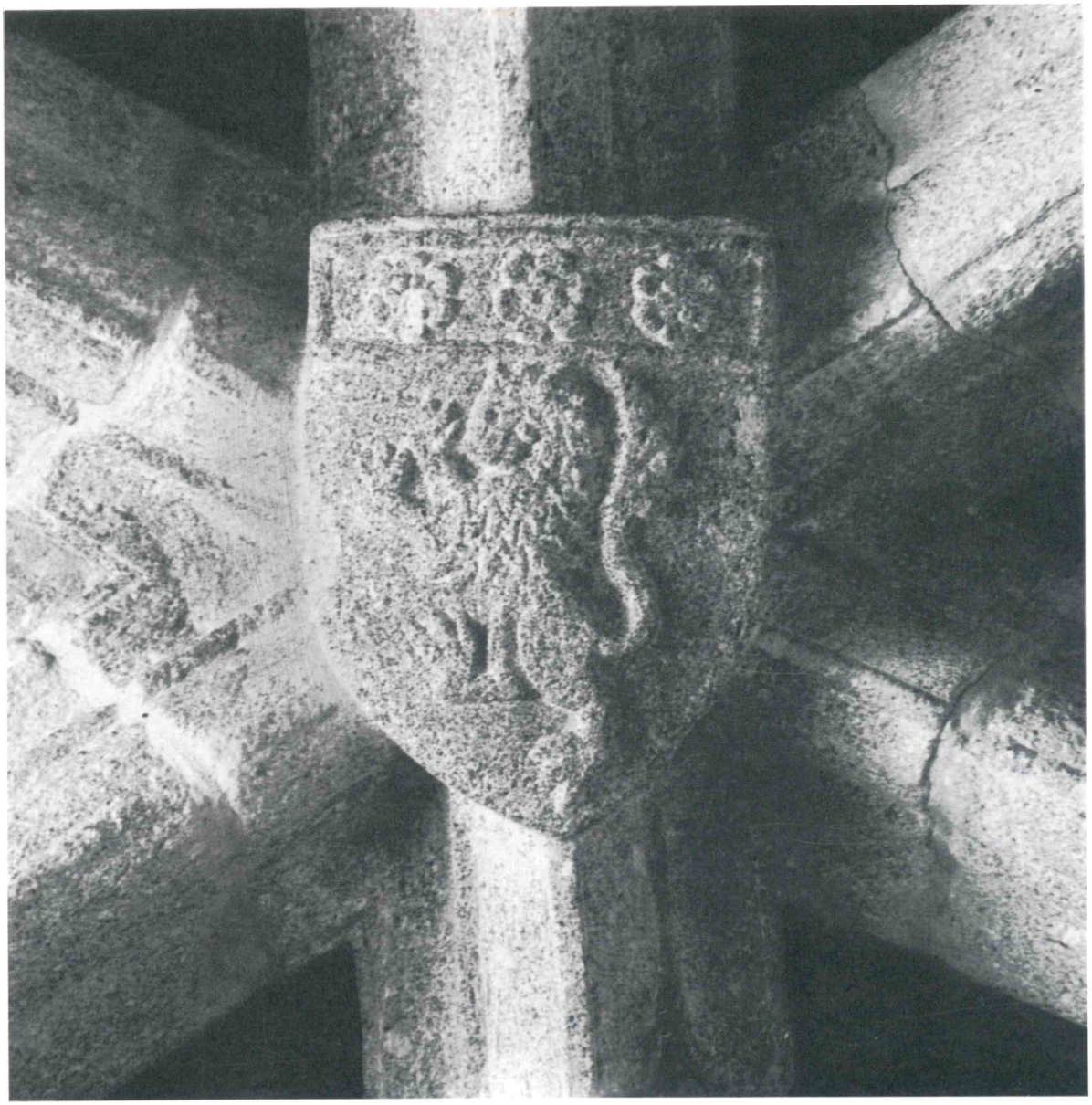
(1) Um leão e chefe carregado de três rosas (64).

---

(62) Ver a nota (58).
(63) Ver a nota (59).
(64) Vejam-se os n.os 24 e 25.



26



27

28

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela dos Reis. Na abóbada.

Material: granito.

Época: a capela foi instituída no ano de 1391 (65).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo em amêndoa.
— O escudo assente sobre a cruz da Ordem de Avis.

Escudo:

Composição: plena.

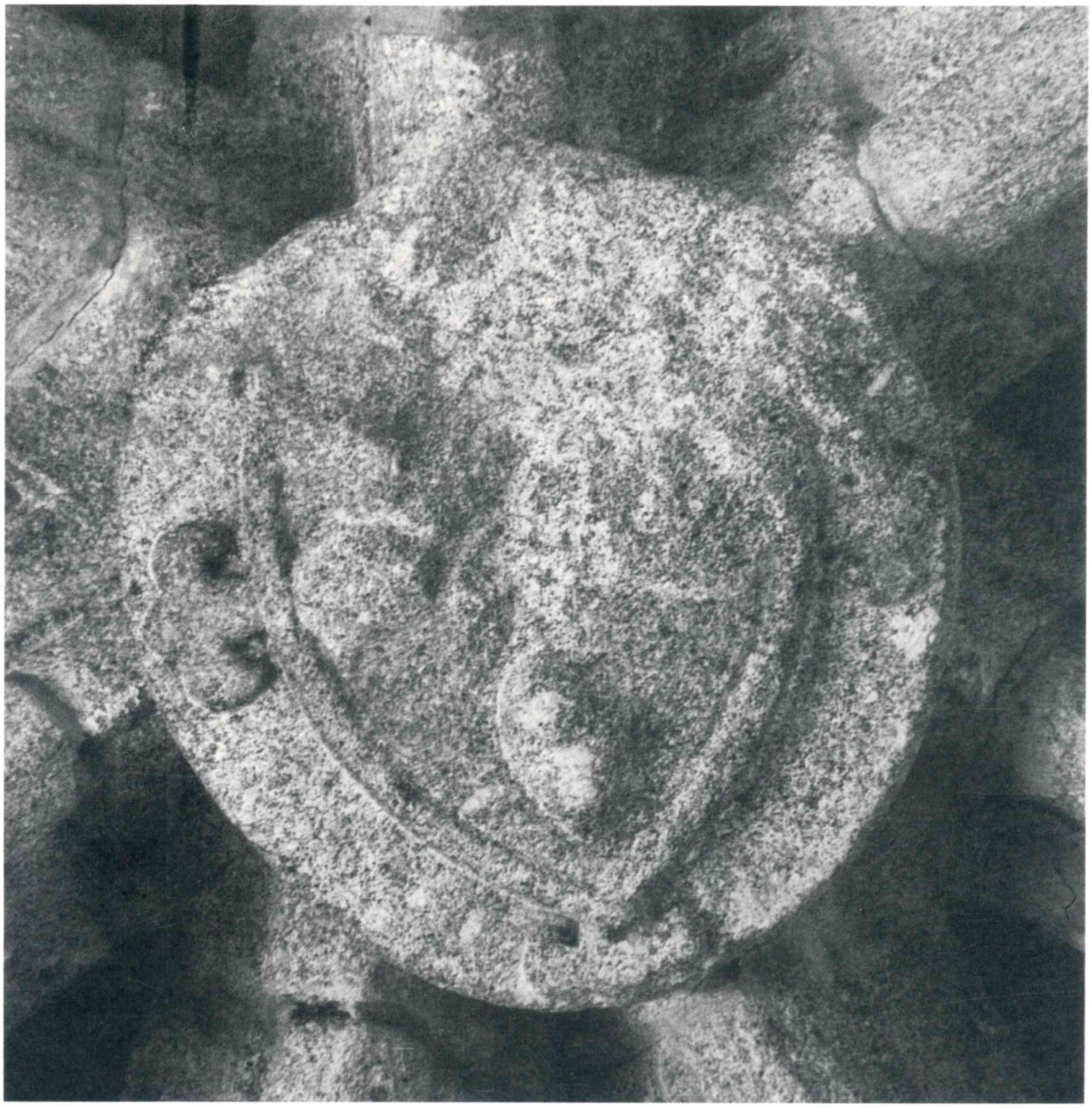
Leitura:

PORTUGAL-ANTIGO | (1)
Cruz de Avis

(1) Cinco escudetes postos em cruz, os dos flancos apontados ao do centro, (cada um carregado de cinco besantes?). Escreveu Armando de Mattos: «Inclino-me a «pensar que D. João I [1385-1433] não assumiu a bordadura dos castelos imedia- «tamente à sua aclamação, porque se encontram selos e moedas apenas com o «escudo de Portugal-antigo, sôbre a cruz flordelizada da Ordem [, armas que usava

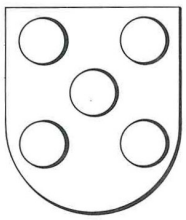
---

(65) Ver os n.os 24 e 25.



28

«quando Mestre de Avis]». Tinha razão o heraldista Armando de Mattos. E acrescenta: «É possível que fôsse a conselho de Arrieta (o rei-de-armas inglês «que veio na comitiva de D.ª Filipa, e que tanto influenciou a heráldica «portuguesa, dando-lhe um pouco de organisação e critério) que D. João I assumiu «as armas paternas, embora conservando a sua cruz como nota pessoal, sem «dúvida bem interessante» (66).



(66) *Evolução Histórica das Armas Nacionais Portuguesas,* pág. 88.

29

Localização:

— Sé Catedral.
— Capela dos Reis. Encimando, suspenso da parede, o túmulo do Arcebispo D. Lourenço Vicente, posto dentro dum arcossólio aberto na parede testeira da capela, do lado da Epístola (67).

Material: madeira.

Época: ano de 1663? (68).

---

(67) Este arcossólio está no lugar onde se abria a porta para a Igreja.

(68) D. Lourenço Vicente mandou pôr no meio da capela, para sua sepultura, um sarcófago de pedra, com estátua jacente de vestes pontificais e uma inscrição, — e nele foi encerrado quando faleceu (1397). Instalando-se a Irmandade de S. Tomás na capela, em 1663, achou-a acanhada e, obtida licença do Cabido (*Sede vacante*), removeu o túmulo, encerrando o cadáver do Arcebispo, que foi encontrado incorrupto, depois de paramentado com vestes pontificais, num caixão que foi metido noutro sarcófago, em pedra de Ançã, o qual foi colocado onde se encontra actualmente, mandando o Cabido gravar nele a seguinte inscrição (*): D.O.M./ D. LAVRENTIVS ARCHIEP. BRACHAR. HISPANIARVM / PRIMAZ LXXXVI. SEPVLTVS ANNO DNI. MCCCLXXXXVII. (**)/ TRANSLATVS E MEDIO SACELLI INTEGER, ET INCORRVP:/ TVS. DIE QVARTO IVNII. 1663.; e neste ano de 1663 devem ter sido esculpidas as armas que encimam, na parede, a urna de vidro que, presentemente, e assente sobre o túmulo, encerra o cadáver, incorrupto, de D. Lourenço Vicente.

(*) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, tomo II, págs. 220, 223 e 224. D. Lourenço Vicente «Ordenou a Vasco Lourẽço (era filho seu) *q̃ pera esta capella lhe «trouxessẽ seu corpo, em cazo q̃ morresse fora de Braga nestes Reynos, nos de Castella, Leaõ, «Nauarra, Aragaõ, Frãça, Frãdes, Alemanha, Italia, Toscana, ou Roma.* São palauras do testa-«mento» (em *Da Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* etc., por D. Rodrigo da Cunha, II parte, pág. 207).

(**) Há obras impressas onde se lê que foram gravados, por lapso, sòmente três X. Está certo em *Inscripções e Lettreiros da Cidade de Braga e algumas freguezias ruraes,* por Albano Bellino, pág. 37.



29


D. O. M.
D. LAVRENTIVS ARCHIER BRACHAR. HISPANIARVM
PRIMAZ LXXXVI. SEPVLTVS ANNO DNI. MCCCLXXXXVII.
TRANSLATVS E MEDIO SACELLI INTEGER, ET INCORRVP-
TVS. DIE QVARTO IVNII. 1663.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— O escudo assente sobre uma cartela decorativa.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ARMAS USADAS PELO
ARCEBISPO D. LOURENÇO VICENTE (1)

(1) Assim: um leão e bordadura (69).



(69) Vejam-se os n.os 24, 25, 26 e 27.

30

Localização:

— Sé Catedral.
— No lanço de muralha onde se encontra a porta norte, entre a Igreja da Misericórdia e a Capela de D. Gonçalo Pereira.

Material: granito.

Época: ano de 1509 (data que acompanha a pedra de armas).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de treze borlas pendentes a cada lado (1, 2, 1, 2, 3 e 4).

Escudo:

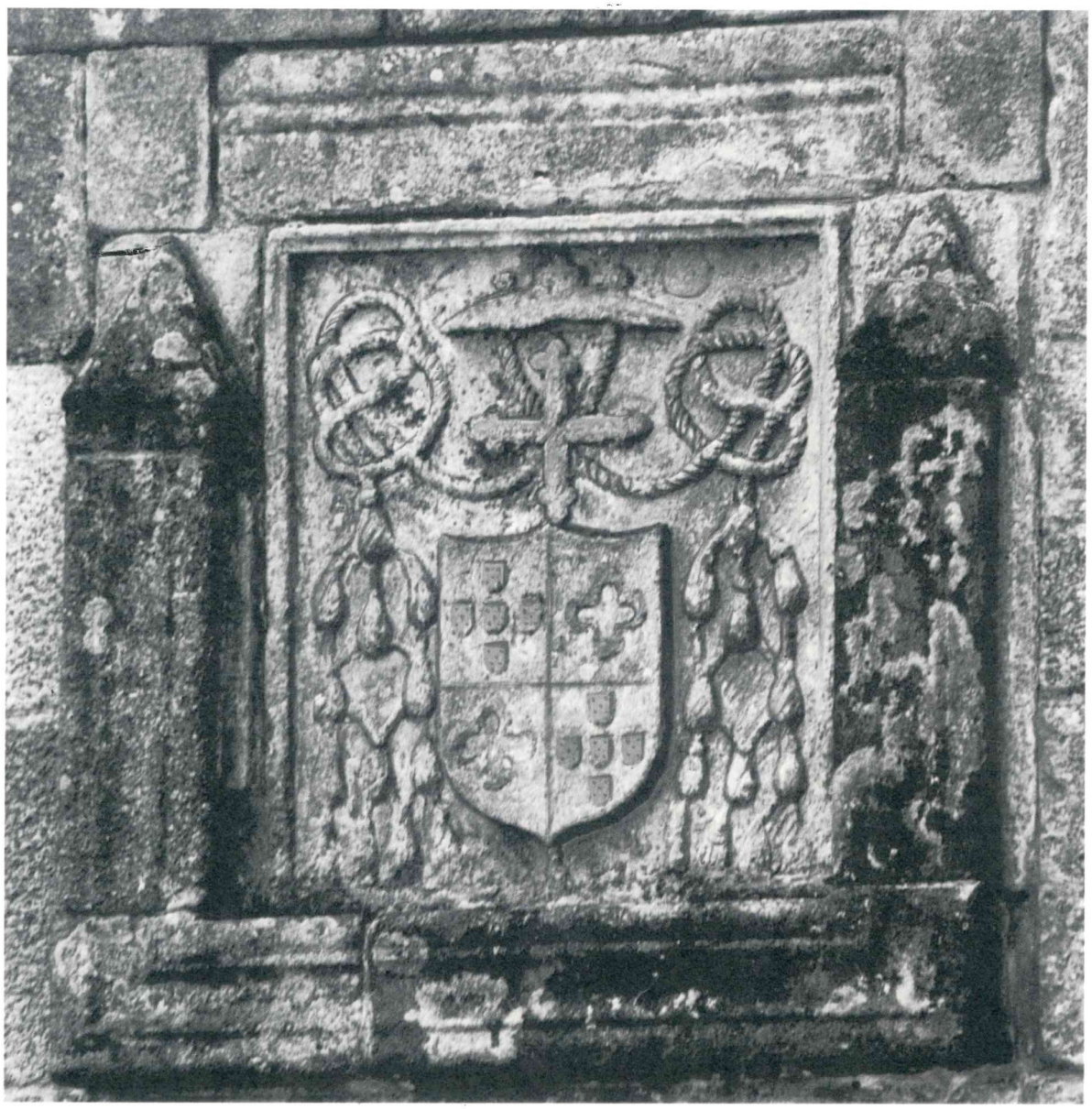
Composição: plena.

Leitura:

SOUSA, de Arronches (1)

(1) Esquartelado: no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no II e III uma caderna de crescentes. Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

São as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).



30



31

Localização:

— Sé Catedral.
— Na parede exterior da ábside, dando para a Rua de Nossa Senhora do Leite. Na peanha da imagem de Nossa Senhora do Leite.

Material: pedra de Ançã.

Época: ano de 1527? (70).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico.
— Tenentes: dois anjos vestidos.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

SOUSA, de Arronches (1)

---

(70) Em *Estudo sobre a Sé de Braga,* pela Dr.ª D. Helena Maria de Araújo de Carvalho Matos, *in* «Bracara Augusta», vol. IX-X, Janeiro 1958 — Dezembro 1959, n.os 1-4 (39-42), e vol. XIII, Janeiro — Dezembro de 1962, n.os 1-2 (47-48), lê-se, a págs. 203 e 204 do vol. IX-X:



31



31 - 32 - 33 - 34 - 35

(1) Esquartelado: o I e IV com cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes *postos em cruz*; o II e III com uma caderna de crescentes. Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

São as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

«Na parte inferior [do lado exterior da ábside] vemos ao centro a deliciosa imagem da Senhora «do Leite com a sua mísula e docel, primorosa escultura feita em pedra de Ançã no séc. XVI. «É maravilhosa de graça e simplicidade esta Virgem tão terrena e humana em cujo rosto se «espalha uma doçura angélica. Na sua casta indumentária não há arrebiques desnecessários «nem demasiada riqueza como muitas vezes acontece em estátuas da mesma época. Como diz «Correia de Campos, admitindo que a data de 1509, que se vê na inscrição por baixo desta «escultura e que é a do fim das obras da capela-mor, seja também a da Virgem do Leite, isto «viria contrariar a opinião daqueles que entendem ter sido o Renascimento introduzido em «Portugal em 1517 por João de Ruão, Chanterene, etc.; é claro que a imagem, que é renas- «centista, podia ser posterior a esta última data mas é pouco provável que passados oito anos «sobre a construção da ábside viessem os artistas estrangeiros alterar de novo esta parede «acrescentando-lhe a estátua com a mísula e o docel e os escudos de D. Diogo de Sousa e «de D. Manuel I que a ladeiam, tudo formando harmonioso conjunto — esta é ainda a opinião «de Correia de Campos que assim a expõe no segundo Congresso Mariano Nacional, no trabalho ««A Virgem na Arte Nacional». Reinaldo dos Santos, concordando com Paul Vitry considera «a imagem como obra dos mestres franceses da Renascença, que trabalharam em Coimbra. Por «nossa vez, depois de vermos as opiniões de uns e outros, notamos que no «Memorial das «Obras de D. Diogo de Sousa», a que já nos referimos, o autor, cónego Tristão Luís, quando «se refere à construção da nova capela-mor por aquele prelado, refere-se também à abóbada «da mesma, às janelas e vitrais, ao retábulo do altar e até às sepulturas dos Condes de Portugal «e às grades de ferro que D. Diogo mandou fazer para a capela, etc.; fala portanto em tudo «excepto na imagem da Senhora do Leite, o que nos pareceu estranho uma vez que se refere «a coisas muito menos importantes como, por exemplo, os degraus que então havia na capela. «Só muito mais adiante o cónego Tristão Luís diz que D. Diogo «mandou pôr nas costas da «Capella-mór da Sé uma imagem de Nossa Senhora de pedra d'Ançã com sua represa e capitel «de maçoneria»; não diz em que ano isto foi mas data os factos a que logo a seguir se refere «de 1527 e 1528. Em vista de tudo isto não pudemos deixar de pensar se o facto de a imagem «não vir indicada ao mesmo tempo que todas as outras coisas que D. Diogo mandou fazer «para a capela-mor não quererá dizer que ela é duma data mais tardia que possìvelmente «seria até a de 1527 uma vez que a alusão à Senhora do Leite precede, como já dissemos, o «relato de factos ocorridos nesse ano e em 1528. Sendo assim a imagem poderia ser então, «como pretende Reinaldo dos Santos, obra dos mestres franceses que introduziram em Coimbra «o gosto pelo estilo renascentista. Não nos é possível no entanto, apenas em face dos dados «fornecidos pelo Memorial que escreveu Tristão Luís, fazer afirmações e por isso apresentamos «esta ideia apenas como hipótese, uma hipótese para a qual tendemos, no entanto, a «inclinarmo-nos».

32

Localização:

— Sé Catedral.
— Na parede exterior da ábside, dando para a Rua de Nossa Senhora do Leite. Acompanhando, à direita, a imagem de Nossa Senhora do Leite.

Material: granito.

Época: ano de 1509? (71).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Coroa real aberta.

Escudo:

Composição: plena.

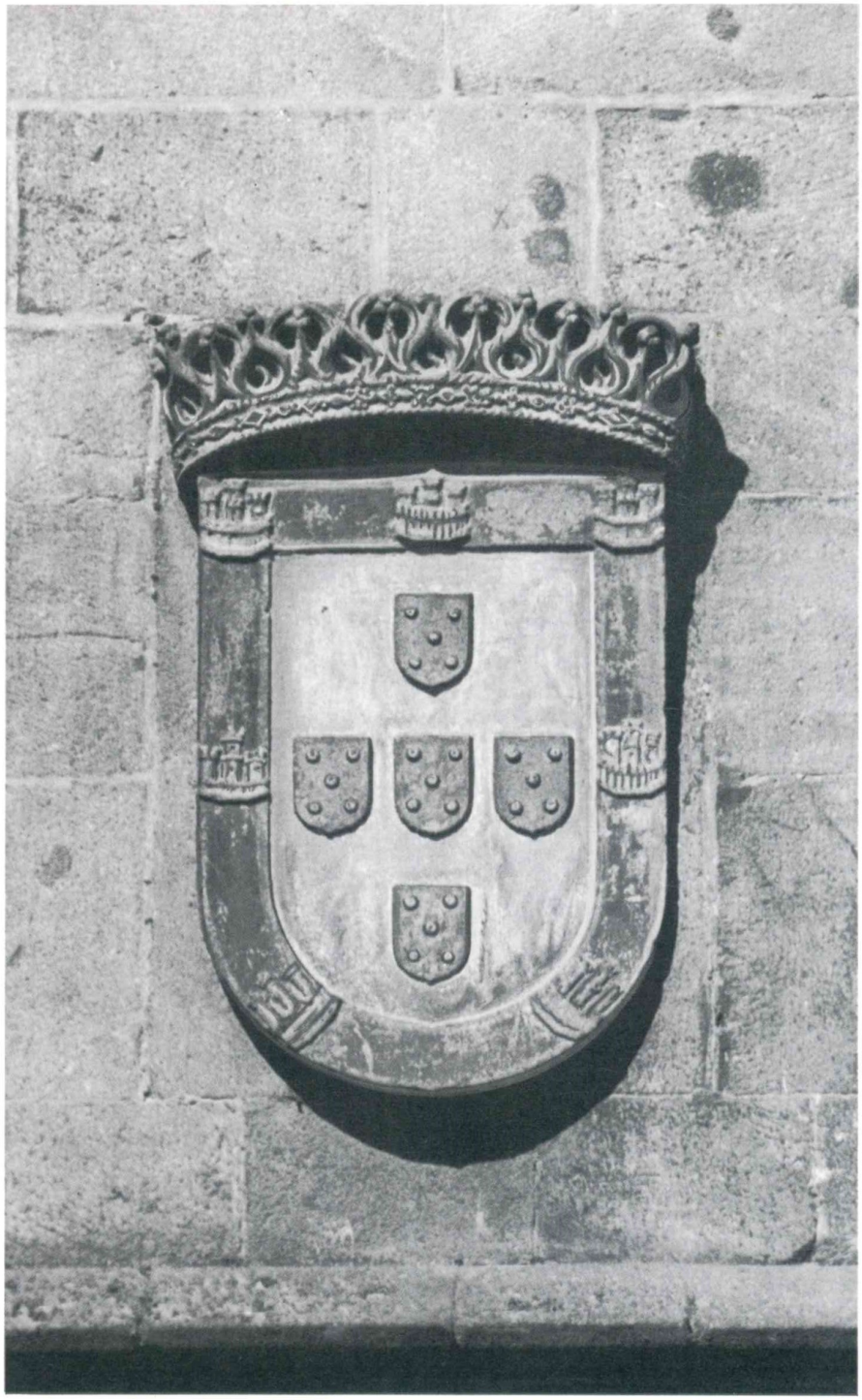
Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete castelos.

---

(71) Ver os n.os 11 e 31.



32

33

Localização:

— Sé Catedral.
— Na parede exterior da ábside, dando para a Rua de Nossa Senhora do Leite. Acompanhando, à esquerda, a imagem de Nossa Senhora do Leite.

Material: granito.

Época: ano de 1509? (72).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

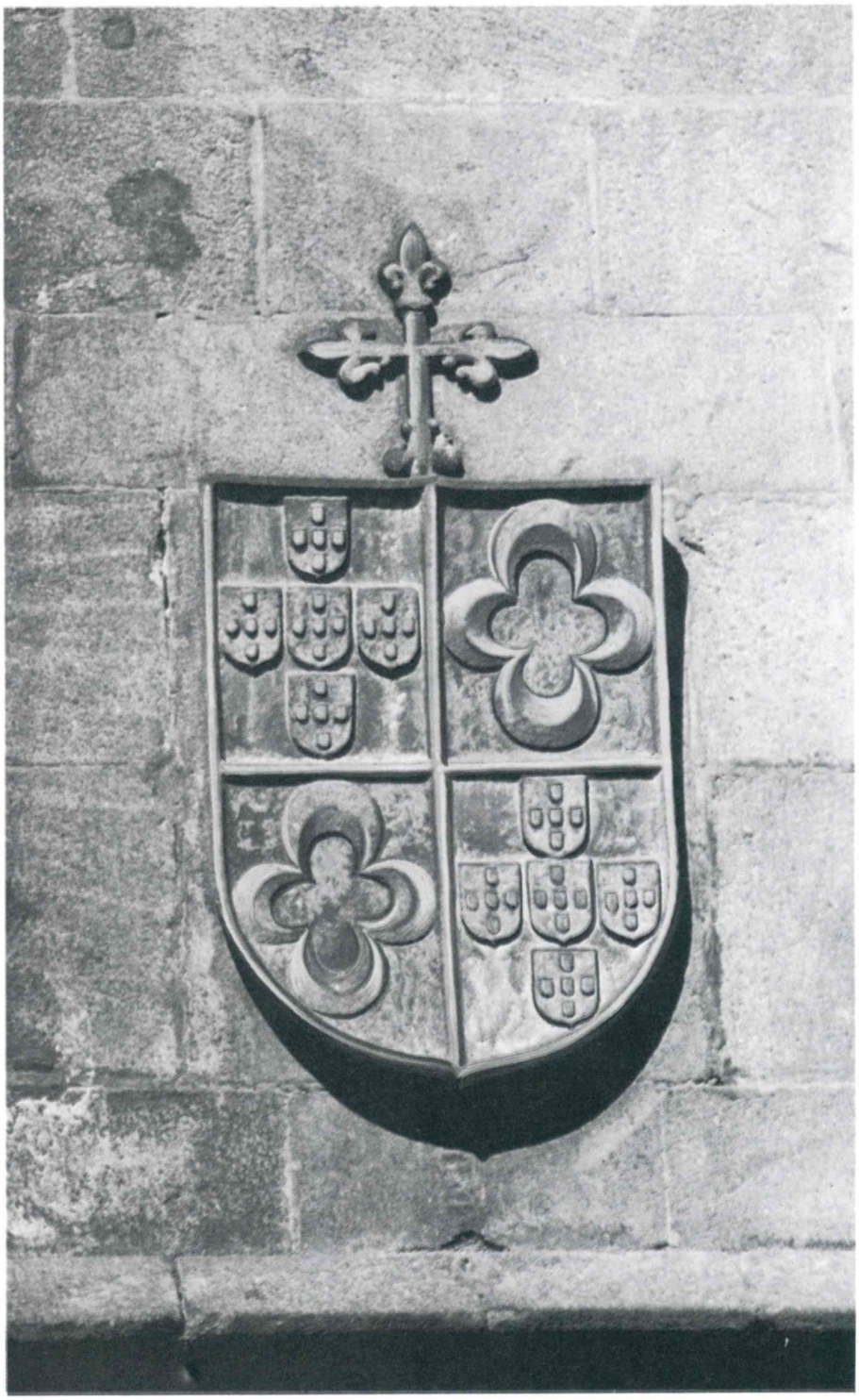
SOUSA, de Arronches (1)

(1) Esquartelado: o I e IV com cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de *cinco escudetes postos em cruz*; o II e III com uma caderna de crescentes. Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV, e com os escudetes indevidamente carregados, cada um, de cinco escudetes, quando deviam estar carregados, cada um, de cinco besantes postos em aspa.

São as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

---

(72) Ver os n.os 11 e 31.



33

34

Localização:

— Sé Catedral.
— Na parede exterior da ábside, dando para a Rua de Nossa Senhora do Leite, no contraforte da direita.

Material: granito.

Época: a ábside foi concluída no ano de 1509 (73).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo.
— Coroa real aberta.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete castelos.

---

(73) Ver o n.º 11.



34

35

Localização:

— Sé Catedral.
— Na parede exterior da ábside, dando para a Rua de Nossa Senhora do Leite, no contraforte da esquerda.

Material: granito.

Época: a ábside foi concluída no ano de 1509 (74).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

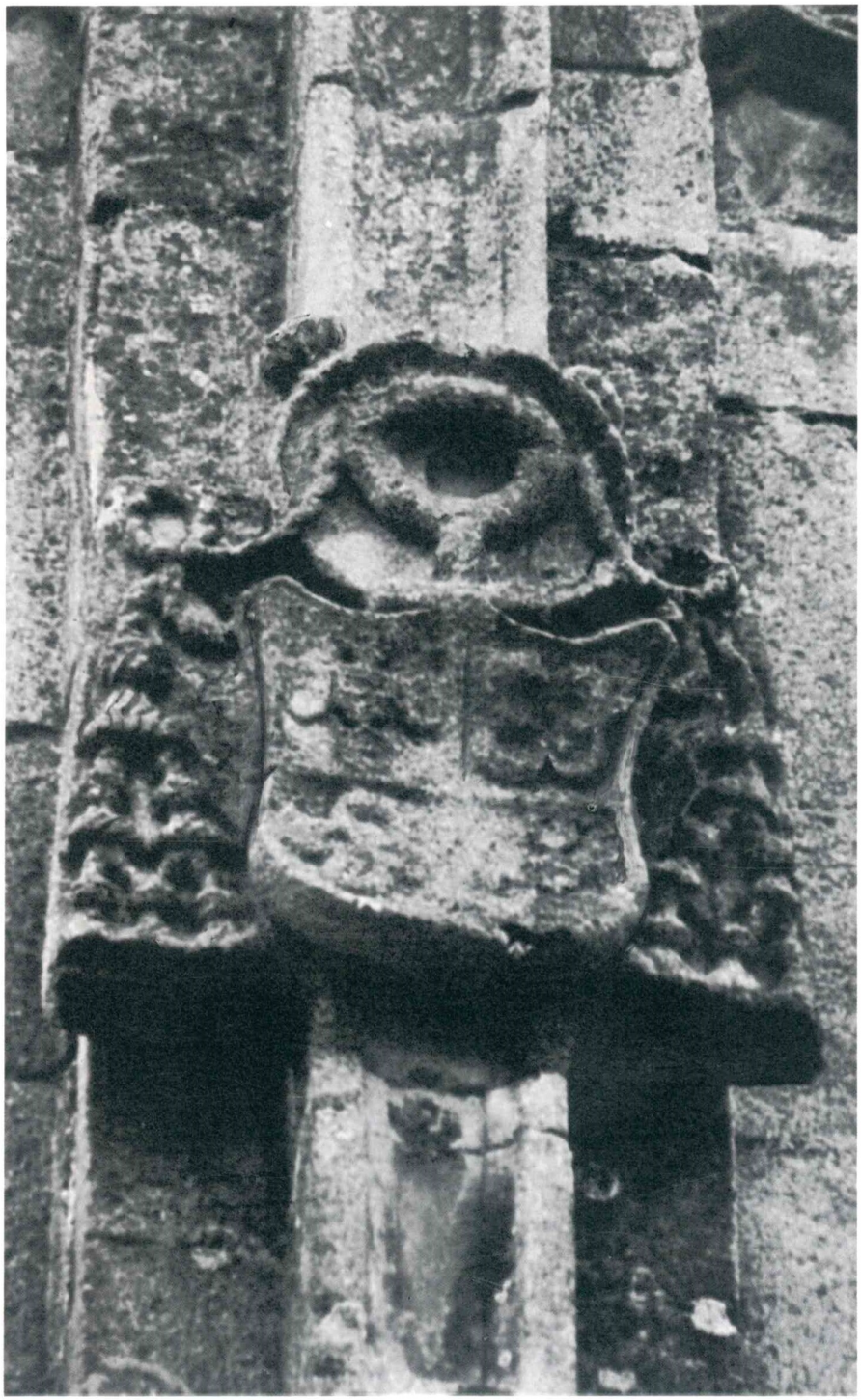
SOUSA, de Arronches (1)

(1) Esquartelado: o I e IV com cinco escudetes postos em cruz (sem os besantes?); o II e III com uma caderna de crescentes (a caderna do II posta em aspa). Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

São as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

---

(74) Ver o n.º 11.



35

36

Localização:

— Sé Catedral.
— Tesouro da Sé Primaz. Átrio.

Procedência:

— O cubo armoriado de granito é o que resta do pelourinho quinhentista da cidade. Havendo caído o antigo pelourinho, a Câmara mandou fazer outro, quando era Arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Mártires (1559-1582), combinando a obra a 17 de Agosto de 1576, conforme a planta apresentada, com o mestre pedreiro António Gonçalves, de Sequeira, — o qual foi colocado em frente dos alpendres da Porta do Souto (actual Arcada), mais tarde deslocado para defronte da Alfândega, no Campo de Sant'Ana, e daqui (em 1769) levado para o Terreiro do Castelo e, por fim (em 1844), colocado no Campo dos Touros (actual Praça do Município), sendo demolido a 20 de Julho de 1853 (75).

---

(75) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo III, pág. 51; ver *Memorias de Braga,* tomo I, pág. 41. Com interesse o artigo de Constantino Coelho *O Pelourinho de Braga,* em «Bracara Augusta», vol. II, Abril de 1950, n.º 1 (14), págs. 74 a 76, onde se transcreve, em dada altura, a descrição que do pelourinho fez no tombo dos bens do Senado, em 1737, o procurador do Concelho: «Item: o Pelourinho desta cidade que está defronte dos «Alpendres da Porta do Souto assentado sobre três degraus redondos de esquadria, do meio «dos quais se levanta um pedestal com sua base e sota-base, sobre que assenta uma coluna «com sua base e capitel corintio, por cima do qual tem sua arquitrave, friso e cornija e por «cima um pedestal que tem em um dos quadros as armas reais viradas para a cidade (*), e «outras arcebispais no lado contrário, e para a parte da Rua das Aguas uma meia esfera e «outra meia no lado contrário que está para a Rua dos Chãos. Este pedestal recebe sua «cornija do meio da qual nasce uma pirâmide, que tem uma Cruz em cima com sua grimpa, «tudo de ferro, em cada canto do dito pedestal tem mais uma pirâmide pequena; terá tudo «de alto trinta e cinco palmos». O pelourinho encontra-se duas vezes reproduzido nos Paços do Concelho: num quadro mural do salão nobre e num dos painéis de azulejos que decoram a sua escadaria. Em *Portugal Económico, Monumental e Artístico* (Editorial Lusitana, em organização), vol. I (Minho), pág. 347, pode ver-se um desenho reconstitutivo do pelourinho,



36

Material: granito.

Época: ano de 1576.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo clássico.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ARMAS DE FÉ DO ARCEBISPO
D. FR. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES (1)

(1) Assim: uma cruz florenciada, não se tendo indicado que o campo do escudo é gironado. D. Fr. Bartolomeu dos Mártires (1559-1582) usava o brasão da Ordem de S. Domingos: *gironado de prata e negro e uma cruz florenciada de um no outro.*

---

da autoria do falecido investigador e coleccionador de antiguìdades bracarense José Gomes de Sousa Cardoso.

(*) Esta face foi mutilada, vendo-se nela sòmente a coroa real.



37

37

Localização:

— Sé Catedral.
— Tesouro da Sé Primaz. Em exposição na escadaria nobre.

Procedência:

— Sé Catedral.
— De que local?

Material: pedra de Ançã.

Época: entre 1505 e 1521. Armas de D. Manuel I (1495-1521), mandadas esculpir pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo.
— Coroa real aberta.
— Motivos vegetais rodeando o escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete castelos (assim postos, devido ao formato do escudo: um em chefe, dois em cada flanco e dois em ponta).

38

Localização:

— Sé Catedral.
— Tesouro da Sé Primaz. Em exposição na escadaria nobre.

Procedência:

— Sé Catedral.
— De que local?

Material: pedra de Ançã.

Época: entre 1505 e 1532.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de nove borlas pendentes a cada lado (1, 3 e 5).

Escudo:

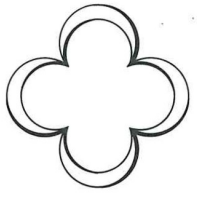
Composição: plena.

Leitura:

SOUSA, de Arronches (1)

(1) Esquartelado: no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes *postos em cruz* (quando deviam estar postos em aspa), e no II e III uma caderna de crescentes *posta em aspa* (quando devia estar posta em cruz). Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

São as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).





38

39

Localização:

— Sé Catedral.
— Tesouro da Sé Primaz. III Secção (Parte lapidar).

Procedência:

— Sé Catedral?

Material: granito.

Época: século quinze?

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família?

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

. . . . . (1)

(1) Uma cruz florenciada e vazia, cantonada de quatro flores-de-lis. Bordadura?



39

40

Localização:

— Sé Catedral.
— Tesouro da Sé Primaz. III Secção (Parte lapidar).

Procedência:

— Sé Catedral.
— Da abóbada da Capela de Nossa Senhora da Graça (destruída)? Esta capela pertenceu aos Barros de Real (76).

Material: granito.

Época: século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

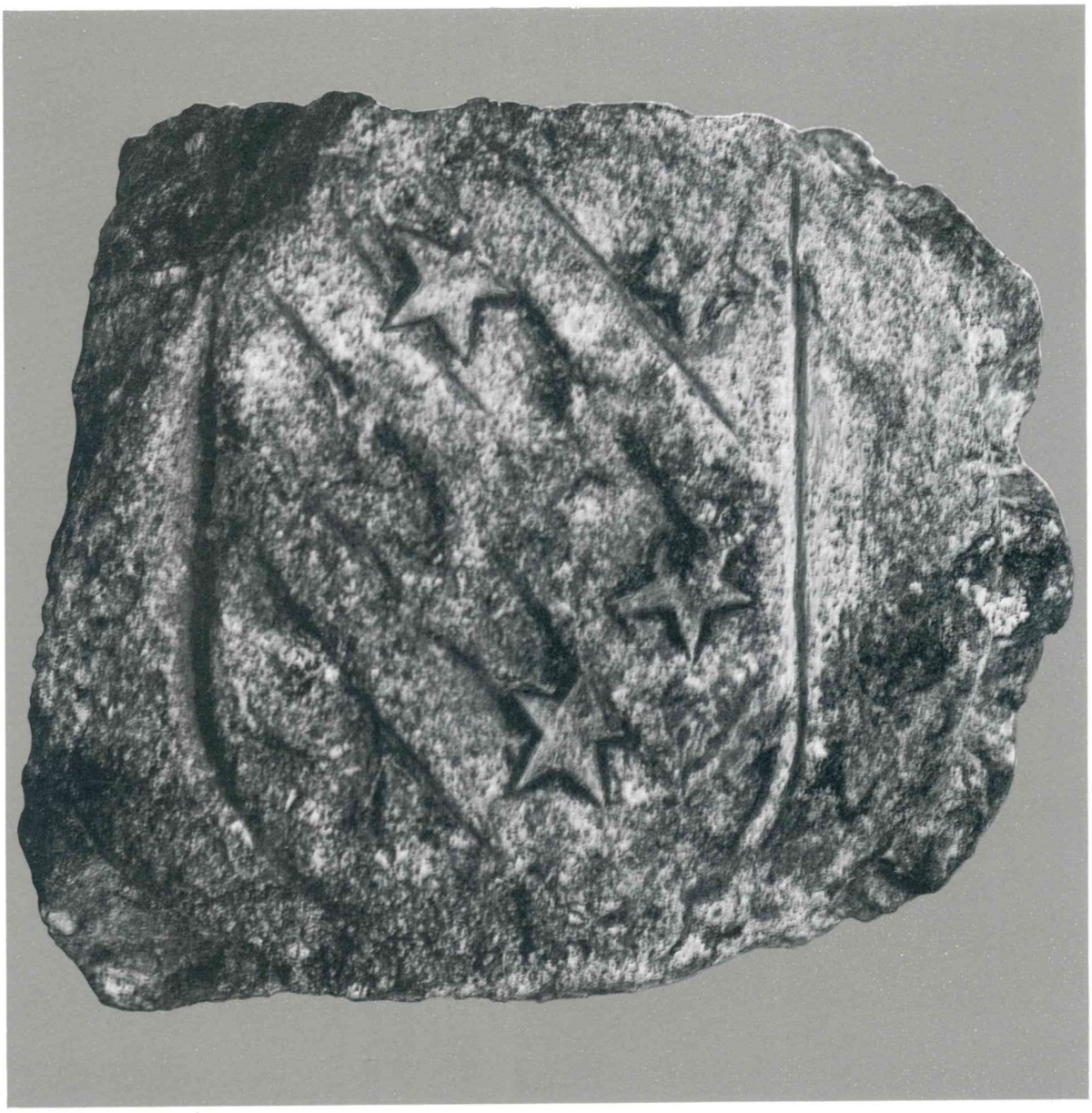
Leitura:

BARROS (1)

(1) Três bandas acompanhadas de nove estrelas de *cinco* pontas, 1, 3, 3 e 2.

---

(76) Ver o n.º 21.



40

41

Localização:

— Sé Catedral.
— Tesouro da Sé Primaz. III Secção (Parte lapidar).

Procedência:

— Sé Catedral.
— De que local? (77).

Material: granito.

Época: primeiro quartel do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— O escudo assente sobre a cruz da Ordem de Cristo.
— Cruz dupla posta em pala atrás da Cruz de Cristo.
— Chapéu eclesiástico (mutilado) com cordões de três borlas pendentes a cada lado (1 e 2) (faltam as borlas do lado direito por mutilação).

---

(77) Em *Memorias de Braga,* tomo II, págs. 150 e 151: «Da parte do poente [do claustro], «existe [em 1890] a porta que vae para o côro e Cabido, com as armas do Arcebispo «D. Rodrigo de Moura Telles; assim como para a sachristia, vulgarmente chamada de baixo».



41

Escudo:

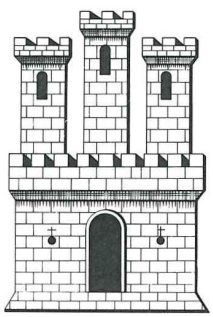
Composição: plena.

Leitura:

MOURA (1)

(1) Sete *torres* alinhadas em pala, 2, 3 e 2.

São as armas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728).



42

Localização:

— Igreja da Misericórdia.
— Frontaria.

Material: granito.

Época: ano de 1770 (78).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo.
— Coroa real (fechada com quatro hastes, em vez de oito).
— Motivos decorativos ladeando o escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

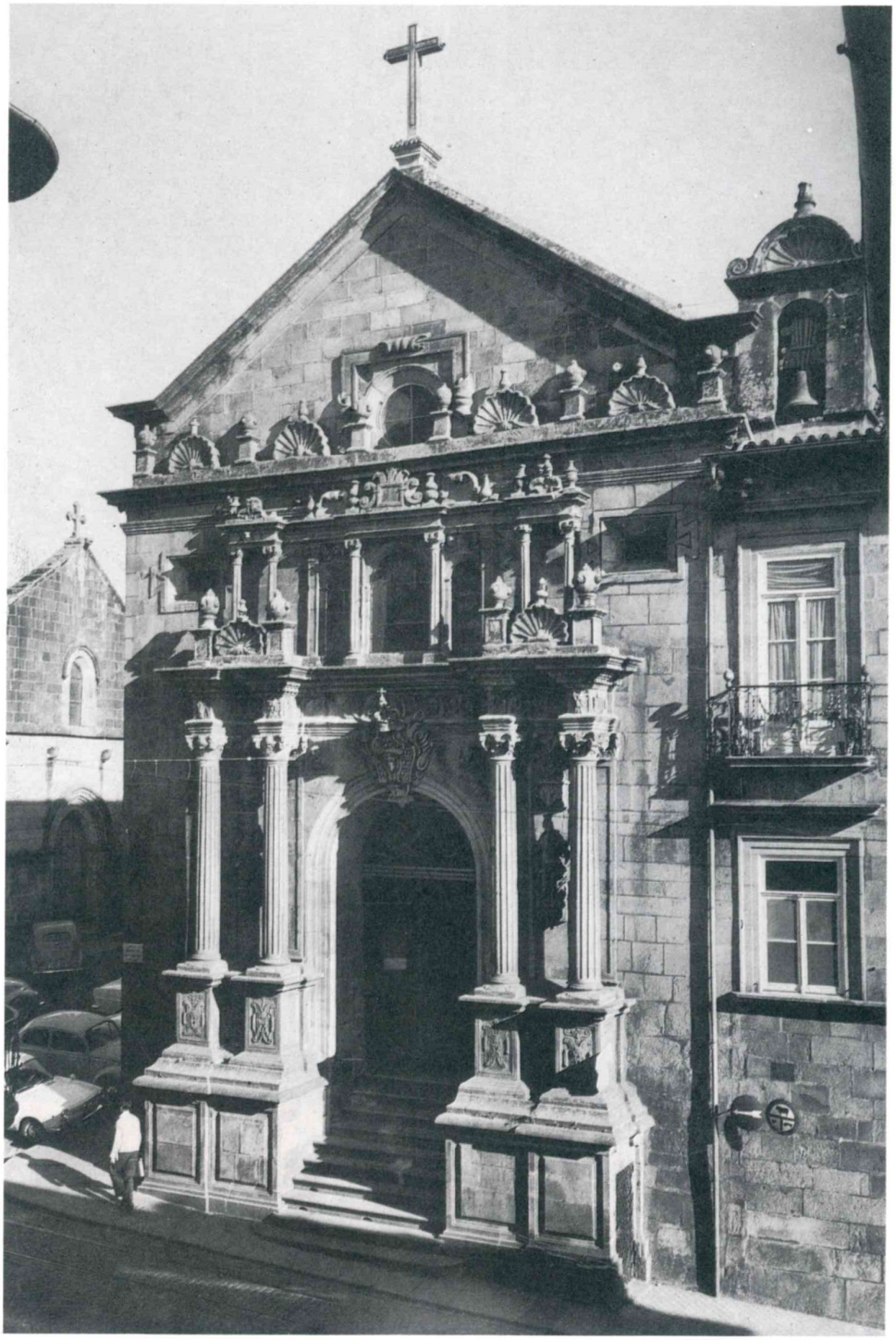
PORTUGAL (1)

(1) Com os escudetes carregados de cinco besantes *postos em cruz,* quando deviam estar *postos em aspa,* e a bordadura carregada de sete *torres torreadas,* em vez de sete *castelos.*

---

(78) Em *Memorias de Braga,* tomo II, pág. 175: «Correndo o anno de 1770, tiraram-se «as antigas escadas e grades, que a egreja [da Misericórdia] tinha junto á porta principal, e «pozeram-se-lhe na frontaria as armas reaes».





43

Localização:

— Rua do Souto.
— Fachada da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital.

Material: granito.

Época: ano de 1593 (79).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular, com correia.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— O conjunto descrito assente numa cartela decorativa.

Escudo:

Composição: plena.

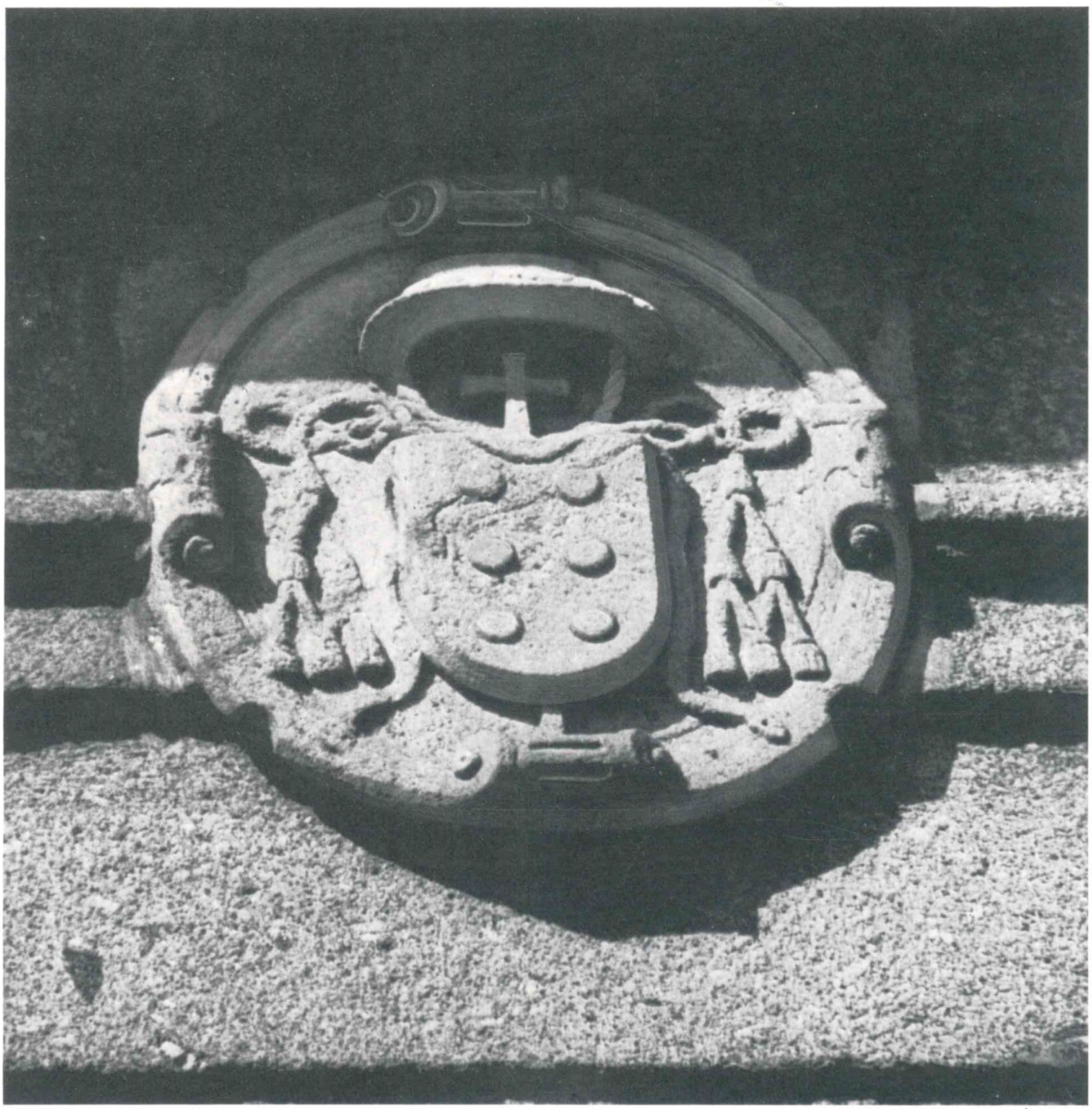
Leitura:

CASTRO, de seis (1)

(1) Seis arruelas, 2, 2 e 2.

São as armas do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609), no século

(79) Cf. inscrição a meio da fachada nascente.



43

D. Pedro de Castro, que nasceu em Lisboa a 16 de Outubro de 1537 e era filho de D. Fernando de Castro, governador da Casa do Cível de Lisboa, e de sua mulher, D. Maria de Ayala, filha dos Condes de Monsanto (80).



(80) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo III, pág. 72.

44

Localização:

— Largo do Paço.
— Fachada nascente da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital.

Material: granito.

Época: ano de 1593 (81).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular, com correia.
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— O conjunto descrito assente sobre uma cartela decorativa.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

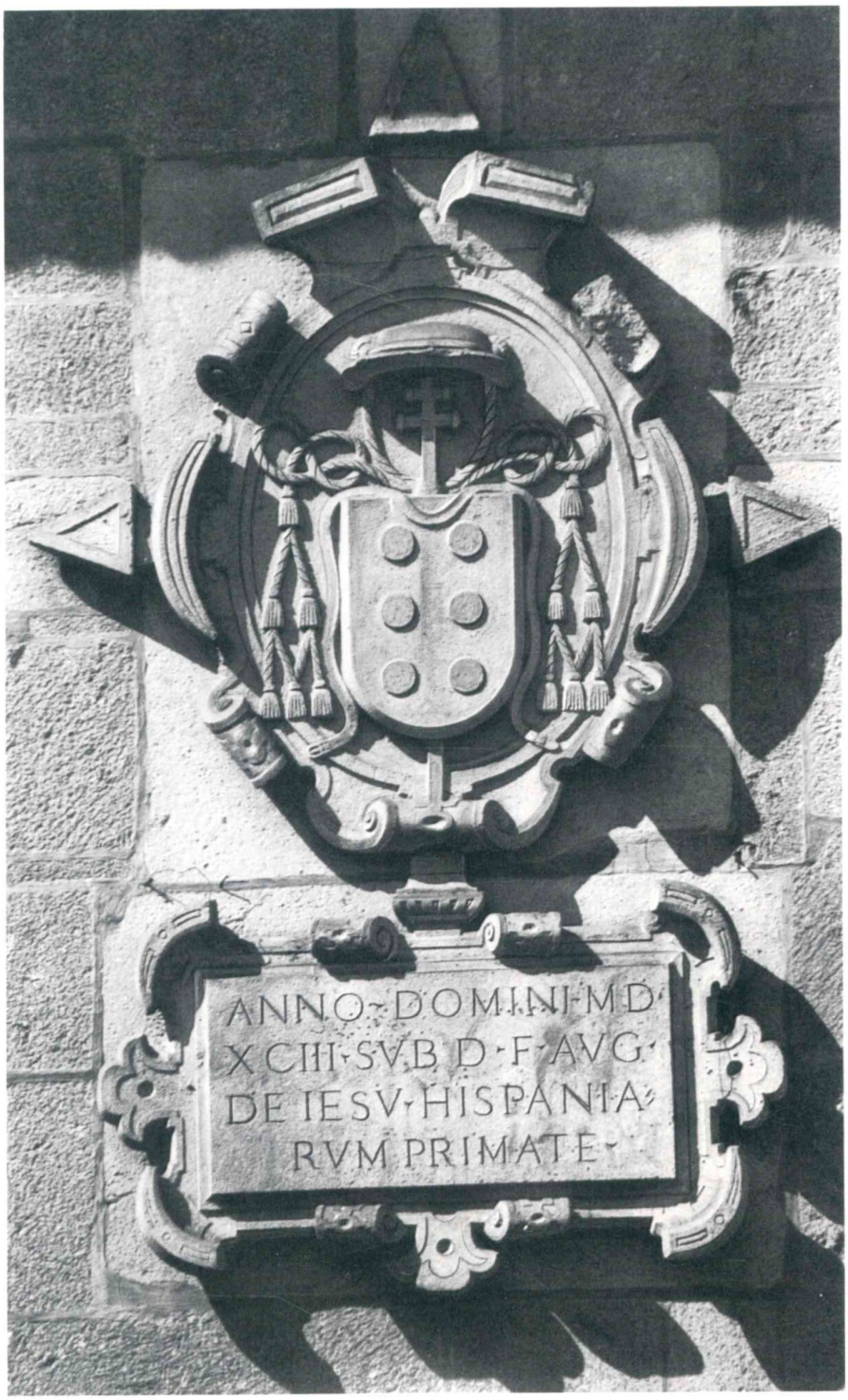
CASTRO, de seis (1)

(1) Seis arruelas, 2, 2 e 2.

São as armas do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609), no século D. Pedro de Castro.

---

(81) Cf. inscrição existente na fachada, inferiormente à pedra de armas.


ANNO·DOMINI·MD·
XCIII·SVB·D·F·AVG·
DE IESV·HISPANIA·
RVM PRIMATE·

45

Localização:

— Largo do Paço.
— Fachada do corpo central da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital.

Material: granito.

Época: ano de 1709 (82).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— O escudo assente sobre a cruz da Ordem de Cristo.
— Cruz dupla posta em pala atrás da Cruz de Cristo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— Coronel encimando o chapéu eclesiástico.
— O conjunto descrito assente sobre uma cartela decorativa.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

MOURA (1)

(1) Sete *torres* (em vez de sete *castelos*) alinhadas em pala, 2, 3 e 2.

---

(82) Data gravada na padieira da porta principal.



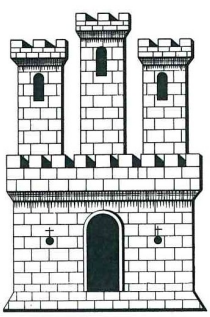
45



São as armas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728).

* * *

A meio do Largo do Paço há uma fonte monumental de granito, mandada construir pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, em 1723 (83), a qual é conhecida pela Fonte dos Castelos por ter, como principal motivo decorativo, várias torres (alusão ao apelido Moura).



(83) Cf. inscrição existente na fonte. Ver a pág. 137 (Largo do Paço).

46

Localização:

— Largo do Paço.
— Frontaria do Museu de D. Diogo de Sousa. Encimando a porta de entrada da direita (84).

Material: granito.

Época: fins da primeira metade do século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo de fantasia (cartela).
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I e IV SOUSA, do Prado (1)
II e III MANUEL DE VILHENA (2)

---

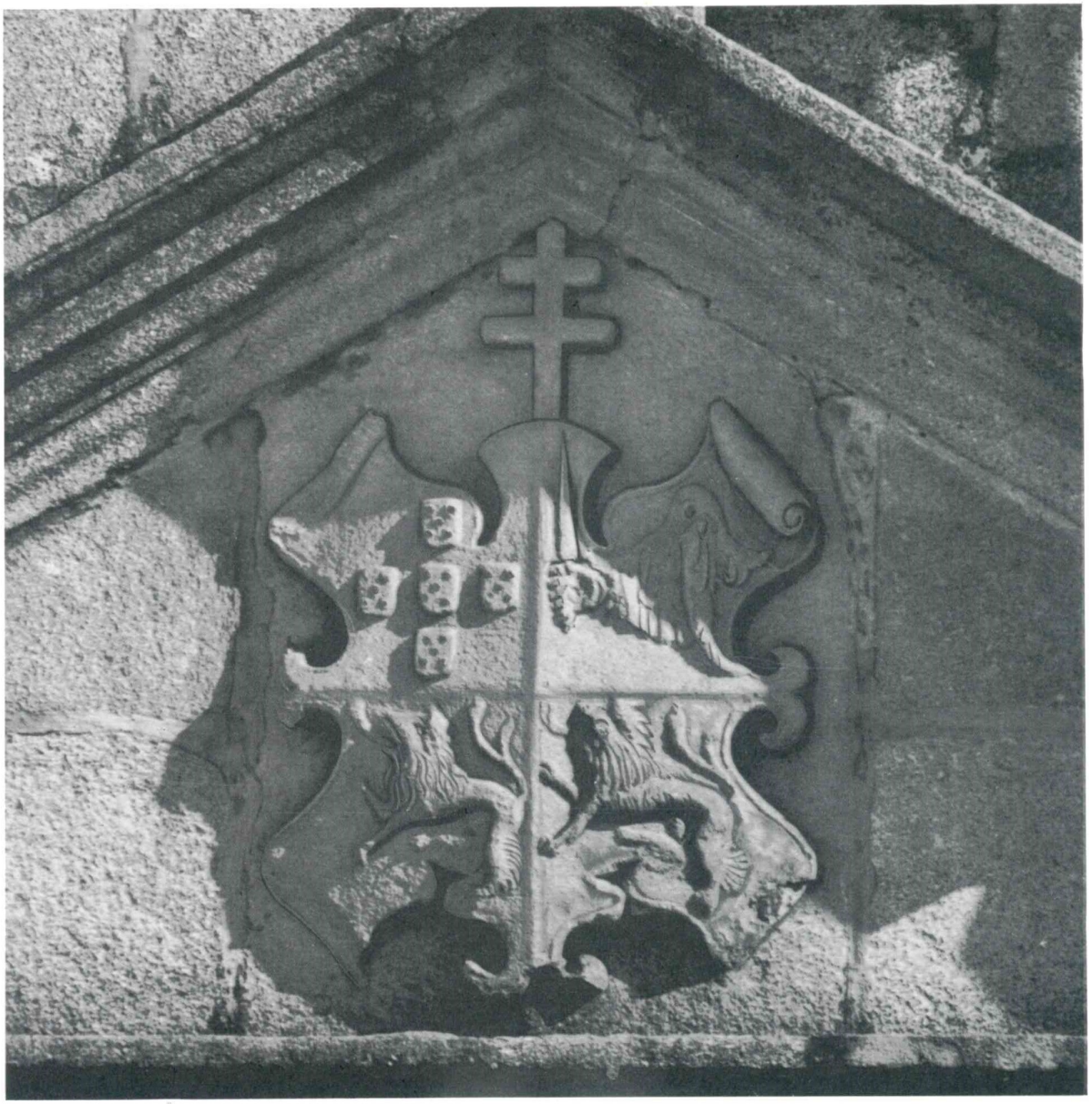
(84) Era a porta de entrada das casas do Auditório e Relação, mandadas fazer pelo Arcebispo D. Manuel de Sousa, – que nela pôs as suas armas (cf. *Da Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* etc., por D. Rodrigo da Cunha, 2.ª parte, pág. 342, e *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 456).

(1) Assim: no I cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no IV um leão. São armas dos Sousas, do Prado: *Esquartelado: no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no II e III um leão.*
(2) Assim: no II uma asa terminada por uma mão empunhando uma espada posta em pala e no III um leão. São armas consideradas dos Manuéis de Vilhena: *Esquartelado: no I e IV um leão coroado e no II e III uma asa terminada por uma mão empunhando uma espada posta em pala.*

São as armas do Arcebispo D. Manuel de Sousa (1545-1549), que era natural da cidade de Évora e filho de Rui de Sousa, senhor de Sagres e de Beringel, e de sua segunda mulher, D. Branca de Vilhena (85).



(85) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 441.



46



47

47

Localização:

— Largo do Paço.
— Frontaria do Museu de D. Diogo de Sousa. Encimando a porta de entrada da esquerda (86).

Material: granito.

Época: meados da primeira metade do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Cruz da Ordem de Cristo, sobre a qual assenta o escudo.
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás da Cruz de Cristo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— O conjunto descrito assente sobre uma cartela decorativa.

---

(86) O Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles mandou reedificar a Casa da Relação, que o Arcebispo D. Manuel de Sousa mandara construir nos fins da primeira metade do séc. XVI, e mandou fazer a Casa do Provisor, formando-se, assim, a ala nascente do Paço Arquiepiscopal, em correspondência à ala do poente, conhecida por *Galeria,* mandada edificar pelo Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus em 1593, e mandou pôr as suas armas na porta de entrada da Casa do Provisor (cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, pág. 456, e tomo III, pág. 239).

Escudo:

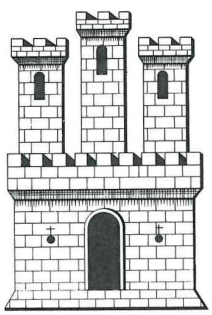
Composição: plena.

Leitura:

MOURA (1)

(1) Sete *torres* (em vez de sete *castelos*) alinhadas em pala, 2, 3 e 2.

São as armas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728).




L. Campos

TÚMULO DO ARCEBISPO D. DIOGO DE SOUSA.
CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE — SÉ CATEDRAL.

48

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Fonte, destruída, da antiga cerca do Convento dos Remédios (demolido) (87).

Material: granito.

Época: fins do século dezasseis ou princípios do século dezassete.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular, assente na Águia de Hipona e encimado por uma mitra.
— Cruz dupla posta em pala atrás da águia e passando por dentro da mitra.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CASTRO, de seis (1)

(1) Seis arruelas, 2, 2 e 2. Fizeram-se seis furos através da pedra de armas, partindo das seis arruelas, por onde a água, encanada, vinha cair na taça da fonte.

Armas dos Castros (de 6), usadas pelo Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609), no século D. Pedro de Castro, e a águia emblemática dos Eremitas de Santo Agostinho, de que foi Provincial.

---

(87) Informação de Manuel do Nascimento, digno jardineiro da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital.



48



49

49

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Mosteiro de Tibães? (88).

Material: granito.

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Coroa real.
— Motivos decorativos ladeando o escudo.

---

(88) O Dr. Alberto Feio Soares de Azevedo, que foi Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, era primo de José Monteiro Vieira Marques, já falecido, e da Senhora D. Maria Amália Monteiro Vieira Marques de Pádua, irmã deste, proprietários do Mosteiro de Tibães e da sua quinta. O Dr. Alberto Feio recolheu, na parte arruinada do mosteiro e na quinta, alguns azulejos e pedras trabalhadas, que trouxe para o Museu de D. Diogo de Sousa, o qual principiou a ser organizado em 1919. É provável que desse espólio recolhido constasse a pedra de armas em estudo. (Sugestão que me foi apresentada pelo meu Ex.mo Amigo Dr. Egídio Guimarães, ilustre e digníssimo Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga).

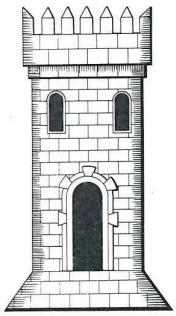
Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

HERÁLDICA BENEDITINA (1)

(1) Uma torre de dois andares, com um rio saindo da porta, assaltada, à sinistra, por um leão firmado num monte e tendo à dextra um báculo posto em pala, com a volta para a sinistra, e uma mitra enfiada nele, e em chefe um sol de dezasseis raios.



50

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Desconhecida.

Material: granito.

Época: segunda metade do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica municipal.

Escudo rectangular.

Escudo:

Composição: plena.

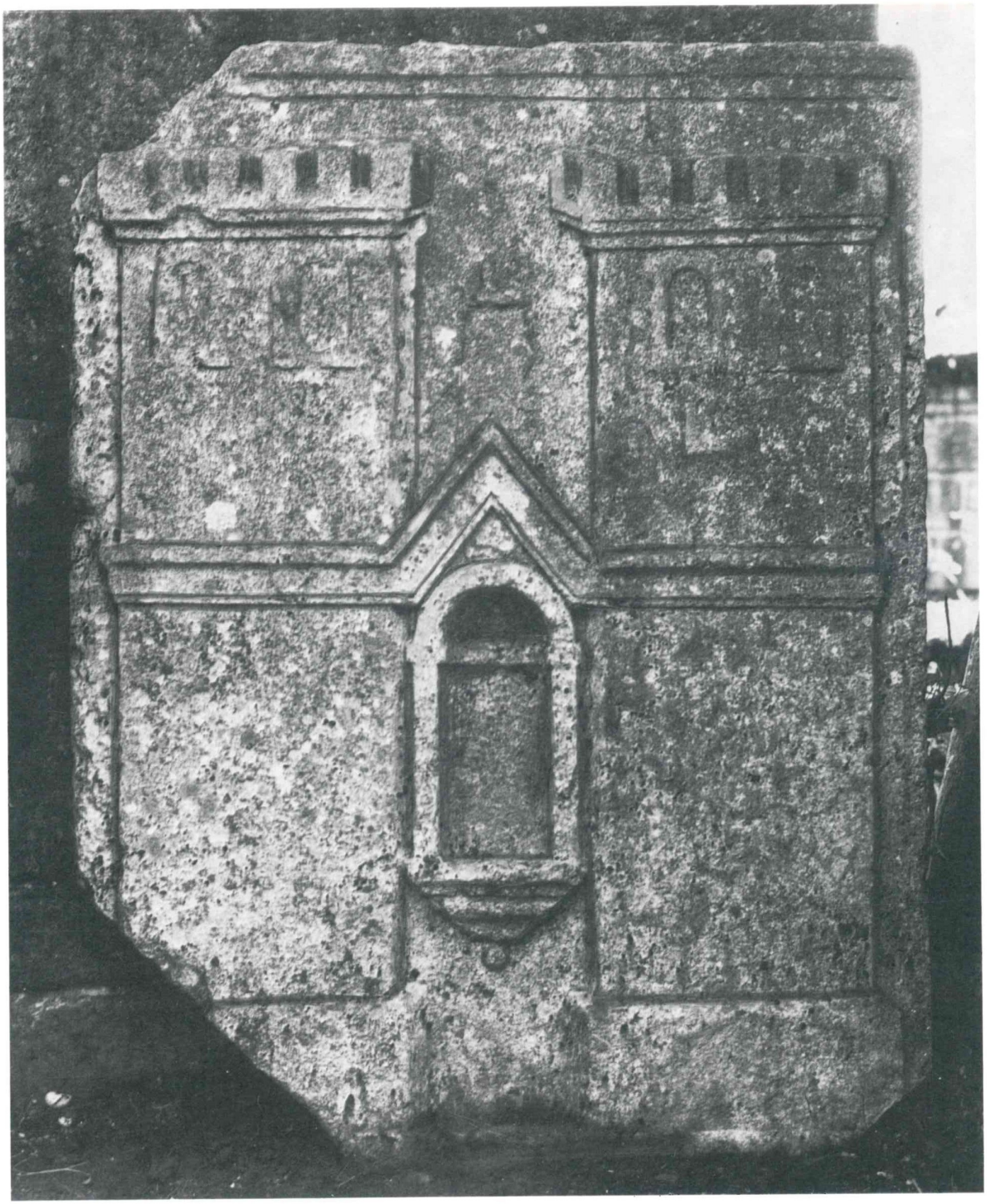
Leitura:

UMA DAS ARMAS ANTIGAS DA CIDADE DE BRAGA (1)

(1) Um nicho entre duas torres, no qual falta a imagem de Santa Maria de Braga (89).

---

(89) Ver *O Brasão de Braga,* por Alberto Feio, *in* «Bracara Augusta», vol. V, n.º 4 (29).



50

51

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Convento dos Remédios, em Braga, demolido em 1911.

Material: granito.

Época: primeiro quartel do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto, — num capitel isolado (90):

— Escudo ovalado.
— Coronel.
— Cruz da Ordem de Cristo, sobre a qual assenta o escudo.
— Cruz dupla posta em pala atrás da Cruz de Cristo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— O conjunto descrito assente sobre uma cartela decorativa.

---

(90) Na face oposta do capitel àquela onde se encontram as armas está uma esfera armilar posta sobre uma Cruz de Cristo assente numa cartela decorativa e uma cruz simples posta em pala atrás da cartela. Este capitel era do antigo Convento dos Remédios (informação de Manuel do Nascimento, digno jardineiro da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital).



51

Escudo:

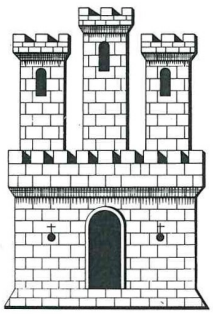
Composição: plena.

Leitura:

MOURA (1)

(1) Sete *torres* alinhadas em pala, 2, 3 e 2.

São as armas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728).



52

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Casa ou Alfândega do Peixe Fresco? (91).

Material: granito.

Época: entre 1758 e 1789.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo ovalado, assente numa cartela decorativa.
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás da cartela e passando por dentro do coronel.
— Chapéu da dignidade de arcebispo.

---

(91) Em *Memorias de Braga*, tomo I, pág. 42: «Este barracão, para a venda do peixe fresco, «assim a pezo como a olho, construido na rua da Carcova, foi obra da camara, a qual lhe «mandou collocar as armas do serenissimo Arcebispo D. Gaspar, por ser obra feita no tempo «do seu pontificado».

Escudo:

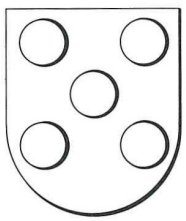
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres torreadas* em vez de sete *castelos.*

São as armas de D. Gaspar de Bragança, filho legitimado de D. João V e de D. Madalena Máxima de Miranda Henriques, da Casa dos Mirandas Henriques, de Lisbòa, na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1758-1789).





52

53

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Convento dos Remédios, demolido em 1911. Cunhal entre o Largo dos Remédios (hoje Largo de Carlos Amarante) e a Rua de S. Marcos.

Material: granito.

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Conjunto:

— Escudo de fantasia (cartela).
— Coroa de espinhos.
— Cartela decorativa sobre a qual assentam o escudo e a coroa de espinhos.

Escudo:

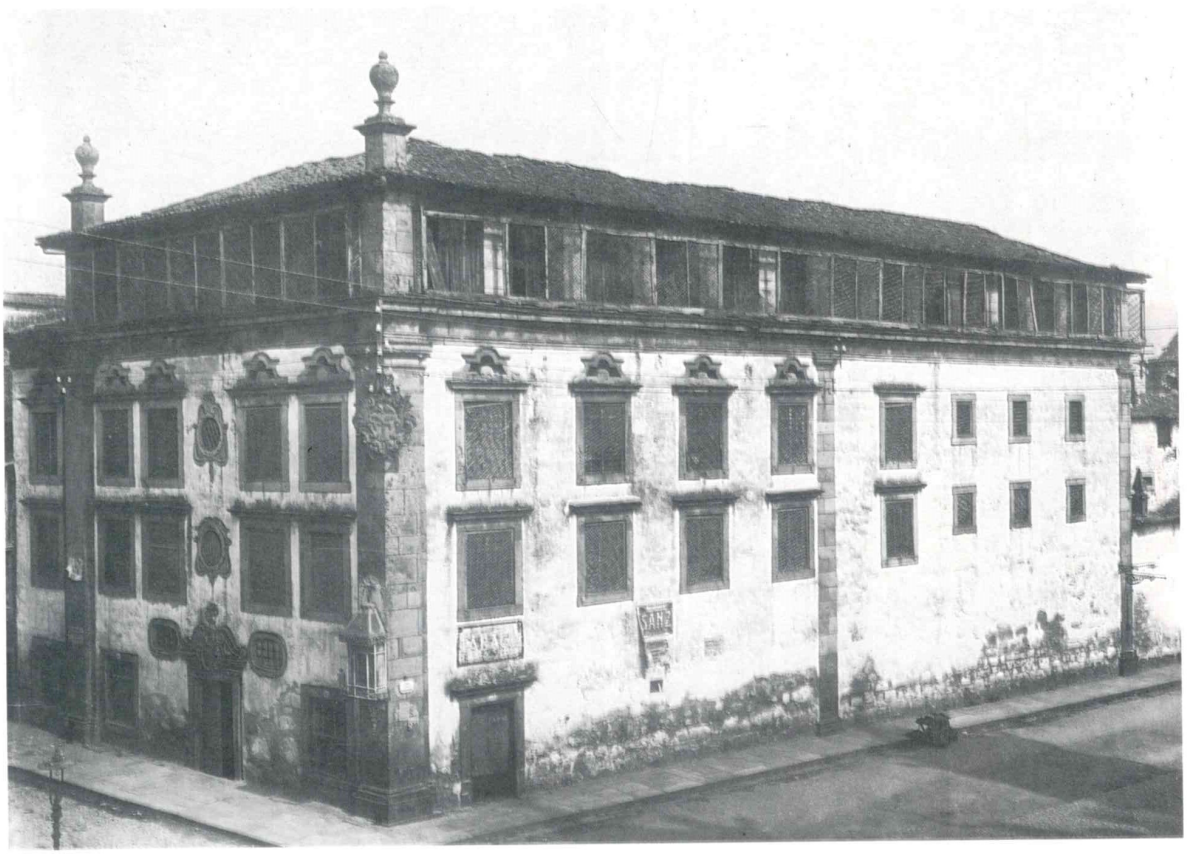
Composição: plena.

Leitura:

ORDEM DE S. FRANCISCO (1)



(1) Assim: cruz latina, maçanetada, firmada num monte, e dois braços moventes, cada um, de uma nuvem, passados em aspa e brocantes sobre a cruz, o primeiro nu e o segundo vestido, as duas mãos cravadas nos braços laterais da cruz. São armas da Ordem: *de prata, dois braços, dextrochero e sinistrochero, de carnação, estigmatizados nas mãos, que abraçam uma cruz alçada de vermelho, estando o dextrochero revestido duma manga de capuchinho, os dois braços moventes dos «cumulus» dos flancos* (92).



Convento dos Remédios, demolido em 1911.

(Arquivo fotográfico do «Estúdio Arcelino», em Braga)

---

(92) Cf. *Heráldica, Ciência de Temas Vivos,* por F. P. de Almeida Langhans, vol. I, pág. 394. Alguns conventos da Ordem trazem o campo do escudo e a cruz com outros esmaltes.

54

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar. Tampa da sepultura rasa de Pedro da Cunha Sotomayor e de seu filho Jerónimo da Cunha Sotomayor.

Procedência:

— Igreja dos Remédios, em Braga (demolida).

Material: granito.

Época: Jerónimo da Cunha Sotomayor faleceu em 1712.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês.
— Cruz da Ordem de Cristo, sobre a qual assenta o escudo.
— Coronel de nobreza.
— Paquife saindo do interior do coronel.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I CUNHA (1)
II SOTOMAYOR (2)

(1) Assim: três faixas, cada uma carregada de três cunhas. São armas dos Cunhas: *nove cunhas, 3, 3 e 3.*
(2) Três faixas, cada uma xadrezada de três tiras.

* * *

Inscrição tumular:

AQVI IAZ PEDRO DA
CVNHA SOTOMA
OR E IERONIMO
DA CVNHA SO
TOMAIOR AL
QVAIDES MORES
DE BRAGA
R. I. P.

* * *

Pedro da Cunha Sotomayor. Baptizado na freguesia da Cividade a 25 de Setembro de 1612 (93) e falecido na Quinta das Lajes, em S. Vítor, junto a S. João da Ponte, a 10 de Dezembro de 1683, sendo sepultado na Igreja do Convento dos Remédios (94). Filho de Jerónimo da Cunha Sotomayor, senhor da Quinta de Matamá, no termo de Guimarães, etc., cidadão de Braga, vereador em 1622, 1623 e 1637, juiz ordinário em 1630 e 1635, e de sua 1.ª mulher, D. Ana da Fonseca de Abreu, senhora da Quinta das Lajes (95), em Braga, junto à ponte de Guimarães. Foi alcaide-mor de Braga (tomou posse a 20 de Abril de 1652), fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e senhor da Quinta de Matamá e da das Lajes (ou de Bretas), em Braga. Casou a primeira vez, na freguesia da Cividade, a 7 de Fevereiro de 1640 (96), com D. Mariana Campelo, filha de João Baptista Ferreira, cidadão de Braga, escrivão da Nota Geral, e de sua mulher, Ângela Dias Campelo, — com geração. Casou a segunda vez com D. Isabel de Azevedo, natural de Provesende, filha de Mateus Fróis Ferreira e de sua mulher, D. Isabel Fernandes de Azevedo, — sem geração.
Jerónimo da Cunha Sotomayor. Filho dos atrás citados Pedro da Cunha Sotomayor

---

(93) Livro Misto n.º 1, fl. 44v. Arquivo Distrital de Braga.
(94) Livro de Óbitos n.º 1 de S. Vítor, fl. 36 v., e Livro de Óbitos n.º 1 de S. João do Souto, fl. 149. Arq. Dist. de Braga.
(95) O portão da Casa das Lajes tinha pedra de armas (cf. *Mappa das Ruas de Braga*, fl. 40 («Rua do Paymanta»), 1750, — Arq. Dist. de Braga — Gabinete da Direcção).
(96) Livro Misto n.º 2, fl. 105. Arq. Dist. de Braga.



54

e sua primeira mulher, D. Mariana Campelo. Baptizado em S. Vítor a 13 de Janeiro de 1641 (97) e falecido na Quinta das Lajes a 28 de Novembro de 1712, sendo sepultado na Igreja do Convento dos Remédios (98). Foi alcaide-mor de Braga (tomou posse a 17 de Julho de 1670, em vida de seu pai), fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, tenente de cavalos, capitão de infantaria, vereador em 1705, etc., familiar do Santo Ofício, senhor da Quinta de Matamá e da das Lajes (ou de Bretas). Casou com D. Isabel de Mendonça, administradora dos vínculos de Pena de Águia e Arroeda, no couto de Provesende, filha de João Soares de Mendonça, administrador daqueles vínculos, fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Filipa de Sousa e Alvarenga Mourão, de Vila Real, — com geração. (99)

•

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Cunhas Sotomayores,* — separata (1967) de «Bracara Augusta», vol. XX — fasc. 45-46 (57-58).

---

(97) Livro Misto n.º 4, fl. 132. Arq. Dist. de Braga.

(98) Livro de Óbitos n.º 2 de S. Vítor, fl. 195, e Livro de Óbitos n.º 3 de S. João do Souto, fl. 125 v. Arq. Dist. de Braga.

(99) Arquivo do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

55

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar. Tampa da sepultura rasa do Cónego Bento da Rocha de Araújo Pimentel.

Procedência:

— Igreja do Convento dos Remédios, em Braga (demolidos). O Cónego Bento da Rocha de Araújo Pimentel foi sepultado no Convento dos Remédios (cf. assento de óbito).

Material: granito.

Época: o Cónego Bento da Rocha de Araújo Pimentel faleceu a 29 de Março de 1670 ([100]).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo peninsular, posto ao balão, com suas correias.
— Elmo aberto, gradeado, posto a três quartos à direita, com virol, paquife e timbre.

([100]) Livro de Óbitos n.º 1 da freguesia da Sé, fl. 112 v.



55

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

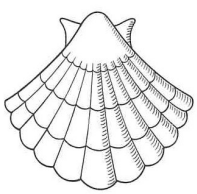
I e IV PIMENTEL (1)
II e III ARAÚJO (2)

Timbre de PIMENTEL (3)

(1) Assim: esquartelado, tendo no I e IV três faixas e no II e III cinco vieiras. São armas dos Pimentéis: *Esquartelado: o I e IV com três faixas; o II e III com três* ou *cinco vieiras; e bordadura carregada de oito cruzes páteas* ou de *oito aspas.*
(2) Aspa carregada de cinco besantes.
(3) Touro sainte com uma vieira na testa. A vieira quase gasta pelo tempo.

* * *

Ver o n.º 144, no 2.º tomo.



56

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Castelo da cidade (101).

Material: granito.

Época: ano de 1375 (102).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Assim: cinco escudetes postos em cruz, os dos flancos apontados ao do centro, cada escudete carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de catorze castelos, cinco em chefe, quatro em cada flanco e um em ponta.

---

(101) Informação de Manuel do Nascimento, digno jardineiro da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital.

(102) Ver o n.º 58. Em *Braga na História. Elementos para o seu estudo,* por Sérgio da Silva Pinto, págs. 27 e 28: «As providências militares de D. Fernando [1367-1383], em Braga — «o muro alto, as cinco torres de guerra, a reforma do castelo — devem ter sido iniciadas só «depois da paz de Santarém (1373)».



56

57

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Castelo da cidade (103).

Material: granito.

Época: fins do século catorze.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo clássico.
— O escudo assente sobre a cruz da Ordem de Avis.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL
Cruz de Avis } (1)

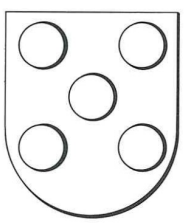
---

(103) Informação de Manuel do Nascimento, digno jardineiro da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital.



(1) Assim: cinco escudetes postos em cruz, os dos flancos apontados ao do centro, cada escudete carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de doze castelos, quatro em chefe e quatro em cada flanco; o escudo assente sobre a Cruz de Avis.

Escudo com as armas de Portugal sobreposto à Cruz de Avis: arranjo heráldico usado por D. João I (1385-1433) antes de incluir dentro do escudo a cruz da ordem de que fora Mestre. Assim se vêem no painel central do tríptico da Natividade oferecido pelo Rei de Boa Memória, depois da batalha de Aljubarrota, a Santa Maria de Guimarães, e na pedra de armas encimando o pórtico sul do Mosteiro da Batalha ([104]).



([104]) Ver *Heráldica, Ciência de Temas Vivos,* por F. P. de Almeida Langhans, vol. II.

58

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Castelo da cidade (105).

Material: granito.

Época: ano de 1375 (106).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo clássico.

Escudo:

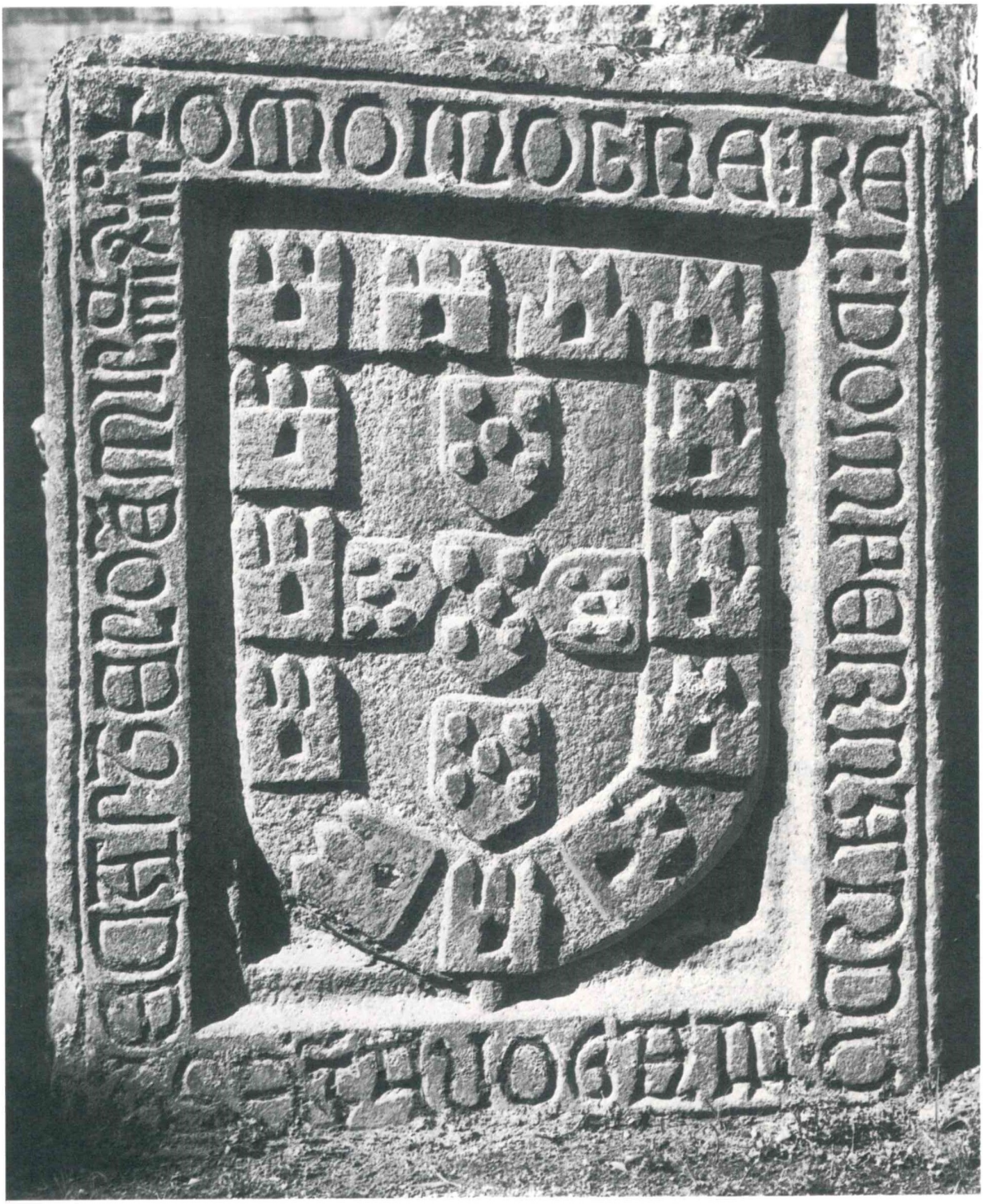
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

---

(105) Cf. *Inscripções e Lettreiros da Cidade de Braga e algumas freguezias ruraes,* pág. 66.
(106) Cf. inscrição.

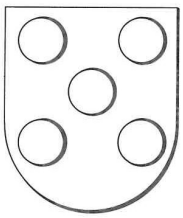


(1) Assim: cinco escudetes postos em cruz, os dos flancos apontados ao do centro, cada escudete carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de treze castelos, quatro em chefe, quatro em cada flanco e um em ponta.

* * *

Inscrição:

✠ O MOI NOBRE ⁝ REI ⁝ DOM FERNANDO ⁝ MA[N]DOU F[A]Z[ER] ESTE CASTELO E[M] MILIIIIc XIII



59

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Convento dos Remédios (demolido)?

Material: granito.

Época: entre 1741 e 1756.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.
— Cruz dupla posta em pala atrás da cartela.
— Chapéu eclesiástico com cordões de quinze borlas de cada lado (1, 2, 3, 4 e 5).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres torreadas* em vez de sete *castelos.*

São as armas de D. José de Bragança, filho legitimado de D. Pedro II e de D. Francisca Clara da Silva, na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1741-1756).



60

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Convento dos Remédios (demolido em 1911), em Braga. «Sobre a antiga porta «principal do convento existem esculpturadas em marmore as armas da Ordem «Franciscana com estes dizeres no campo: ARMA MILICIÆ (*sic*) NOSTRÆ» (107).

Material: pedra de Ançã.

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I ORDEM DE S. FRANCISCO (1)
II AS CINCO CHAGAS DE CRISTO (2)

---

(107) Em *Archeologia Christã*, pág. 172.

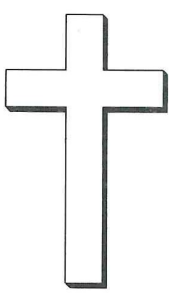


60

Em chefe a legenda ARMA MILITIÆ NOSTRÆ.

Ponta enxertada, com três cravos da Paixão, reunidos em ponta.

(1) Assim: uma cruz latina, com o letreiro INRI, e dois braços moventes dos flancos, passados em aspa e brocantes sobre a cruz, o primeiro nu e o segundo vestido, as duas mãos cravadas nos braços laterais da cruz, esta firmada num monte carregado duma caveira e dum martelo. São armas da Ordem: *de prata, dois braços, dextrochero e sinistrochero, de carnação, estigmatizados nas mãos, que abraçam uma cruz alçada de vermelho, estando o dextrochero revestido duma manga de capuchinho, os dois braços moventes dos «cumulus» dos flancos* (108).
(2) Cinco chagas. O escudo com as cinco chagas de Cristo aparece, com frequência, nas edificações franciscanas (*de ouro, cinco chagas de vermelho*).



(108) Cf. *Heráldica, Ciência de Temas Vivos,* vol. I, pág. 394. Alguns conventos da Ordem trazem o campo do escudo e a cruz com outros esmaltes.

61

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Convento dos Remédios (demolido em 1911), em Braga. «A cerca do convento, «que toma todas as trazeiras das casas da rua de S. Marcos, foi ampliada em «1741 com a compra de alguns quintaes e casas do doutor Eusebio do Val «Façanha, á entrada da rua das Aguas, onde ainda se conserva o mirante com o «brazão do Arcebispo D. José de Bragança, collocado na esquina esquerda do «edificio por ordem das freiras, em attenção aos serviços que lhes prestára o «Prelado, obtendo de el-rei, no anno de 1751, um subsidio da renda do real «d'agua para se construir o muro de vedação da cerca á margem da rua da «Palmatoria» (109).

Material: granito.

Época: princípios da segunda metade do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

---

(109) Cf. *Archeologia Christã,* pág. 172.



61

— Cruz dupla posta em pala atrás da cartela.
— Chapéu eclesiástico com cordões de quinze borlas de cada lado (1, 2, 3, 4 e 5).

Escudo:

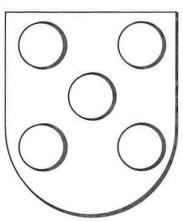
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres torreadas* em vez de sete *castelos*.

São as armas de D. José de Bragança, filho legitimado de D. Pedro II, na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1741-1756).



62

Localização:

— Museu de D. Diogo de Sousa.
— Secção lapidar.

Procedência:

— Desconhecida.

Material: granito.

Época: primeiro quartel do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo em forma de coração.
— O escudo assente sobre a cruz da Ordem de Cristo.

Escudo:

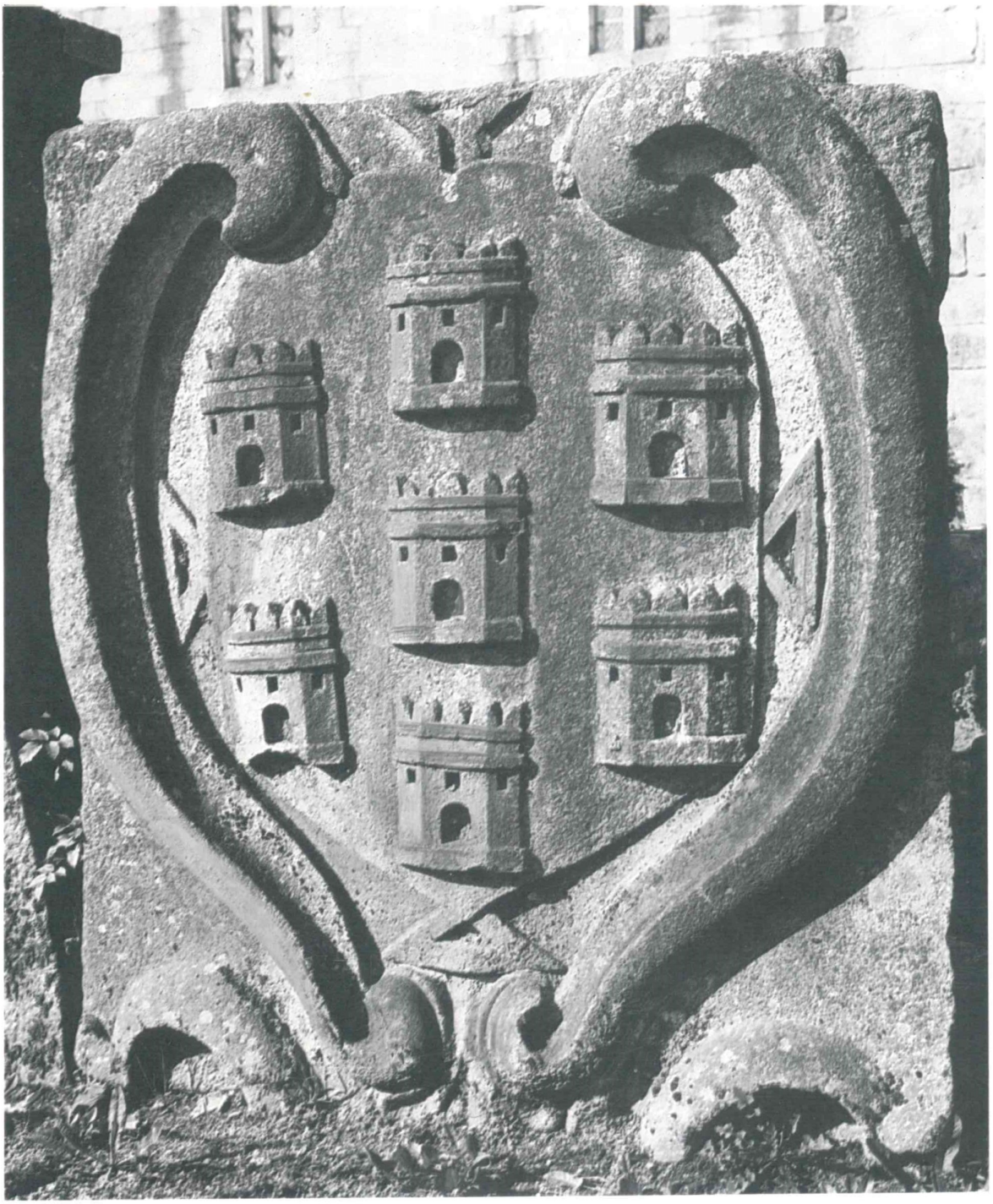
Composição: plena.

Leitura:

MOURA (1)

(1) Sete *torres* alinhadas em pala, 2, 3 e 2.

Pedra de armas mandada fazer pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728).



62

63

Localização:

— Antigo Paço Arquiepiscopal (parte medieval).
— Encimando uma porta de entrada, na fachada norte.

Material: granito.

Época: meados do segundo quartel do século vinte (110).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular, com os bordos gravados na parede.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PEREIRA (1)

(1) Uma cruz florenciada e vazia. A cruz representada *elevada,* gravada no campo do escudo.

As armas dos Pereiras foram usadas pelo Arcebispo D. Gonçalo Pereira (1326-1348), que era filho do Conde D. Gonçalo Pereira e de sua primeira mulher, D. Urraca Vasques Pimentel, e foi avô paterno do Condestável D. Nuno Álvares Pereira (111).

---

(110) Esculpiu-se a pedra de armas em 1936, quando se restaurava o Paço (informação de Manuel do Nascimento, digno jardineiro da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital). O Paço Arquiepiscopal foi construído por D. Gonçalo Pereira (1326-1348) e acrescentado por D. Fernando da Guerra (1416-1467) (cf. *Resenha Histórica de Braga Medieval,* por Sérgio da Silva Pinto, págs. 21 e 28) e restaurado pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em meados do segundo quartel do século actual.

(111) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo II, págs. 126 e 127.



63



64

Localização:

— Edifício da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital. Frontaria (à direita).

Material: granito.

Época: meados do século dezoito (112).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás da cartela sobre que assenta o escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de quinze borlas de cada lado (1, 2, 3, 4 e 5).
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

---

(112) Em *Diario Bracarense das Epocas, Fastos, e Annaes mais remarcaveis,* por Manoel Joze da Silva Thadim, pág. 159, ms. (principiado em 1748) pertencente ao arquivo do Dr. Manuel António Braga da Cruz, em Braga: «Dipois, que o Senhor D. Joze se recolheo a «Braga fez continuar com as obras da fronteira do seo Palacio do Campo dos Touros, e Capella «a qual se acabou de todo, e se benzeo no dia 16. de Agosto deste corrente anno [de 1751]».



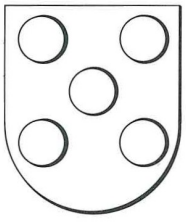
64



64-65

(1) A bordadura carregada de sete *torres torreadas* em vez de sete *castelos*.

São as armas de D. José de Bragança, filho legitimado de D. Pedro II, na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1741-1756).



65

Localização:

— Edifício da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital. Frontaria (à esquerda).

Material: granito.

Época: meados do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás da cartela sobre que assenta o escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de quinze borlas pendentes a cada lado (1, 2, 3, 4 e 5).
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres torreadas* em vez de sete *castelos.*

São as armas do Arcebispo D. José de Bragança, filho legitimado de D. Pedro II, na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1741-1756).



65

66

Localização:

— Praça do Município.
— Casa dos Costas Pereiras. Frontaria.

Material: granito.

Época: último quartel do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo.
— Coronel de nobreza.
— Motivos vegetais ladeando o escudo.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I COSTA (1)
II VILHANA (2)
III PEREIRA (3)
IV COUTINHO (4)

(1) Seis costas, 2, 2 e 2, firmadas nos flancos.
(2) Com a asna firmada e as estrelas com seis pontas. São armas dos Vilhanas: *uma asna solta acompanhada de três estrelas de oito pontas.* Neste quartel esculpiram-se as armas dos *Vilhanas* em vez daquelas que são consideradas dos

Manuéis de Vilhena, que são um esquartelado com um leão coroado no I e IV quartéis e uma asa terminada por uma mão empunhando uma espada posta em pala no II e III. Traz Braamcamp Freire na sua *Armaria Portuguesa,* em *Vilhana:* «— Em *Port.* corrompeu-se o apelido em VILHENA e destas armas usaram os «desta familia em Penedono e Braga».
(3) Uma cruz florenciada e vazia.
(4) Cinco estrelas de cinco pontas.

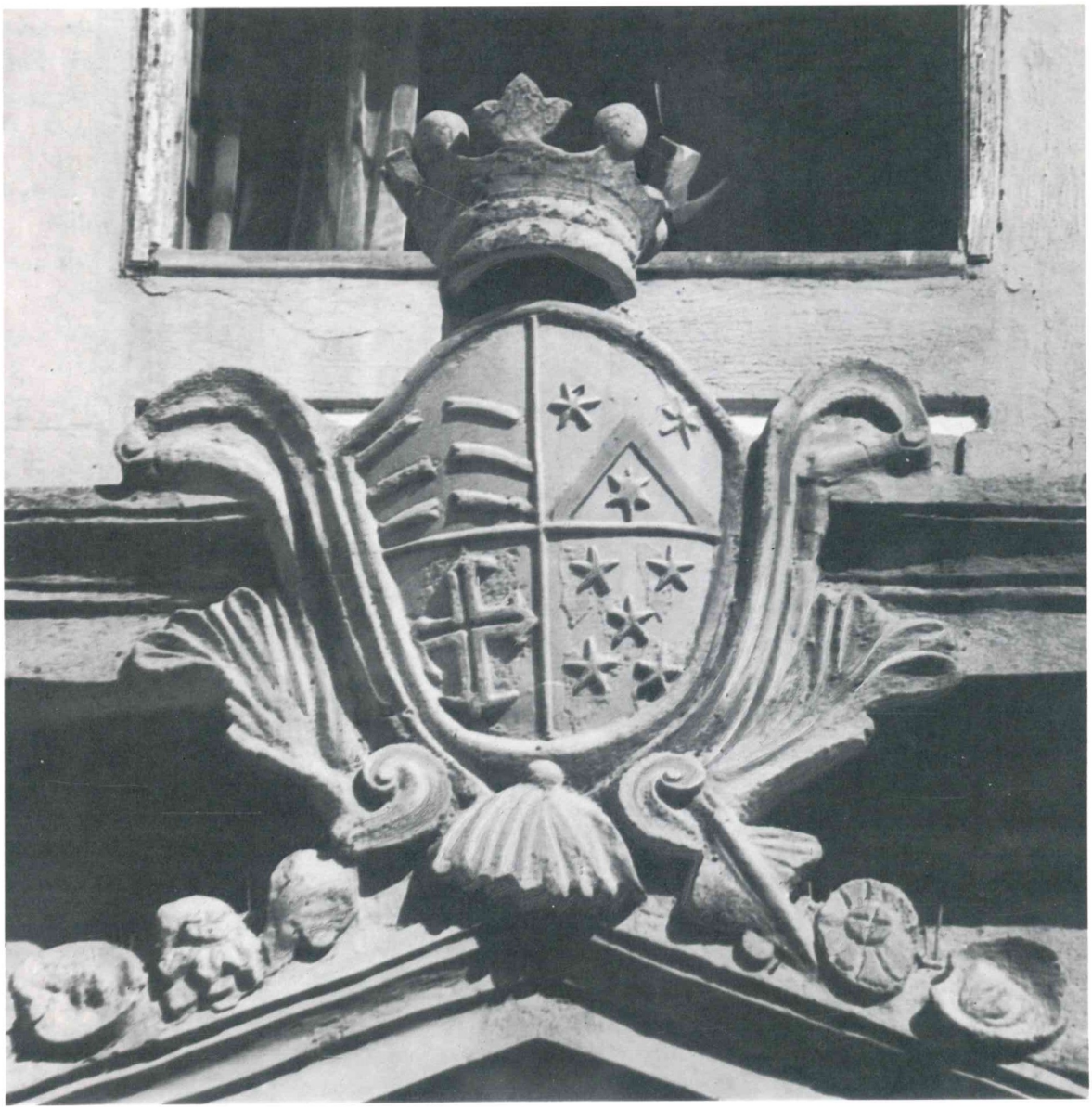
* * *

A pedra de armas foi mandada esculpir e colocar na frontaria da casa por D. Luís Xavier da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, fidalgo capelão da Casa Real, deão da Sé Primaz, — que foi quem mandou construir a casa, cujo risco se deve a Carlos Amarante. Tendo nascido na freguesia de S. Paio, na vila dos Arcos de Valdevez, a 20 de Setembro de 1755 (113) e falecido em Braga, na freguesia da Sé, a 10 de Outubro de 1795 (114), foram seus pais Rodrigo António da Costa Pereira, tenente-coronel de Infantaria, governador de Melgaço, sargento-mor e mestre de campo de auxiliares de Basto, major de milícias de Braga, fidalgo cavaleiro da Casa Real, fidalgo de cota de armas, etc., senhor da casa no Campo da Vinha, em Braga, que seu filho Gaspar reedificou (115), da Casa do Terreiro e administrador do vínculo de S. José, nos Arcos de Valdevez, e do vínculo da Roda, em Bravães, no concelho de Ponte da Barca, e de sua mulher, D. Inácia Maria Clara de Vilhena Coutinho, açafata da Rainha D. Maria I e irmã do 1.º Marquês de Soidos.

De Rodrigo António da Costa Pereira e sua mulher houve vários filhos, entre eles Gaspar José Joaquim da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, sucessor, fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, bacharel formado em Leis, alcaide-mor de Ervededo, senhor do Paço de Palmeira (na quinta que foi conhecida por Quinta do Vale do Bico), em Palmeira, no concelho de Braga, que comprou à Casa de Lafões, e que nasceu na freguesia de S. Paio, na vila dos Arcos de Valdevez, na Casa do Terreiro, a 29 de Dezembro de 1756 (116) e faleceu em S. João do Souto, em Braga, na sua casa no Campo da Vinha, a 29 de Junho de 1820 (117), tendo casado três vezes (com geração), sendo sua terceira mulher D. Maria José Teixeira de Carvalho Favarote, que faleceu em S. João do Souto, na

---

(113) Livro de Nascimentos n.º 1, fl. 83. Arq. Dist. de Braga.
(114) Livro de Óbitos n.º 5, fl. 87. Arq. Dist. de Braga.
(115) Esta casa é hoje propriedade da Câmara Municipal de Braga que nela tem instalados o Tribunal e outras repartições.
(116) Livro de Nascimentos n.º 1, fl. 93 v. Arq. Dist. de Braga.
(117) Livro de Óbitos n.º 6, fl. 73 v. Arq. Dist. de Braga.



66



casa do Campo da Vinha, a 2 de Fevereiro de 1836 (118), filha de Nicolau Rodrigues Pereira de Carvalho, moço da Real Câmara, e de sua mulher, D. Ana Joaquina de Favarote e Brito, — dos quais é terceira neta, por varonia legítima, D. Maria Isabel Violante da Costa Pereira de Vilhena Coutinho (119), que segue:

1 — D. MARIA ISABEL VIOLANTE DA COSTA PEREIRA DE VILHENA COUTINHO. Nasceu na freguesia de Marvila, na cidade de Santarém, a 26 de Março de 1904, filha única de António Luís Pereira Coutinho de Vilhena, co-proprietário do Paço de Palmeira e da casa na Praça do Município de Braga, antigo agente do Banco de Portugal em Santarém e em Braga, e de sua 1.ª mulher, D. Elisa de Carvalho Prostes da Fonseca Pimentel Pinto. Actual senhora da casa da Praça do Município de Braga e, com seus filhos, da Casa do Ameal, na freguesia de Meadela, no concelho de Viana do Castelo. Casou na capela do Paço de Palmeira, na freguesia de Palmeira, no concelho de Braga, a 11 de Junho de 1924, com Jacinto Pereira de Magalhães de Faria Araújo, que nasceu na Casa do Ameal a 31 de Maio de 1890 e faleceu na mesma casa a 18 de Dezembro de 1960, senhor da Casa do Ameal, capitão de Infantaria no Batalhão de Caçadores 9 em Viana do Castelo e director da Carreira de Tiro da dita cidade, filho único de João Pereira de Faria Araújo, senhor da Casa do Ameal, e de sua 2.ª mulher e prima, D. Maria Augusta de Magalhães Coelho Cerqueira de Queirós, da Casa de S. Brás da Torre, na freguesia de Figueiredo, no concelho de Braga.

Filhos:

2 — *João da Costa Pereira de Faria Araújo de Magalhães e Abreu.* Nasceu na Casa do Ameal a 8 de Fevereiro de 1925 e aí faleceu a 17 do mesmo mês e ano.

2 — *João Maria da Costa Pereira de Magalhães Faria Araújo.* Nasceu na freguesia de S. Lázaro, na cidade de Braga, a 24 de Fevereiro de 1926. Casou no Santuário do Sameiro, junto a Braga, a 24 de Setembro de 1960, com D. Maria Manuela da Silva Pereira da Rocha Peixoto, que nasceu a 27 de Janeiro de 1927, filha do Dr. Manuel Bento da Rocha Peixoto, médico em Braga, e de sua mulher, D. Laura da Silva Pereira.

Filhos:

3 — *Jacinto Manuel da Rocha Peixoto de Faria Araújo.* Nasceu em S. Lázaro, em Braga, a 1 de Julho de 1961.

---

(118) Livro de Óbitos n.º 6, fl. 208. Arq. Dist. de Braga.

(119) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

3 — *João Pedro da Rocha Peixoto de Faria Araújo*. Nasceu em S. Vicente, em Braga, a 24 de Dezembro de 1962.

3 — *Manuel Bento da Rocha Peixoto de Faria Araújo*. Nasceu em S. Vicente a 9 de Abril de 1964.

3 — *D. Maria do Rosário da Rocha Peixoto de Faria Araújo*. Nasceu em S. Vicente a 23 de Maio de 1965.

2 — *D. Maria Elisa da Costa Pereira de Magalhães Faria Araújo*. Nasceu em S. Lázaro a 13 de Abril de 1927.

2 — *D. Maria Augusta da Costa Pereira de Magalhães Faria Araújo*. Nasceu em S. Lázaro a 11 de Março de 1928.

2 — *D. Maria Isabel da Costa Pereira de Magalhães Faria Araújo*. Nasceu em S. Lázaro, a 27 de Fevereiro de 1929.

2 — *António Luís da Costa Pereira de Magalhães Faria Araújo*. Nasceu em S. Lázaro a 24 de Fevereiro de 1930. Casou na freguesia de Povos, em Vila Franca, a 2 de Setembro de 1963, com D. Elsa Maria da Assunção Gens de Azevedo, que nasceu na freguesia de Santa Maria Maior, em Viana do Castelo, a 17 de Abril de 1939, filha de João Augusto Cabral Gens de Azevedo e de sua mulher, D. Maria da Assunção de Carvalho.

Filha:

3 — *D. Maria Helena Gens de Azevedo de Faria Araújo*. Nasceu em Santa Maria Maior, em Viana do Castelo, a 16 de Agosto de 1964.

2 — *D. Maria da Conceição da Costa Pereira de Magalhães Faria Araújo*. Nasceu na Casa do Ameal a 26 de Dezembro de 1931 e faleceu m.

2 — *D. Maria da Conceição da Costa Pereira de Magalhães Faria Araújo*. Nasceu na Casa do Ameal a 26 de Dezembro de 1932.

2 — *Jacinto Manuel da Costa Faria Araújo*. Nasceu na Casa do Ameal a 11 de Março de 1934.

2 — *D. Maria Claudiana da Costa Faria Araújo*. Nasceu na Casa do Ameal a 17 de Maio de 1935. Casou na Capela de S. Vicente, em Meadela, a 11 de Janeiro de 1958, com Vasco Leote de Almeida e Costa, 1.º tenente da Armada, que nasceu a 26 de Julho de 1933, filho de Américo de Almeida e Costa e de D. Maria Julieta Leote.

Filhos:

3 — *D. Maria Isabel de Faria Araújo Almeida e Costa*. Nasceu na Maternidade do Hospital Militar de Lisboa a 27 de Outubro de 1959 e faleceu m.

3 — *Vasco Manuel de Faria Araújo Almeida e Costa*. Nasceu na mesma maternidade a 25 de Outubro de 1960.

3 — *D. Maria Margarida de Faria Araújo Almeida e Costa.* Nasceu na mesma maternidade a 17 de Novembro de 1962.

3 — *Pedro Luís de Faria Araújo Almeida e Costa.* Nasceu na Casa do Ameal a 11 de Fevereiro de 1965.

2 — *Gaspar da Costa Faria Araújo.* Nasceu na Casa do Ameal a 14 de Junho de 1936 e aí faleceu em Julho do mesmo ano.

2 — *Gaspar da Costa Faria Araújo.* Nasceu na Casa do Ameal a 14 de Junho de 1937 e aí faleceu em Julho do mesmo ano.

2 — *Gaspar da Costa Faria e Araújo.* Nasceu na Casa do Ameal a 19 de Julho de 1938. Casou na Igreja dos Jerónimos, em Lisboa, a 1 de Agosto de 1964, com D. Teresa Enes da Laje Raposo, que nasceu a 14 de Maio de 1940, filha de Hugo Coutinho Raposo e de sua mulher, D. Maria Luísa Enes da Laje.

Filhos:

3 — *António Luís da Laje Raposo de Faria Araújo.* Nasceu na Casa de Saúde de S. Miguel, em Lisboa, a 5 de Junho de 1965.

3 — *D. Ana Isabel da Laje Raposo de Faria Araújo.* Nasceu na mesma casa de saúde a 2 de Outubro de 1966.

2 — *Alfredo Alberto da Costa Faria Araújo.* Nasceu na Casa do Ameal a 14 de Abril de 1940.

2 — *D. Maria Palmira da Costa Faria Araújo.* Nasceu na Casa do Ameal a 30 de Setembro de 1941. Casou na Capela da Senhora da Ajuda, em Meadela, a 15 de Agosto de 1966, com o Dr. António João de Almeida de Palma Carlos, que nasceu em Lisboa, na freguesia do Socorro, a 26 de Outubro de 1944, filho do Dr. António Honorato de Palma Carlos e de sua mulher, D. Idalina Martins Simões de Almeida.

Filhos:

3 — *D. Maria Sofia de Faria Araújo de Palma Carlos.* Nasceu em Lisboa, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, a 15 de Novembro de 1967.

3 — *D. Maria Cristina de Faria Araújo de Palma Carlos.* Gémea da anterior.

2 — *D. Maria Carlota da Costa Faria Araújo.* Nasceu na Casa do Ameal a 31 de Julho de 1943.

2 — *Luís Augusto da Costa Faria Araújo.* Nasceu na Casa do Ameal a 12 de Outubro de 1944.

2 — *Alberto José da Costa Faria Araújo*. Nasceu na Casa do Ameal a 23 de Novembro de 1945 e aí faleceu a 11 de Dezembro do mesmo ano.

2 — *D. Maria Luísa da Costa Faria Araújo*. Nasceu na Casa do Ameal a 13 de Janeiro de 1948. (120)

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. II, costado 218 — *Costas Pereiras (Braga).*

— *Anuário da Nobreza de Portugal,* ano I (1950), em *Costa Pereira de Vilhena Coutinho.*

— *Uma Família Minhota*, por Alberto de Magalhães Queirós, em *§ 4.º Casa do Ameal, em Meadela (Viana do Castelo)*, ed. de 1967.

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Costas Pereiras de Vilhena Coutinho* (a publicar).



(120) Informação da Senhora D. Maria Isabel Violante da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, actual senhora da casa dos Costas Pereiras, em Braga (26-11-1969).

67, 68 e 69

Localização:

— Praça do Município.
— Fonte do Pelicano (121). (Obs.: são três pedras de armas idênticas).

Material: granito.

Época: entre o ano de 1758 e o de 1789.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Coronel.
— Cruz dupla colocada em pala atrás da cartela sobre que assenta o escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— Cartela decorativa sobre a qual assentam o escudo e as borlas do chapéu.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

---

(121) Esta fonte monumental, que era do Convento dos Remédios, esteve no Parque da Ponte e depois na secção lapidar do Museu de D. Diogo de Sousa (informação do meu Exmo. Amigo Reverendíssimo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha).



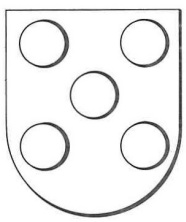
67-68-69



67-68-69

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres* em vez de sete *castelos*.

São as armas de D. Gaspar de Bragança na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1758-1789). Nasceu a 8 de Outubro de 1716 e era filho natural de D. João V, que o reconheceu no seu testamento, e de D. Madalena Máxima de Miranda Henriques, da Casa dos Mirandas Henriques, de Lisboa ([122]).



([122]) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, tomo III, pág. 329.

70

Localização:

— Câmara Municipal.
— Interior, nos «Passos Perdidos», encimando a porta da direita.

Material: granito.

Época: ano de 1756 (123).

LIÇÃO HERÁLDICA:

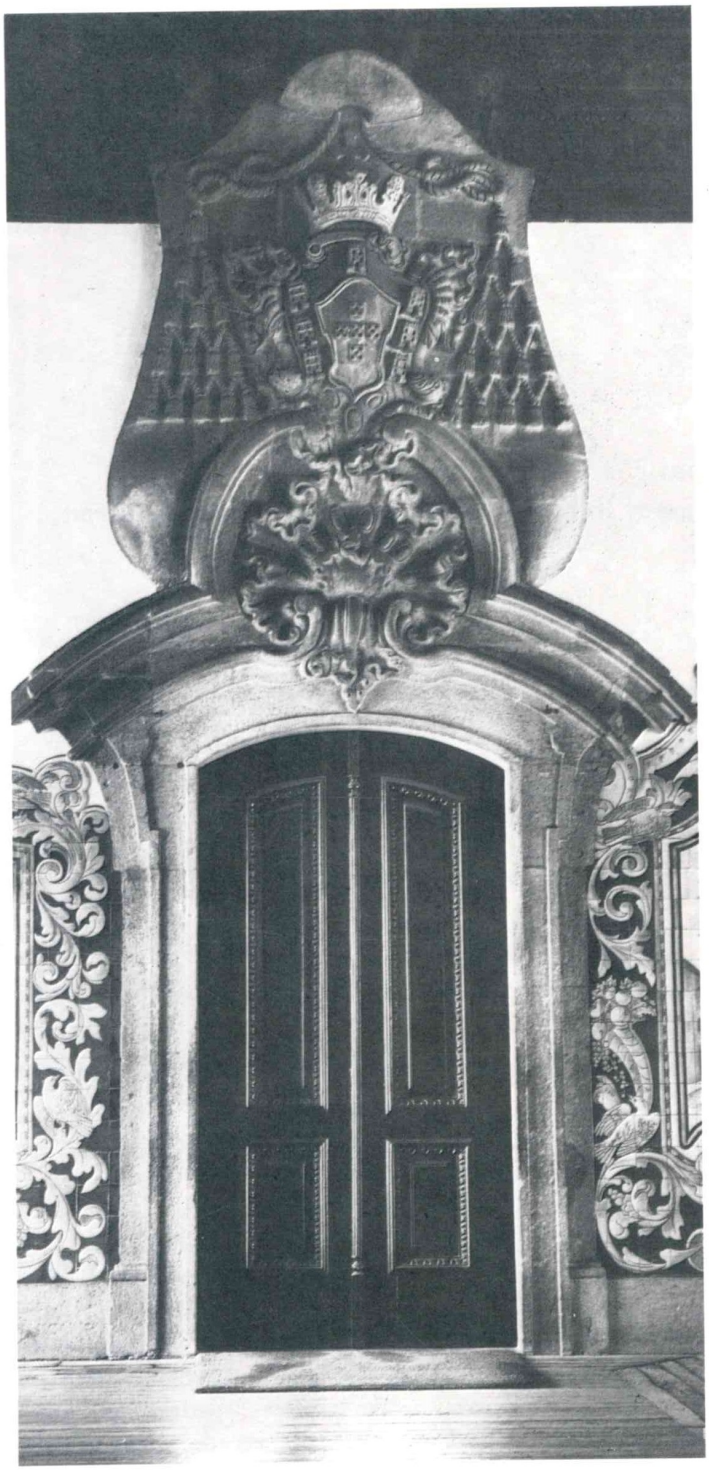
Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás da cartela sobre que assenta o escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de quinze borlas pendentes a cada lado (1, 2, 3, 4 e 5).
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

---

(123) Cf. *A Casa da Câmara de Braga (1753-1756),* por Robert C. Smith, em «Bracara Augusta», vol. XXII, Janeiro-Dezembro de 1968, n.os 51-54 (63-66), pág. 298: «Paralelamente «com esta obra [a campanha de 1756 para a conclusão do edifício da Casa da Câmara, traçado «por André Ribeiro Soares da Silva] andava «o cabamento da feitoria das armas das portas «das entradas das primeiras sallas do Senado de hua e outra parte» 44 [44 ACMB, *Livro de Termos, «1747-1757,* fls. 247 v.-248 v.] ou seja as magníficas pedras de armas de D. José de «Bragança que encimam os dois portais à cabeceira da escada. Uma é rematada do seu chapeu «de arcebispo primaz e a outra da coroa real por ele usada como príncipe da casa real «legitimado. Comemoram estas duas insígnias, obras-primas de André Soares, o facto de a «construção da nova casa da câmara ter sido iniciativa de Sua Alteza Sereníssima. Empreendeu «a escultura das duas portadas «Christovão Joseph morador no campo da vinha por 60$000 rs».».



Escudo:

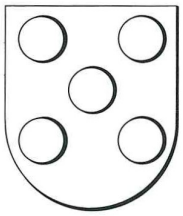
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres torreadas* em vez de sete *castelos.*

São as armas de D. José de Bragança, na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1741-1756). Nasceu a 6 de Maio de 1703, sendo filho natural de D. Pedro II, que o reconheceu no testamento, e de D. Francisca Clara da Silva ([124]).



([124]) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo III, pág. 278.

71

Localização:

— Câmara Municipal.
— Interior, nos «Passos Perdidos», encimando a porta da esquerda.

Material: granito.

Época: ano de 1756 ([125]).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo.
— Coroa real.
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres torreadas* em vez de sete *castelos*.

São as armas de D. José de Bragança (Arcebispo de Braga (1741-1756)), filho legitimado de D. Pedro II, na sua qualidade de Príncipe ([126]).

([125]) Ver o n.º 70.
([126]) *Ibid.*



72

Localização:

— Rua de D. Fr. Caetano Brandão.
— Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Material: granito.

Época: meados da primeira metade do século vinte (127).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica nacional.

Escudo clássico.

Escudo:

Composição: plena.

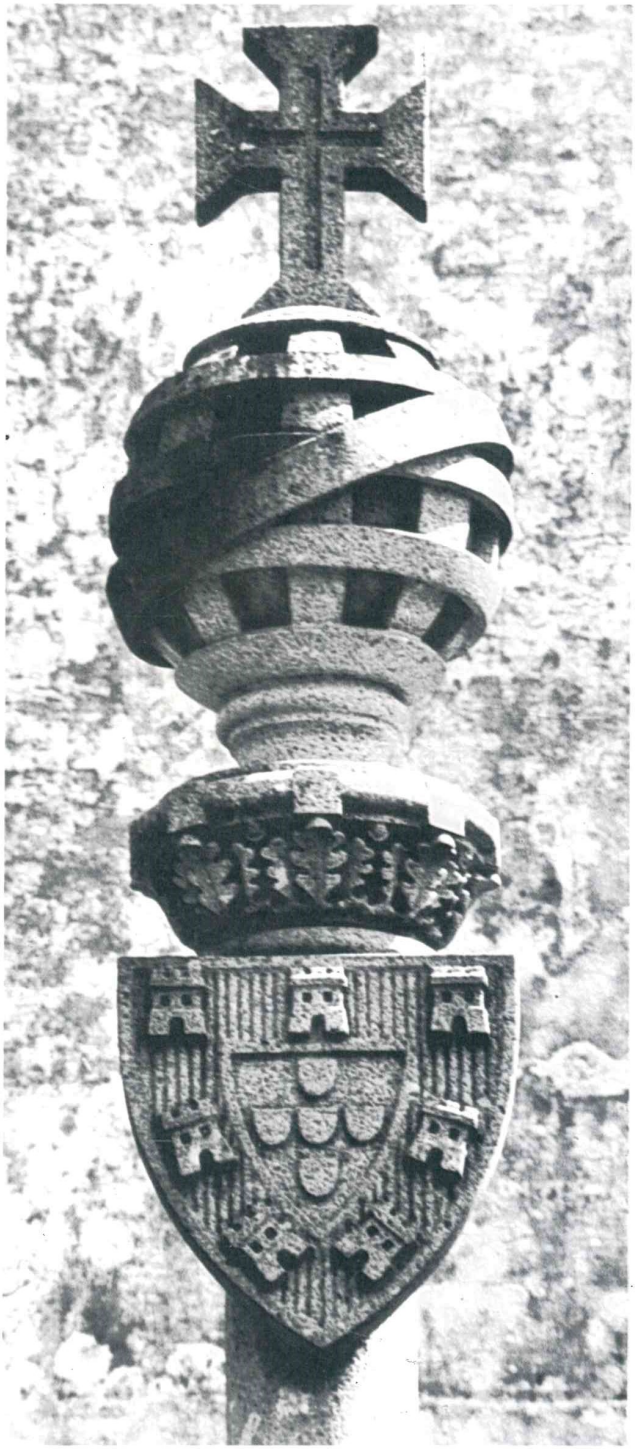
Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Os escudetes sem os besantes e a bordadura carregada de sete *torres* em vez de sete *castelos*. Indicado o esmalte (vermelho) da bordadura.

---

(127) «[...] o monumento aos mortos da grande guerra foi primeiramente erguido no «Campo Conde de Agrolongo, em data que se não pode precisar. Em 9 de Março de 1939, em «reunião da Câmara Municipal dessa cidade [de Braga], foi deliberado transferir o monumento «para o largo adjacente à Rua D. Frei Caetano Brandão, junto dos Paços do Concelho [...]», — cf. ofício n.º 2542, de 24 de Julho de 1969, da Liga dos Combatentes, em resposta ao ofício n.º 479, de 5 do mesmo mês, da Junta Distrital de Braga.





* * *

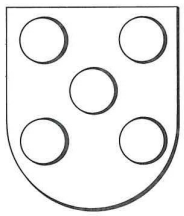
Inscrição numa placa de mármore:

AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA
1914 - 1918
HOMENAGEM DA CIDADE DE BRAGA

Legenda numa placa de bronze:

Lugar onde está o emblema da Liga dos Combatentes.

AOS COMBATENTES MORTOS PELA PÁTRIA.
HOMENAGEM DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA
XI - 1918 XI - 1968 (128)



(128) «Em 11 de Novembro de 1968, a Liga fez descerrar em todos os Monumentos aos «Mortos da Grande Guerra espalhados pelo território nacional, em acção conjunta com as «respectivas Câmaras Municipais, uma placa de bronze consagrando aqueles símbolos em «*Monumento aos Combatentes Mortos Pela Pátria,* homenageando assim todos aqueles que, sem «distinção de épocas ou lugares, se bateram e deram o seu sangue em defesa da integridade «de Portugal», — cf. ofício citado da Liga dos Combatentes.

73

Localização:

— Rua de D. Diogo de Sousa.
— Edifício do Grémio do Comércio de Braga. Encimando a porta de entrada. (129)

Material: granito.

Época: «[...] o Brasão Nacional dos Grémios do Comércio foi colocado na frontaria do edifício deste Organismo no ano de 1958» (130).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica dos organismos corporativos.

Escudo ovalado, com armas:

BRASÃO NACIONAL DOS GRÉMIOS
DE COMÉRCIO (1)

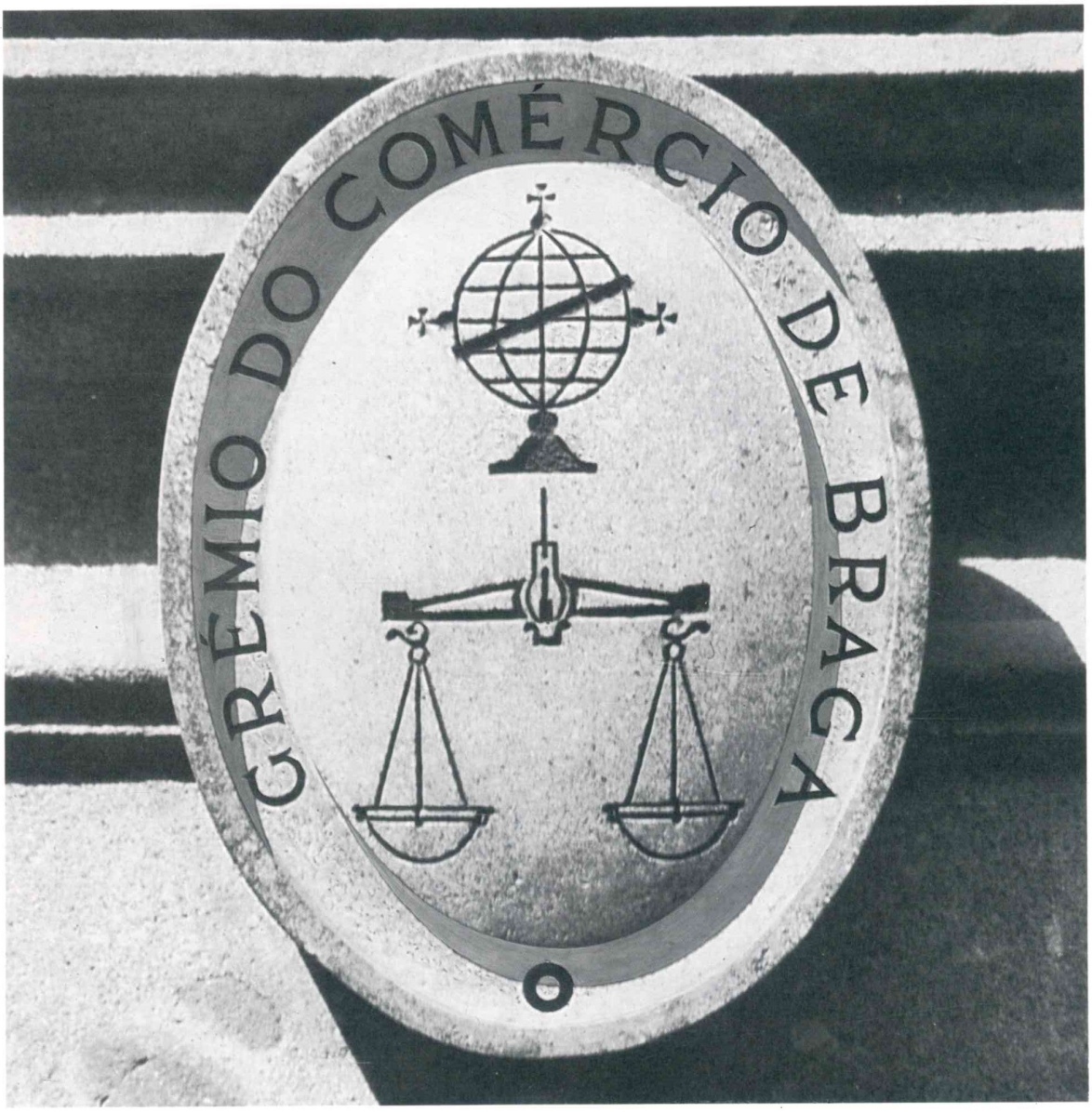
(1) Escudo ovalado: uma balança e, em chefe, a esfera armilar de D. Manuel I; — e listel com a legenda GRÉMIO DO COMÉRCIO DE BRAGA. É Brasão Nacional dos Grémios de Comércio: *Escudo ovalado: de azul, uma balança de ouro e, em chefe, a esfera armilar de D. Manuel I, também de ouro, e listel branco, com a designação do organismo em caracteres negros* (131).

---

(129) A casa pertenceu aos Carvalhos e Silvas, que tinham a Quinta da Ordem, em Dume, descendentes de António Francisco e de sua mulher, Marta de Carvalho, irmã do Beato Miguel de Carvalho, S. J., que morreu mártir no Japão a 25 de Agosto de 1624 (cf. *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Carvalho e Silva* (a publicar)). Esta casa tinha pedra de armas na frontaria (cf. *Mappa das Ruas de Braga,* 1750, fol. 2 (Rua Nova), — Arq. Dist. de Braga — Gabinete da Direcção).

(130) Cf. o ofício n.º 5840, de 25 de Setembro de 1969, do Grémio do Comércio de Braga, em resposta ao ofício n.º 665, de 22 do mesmo mês, da Junta Distrital de Braga.

(131) Ver *Manual de Heráldica Corporativa,* por F. P. de Almeida Langhans.


GRÉMIO DO COMÉRCIO DE BRAGA



74

Localização:

— Rua de D. Diogo de Sousa. Recanto, a seguir à Porta Nova.
— Encimando, à direita, a porta de entrada de um prédio (132).

Material: granito.

Época: ano de 1608.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular com suas correias.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— O conjunto descrito assente sobre uma cartela decorativa.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CASTRO, de seis (1)

(1) Seis arruelas, 2, 2 e 2.

São as armas do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609), no século D. Pedro de Castro.

---

(132) A porta foi aberta através da cabeceira de uma antiga fonte (ver *Mappa das Ruas de Braga,* 1750, fol. 2 (Rua Nova), — Arq. Dist. de Braga — Gabinete da Direcção). Em *Memorias de Braga,* tomo I (1890), pág. 38: «Fonte da praça da Porta Nova. Foi mandada fazer pelo «Arcebispo D. Diogo de Sousa, e acrescentada pelo Arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro. No «meio das armas d'estes dous Arcebispos, tem o anno de 1608». Ver o n.º 75.



74



74 - 75

75

Localização:

— Rua de D. Diogo de Sousa. Recanto a seguir à Porta Nova.
— Encimando, à esquerda, a porta de entrada de um prédio ([133]).

Material: granito.

Época: as armas foram mandadas esculpir pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

SOUSA, de Arronches (1)

(1) Com as peças e as figuras muito gastas. Esquartelado: no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no II e III uma caderna de crescentes. Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

São as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

([133]) Ver o n.º 74.



76

Localização:

— Porta Nova. Arco.

Material: granito.

Época: ano de 1773 (134).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Coroa real.
— Cruz dupla.
— Chapéu eclesiástico com cordões de quinze borlas pendentes a cada lado (1, 2, 3, 4 e 5).
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

---

(134) Cf. *Livro dos Acordãos (4 de Setembro de 1767 – 21 de Janeiro de 1774)*, fls. 154, 182 e 182 v., — Arquivo da Câmara Municipal de Braga. Em *Memorias de Braga,* tomo I, págs. 24 e 25: «A sobredita *Porta Nova* [mandada edificar por D. Diogo de Sousa em 1512], «sendo demolida, se fez de novo no anno de 1778 (*) com magestoso portico, a expensas «d'el-rei D. José I, em razão de se achar em ruina a antiga *Porta Nova,* e por parecer acanhada: «e porque foi pela camara considerada obra real, lhe mandaram collocar as armas reaes, e não «as da cidade. Aconteceu, porém, que mais tarde a mesma camara, d'estas armas *seculares* as «mandou fazer *ecclesiasticas,* mandando pôr sobre ellas um chapeo episcopal, e cercal-as d'um «cordão e borlas prelaticias, por consideração ao Arcebispo que então era, o serenissimo «D. Gaspar: o que deu motivo para que alguns criticos estranhassem, que não notasse S. A. «que aquella obra havia sido arrematada de ordem d'el-rei D. José, pelo provedor da villa de «Guimarães, que veio a esta cidade para esse fim».

(*) Leia-se *1773.* Foi gralha tipográfica.





Escudo:

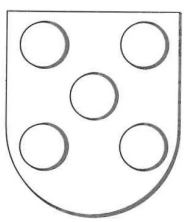
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres de dois andares* em vez de sete *castelos*.

Veja-se a nota (134), na pág. 224.



77

Localização:

— Campo das Hortas.
— Casa Grande do Campo das Hortas. Frontaria.

Material: granito.

Época: meados do século dezanove.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com virol e timbre.
— Troféus.

Escudo:

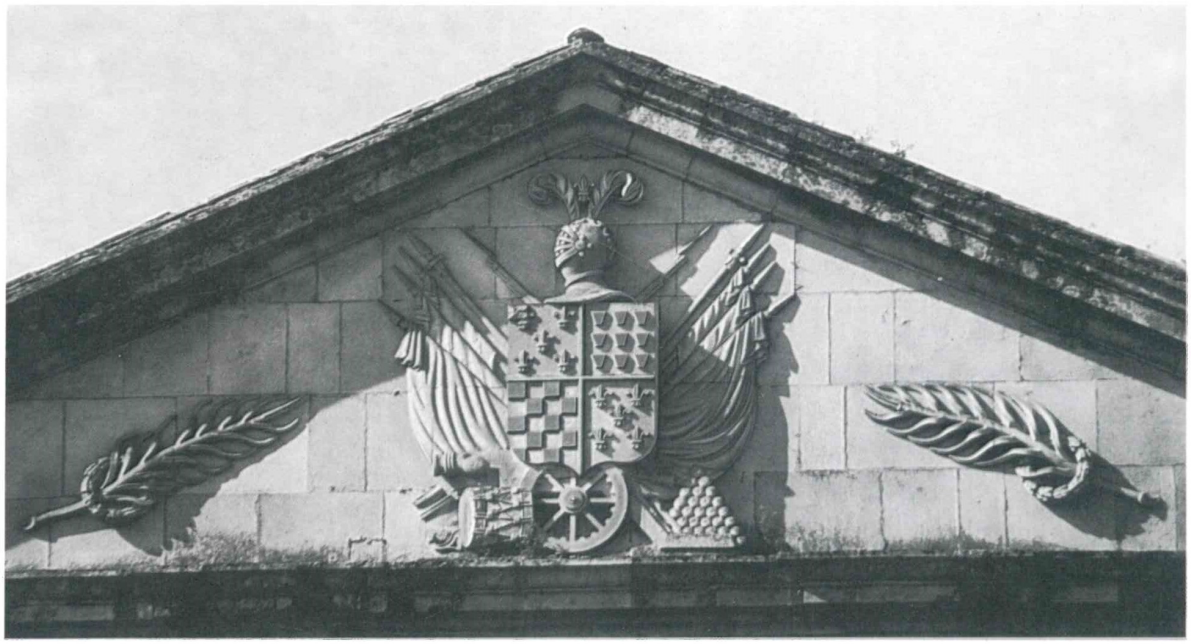
Composição: esquartelada.

Leitura:

I e IV MOTA (1)
II CUNHA (2)
III GODINHO (3)

Diferença: uma brica com um trifólio (4)

Timbre de MOTA (5)



77



(1) Cinco flores-de-lis.
(2) Nove cunhas, 3, 3 e 3.
(3) Partido: o I xadrezado de duas peças em faixa e cinco em pala e o II também xadrezado de duas peças em faixa e cinco em pala.
(4) Na carta de armas: uma brica de ouro, com um trifólio de verde.
(5) Uma flor-de-lis entre duas plumas.

* * *

Carta de armas passada a António José da Cunha Reis da Mota Godinho (135):

Fl. 1 «D. JOAÕ / por Graça de Deos Principe Re-/gente de Portugal e dos «Algar-/ves daquem e dallem Mar em / Affrica Senhor de Guiné e da / «Conquista Navegaçaõ, e Com-/mercio da Ethiopia, Arabia, Percia, e «da / India &c: Faço saber aos que esta Minha / Carta de Brazaõ de *Nome* «Armas de Nobreza, e / Fidalguia virem que Antonio Joze da / Cunha «Reys da Motta Godinho, do Con-/selho de Lanhozo, Commarca «de Guima-/rens, me fes petiçaõ dizendo, que pella sen-/tença de «justificaçaõ de sua Nobreza, a ella jun-/ta, proferida, e assignada pello «Meu Dezem-/bargador da Caza da Suplicaçaõ, servindo / a primeira «Vara da Correiçaõ do Civel da / Corte, o Doutor Joze Pedro Quintella, «subs-/cripta por Joaquim Rebello de Lima e Ara-/gaõ Escrivaõ do *Genealogia* «mesmo juizo, se mostrava / que elle he filho ligitimo de Lucas da «Motta / da Cunha Reys, e de Donna Maria Jozefa / Godinho da «Cunha (136). Neto por parte paterna / de Joaõ da Motta da Cunha, e «de Donna / Francisca Fernandes; e por parte materna de / Joaõ Martins «Godinho e Freitas, e de Don-/na Marianna da Cunha (137). E que os «referidos / seus Pays e Avós saõ pessoas Nobres das fa-/millias de «Mottas, Cunhas, e Godinhos, e / como taes se tratáraõ sempre a Ley Fl. 1 v. «da Nobre-/za, com cavallos, e creados, sem que em tem-//po algum «cometecem crime de Leza Magestade Divi-/na ou Humana. Pello que «me pedia elle suplicante / por Mercê que para a memoria de seus «Progenitores / se naõ perder, e clareza de sua antiga Nobreza, lhe / «mandace dar Minha Carta de Brazaõ de Armas das / ditas famillias «para dellas taõbem uzar, na forma que / as trouxeraõ e foraõ

---

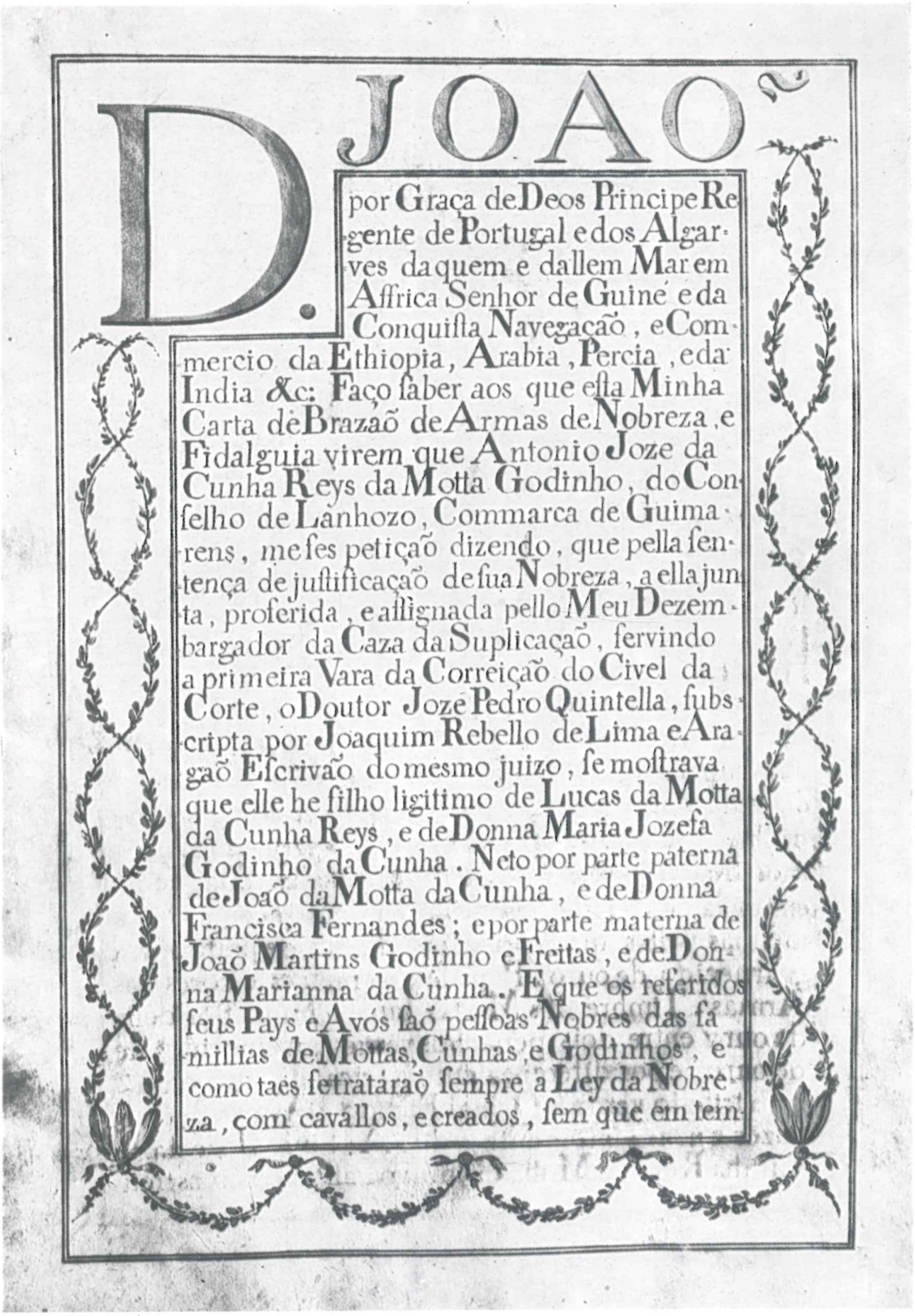
(135) Arq. da Casa Grande do Campo das Hortas.
(136) Ver Livro de Nascimentos n.º 3 da Sé, fl. 242 (e fl. colada entre as fls. 242 e 243). Arq. Distrital de Braga.
(137) Assentos paroquiais da Sé, em Braga, e de Taíde, no concelho da Póvoa de Lanhoso. Arq. Dist. de Braga.

«concedidas aos ditos seus Proge-/nitores. E vista por Mim a dita sua «petiçaõ e senten-/ça, e constar de tudo o referido, e que a elle como / «descendente das mencionadas famillias lhe pertence / uzar e gozar de «suas Armas, segundo o Meu Regi-/mento e Ordenaçaõ da Armaria lhe «mandei passar / esta Minha Carta de Brazaõ dellas, na forma que / «aqui vaõ Brazonadas, Devizadas, e Illuminadas com co-/res e metaes, «segundo se achaõ Registadas no Livro do / Registo das Armas da

Armas «Nobreza, e Fidalguia destes Meus / Reynos que tem o Meu Rey de «Armas Portugal, a saber. / Hum Escudo esquartellado; no primeiro, e «quarto quar-/tel as Armas dos Mottas, que saõ em campo verde «cin-/co flores de liz de ouro postas em sautor; no segundo as / dos «Cunhas, que saõ em campo de ouro, nove cunhas / de azul, postas em «tres pallas; e no terceiro as dos Go-/dinhos, que saõ partidas em palla, «a primeira xadre-/zada de ouro e vermelho, de duas pessas em faxa, e «cinco / em palla, e a segunda xadrezada de ouro e azul, com as / «mesmas pessas que a primeira. Elmo de prata aberto / guarnecido de «ouro. Paquife dos metaes e cores das / Armas. Timbre dos Mottas, «que he huma flor de liz / de ouro entre dois penachos verdes «guarnecidos de / de ouro, e por diferença huma brica de ouro com / «hum trifolio verde. O qual Escudo e Armas poderá / trazer e uzar taõ «sómente o dito Antonio Joze da / Cunha Reys da Motta Godinho,

Fl. 2 «assim como as trou-//*(armas iluminadas)* // trouxeraõ e uzáraõ os

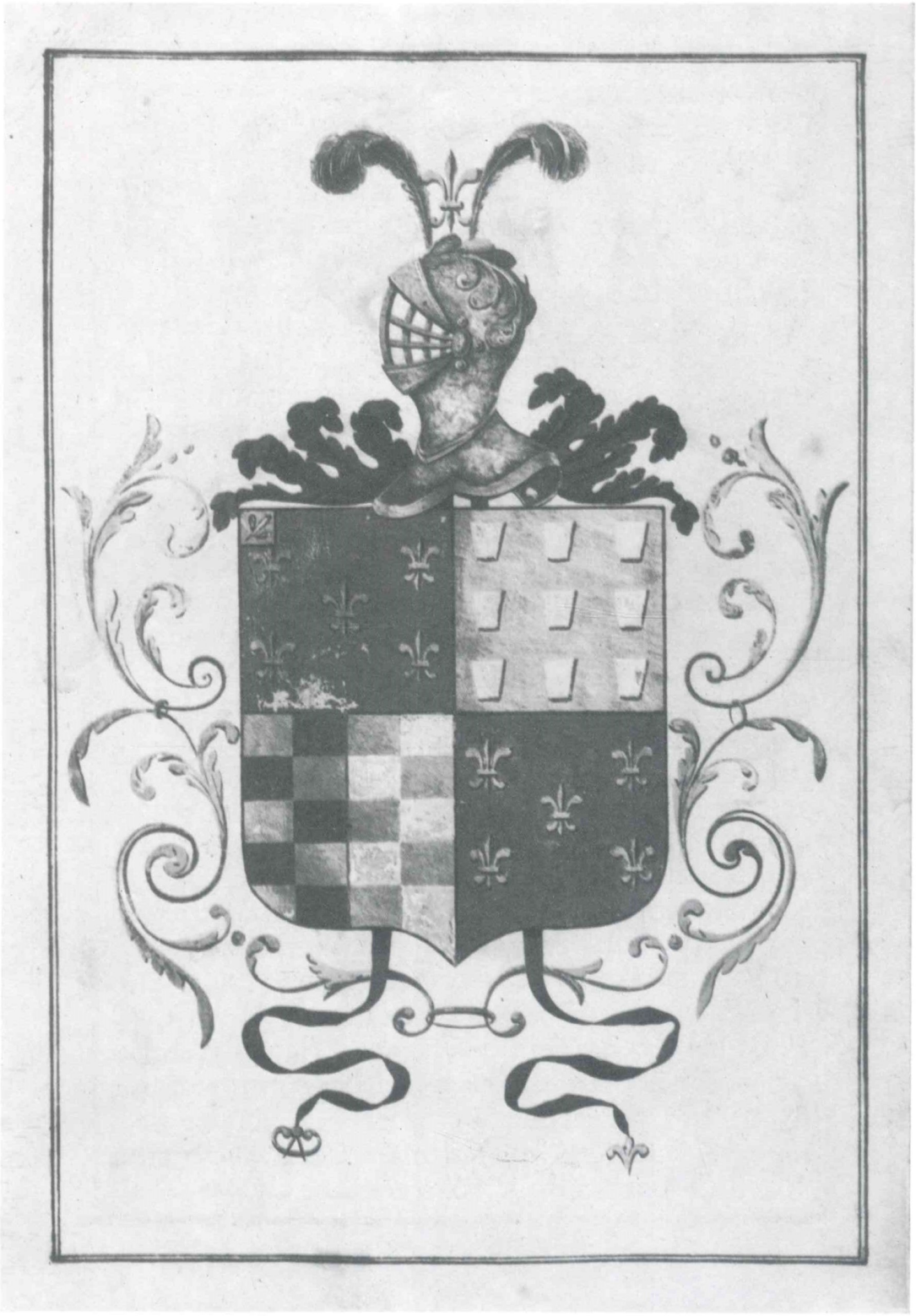
Fl. 2 v. «ditos Nobres e antigos Fidalgos / seus Antepassados em tempo dos «Senhores Reys / Meus Antecessores, e com ellas poderá entrar em / «Batalhas, Campos Reptos, Escaramuças, e exerci-/tar todos os mais «actos licitos da Guerra e da Paz. / E assim mesmo as poderá «trazer em seus Firmais, / Aneis, Signetes e Divizas, pollas em suas «Cazas, / Capellas e mais Edificios, e deixallas sua propria / sepultura, «e finalmente se poderá servir, honrar, go-/zar e aproveitar dellas «em tudo e por tudo como á / sua Nobreza convem. Com o que «Quero, e me Praz / que haja elle todas as Honras, Previllegios, «Liberda-/des, Graças, Mercês, Izençoẽs e Franquezas, que / haõ e «devem haver os Fidalgos e Nobres de antiga / Linhagem, e como «sempre de tudo uzáraõ e gozá-/raõ os ditos seus Antepassados. Pello «que Mando aos / Meus Dezembargadores, Corregedores, Provedores, / «Ouvidores, Juizes, e mais Justiças de Meus Reynos, / e em especial aos «Meus Reys de Armas, Arautos, e / Passavantes, e a quaes quer outros «Offeciaes, e pessoas / a quem esta Minha Carta for mostrada, e o «conhecimen-/to della pertencer, que em tudo lha cumpraõ, e «guar-/dem, e façaõ inteiramente cumprir e guardar como ne-/la se «contem, sem duvida, nem embargo algum, que / a ella seja posto,



D. JOAO por Graça de Deos Principe Regente de Portugal e dos Algarves da quem e dallem Mar em Affrica Senhor de Guiné e da Conquiſta Navegaçaõ, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Percia, e da India &c: Faço ſaber aos que eſta Minha Carta de Brazaõ de Armas de Nobreza, e Fidalguia virem que Antonio Joze da Cunha Reys da Motta Godinho, do Conſelho de Lanhozo, Commarca de Guimarens, meſes petiçaõ dizendo, que pella ſentença de juſtificaçaõ de ſua Nobreza, a ella junta, proferida, e aſſignada pello Meu Dezembargador da Caza da Suplicaçaõ, ſervindo a primeira Vara da Correiçaõ do Civel da Corte, o Doutor Joze Pedro Quintella, ſubscripta por Joaquim Rebello de Lima e Aragaõ Eſcrivaõ do mesmo juizo, ſe moſtrava que elle he filho ligitimo de Lucas da Motta da Cunha Reys, e de Donna Maria Jozefa Godinho da Cunha. Neto por parte paterna de Joaõ da Motta da Cunha, e de Donna Franciſca Fernandes; e por parte materna de Joaõ Martins Godinho e Freitas, e de Donna Marianna da Cunha. E que os referidos ſeus Pays e Avós ſaõ peſſoas Nobres das familias de Mottas, Cunhas, e Godinhos, e como taes ſe trataraõ ſempre a Ley da Nobreza, com cavallos, e creados, ſem que em tem-

Fl. 1

po algum cometecem crime de Leza Mageſtade Divina ou Humana. Pello que me pedia elle ſuplicante por Mercê que para a memoria de ſeus Progenitores ſenaõ perder, e clareza de ſua antiga Nobreza, lhe mandace dar Minha Carta de Brazaõ de Armas das ditas famillias para dellas taõbem uzar, na forma que as trouxeraõ eforaõ concedidas aos ditos ſeus Progenitores. Eviſta por Mim a dita ſua petiçaõ e ſentença, e conſtar de tudo o referido, e que a elle como deſcendente das mencionadas famillias lhe pertence uzar e gozar de ſuas Armas, ſegundo o Meu Regimento e Ordenaçaõ da Armaria lhe mandei paſſar eſta Minha Carta de Brazaõ dellas, na forma que aqui vaõ Brazonadas, Devizadas, e Illuminadas com cores e metaes, ſegundo ſe achaõ Regiſtadas no Livro do Regiſto das Armas da Nobreza, e Fidalguia deſtes Meus Reynos que tem o Meu Rey de Armas Portugal, a ſaber. Hum Eſcudo eſquartellado; no primeiro, e quarto quartel as Armas dos Mottas, que ſaõ em campo verde cinco flores de liz de ouro poſtas em ſautor; no ſegundo as dos Cunhas, que ſaõ em campo de ouro, nove cunhas de azul, poſtas em tres pallas; e no terceiro as dos Godinhos, que ſaõ partidas em palla, a primeira xadrezada de ouro e vermelho, de duas peſſas em faxa, e cinco em palla, e a ſegunda xadrezada de ouro e azul, com as meſmas peſſas que a primeira. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquiſe dos metaes e cores das Armas. Timbre dos Mottas, que he huma flor de liz de ouro entre dois penachos verdes guarnecidos de de ouro e por diferença huma brica de ouro com hum trifolio verde. O qual Eſcudo e Armas poderá trazer e uzar taõſómente o dito Antonio Joze da Cunha Reys da Motta Godinho, aſſim como as trou-



Fl. 2

trouxeraõ e uzáraõ os ditos Nobres e antigos Fidalgos ſeus Antepaſſados em tempo dos Senhores Reys Meus Anteceſſores, e com éllas poderá entrar em Batalhas, Campos Reptos, Eſcaramuças, e exercitar todos os mais actos licitos da Guerra e da Paz. E aſſim meſmo as poderá trazer em ſeus Firmais, Aneis, Signetes e Divizas, pollas em ſuas Cazas, Capellas e mais Edificios, e deixallas ſua propria ſepultura, e finalmente ſe poderá ſervir, honrar, gozar e aproveitar dellas em tudo e por tudo como á ſua Nobreza convem. Com o que Quero, e me Praz que haja elle todas as Honras, Previllegios, Liberdades, Graças, Mercès, Izenções e Franquezas, que haõ e devem haver os Fidalgos e Nobres de antiga Linhagem, e como ſempre de tudo uzáraõ e gozáraõ os ditos ſeus Antepaſſados. Pello que Mando aos Meus Dezembargadores, Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, e mais Juſtiças de Meus Reynos, e em eſpecial aos Meus Reys de Armas, Arautos, e Paſſavantes, e a quaes quer outros Offeciaes, e peſſoas aquem eſta Minha Carta for moſtrada, e o conhecimento della pertencer, que em tudo lha cumpraõ, e guardem, e façaõ inteiramente cumprir e guardar como nella ſe contem, ſem duvida, nem embargo algum, que a ella ſeja poſto, por que aſſim he Minha Mercê.

O Principe Regente Noſſo Senhor o mandou por Joze Theodoro de Seixas, Cavalleiro de ſua Caza Real, e ſeu Rey de Armas Portugal. Franciſco de Paula Campos Eſcrivaõ da Nobreza deſtes Reynos e ſeus Dominios a fes em Liſboa, aos ſeis dias do mes de Dezembro do anno do Naſſimento de Noſſo Senhor JEZUS Chriſto de mil oito centos e quinze. Eu

Francisco de Paula Campos, afis e Sobrerevy

O Reij d' Armas Portugal

Joze Theodoro de Seixas



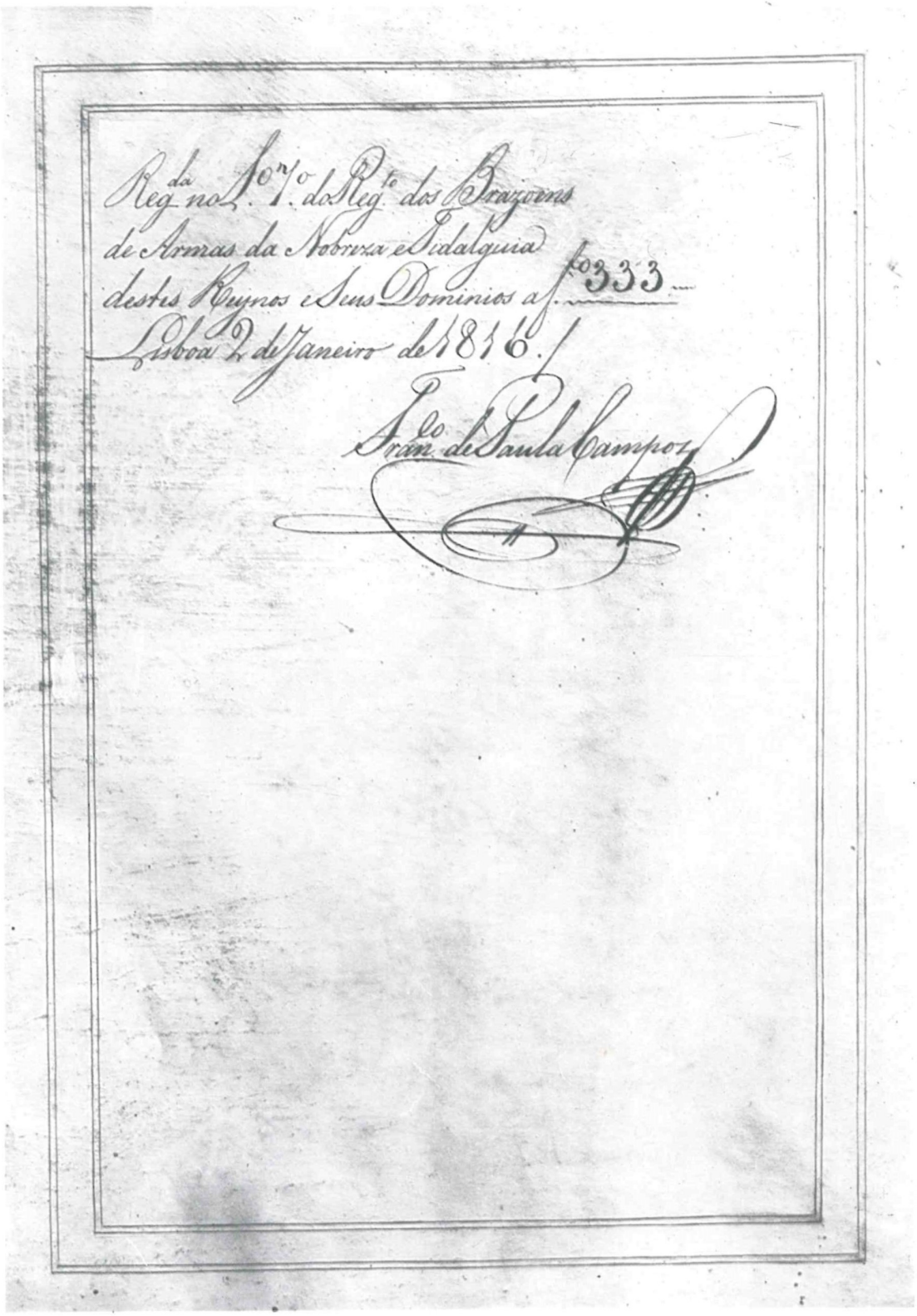
CAUZA PUBLICA

Pg. Trez Mil duzentos Rs de Sello

Lª 2 de Janrº de 1846

N. Costa

Fl. 3


Reg.da no L.o 1.o do Reg.to dos Brazoens
de Armas da Nobreza e Fidalguia
destes Reynos e Seus Dominios a f.o 333
Lisboa 2 de Janeiro de 1816.
Fr.co de Paula Campos

Fl. 3 v.

«por que assim he Minha Mercê. / O Principe Regente Nosso Senhor o «mandou por / Joze Theodoro de Seixas, Cavalleiro de sua Caza / Real, «e seu Rey de Armas Portugal. Francisco de Pau-/la Campos Escrivaõ *Data* «da Nobreza destes Reynos e seus / Dominios a fes em Lisboa, aos seis «dias do mes de / Dezembro do anno do Nassimento de Nosso Senhor / Fl. 3 «JEZUS Christo de mil oito centos e quinze. E eu // Francisco de Paula «Campos, a fis e sobscrevy / O Rey d'Armas Portugal / Joze Theodoro Fl. 3v. «de Seixas // Reg.da no L.o 7.o do Reg.to dos Brazoens / de Armas da *Registo* «Nobreza e Fidalguia / destes Reynos e Seus Dominios a f.o 333 / «Lisboa 2 de Janeiro de 1816. / Fran.co de Paula Campos».

* * *

António José da Cunha Reis da Mota Godinho, que nasceu em Braga, na freguesia da Sé, a 13 de Novembro de 1744 (138), foi cavaleiro da Ordem de Cristo, deputado da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, senhor da Quinta da Vacaria, no Corgo, Alto Douro, e grande negociante matriculado na praça do Porto. Casou em 1763 com D. Maria Josefa da Cunha Correia Carneiro, da qual teve vários filhos, entre eles: 1-Dom (por ser Deão) António Alexandre da Cunha Reis da Mota Godinho, falecido em Braga a 24 de Setembro de 1834, deão do Cabido da Sé Primaz (15 de Julho de 1820), vigário capitular e governador temporal do Arcebispado, cavaleiro da Ordem de Cristo e da de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, senhor da Quinta da Vacaria e da Casa Grande do Campo das Hortas, que comprou nos princípios do século XIX; e 2-Joaquim Jerónimo da Cunha Reis da Mota Godinho, senhor da Casa Grande do Campo das Hortas (por sucessão a seu irmão D. António), em cuja frontaria mandou pôr a pedra de armas, capitão de Infantaria, coronel de milícias de Braga, comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, cavaleiro da Ordem de Cristo, condecorado com a cruz de ouro das Campanhas da Guerra Peninsular, que nasceu a 24 de Agosto de 1793 e faleceu a 7 de Setembro de 1866 e casou, no Porto, com escritura dotal de 9 de Junho de 1831, com D. Carlota Joaquina Cardoso Guimarães, senhora da Quinta da Madalena, em Vila Nova de Gaia, e da grande casa da Rua de Cedofeita, no Porto, — dos quais é segundo neto, por varonia legítima, o Dr. Joaquim Firmino da Cunha Reis, actual senhor da Casa Grande do Campo das Hortas, que segue. (139)

---

(138) Livro de Nascimentos n.º 3, fl. 242 (e fl. colada entre as fls. 242 e 243). Arq. Dist. de Braga.

(139) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

1 — JOAQUIM FIRMINO DA CUNHA REIS. Nasceu na Casa do Alvação, na freguesia de Alvite, no concelho de Cabeceiras de Basto, a 24 de Maio de 1897. Filho de Guilherme de Abreu Bacelar da Cunha Reis, senhor da Casa Grande do Campo das Hortas, da Casa do Alvação, da Casa da Torre do Outeiro, na freguesia de Alvite, e da Casa de Baloutas, esta na freguesia de Painzela, no concelho de Cabeceiras de Basto, e de sua mulher, D. Maria da Assunção de Almeida e Noronha, filha dos 8.os Marqueses de Angeja. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Antigo procurador à Câmara Corporativa. Actual senhor da Casa Grande do Campo das Hortas. Casou a 21 de Novembro de 1939, na capela do Paço Arquiepiscopal de Braga, com D. Maria Edith de Melo Araújo, que nasceu em Braga, na freguesia de S. Vítor, a 29 de Maio de 1919, filha de Eurico Gonçalves de Melo Araújo, advogado, e de sua mulher, D. Edith Maria Braga.

Filhos:

2 — *D. Mariana da Assunção Inês do Carmo de Noronha da Cunha Reis da Mota Godinho.* Nasceu em Lisboa, em S. Sebastião da Pedreira, a 14 de Julho de 1951.

2 — *D. Carlota Isabel Maria do Carmo Xavier de Noronha e Melo da Cunha Reis.* Nasceu na mesma freguesia a 27 de Abril de 1954.

2 — *D. Joana Maria do Carmo Francisca Xavier de Noronha e Melo da Cunha Reis.* Nasceu na mesma freguesia a 25 de Agosto de 1955.

2 — *António Alexandre José Xavier de Almeida e Noronha da Cunha Reis da Mota Godinho.* Nasceu em Lisboa, na freguesia da Lapa, a 28 de Maio de 1960. (140)

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. II, costado 219 — *Cunha Reis (Braga).*

— *Anuário da Nobreza de Portugal,* ano I (1950) e ano II (1964), em *Cunha Reis da Mota Godinho, de Braga.*

— *Livro de Oiro da Nobreza,* por Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, vol. II, em *Peniche (Condes de), § 2.º — Cunha Reis da Mota Godinho, de Braga.*

— *Nobres Casas de Portugal,* por António Lambert Pereira da Silva, vol. III, em *Casa Grande.*

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Cunhas Reis* (a publicar).

---

(140) Informação do actual senhor da Casa Grande do Campo das Hortas (21-8-1969).

78

Localização:

— Campo das Hortas.
— Casa Grande do Campo das Hortas. Arrecadada, provisòriamente.

Procedência:

— Casa dos Biscaínhos, onde estava arrecadada. Donde teria vindo?

Material: granito.

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês, com suas correias.
— Elmo aberto, gradeado, posto de frente, com paquife e timbre.
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I CUNHA (1)
II SOUSA, de Arronches (2)

Timbre de CUNHA (3)

(1) Assim: seis cunhas, 2, 2 e 2. São armas dos Cunhas: nove cunhas, 3, 3 e 3.
(2) Assim: cortado, tendo no I uma caderna de crescentes e no II cinco escudetes postos em cruz, o da ponta com cinco orifícios circulares postos em cruz. São armas dos Sousas, de Arronches: *Esquartelado: o I e IV com cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de oito castelos, e por diferença um filete posto em contrabanda, atravessante sobre tudo; o II e III com uma caderna de crescentes* (cf. *Armaria Portuguesa,* por Braamcamp Freire).
(3) Assim: um grifo carregado de três cunhas, uma no peito e uma em cada asa. É timbre dos Cunhas: *um grifo sainte semeado de cunhas* ou *carregado de três cunhas no peito e de três em cada asa.*

* * *

A pedra de armas é propriedade da Senhora D. Maria João Cardoso do Amaral de Meneses (casada com o Eng. José Joaquim Pedroso Rosa Rodrigues, com geração) e de sua irmã a Senhora D. Maria da Conceição Eugénia do Amaral Cardoso de Meneses Barreto (casada com o Eng. António José do Rosário da Câmara Rebelo de Andrade, com geração) (141), filhas de Gaspar José Maria Domingos Francisco Xavier Lobo Machado do Amaral Cardoso de Meneses, 3.º Visconde do Paço de Nespereira, último senhor da Casa dos Biscainhos (142).

---

(141) Informação do meu Exmo. Amigo Reverendíssimo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha.
(142) N.º 91. Ver *Valles Peixotos de Villas-Bôas, da Casa de Carvalho de Arca,* por Vaz-Osório da Nóbrega, págs. 86 e 87.

79

Localização:

— Campo das Hortas.
— Fonte monumental (143).

Material: granito.

Época: entre 1588 e 1609.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Coroa real aberta.

Escudo:

Composição: plena.

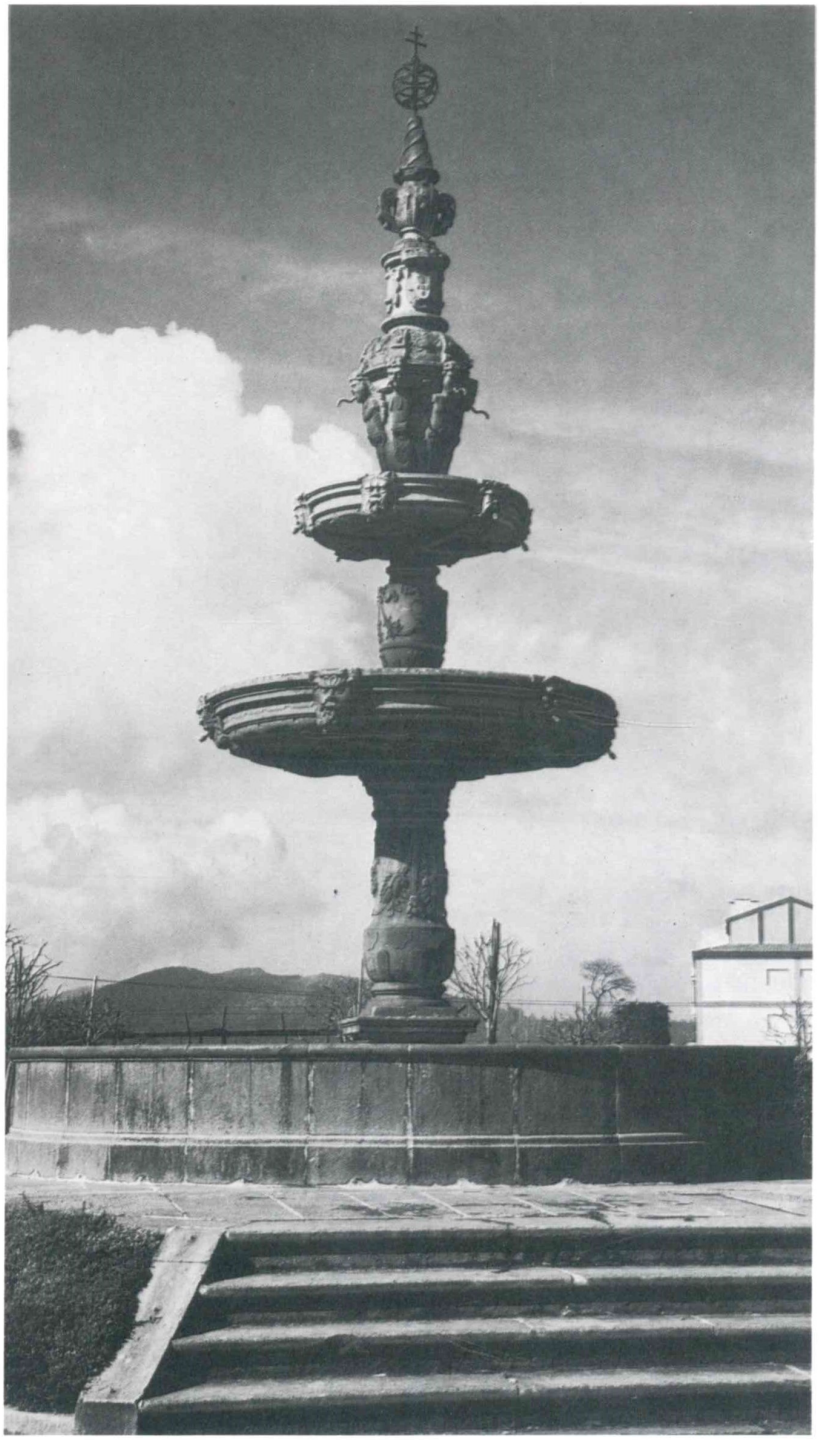
Leitura:

PORTUGAL

---

(143) Esta fonte, que esteve primeiramente no Campo de Santana e foi demolida em 1865, mandou-a fazer o Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609) (cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo III, pág. 104, e *Memorias de Braga,* tomo I, pág. 37.





79-80

80

Localização:

— Campo das Hortas.
— Fonte monumental (144).

Material: granito.

Época: entre 1588 e 1609.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CASTRO, de seis (1)

(1) Seis arruelas, 2, 2 e 2.

São as armas do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609), no século D. Pedro de Castro

---

(144) Ver o n.º anterior.



80

81

Localização:

— Campo das Hortas.
— Quiosque e instalações sanitárias da Câmara Municipal. Frontaria.

Material: cimento.

Época: o edifício foi construído em 1955 (145).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica municipal.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Coroa mural de cinco torres (cidade).

Escudo:

Composição: plena.

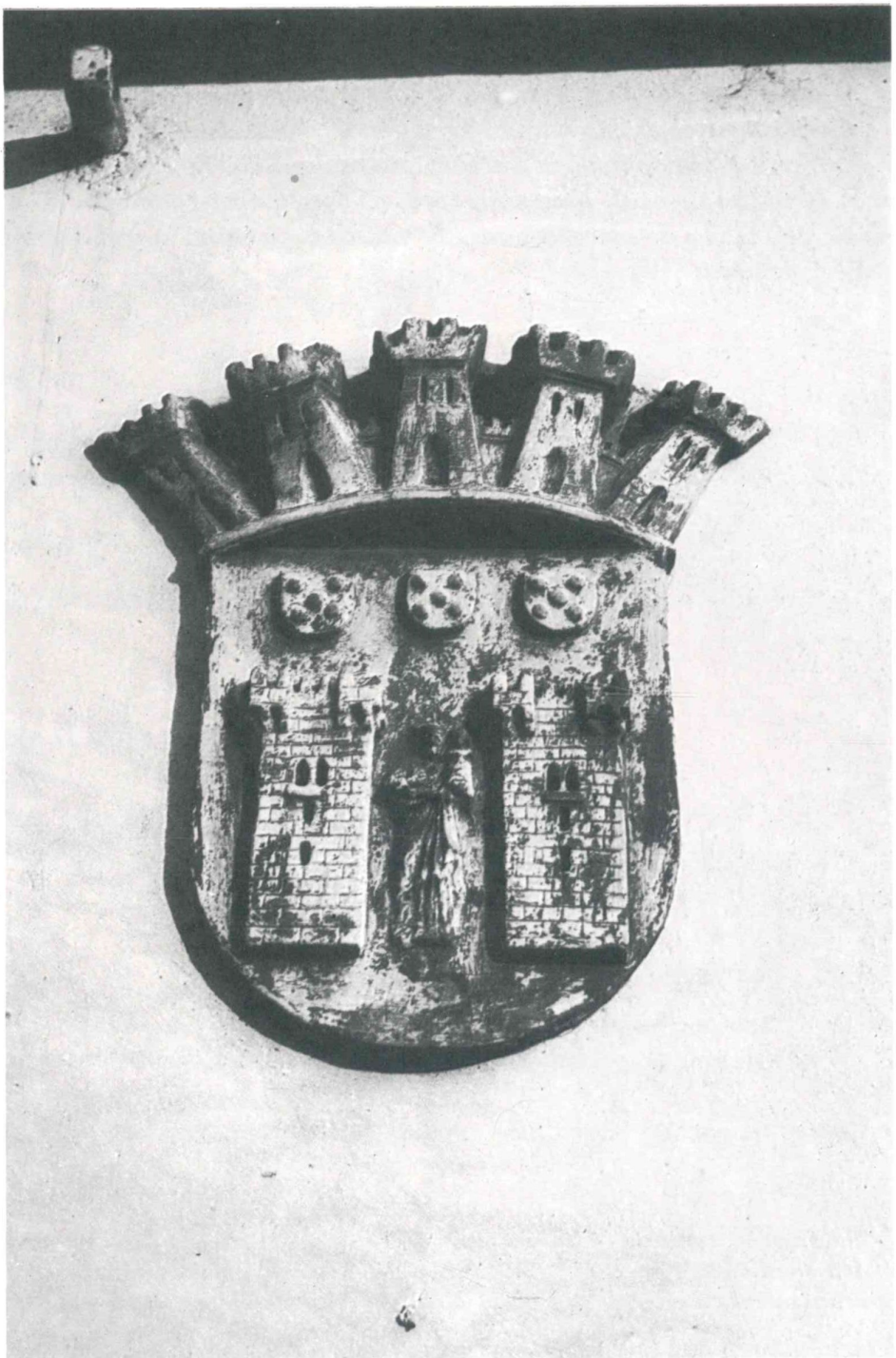
Leitura:

CIDADE DE BRAGA (1)

(1) Assim: a imagem de Santa Maria de Braga (Nossa Senhora com um lírio na mão dextra e o Menino Jesus no braço sinistro, coroada à antiga), ladeada de duas torres e acompanhada em chefe de três escudetes, cada escudete carregado de cinco besantes.

---

(145) Cf. ofício n.º 3438, de 11 de Junho de 1969, da Câmara Municipal de Braga, em resposta ao ofício n.º 344, de 20 de Maio, da Junta Distrital de Braga.



81

São as armas da cidade de Braga: *Escudo peninsular: de azul, a imagem de Santa Maria de Braga (Nossa Senhora vestida com uma túnica de púrpura e com um manto de azul cerúleo, coroada à antiga de ouro, tendo um lírio de sua cor na mão dextra e sustendo o Menino Jesus no braço sinistro), ladeada de duas torres de prata, lavradas de negro, e acompanhada em chefe de três escudos de Portugal — antigo (de prata, cinco escudetes de azul, postos em cruz, os dos flancos apontados ao do centro, cada escudete carregado de cinco besantes de prata); — e coroa mural de cinco torres, de ouro,* aliás, *de prata* (146).



(146) Por circular expedida, a 14 de Abril de 1930, pela Direcção-Geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior aos governadores civis, foram determinados os princípios e as regras orientadores da reforma da heráldica dos concelhos, resultantes dos estudos da Secção de Heráldica e Genealogia da Associação dos Arqueólogos Portugueses, — determinando-se, quanto à coroa encimando o escudo, que ela será uma coroa mural: de prata, com cinco torres, para as cidades (exceptuando-se Lisboa, que a terá de ouro), e de prata, com quatro torres, para as vilas. Ver *Heráldica, Ciência de Temas Vivos,* por F. P. de Almeida Langhans, págs. 323 a 361 (*Heráldica dos Concelhos*) e também as págs. 443 a 477 (*Heráldica dos Territórios Ultramarinos*).

82

Localização:

— Rua de Andrade Corvo. Recanto ajardinado.
— Fonte monumental (147).

Material: granito.

Época: «ANNO DE 1742» (148).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de treze borlas pendentes a cada lado (1, 2, 3, 3 e 4).
— Ladeando o escudo, e inferiormente a este, motivos vegetais estilizados.

---

(147) Esta fonte esteve primitivamente no lugar de Infias. Em *Diario Bracarense das Epocas, Fastos, e Annaes mais remarcaveis,* por Manoel Joze da Silva Thadim, ms. (principiado em 1748) pertencente ao arquivo do Dr. Manuel António Braga da Cruz, em Braga, pág. 151: «Neste anno de 1742. mandou o Senado da Camara fazer hua fonte em Enfias, junto as Cazas «de Jacome Borges Pacheco, e no dia 23. de Janeiro de 1743. se passou Provisam de S. A. em «que fazia merce áo mencionado Jacome Borges das vertentes da agua para a sua Caza. o que «consta do liv. do Registo Geral do dito anno a fol. 70».

(148) Inscrição existente na fonte.



82



Escudo:

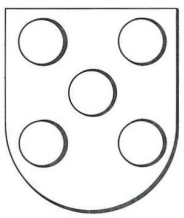
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres* em vez de sete *castelos*.

São as armas de D. José de Bragança, filho legitimado de D. Pedro II, na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1741-1756).



83

Localização:

— Rua dos Irmãos Roby.
— Casa das Hortas. Portão.

Material: granito.

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

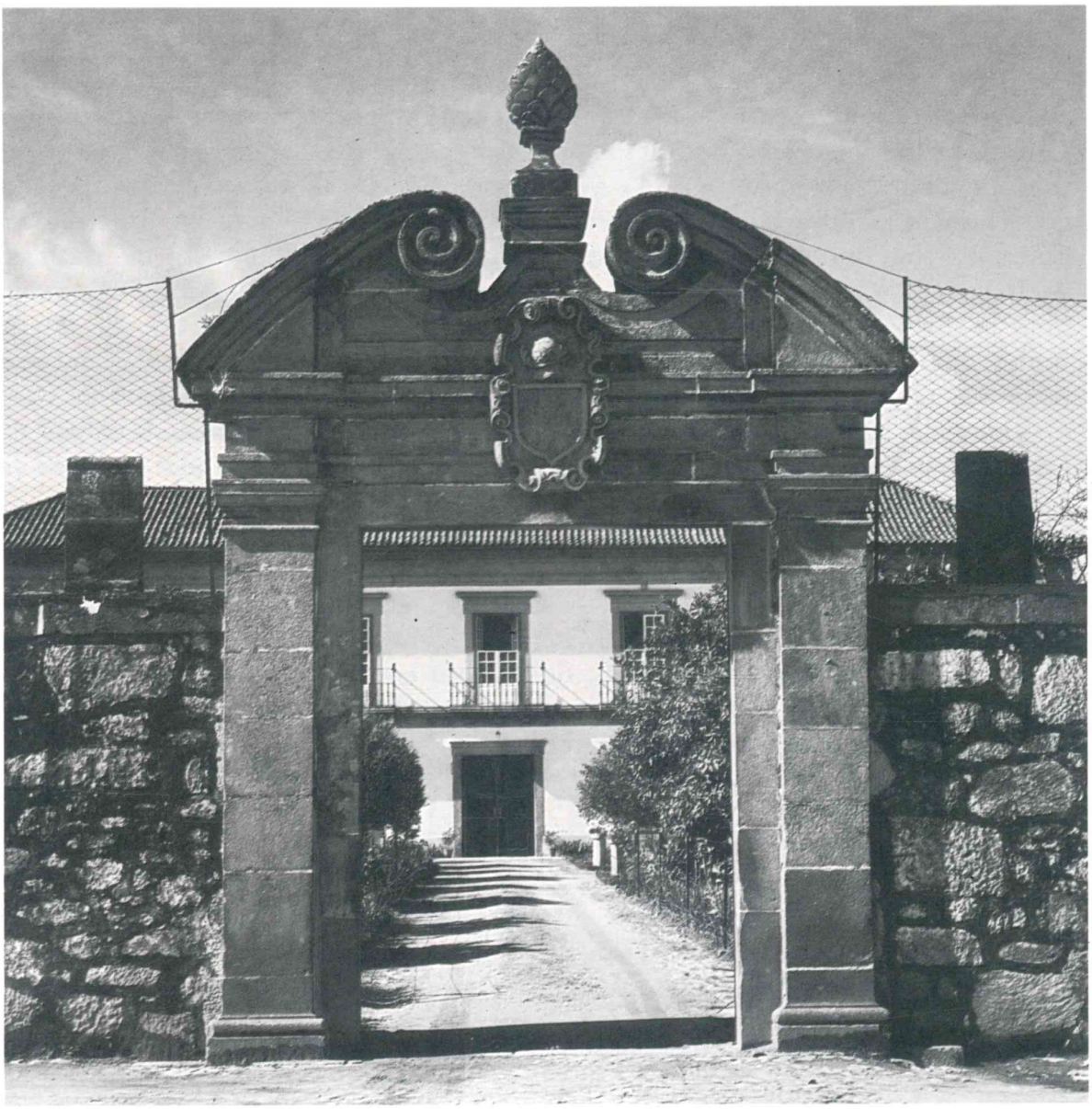
— Escudo.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à esquerda.
— Cartela decorativa sobre a qual assentam o escudo e o elmo.

Escudo:

Armas picadas (1)

(1) D. Maria Emília de Faria Machado Pinto Roby, senhora da Casa das Hortas, «instituiu herdeiro José Borges Pacheco Pereira de Faria [da Casa de Vale-de-Flores «(Infias)], neto de sua tia D. Ana Carlina de Vilhena, reservando o usufruto para «sua sobrinha D. Emília Júlia de Faria Machado. O Dr. José Borges vendeu-a já «em nossos dias, mandando picar a pedra de armas do portal, partida de Farias e «Machados» (cf. *Subsídios para a Genealogia dos Farias Machados das Casas da Bagoeira e das Hortas*, por Jorge de Faria Machado Vieira de Sampaio, pág. 151 (em nota), Lisboa, 1938).





* * *

Parece-me que a pedra de armas foi mandada colocar no portão por Sebastião Luís de Faria Machado da Cunha e Gusmão, fidalgo cavaleiro da Casa Real (alv. de 22 de Novembro de 1714), vereador da Câmara de Braga, senhor da Casa das Hortas, administrador do vínculo da Bagoeira, em Faria, no concelho de Barcelos, etc., que foi baptizado em Maximinos, em Braga, a 29 de Outubro de 1696 (148) e faleceu na Casa das Hortas a 10 de Fevereiro de 1763 (149), sendo filho de João de Faria Machado, fidalgo cavaleiro da Casa Real (alv. de 22 de Junho de 1696), administrador do vínculo da Bagoeira e mais vínculos de seus maiores, etc., e de sua mulher, D. Catarina da Cunha e Gusmão, senhora da Casa e Quinta das Hortas, da Quinta da Calva, em Geraz, no concelho da Póvoa de Lanhoso, da Quinta e Casa de Dornelas, no concelho de Amares, dos Moinhos de Prado, das casas da Rua da Cruz da Pedra, em Braga, etc., etc.

De Sebastião Luís de Faria Machado da Cunha e Gusmão e sua mulher foi trineto o Dr. José Borges Pacheco Pereira de Faria (mencionado na pág. 255), último senhor da Casa das Hortas, casado com sua prima D. Maria Inácia da Conceição de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira da Rocha Tinoco, última senhora da Casa da Bagoeira, que nasceu em Braga a 2 de Abril de 1855, 3.ª neta por varonia legítima dos citados Sebastião Luís de Faria Machado da Cunha e Gusmão e mulher, — com geração. (150)

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. I, costado 43 — *Casa das Hortas (Braga).*
— *Subsídios para a Genealogia dos Farias Machados das Casas da Bagoeira e das Hortas,* por Jorge de Faria Machado Vieira de Sampaio.
— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Cunhas Gusmões da Quinta das Hortas,* separata de «Bracara Augusta», vol. XXIII, fasc. 55 (67).

* * *

A Casa das Hortas é hoje Mosteiro da Visitação de Santa Maria.

---

(148) Livro de Nascimentos n.º 1, fl. 7. Arq. Dist. de Braga.
(149) Livro de Óbitos n.º 2 de Maximinos, fl. 200 v. Arq. Dist. de Braga.
(150) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

84

Localização:

— Rua da Boavista.
— Fonte de Santiago.

Material: granito.

Época: ano de 1531 (151).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Cruz simples posta em pala atrás do escudo.

---

(151) Cf. inscrição existente na fonte. «No anno de 1531. mandou [D. Diogo de Sousa], «e fez vir a agua per canos, e alcatruzes de pedra á estrada da Conega, a qual agua nunca «viera á dita estrada da Conega em vida, nem memoria de homens, e fez na dita estrada hua «fonte, e chafaris o melhor, que he feito, nem visto em Portugal, nem esta athe hoje, e assi «a agua he mais, e milhor, que ha em nenhua fonte de Braga nem darredor della» (em *Diario Bracarense das Epocas, Fastos, e Annaes mais remarcaveis,* por Manoel Joze da Silva Thadim, pág. 277, ms. (principiado em 1748) pertencente ao arquivo do meu bom Amigo Dr. Manuel António Braga da Cruz, e do qual há um exemplar em xerocópia na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga. Veja-se *Mappa das Ruas de Braga,* fol. 58 (*Rua das Conegas*), no Arq. Dist. de Braga — Gabinete da Direcção. Aproveito o momento, ao citar a Biblioteca Pública e o Arquivo Distrital, para me referir, com justiça, aos seus dignos funcionários D. Maria da Costa Martins, Afonso da Costa Ferreira e Manuel Fortunato Rodrigues, que com atenções e interessados têm contribuído para a documentação de parte deste meu trabalho de inventariação e estudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

SOUSA, de Arronches (1)

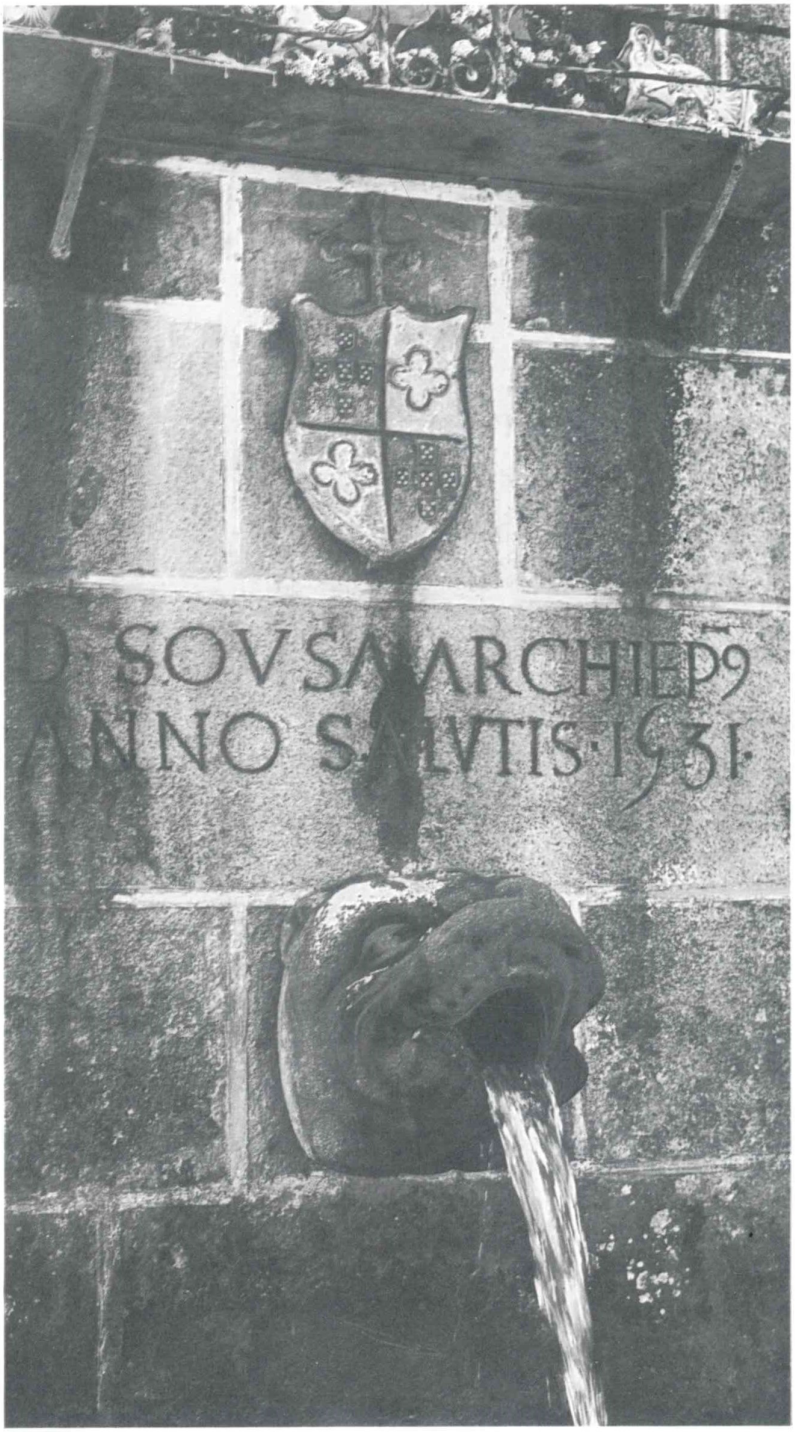
(1) Assim: esquartelado, tendo no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no II e III uma caderna de crescentes. Sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda, no I e IV.

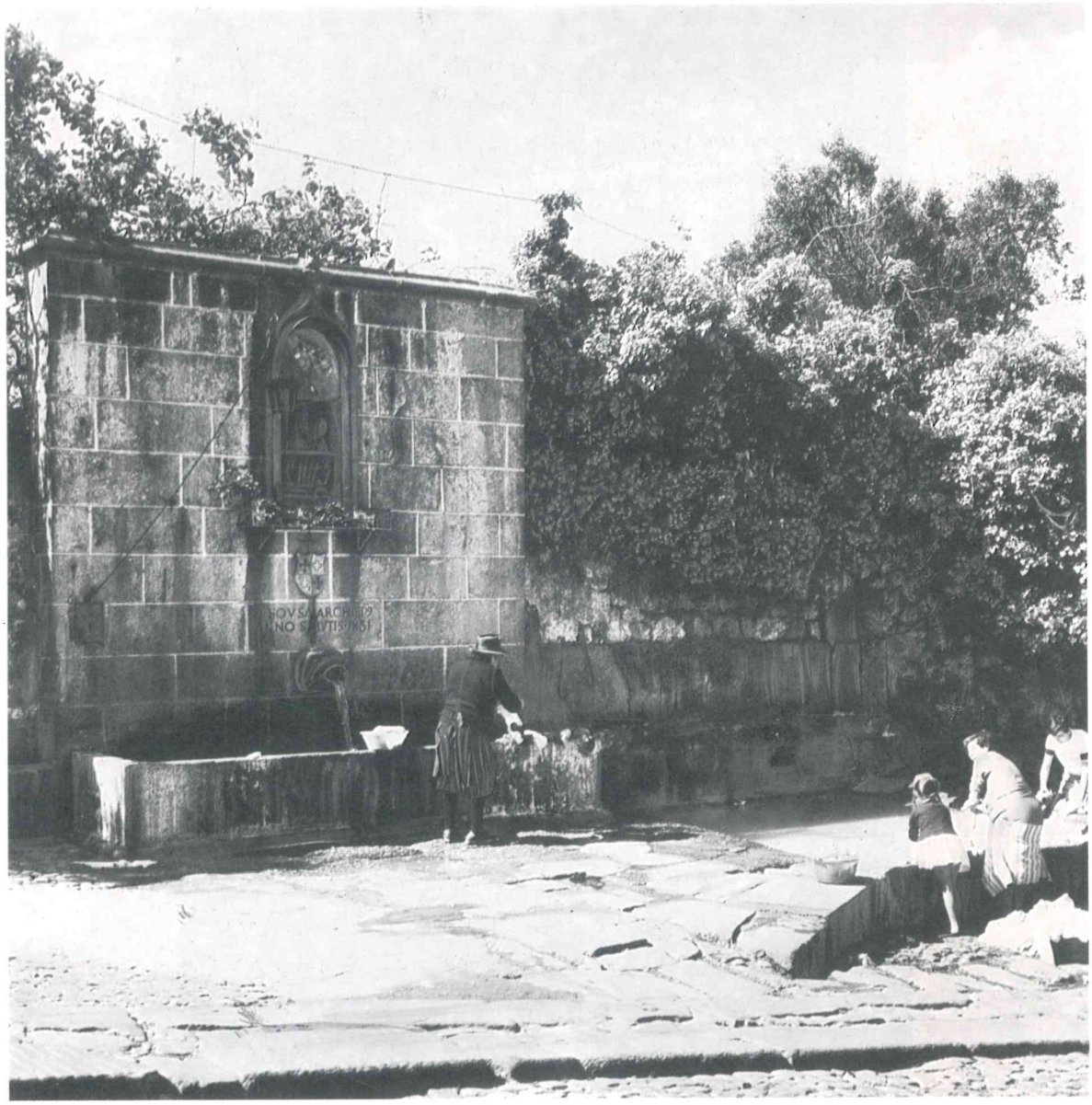
Pedra de armas mandada esculpir pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532).

* * *

Inscrição na fonte:

D · SOVSA ARCHIEP̃9
ANNO SALVTIS · 1531 ·


S.OVSA ARCHIEP9
ANNO S LVTIS·1931·



85

Localização:

— Rua da Boavista.
— Casa dos Sousas Machados (152).

Material: cimento.

Época: princípios do século vinte.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês, com suas correias.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife e timbre.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

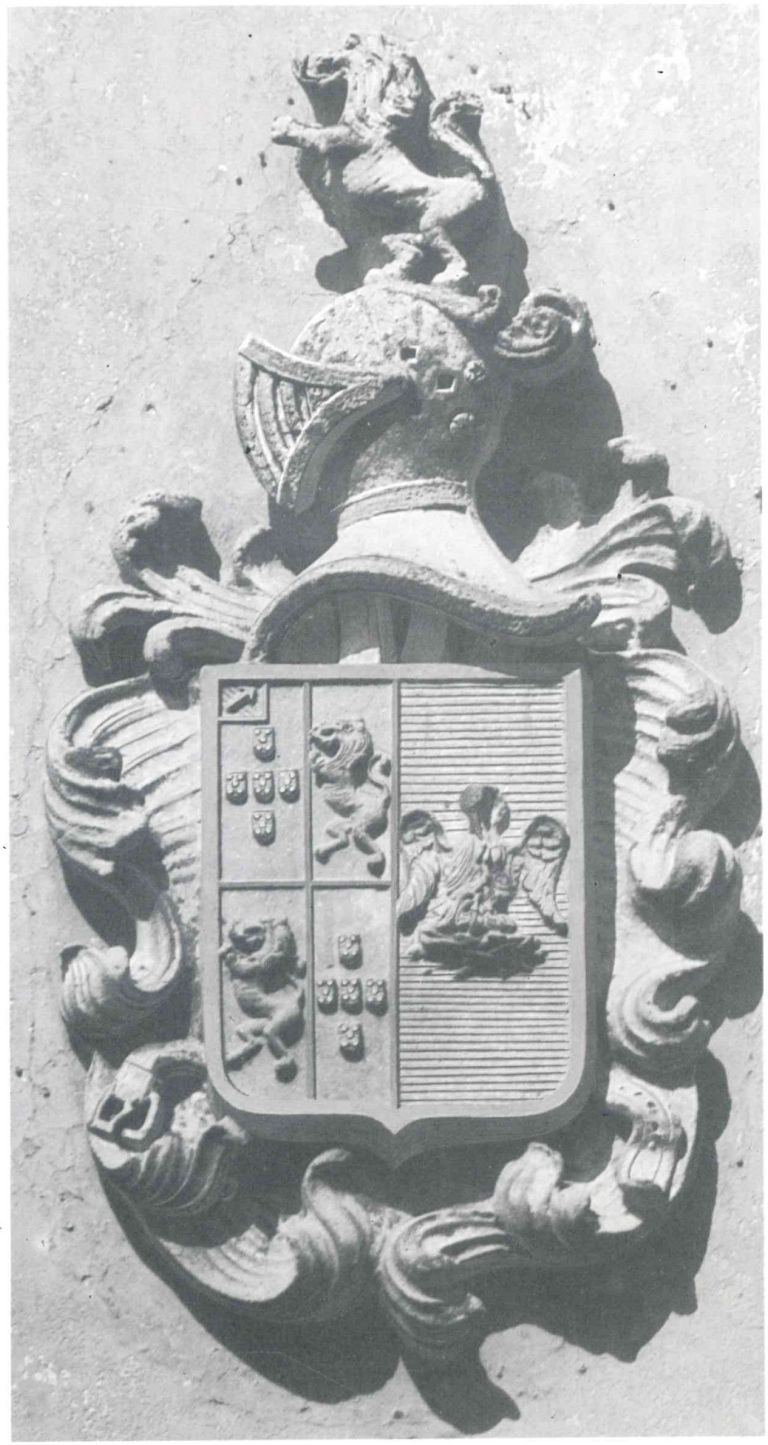
I SOUSA, do Prado (1)
II GOMES (2)

Diferença: uma brica com um farpão (3)

Timbre de SOUSA, do Prado (4)

---

(152) Neste edifício encontra-se instalado o «Centro de Saúde Mental de Braga. Dispensário de Higiene Mental».





(1) Esquartelado: no I e IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e no II e III um leão.
(2) Um pelicano no ninho, ferindo o peito e dando o sangue a beber a três filhos. Indicado o esmalte (azul) do campo.
(3) Indicado o esmalte (verde) da brica. Na carta de armas: uma brica de verde, com um farpão de ouro.
(4) Um leão.

São as armas passadas, a 29 de Novembro de 1796, a João Baptista de Sousa.

* * *

Carta de armas passada a João Baptista de Sousa (153):

Fl. 1 «D. MARIA / Por Graça de Deos Raynha de Portu/gal e dos Algarves «daquem, e da/lem Mar em Africa Senhora de Gui/ne, e da Conquista «Navegaçaõ do Co/mercio da Ethiopia Arabia Persia / e da India &c. «Faço saber a os que esta Minha Car/ta de Brazaõ de Armas de Nobreza

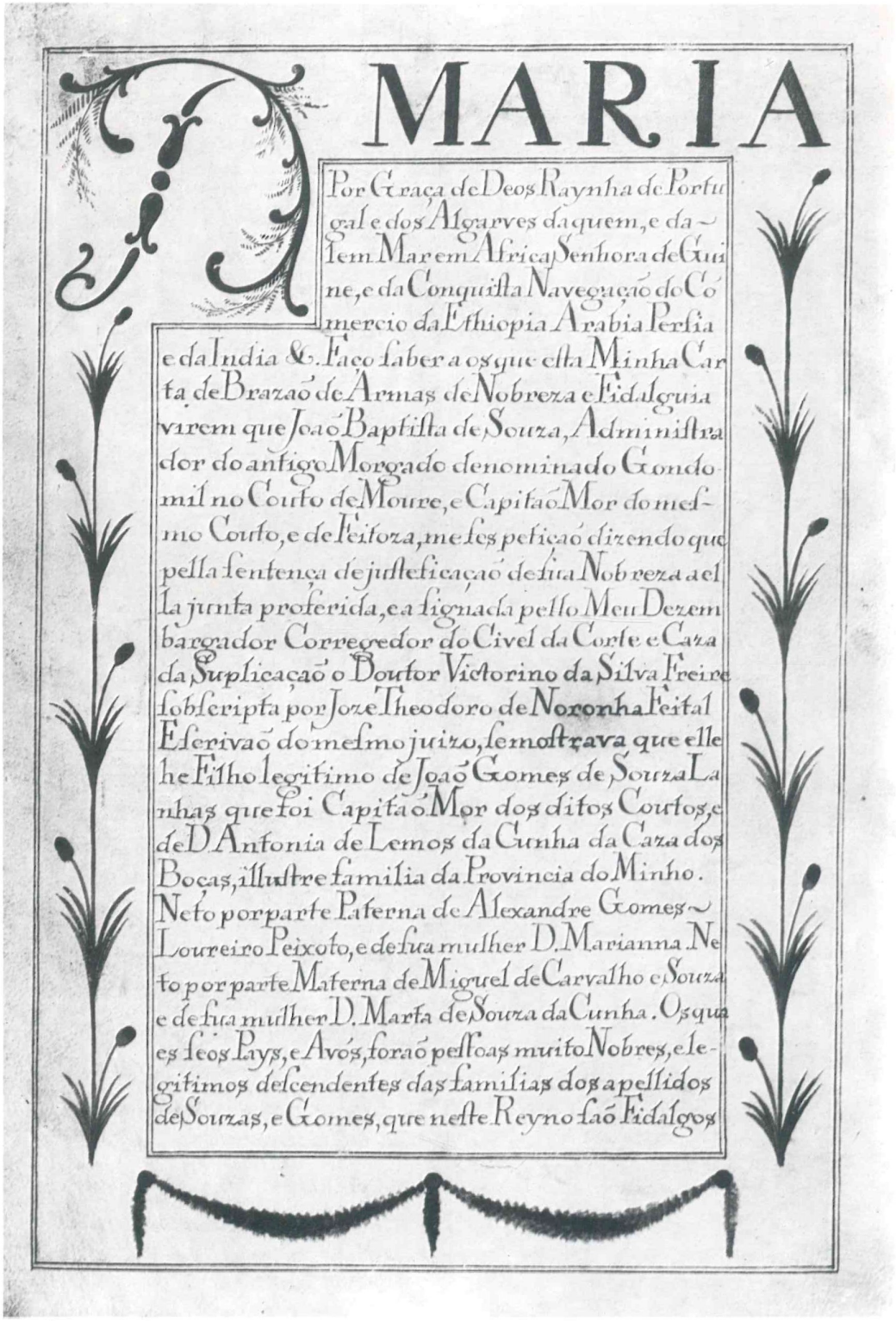
Nome «e Fidalguia / virem que Joaõ Baptista de Souza, Administra/dor do «antigo Morgado denominado Gondo/mil no Couto de Moure, e «Capitaõ Mor do mes/mo Couto, e de Feitoza, me fes petiçaõ dizendo «que / pella sentença de justeficaçaõ de sua Nobreza a el/la junta «proferida, e asignada pello Meu Dezem/bargador Corregedor do Civel «da Corte e Caza / da Suplicaçaõ o Doutor Victorino da Silva Freire / «sobscripta por Joze Theodoro de Noronha Feital / Escrivaõ do mesmo

Genealogia «juizo, se mostrava que elle / he Filho legitimo de Joaõ Gomes de «Souza La/nhas que foi Capitaõ Mor dos ditos Coutos, e / de «D. Antonia de Lemos da Cunha da Caza dos / Boças, illustre familia «da Provincia do Minho. / Neto por parte Paterna de Alexandre Gomes / «Loureiro Peixoto, e de sua mulher D. Marianna. Ne/to por parte «Materna de Miguel de Carvalho e Souza / e de sua mulher D. Marta «de Souza da Cunha (154). Os qua/es seos Pays, e Avós, foraõ pessoas «muito Nobres, e le/gitimos descendentes das familias dos apellidos / de

Fl. 1 v. «Souzas, e Gomes, que neste Reyno saõ Fidalgos // de Linhagem Cotta «de Armas, e de Sollar conhecido, e como ta/es se trataraõ com «Cavallos, Creados, e toda a mais ostentaçaõ / propria da Nobreza, sem «que em tempo algum cometesem / crime de Leza Magestade Devina «ou Humana. pello que me / pedia elle mesmo suplicante por Merce,

---

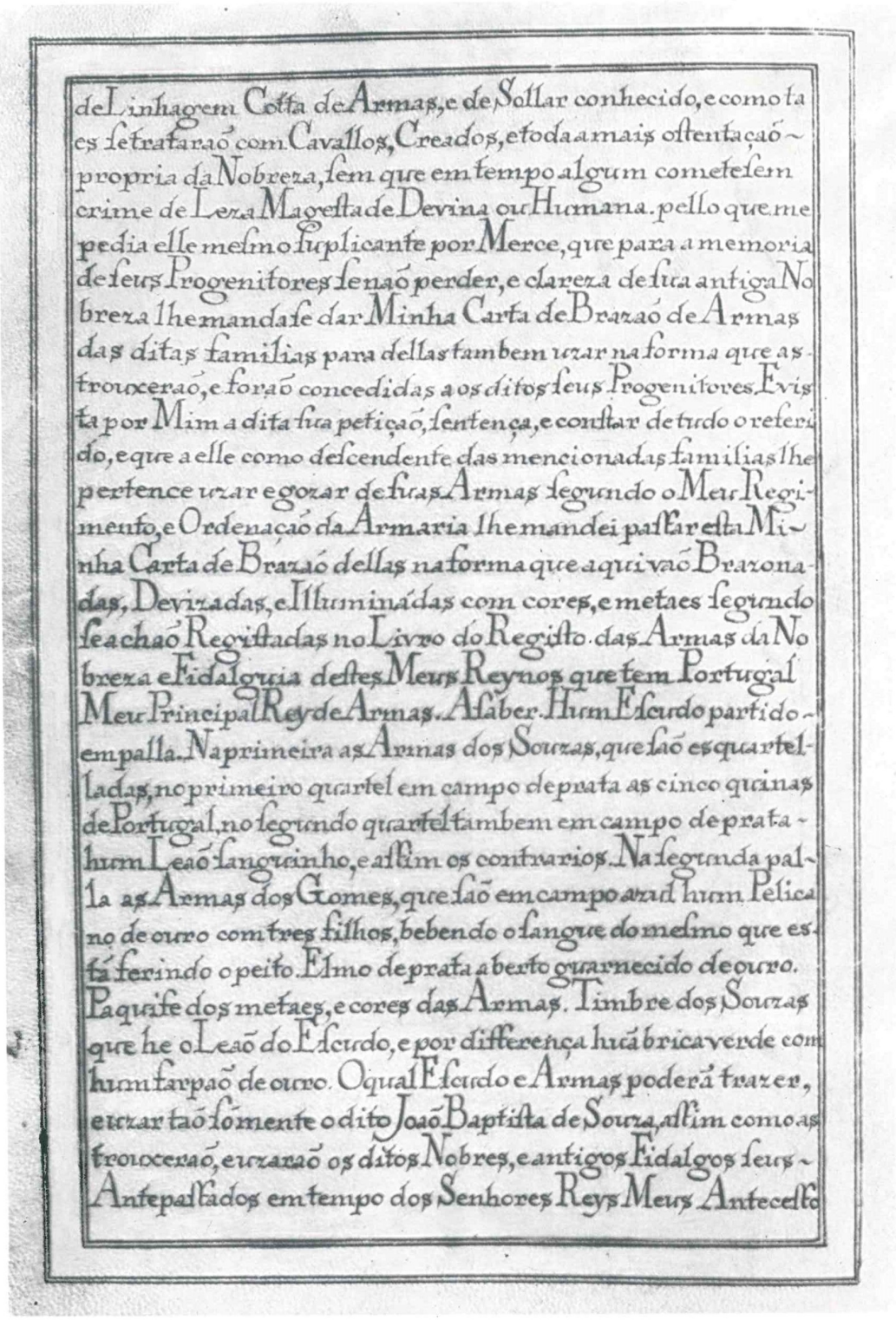
(153) Arquivo da Casa de Gondomil, em Moure (Vila Verde).
(154) Assentos paroquiais de S. Vítor, na cidade de Braga, e de Moure, no concelho de Vila Verde.



MARIA

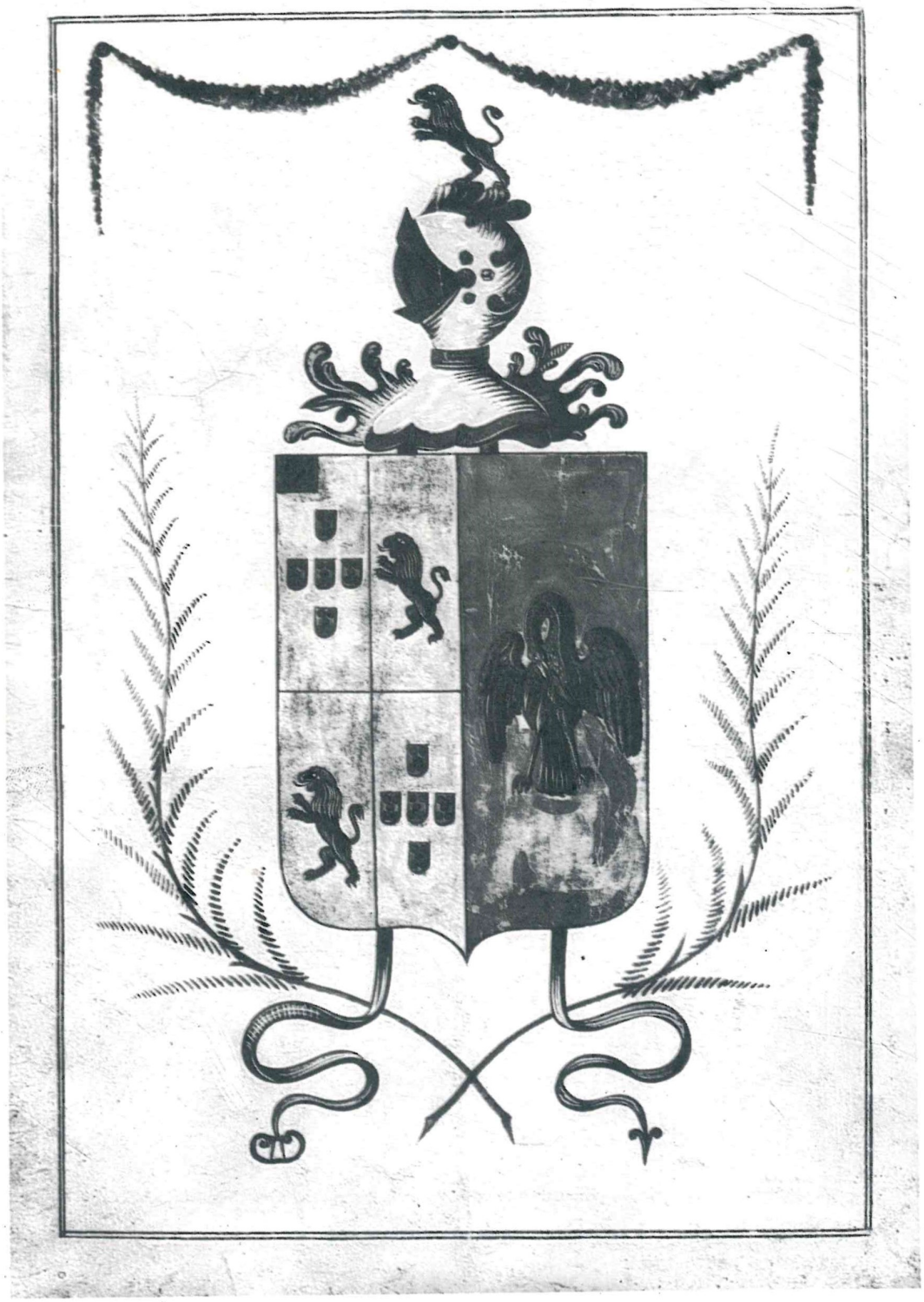
Por Graça de Deos Raynha de Portugal e dos Algarves daquem, e dalem Mar em Africa Senhora de Guine, e da Conquista Navegação do Comercio da Ethiopia Arabia Persia e da India &. Faço saber a os que esta Minha Carta de Brazaõ de Armas de Nobreza e Fidalguia virem que Joaõ Baptista de Souza, Administrador do antigo Morgado denominado Gondomil no Couto de Moure, e Capitaõ Mor do mesmo Couto, e de Feitoza, me fes petiçaõ dizendo que pella sentença de justificaçaõ de sua Nobreza ael la junta proferida, e a signada pello Meu Dezembargador Corregedor do Civel da Corte e Caza da Suplicaçaõ o Doutor Victorino da Silva Freire sobscripta por Jozé Theodoro de Noronha Feital Escrivaõ do mesmo juizo, se mostrava que elle he Filho legitimo de Joaõ Gomes de Souza Lanhas que foi Capitaõ Mor dos ditos Coutos, e de D Antonia de Lemos da Cunha da Caza dos Boças, illustre familia da Provincia do Minho. Neto por parte Paterna de Alexandre Gomes Loureiro Peixoto, e de sua mulher D. Marianna Neto por parte Materna de Miguel de Carvalho e Souza e de sua mulher D. Marta de Souza da Cunha. Os quaes seos Pays, e Avós, foraõ pessoas muito Nobres, e legitimos descendentes das familias dos apellidos de Souzas, e Gomes, que neste Reyno saõ Fidalgos

Fl. I

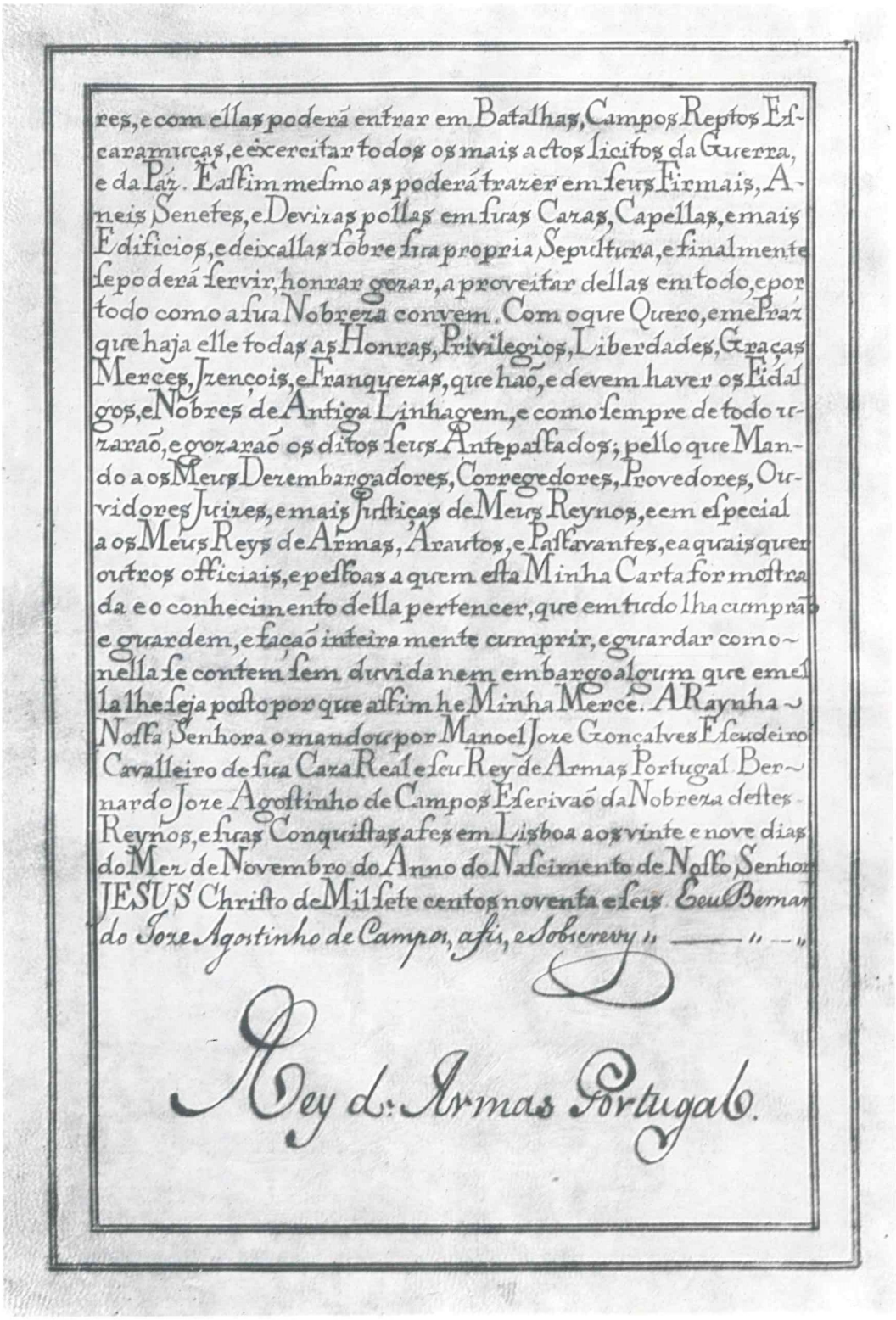


de Linhagem Coſta de Armas, e de Sollar conhecido, e como taes ſe trataraõ com Cavallos, Creados, e toda a mais oſtentaçaõ propria da Nobreza, ſem que em tempo algum cometeſſem crime de Leza Mageſtade Devina ou Humana. pello que me pedia elle meſmo ſuplicante por Merce, que para a memoria de ſeus Progenitores ſe naõ perder, e clareza de ſua antiga Nobreza lhe mandaſſe dar Minha Carta de Brazaõ de Armas das ditas familias para dellas tambem uzar na forma que as trouxeraõ, e foraõ concedidas a os ditos ſeus Progenitores. Eviſta por Mim a dita ſua petiçaõ, ſentença, e conſtar de tudo o referido, e que a elle como deſcendente das mencionadas familias lhe pertence uzar e gozar de ſuas Armas ſegundo o Meu Regimento, e Ordenaçaõ da Armaria lhe mandei paſſar eſta Minha Carta de Brazaõ dellas na forma que aqui vaõ Brazonadas, Devizadas, e Illuminadas com cores, e metaes ſegundo ſe achaõ Regiſtadas no Livro do Regiſto das Armas da Nobreza e Fidalguia deſtes Meus Reynos que tem Portugal Meu Principal Rey de Armas. A ſaber. Hum Eſcudo partido em palla. Na primeira as Armas dos Souzas, que ſaõ eſquarteladas, no primeiro quartel em campo de prata as cinco quinas de Portugal, no ſegundo quartel tambem em campo de prata hum Leaõ ſanguinho, e aſſim os contrarios. Na ſegunda palla as Armas dos Gomes, que ſaõ em campo azul hum Pelicano de ouro com tres filhos, bebendo o ſangue do meſmo que eſtá ferindo o peito. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, e cores das Armas. Timbre dos Souzas que he o Leaõ do Eſcudo, e por differença hũa bricavarde com hum tarpaõ de ouro. O qual Eſcudo e Armas poderá trazer, e uzar taõ ſomente o dito João Baptiſta de Souza, aſſim como os trouxeraõ, e uzaraõ os ditos Nobres, e antigos Fidalgos ſeus Antepaſſados em tempo dos Senhores Reys Meus Anteceſſo

Fl. 1 v.



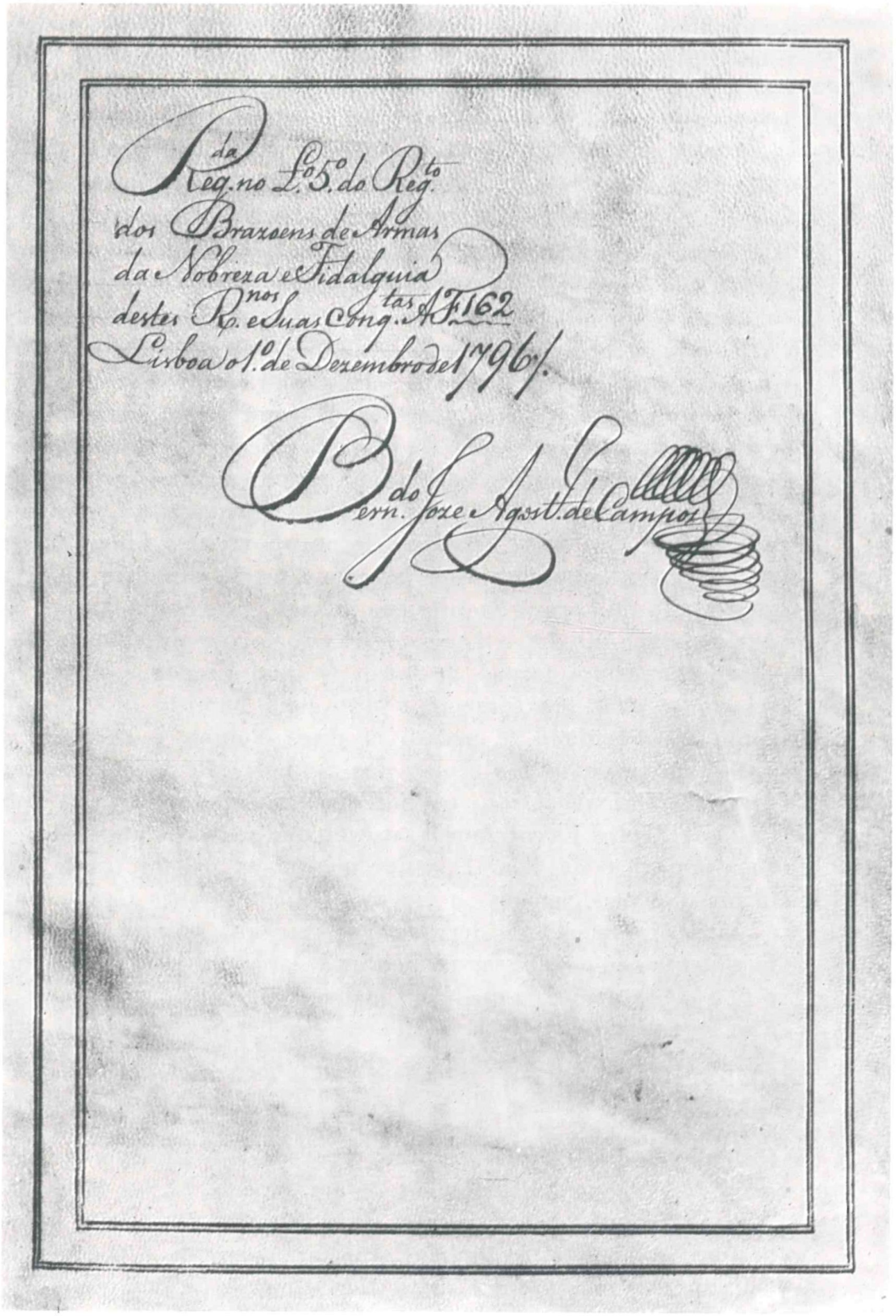
Fl. 2



res, e com ellas poderá entrar em Batalhas, Campos Reptos Escaramuças, e exercitar todos os mais actos licitos da Guerra, e da Páz. E assim mesmo as poderá trazer em seus Firmais, Aneis Senetes, e Devizas pollas em suas Cazas, Capellas, e mais Edificios, e deixallas sobre sua propria Sepultura, e finalmente se poderá servir, honrar gozar, a proveitar dellas em todo, e por todo como a sua Nobreza convem. Com o que Quero, e me Praz que haja elle todas as Honras, Privilegios, Liberdades, Graças Merces, Jzençois, e Franquezas, que haõ, e devem haver os Fidalgos, e Nobres de Antiga Linhagem, e como sempre de todo uzaraõ, e gozaraõ os ditos seus Antepassados; pello que Mando a os Meus Dezembargadores, Corregedores, Provedores, Ouvidores Juizes, e mais Justiças de Meus Reynos, e em especial a os Meus Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, e a quaisquer outros officiais, e pessoas a quem esta Minha Carta for mostrada e o conhecimento della pertencer, que em tudo lha cumprão e guardem, e façaõ inteira mente cumprir, e guardar como nella se contem sem duvida nem embargo algum que em ella lhe seja posto por que assim he Minha Merce. A Raynha Nossa Senhora o mandou por Manoel Joze Gonçalves Escudeiro Cavalleiro de sua Caza Real e seu Rey de Armas Portugal Bernardo Joze Agostinho de Campos Escrivaõ da Nobreza destes Reynos, e suas Conquistas a fes em Lisboa a os vinte e nove dias do Mez de Novembro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de Mil sete centos noventa e seis. E eu Bernardo Joze Agostinho de Campos, a fis, e Sobscrevy ,, —— ,, — ,,

Rey d: Armas Portugal.

Fl. 2 v.


Da Reg.no L.o 5.o do Reg.to
dos Brazoens de Armas
da Nobreza e Fidalguia
destes R.nos e Suas Conq.tas A F 162
Lisboa ao 1.o de Dezembro de 1796.

Bern.do Joze Agost.o de Campos

Fl. 3

«que para a memoria / de seus Progenitores se naõ perder, e clareza de «sua antiga No/breza lhe mandase dar Minha Carta de Brazaõ de «Armas / das ditas familias para dellas tambem uzar na forma que as / «trouxeraõ, e foraõ concedidas a os ditos seus Progenitores. E vis/ta «por Mim a dita sua petiçaõ, sentença, e constar de tudo o referi/do, e «que a elle como descendente das mencionadas familias lhe / pertence «uzar e gozar de suas Armas segundo o Meu Regi/mento, e Ordenaçaõ «da Armaria lhe mandei passar esta Mi/nha Carta de Brazaõ dellas na «forma que aqui vaõ Brazona/das, Devizadas, e Illuminadas com cores, «e metaes segundo / se achaõ Registadas no Livro do Registo das «Armas da No/breza e Fidalguia destes Meus Reynos que tem Portugal / *Armas* «Meu Principal Rey de Armas. A saber. Hum Escudo partido / em palla. «Na primeira as Armas dos Souzas, que saõ esquartel/ladas, no «primeiro quartel em campo de prata as cinco quinas / de Portugal, no «segundo quartel tambem em campo de prata / hum Leaõ sanguinho, e «assim os contrarios. Na segunda pal/la as Armas dos Gomes, que saõ «em campo azul hum Pelica/no de ouro com tres filhos, bebendo o «sangue do mesmo que es/tá ferindo o peito. Elmo de prata aberto «guarnecido de ouro. / Paquife dos metaes, e cores das Armas. Timbre «dos Souzas / que he o Leaõ do Escudo, e por differença hũa brica «verde com / hum farpaõ de ouro. O qual Escudo e Armas poderá «trazer, / e uzar taõ sómente o dito Joaõ Baptista de Souza, assim «como as / trouxeraõ, e uzaraõ os ditos Nobres, e antigos Fidalgos «seus / Antepassados em tempo dos Senhores Reys Meus Antecesso// Fls. 2 e 2v. «*(armas iluminadas)*//res, e com ellas poderá entrar em Batalhas, «Campos Reptos Es/caramuças, e exercitar todos os mais actos licitos «da Guerra, / e da Páz. E assim mesmo as poderá trazer em seus «Firmais, A/neis Senetes, e Devizas pollas em suas Cazas, Capellas, «e mais / Edificios, e deixallas sobre sua propria Sepultura, e «finalmente / se poderá servir, honrar gozar, aproveitar dellas em todo, «e por / todo como a sua Nobreza convem. Com o que Quero, e me «Práz / que haja elle todas as Honras, Privilegios, Liberdades, Graças / «Merces, Izençois, e Franquezas, que haõ, e devem haver os Fidal/gos, «e Nobres de Antiga Linhagem, e como sempre de todo u/zaraõ, e «gozaraõ os ditos seus Antepassados; pello que Man/do a os Meus «Dezembargadores, Corregedores, Provedores, Ou/vidores Juizes, e «mais Justiças de Meus Reynos, e em especial / a os Meus Reys de «Armas, Arautos, e Passavantes, e a quais quer / outros officiais, e «pessoas a quem esta Minha Carta for mostra/da e o conhecimento «della pertencer, que em tudo lha cumpraõ / e guardem, e façaõ «inteira mente cumprir, e guardar como / nella se contem sem duvida

«nem embargo algum que em el/la lhe seja posto por que assim he «Minha Mercê. A Raynha / Nossa Senhora o mandou por Manoel Joze «Gonçalves Escudeiro / Cavalleiro de sua Caza Real e seu Rey de «Armas Portugal. Ber/nardo Joze Agostinho de Campos Escrivaõ da

Data «Nobreza destes / Reynos, e suas Conquistas a fes em Lisboa aos vinte «e nove dias / do Mez de Novembro do Anno do Nascimento de Nosso «Senhor / JESUS Christo de Mil sete centos noventa e seis. E eu «Bernar/do Joze Agostinho de Campos, a fis, e sobscrevy / Rey de

Fl. 3 «Armas Portugal. // Reg.da no L.o 5.o do Reg.to / dos Brazoens de

Registo «Armas / da Nobreza e Fidalguia / destes R.nos e Suas Conq.tas A F. «162 / Lisboa o 1.o de Dezembro de 1796. / Bern.do Joze Agost. de «Campos».

* * *

João Baptista de Sousa nasceu em São Vítor, em Braga, a 17 de Novembro de 1720 (155) e faleceu na Casa de Gondomil, em Moure, no actual concelho de Vila Verde, a 27 de Fevereiro de 1798, sendo sepultado na capela da casa. Bacharel formado em Leis, juiz de fora em Almodóvar, capitão-mor dos Coutos de Moure, Cervães e Feitosa, 8.º administrador do vínculo de Gondomil ou do Pinheiro, em Moure, etc. Casou em Arcozelo, no concelho de Vila Verde, a 17 de Março de 1762 (156), com D. Luísa Rosa da Câmara Osório de Queirós, filha do Capitão Teodósio de Queirós Osório, senhor da Quinta da Inveja, em Arcozelo, e de sua mulher, D. Maria Nogueira da Câmara e Araújo. Foi seu neto João Maria de Sousa Machado Abreu da Maia e Vasconcelos, 10.º e último administrador do vínculo de Gondomil e do de Paço de Cabaços, etc., vice-presidente da Câmara Municipal de Braga, falecido, a 8 de Junho de 1913, na casa da Rua da Boavista, que mandou construir e nela pôr a *pedra de armas,* o qual casou, a 19 de Agosto de 1858, com sua prima D. Ana Amália do Vale Campos Barreto, filha de José do Vale Campos de Magalhães Bacelar, senhor das Casas de Pacinho e de Pousadela, no concelho dos Arcos de Valdevez, do Paço, no concelho de Penafiel, e da Quinta dos Apóstolos, na freguesia de Ferreiros, no termo de Braga, etc., presidente da Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez, e de sua mulher, D. Maria Augusta de Abreu Caldas Bacelar, da Casa do Paço de Vila Verde, na freguesia de Cuide, no concelho de Ponte da Barca, — bisavós do actual senhor da casa da Rua da Boavista, Fernando Alberto Jácome de Sousa de Vasconcelos, que segue. (157)

---

(155) Livro de Nascimentos n.º 7, fl. 55. Arq. Dist. de Braga.
(156) Livro Misto n.º 2, fl. 26 v. Arq. Dist. de Braga.
(157) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

1 — FERNANDO ALBERTO JÁCOME DE SOUSA DE VASCONCELOS. Nasceu em Braga, na casa da Rua da Boavista, na freguesia da Sé, a 26 de Fevereiro de 1937. Regente agrícola, medalha da Campanha do Norte de Angola (1961-1963), senhor da casa da Rua da Boavista e da Casa de Proence, esta em Sandiães, no concelho de Ponte de Lima. Filho de Vasco Girão Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos, da Casa do Avelar, em Braga, senhor da Casa de Proence, falecido em Braga a 8 de Dezembro de 1966, e de sua mulher, D. Helena Augusta de Sousa e Almeida da Maia Machado e Vasconcelos, actual senhora da Casa de Gondomil, em Moure, no concelho de Vila Verde. Casou em Braga, na Sé, a 1 de Agosto de 1964, com sua prima D. Helena Maria de Araújo de Carvalho Matos, que nasceu na freguesia da Sé a 18 de Setembro de 1936, licenciada em Ciências Históricas e Filosóficas pela Universidade de Coimbra, professora do ensino secundário, filha de Alberto Jorge de Carvalho Moreira de Matos, funcionário administrativo, oficial da Ordem de Benemerência, medalha de prata da Cidade de Braga, e de sua mulher, D. Maria Euridice Machado Morais de Sousa Araújo.

Filhos:

2 — *Vasco Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos.* Nasceu em S. Lázaro, em Braga, a 6 de Março de 1965 e faleceu no Porto, na Maternidade de Júlio Dinis, a 15 do mesmo mês e ano.

2 — *Francisco Vasco Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos.* Nasceu em S. João do Souto, em Braga, a 24 de Novembro de 1967. (158)

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. I, costado 55 — *Casa de Gondomil (Vila Verde).*

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Jácomes,* — separata (1952) de «Bracara Augusta», vol. IV, n.º 1 (22), e tít. de *Lanhas,* — separata (1966) de «Bracara Augusta», vol. XX, n.os 45-46 (57-58).

(158) Informação do actual senhor da casa da Rua da Boavista (20-9-70).

86

Localização:

— Rua da Boavista.
— Casa que pertenceu a Guilherme Firmino de Abreu e Couto. Frontaria.

Material: granito.

Época: primeiro quartel do século vinte, depois do ano de 1904.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita.
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

Escudo:

Composição: partida.

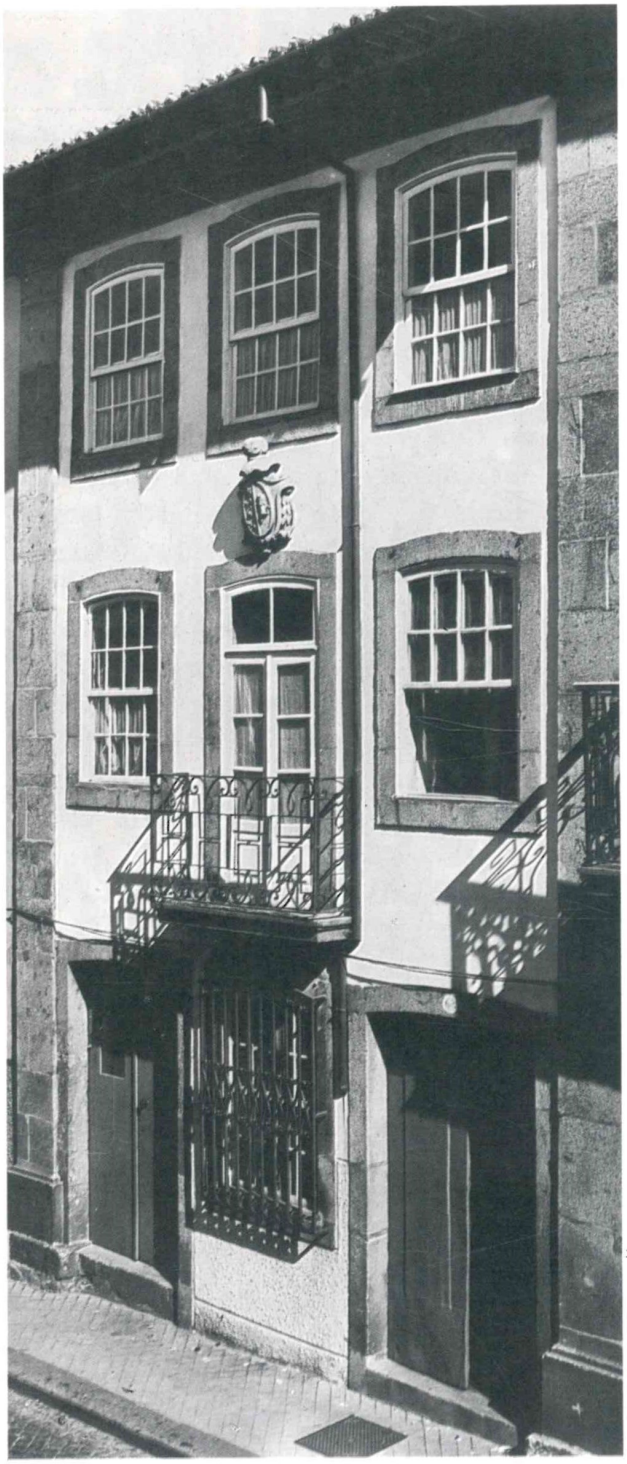
Leitura:

I ABREU (1)
II SILVA (2)

Diferença: uma brica com um trifólio (3)

(1) Cinco asas.
(2) Um leão.
(3) Na carta de armas: uma brica de prata, com um trifólio de verde.





* * *

Carta de armas passada ao Desembargador João José de Abreu e Silva (159):

Texto do seu registo
(Cartório da Nobreza,
— liv. VI, fls. 10 v. a 12.
Arquivo Nacional da Torre do Tombo):

Fl. 10 v. «D. Maria por Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves «daquem, e dalem Mar em Africa Senhora de Guiné e da Conquista «Navegaçaõ do Comercio da Ethiopia, Arabia, Percia e da India &c. «Faço saber aos que esta minha Carta de Brazaõ de Armas de Nobreza

Nome «e Fidalguia virem que que *(sic)* o Dezembargador Joaõ Jose de Abreo «e Silva da Villa de Pica de Regallados Comarca de Vianna me fez //

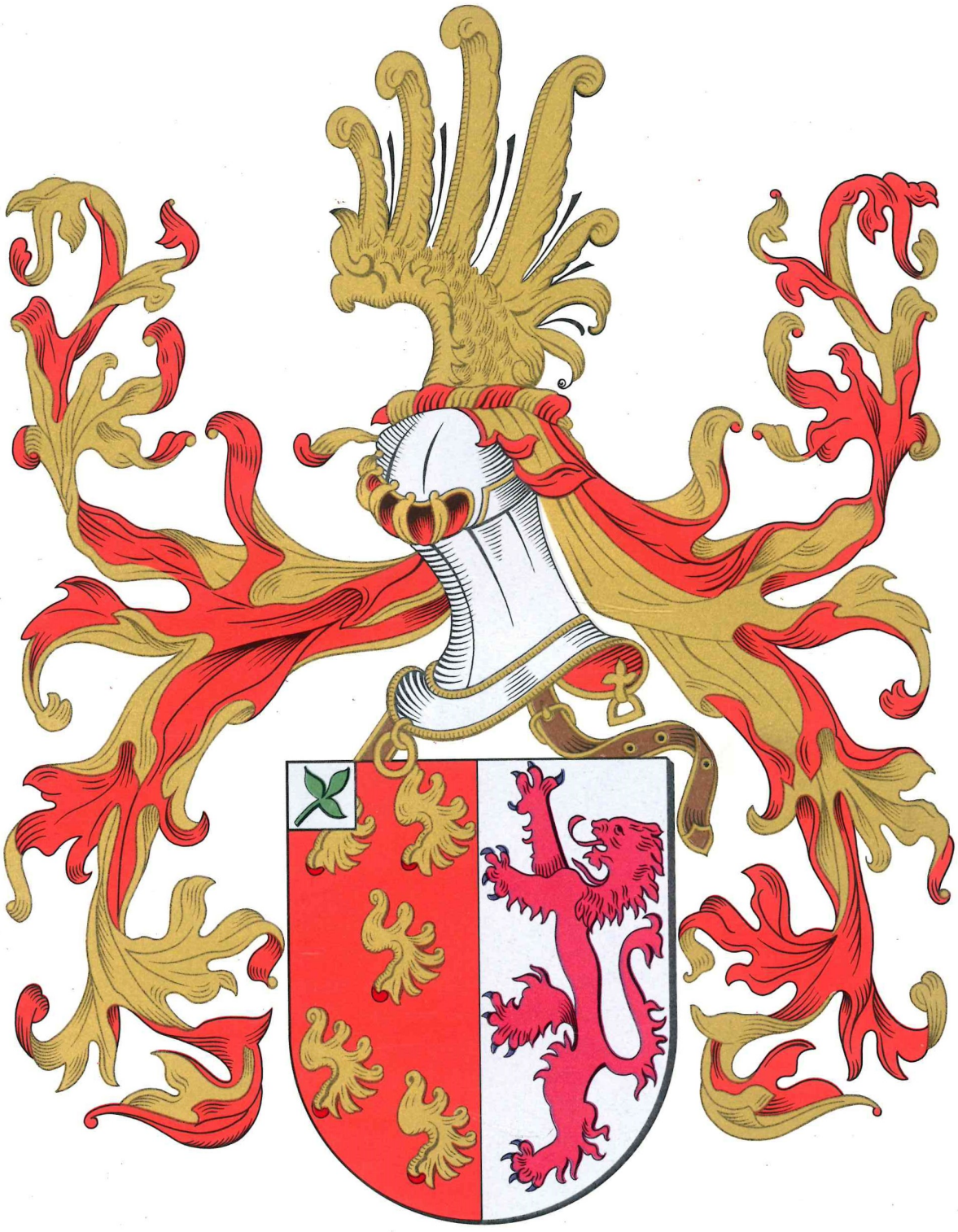
Fl. 11 «petiçaõ dizendo que pella sentença de justificaçaõ de sua Nobreza a «ella junta proferida, e asignada pello meu Dezembargador Corregidor «do Civel da Corte e Caza da Suplicaçaõ o Doutor Victorino da Silva «Freire, sobscripta por Joze Theodoro de Noronha Feital Escrivaõ do

Genealogia «mesmo Juizo se mostrava que elle he Filho legitimo do Doutor «Joaquim de Abreo e Silva, e de D. Innocencia da Silva Rezende «Senhores de Quinta da Ribeira. Neto por parte Paterna de Alexandre «de Abreo e Silva, e de D. Antonia de Araujo Meireles. Bisneto de «Francisco de Abreo e de D. Izabel da Silva Senhores da dita Quinta. «Neto por parte Materna de Balthezar Lopes da Silva Mouraõ Senhor «da Quinta de Farrinhela e de D. Izabel da Silva de Rezende. Bisneto «de Alexandre Lopes da Silva, e de D. Thereza de Rezende, Senhores «da mencionada Quinta de Farrinhela (160). Os quais seus Pais, e Avós «foraõ pessoas Nobres das Illustres familias dos Appelidos de Abreus, e «Silvas, que neste Reino saõ Fidalgos de Linhagem Cotta de Armas, e «de Sollar Conhecido, e como tais se trataraõ com Cavallos, Creados, «e toda a mais ostentaçaõ propria da Nobreza, sem que em tempo «algum cometecem crime de Leza Mag.e Devina, ou Humana, pello «que me pedia elle mesmo Suplicante por merce que para a memoria

---

(159) A carta de armas não está na posse dos descendentes de D. Isabel Maria de Abreu e Silva, irmã e sucessora do Desembargador João José de Abreu e Silva. Por que mãos estranhas andará?

(160) Assentos paroquiais de S. Paio do Pico de Regalados, no concelho de Vila Verde, e de Avanca, no concelho de Estarreja.



«de seus Progenitores se naõ perder, e clareza de sua antiga Nobreza,
«lhe mandasse dar Minha Carta de Brazaõ de Armas das ditas familias
«para dellas tambem uzar na forma que as trouxeraõ, e foraõ
«concedidas aos ditos seus Progenitores. E vista por mim a dita sua
«Petiçaõ Sentença, constar de tudo o refferido, e que a elle como
«dessendente das mencionadas familias, lhe pertence uzar, e gozar, de
«suas Armas segundo o meu Regimento e Ordenaçaõ da Armaria lhe
«mandei passar esta minha Carta de Brazaõ dellas, na forma, que aqui
Fl. 11 v. «vaõ Brazonadas, Devizadas // e Illuminadas com Cores e metais
«segundo se achaõ Registadas no Livro do Registo das Armas da
«Nobreza e Fidalguia destes meus Reinos que tem Portugal meu
Armas «principal Rei de Armas. A ssaber. Hum Escudo partido em palla. Na
«primeira as Armas dos Abreus, que saõ em campo sanguinho cinco
«cotos de Azas de ouro com sangue nas Cortaduras a seu direito postas
«em Sautor. Na segunda palla as Armas dos Silvas q̃ saõ em Campo de
«prata hum Leaõ de purpura armado de azul. Elmo de prata aberto
«guarnecido de ouro. Paquife dos metais, e cores das Armas. Timbre
«dos Abreus que he hũa Aza das Armas, e por differença hũa brica de
«prata com um trifolio verde. O qual Escudo, e Armas poderá trazer, e
«uzar taõ somente o dito Dezembargador Joaõ Jose de Abreu e Silva,
«assim como as trouxeraõ, e uzaraõ os dittos Nobres, e antigos
«Fidalgos seos Antepassados em tempo dos Senhores Reys meos
«Antecessores, e com ellas poderá entrar em Batalhas Campos Reptos,
«E escaramuças, e exercitar todos os mais actos licitos da Guerra, e da
«Paz. E assim mesmo as poderá trazer em seos Firmaes, Aneis, Senetes,
«e Devizas, pollas em suas Cazas, Capellas, e mais Edeficios, e
«deixallas sobre sua propia sepultura, e finalmente se podera servir,
«Honrar, Gosar, Aproveitar dellas em todo, e por todo como a sua
«Nobreza convem. Com o que quero, e me Praz que haja elle todas
«as Honras, Privilegios, Liberdades, Graças, Mercês Izençoens, e
«Franquezas que haõ, e devem haver, os Fidalgos, e Nobres de antiga
«Linhagem; e como sempre de todo uzáraõ, e gosaraõ, os dittos
«seos Antepassados, pello que mando aos meos Dezembargadores,
«Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juises, e mais Justiças de meos
«Reynos, e em especial aos meos Reys de Armas, e Passavantes, e a
«quaes quer outros Offeciaes, e Pessoas a quem esta minha Carta for
Fl. 12 «mostrada, e o Conhecimento // Conhecimento della pretencer que em
«tudo lha cumpraõ, e goardem, e façaõ inteiramente cumprir, e
«goardar, como nella se contem, sem duvida, nem embargo algum que
«em ella lhe seja posto porque assim he minha Merce. A Raynha Nossa
«Senhora o mandou por Manoel Jose Gonçalves, Escudeiro Cavalleiro

«de Sua Caza Real, e seo Rey de Armas Portugal. Bernardo Jose «Agostinho de Campos Cavalleiro da Ordem de S. Tiago da Espada, e «Escrivaõ da Nobreza destes Reynos, e suas Conquistas a fes em Lisboa *Data* «aos 13 dias do mez de Fevereiro do anno do Nascimento de Nosso «Senhor Jezus Christo de 1798 — E eu Bernardo Jose Agostinho de «Campos a fiz, e Sobscrevi — Portugal Rey de Armas Principal || E eu «Bernardo Jose Agostinho de Campos a fiz Registar, e asigney. Bern.do «José Agost.o de Campos».

* * *

João José de Abreu e Silva foi desembargador e senhor da casa dos Abreus e Silvas no Pico de Regalados, em cuja frontaria mandou pôr as suas armas. Sucedeu-lhe a irmã D. Isabel Maria de Abreu e Silva, que casou com Luís José de Castro Gomes do Couto, bacharel formado em Leis, curador geral dos Orfãos no Concelho do Pico de Regalados, etc., — dos quais foi neta D. Maria Isabel Gomes de Abreu do Couto, que faleceu em Braga no estado de solteira a 17 de Junho de 1904, havendo declarado no seu testamento, feito a 25 de Setembro de 1899 (161), que tinha um filho natural, que reconhecia e a quem deixava por seu único e universal herdeiro, de nome Guilherme Firmino de Abreu e Couto, baptizado em Santa Maria Maior, na cidade de Viana do Castelo, a 23 de Setembro de 1864 (162), escriturário de primeira classe das Obras Públicas, o qual morou na sua casa da Rua da Boavista, onde mandou colocar a pedra de armas, e que casou com D. Guilhermina Pinto Esteves (163), havendo, entre outros filhos: D. Albertina Esteves de Abreu e Couto, que nasceu na freguesia de Monserrate, na cidade de Viana do Castelo, a 11 de Janeiro de 1903, e casou na Sé de Braga, a 27 de Setembro de 1939, com Gonçalo José Fernandes Lopes, funcionário da Escola Industrial e Comercial de Braga, nascido na freguesia de S. João do Souto, em Braga, a 15 de Novembro de 1910, não havendo geração, — a qual vendeu a casa da Rua da Boavista, com reserva de vida, a José Vilela de Sousa, de Braga (164).

•

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Gomes do Couto* (a publicar).

---

(161) O testamento está na posse da Senhora D. Albertina Esteves de Abreu e Couto Fernandes Lopes, em Braga.

(162) Cf. testamento citado.

(163) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso, em Braga.

(164) Informação da Senhora D. Albertina Esteves de Abreu e Couto Fernandes Lopes.

87 e 88

Localização:

— Largo do Conselheiro Torres e Almeida (Pópulo).
— Casa que foi dos Cunhas Sotomayores. Frontaria. (Há na frontaria outra pedra de armas idêntica).

Material: granito.

Época: primeira metade do século dezassete.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

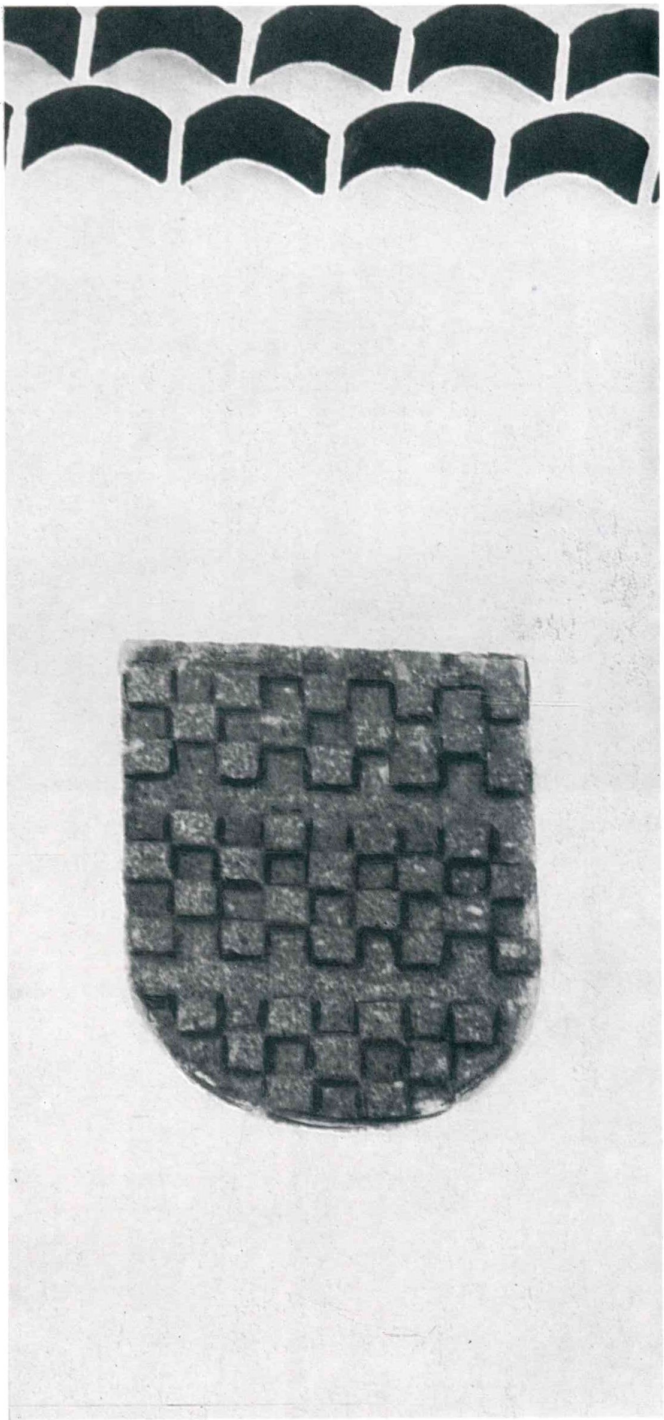
Leitura:

SOTOMAYOR (1)

(1) Assim: três faixas xadrezadas (de quatro tiras a 1.ª e a 2.ª e de três a 3.ª).

* * *

As armas dos Sotomayores e as armas dos Cunhas (ver os n.os 89 e 90) foram mandadas colocar na casa (na frontaria e na fachada que dá para a Rua da Boavista) pelo seu primeiro senhor, Lourenço da Cunha Sotomayor, fidalgo da Casa Real, que foi 4.ª vida no prazo do Casal de Portas, em Braga, etc., herdou os padroados de sua mãe, os quais, por escritura de 25 de Novembro de 1625, cedeu a Francisco Pereira da Silva, seu parente, senhor da Casa de Bertiandos, e a 18 de Janeiro de 1608 teve autorização do Cabido para aforar chãos na Rua Nova das



87-88



87-88-89-90

Cónegas para construções. Faleceu, *abade de Barbudo,* na sua casa a 24 de Novembro de 1661 (165), tendo nascido depois de 1581 (ano em que casaram os pais). Era filho de António da Cunha Sotomayor, 3.ª vida no prazo do Casal de Portas, por nomeação de sua tia D. Helena da Cunha, de 18 de Setembro de 1581, etc., e de sua mulher, D. Catarina Ledo Pereira, que trouxe ao marido os padroados das igrejas de S. Pedro de Mangoeiro, Santa Maria da Cunha, Santa Maria de Cossourado e S. Martinho de Coura.

Lourenço da Cunha Sotomayor casou, em Outubro de 1601, com sua prima co-irmã D. Helena de Sousa da Cunha, natural de Barcelos, que faleceu em Braga, na freguesia da Sé, a 3 de Abril de 1626 (166), filha de Paulo da Cunha Sotomayor e de sua mulher, Grácia de Faria, senhores da Quinta de Belinho, na freguesia de Antas, no concelho de Esposende, etc., — com geração (com um ramo que continuou nesta casa dos Cunhas Sotomayores). Lourenço da Cunha Sotomayor depois de viúvo ordenou-se e partiu para Roma, antes da aclamação de D. João IV. (167)

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. I, costado 66 — *Casa de Brêtas (Braga).*

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Cunhas Sotomayores,* — separata (1967) de «Bracara Augusta», vol. XX — fasc. 45-46 (57-58).

* * *

Na casa que foi dos Cunhas Sotomayores está hoje instalado o Patronato da Sé.

---

(165) Livro de Óbitos n.º 1 da Sé, fl. 52 v. Arq. Dist. de Braga.

(166) Livro Misto n.º 7, fl. 200 v. Arq. Dist. de Braga.

(167) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

89 e 90

Localização:

— Largo do Conselheiro Torres e Almeida.
— Casa que foi dos Cunhas Sotomayores ([168]). Fachada para a Rua da Boavista. (Há nesta fachada outra pedra de armas idêntica).

Material: granito.

Época: primeira metade do século dezassete.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CUNHA (1)

(1) Nove cunhas, 3, 3 e 3.

([168]) Ver os n.os 87 e 88.



89-90

91

Localização:

— Casa dos Biscaínhos. Frontaria. (169)

Material: granito.

Época: fins do século dezassete ou princípio do seguinte.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com virol, paquife reduzido e timbre.
— Cartela decorativa sobre a qual assentam o escudo e o elmo.

Escudo:

Composição: esquartelada, com um sobre-o-todo.

Leitura:

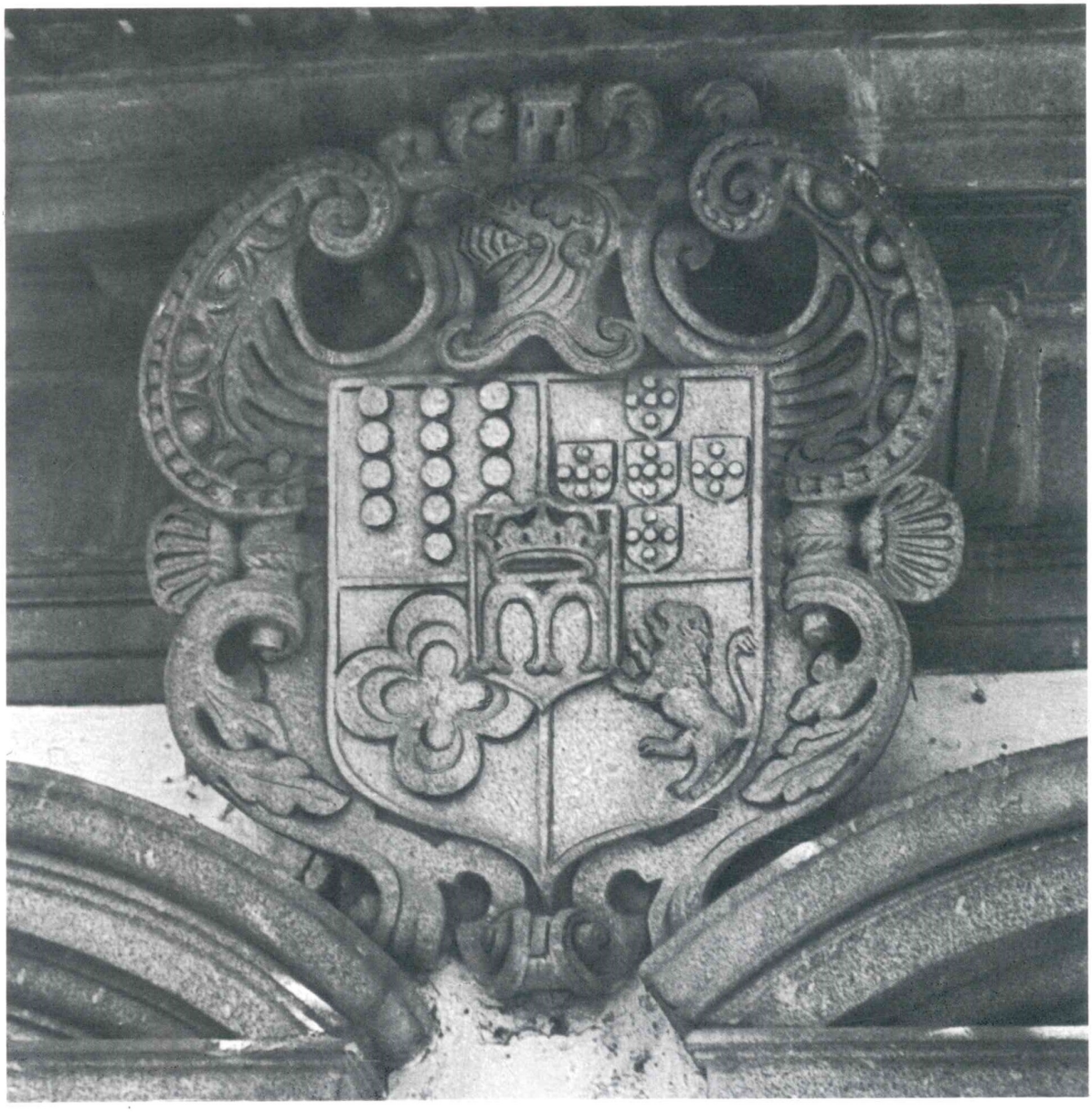
I LEMOS, da Galiza (1)
II e III SOUSA, de Arronches (2)
IV SILVA (3)

Sobre-o-todo:

MONTENEGRO, das Astúrias (4)

---

(169) A Casa dos Biscaínhos é propriedade da Junta Distrital de Braga, que nela vai instalar o seu Museu.



91



91

(1) Treze arruelas ou besantes, 3, 3, 3, 3 e 1. Em *Nobiliario Español — Diccionario heraldico de apellidos españoles y de titulos nobiliarios,* por Julio de Atienza, — Madrid, 1959, em *Lemos*: «Gallego. De tierra de Lemos (Lugo). [. . .]. «Sus armas: En campo de gules, doce roeles de plata. Otros traen: en campo de «plata, trece roeles de azur». Em *Armaria Portuguesa,* por Braamcamp Freire, em *Lemos,* nota (1): «Em *Esp.* uns LEMOS trouxeram em campo de prata treze arruellas «de azul (N. A. [*Nobleza del Andaluzia,* por Gonçalo Argote de Molina, 1588], «fl. 112), ou treze besantes de prata em campo de vermelho (Gandara, *Armas y «triunfos de Galicia,* II part., liv. 4.º, cap. 13)».

(2) No II representou-se o 1.º ou 4.º quartel e no III o 2.º ou 3.º. Assim: no II cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes postos em cruz (sem a bordadura com os castelos e sem o filete em contrabanda), e no III uma caderna de crescentes.

(3) Um leão.

(4) Um M coroado. São armas destes Montenegros: *de verde, um M de prata, coroado de ouro* (cf. *Nobiliario Español — Diccionario heraldico de apellidos españoles y de titulos nobiliarios,* em *Montenegro*).

(5) Assim: uma *torre,* em vez de um *castelo*.

* * *

A parte antiga da actual Casa dos Biscaínhos foi concluída, em Junho de 1699, por Diogo de Sousa da Silva ([170]), fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, que nasceu na freguesia de Navarra, no concelho de Braga, onde foi baptizado a 18 de Outubro de 1662 ([171]), e faleceu na freguesia da Sé, na Casa dos Biscaínhos, a 22 de Maio de 1738 ([172]), filho do Dr. Constantino Ribeiro do Lago, ouvidor, desembargador e chanceler da Relação, alcaide-mor de Ervededo e procurador geral da Mitra, instituidor do vínculo dos Biscaínhos, e de sua mulher, D. Maria da Silva Ferreira, senhora da primitiva Casa dos Biscaínhos. Foi Diogo de Sousa da Silva quem mandou pôr na frontaria da casa a pedra de armas, a qual tem no escudo as armas dos Lemos (da Galiza), Sousas (de Arronches) e Silvas, e um sobre-o-todo com as armas dos Montenegros (das Astúrias). Casou em Tui com D. Catarina Teresa de Montenegro y Lemos Sotomayor, falecida nos Biscaínhos a

---

([170]) Cf. *Caixilhos de Talha Barroca,* por Robert C. Smith, em «Colóquio», n.º 52, Fevereiro-1969, pág. 4.

([171]) Livro Misto n.º 2, fl. 13. Arq. Dist. de Braga.

([172]) Livro de Óbitos n.º 3, fl. 151. Arq. Dist. de Braga.

18 de Junho de 1737 (173), filha de Don Antonio de Montenegro e de sua mulher, Doña Francisca de Lemos Sotomayor, — com geração (com um ramo que seguiu na Casa dos Biscaínhos). (174)

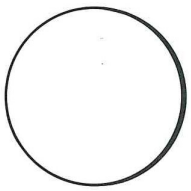
* * *

A Casa dos Biscaínhos foi vendida à Junta Distrital de Braga, com reserva de usufruto, em 1962, pelo Dr. Gaspar José Maria Domingos Francisco Xavier Lobo Machado do Amaral Cardoso de Meneses, 3.º Visconde de Paço de Nespereira, falecido na Casa dos Biscaínhos a 5 de Dezembro de 1962, que a havia herdado de sua mãe, D. Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa de Meneses, filha dos 2.os Condes de Bertiandos, a qual era, por sua mãe, 5.ª neta de Diogo de Sousa da Silva e de sua mulher.

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. I, costado 54 — *Casa de Bertiandos (Ponte de Lima).*
— *Valles Peixotos de Villas-Bôas, da Casa de Carvalho de Arca,* por Vaz-Osório da Nóbrega, no *§ 21.º - Viscondes de Paço de Nespereira. Casa dos Biscaínhos. Casa de Paço de Nespereira. Casa do Proposto.*
— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. *Casa dos Biscaínhos* (a publicar).



(173) Livro de Óbitos da Sé n.º 3, fl. 146. Arq. Dist. de Braga.
(174) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso, em Braga.

92

Localização:

— Rua dos Biscaínhos.
— Museu da Junta Distrital de Braga (Casa dos Biscaínhos). Tampa de sepultura rasa.

Procedência:

— Igreja do Convento dos Remédios (demolidos) (175).

Material: granito.

Época: século dezassete.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês, com suas correias.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

SOUSA, do Prado (1)

(1) Esquartelado: o I e IV com cinco escudetes postos em cruz (cada escudete devia estar carregado de cinco besantes, mas estes desapareceram com o tempo); o II e III com um leão.

---

(175) Informação do meu Ex.mo Amigo Rev.mo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, Vice-Presidente da Junta Distrital de Braga.



92



93

93

Localização:

— Rua dos Biscaínhos.
— Museu da Junta Distrital de Braga (Casa dos Biscaínhos). Tampa de sepultura rasa.

Procedência:

— Igreja do Convento dos Remédios (demolidos) (176).

Material: granito.

Época: parece-me ler, na inscrição tumular com as letras gastas, o ano de 1550.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I..... (1)
II..... (2)

(1) Com as peças ou figuras gastas.
(2) Seis cadernas, 2, 2 e 2 (Góis)?

---

(176) Informação do Rev.mo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha.

94

Localização:

— Rua dos Biscaínhos.
— Museu da Junta Distrital de Braga (Casa dos Biscaínhos). Tampa de sepultura rasa.

Procedência:

— Igreja do Convento dos Remédios (demolidos) (177).

Material: granito.

Época: lê-se na inscrição tumular o ano de 1554.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo posto ao balão (inclinado para a sinistra), com suas correias.
— Elmo aberto, gradeado, posto de perfil à direita, com paquife e timbre.

Escudo:

Composição: .....

Leitura:

..... (1)

Timbre de MACHADO (2)

---

(177) Informação do Rev.mo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha.

(1) Armas gastas pela acção do tempo. É possível que estivessem representadas as armas do apelido Machado, plenas: *cinco machados.*
(2) Dois machados passados em aspa.

* * *

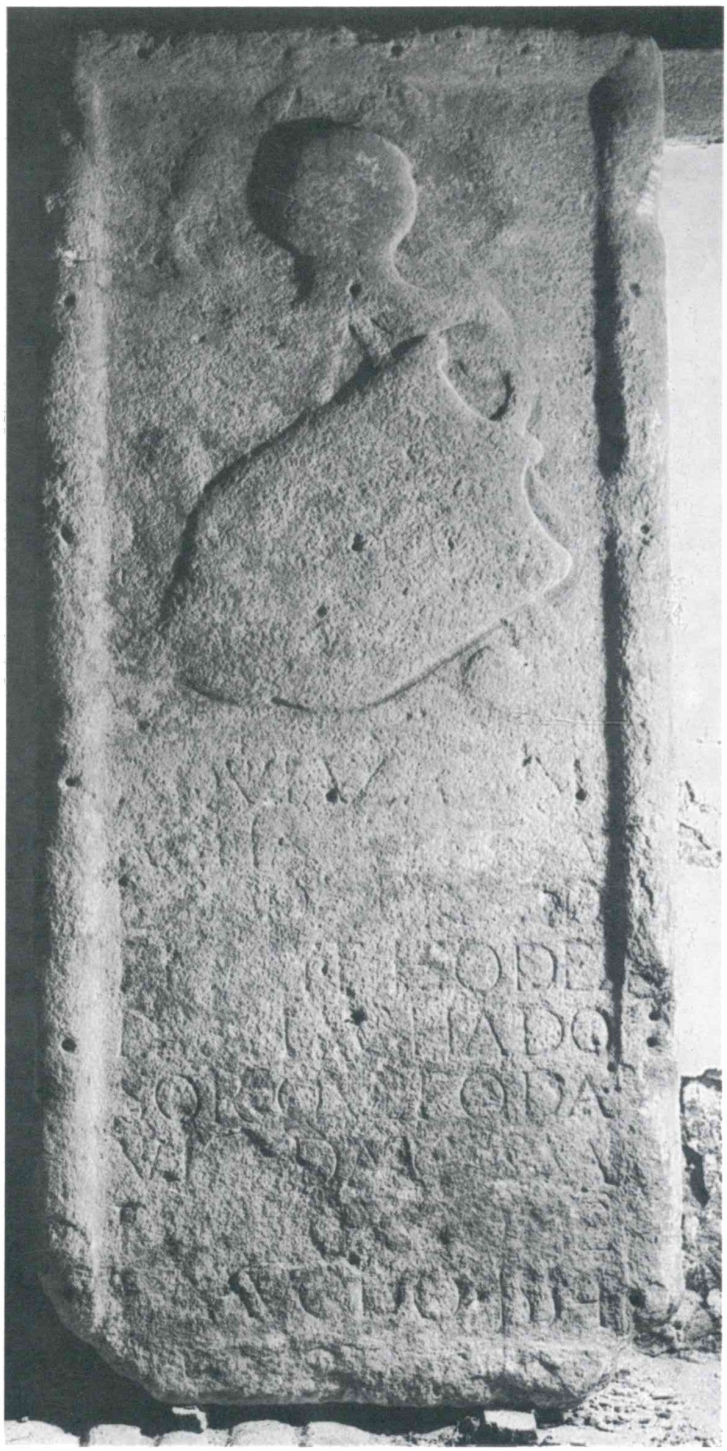
Consegui ler na tampa tumular:

AQVI IAZ A.... M
ACHADO .....
.....D
..... FILHO DE
..... MACHADO
SOR QVE FOI DA
VI... DA LOV..A
E ..... HOMẼ
E CAVODO · 1554

É a tampa da sepultura rasa de António Machado, cavaleiro fidalgo da Casa Real, «filho bastardo de Francisco Machado, snr. de Entre Homem e Cávado e da «Vila da Louzã como declara a inscrição da sua sepultura que estava na igreja do «convento dos Remédios, demolida há poucos anos. (1) [(1) A pedra brasonada, «com a referida inscrição, está guardada para ser oportunamente recolhida no «futuro (sempre futuro?) Museu D. Diogo de Sousa.]» (178).



(178) Cf. *O Poeta do Neiva,* por José de Sousa Machado, 1928, pág. 304.



95

Localização:

— Rua dos Biscaínhos.
— Na casa com o n.º 85: residência da Senhora D. Maria Delfina Gomes da Silva e Matos de Sousa Cardoso. No átrio de entrada, em exposição.

Procedência: possìvelmente da casa da família Gavião que residiu no Campo da Vinha.

Material: granito.

Época: século dezassete.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês.
— Elmo aberto, gradeado, posto de frente, com paquife.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

GAVIÃO (1)

(1) Cinco gaviões.



95

«Braga, 27 de Agosto de 1969

«Meu caro Vaz-Osório da Nóbrega

«Gostosamente organizei, utilizando os meus apontamentos, uma genealogia de «Gaviões, para lhe facilitar a identificação do indivíduo que mandou fazer a pedra «de armas existente em casa da Exma. Senhora D. Maria Delfina Gomes da Silva e «Matos de Sousa Cardoso. Uma coisa há sobre a qual não tenho dúvidas: a única «família de Braga, cujas armas tenham qualquer espécie de pássaros, é a dos «Gaviões. Esta gente era alentejana. O primeiro que para aqui veio foi:

«*Simão Gavião,* natural de Beja, filho de Fernão Anes Gavião e de sua mulher, «Catarina Dias. Era moço da Câmara da Infanta D. Maria (alv. de 25-3-1576), «escudeiro fidalgo da Casa Real (alv. de 10-10-1577) e justificara a sua «ascendência em Beja, a 18-11-1578, na Nota de Manuel Fernandes. Veio para «Braga com o Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus (no século D. Pedro de «Castro), em 1588, o qual o nomeou tesoureiro da Mitra. Também foi «proprietário do ofício de juiz dos Orfãos em 1590 e vereador em 1597. «*Comprou as casas do Campo da Vinha,* na freguesia de S. João do Souto, prazo «da Mitra, a 23 de Agosto de 1591, pelo preço de duzentos e oitenta e oito mil «reis, a Pantaleão Soares Correia de Lacerda, e nelas faleceu a 25-7-1603. Foi «sua mulher D. Maria Bocarro Barreto. Teve 3 filhos, sendo o primogénito:

«*O Licenciado António Barreto Gavião*, cidadão de Braga, ouvidor e provedor «nesta cidade (1594-97), senhor das casas do Campo da Vinha, onde † em «Janeiro de 1604. Tinha casado na freguesia da Feitosa (Ponte de Lima), a «2-4-1596, com D. Maria de Barros de Magalhães, 5.ª senhora da Casa e «padroado de Turiz (Vila Verde), a qual † em Braga, na freguesia de S. João «do Souto, a 12-3-1609, filha de João Antunes de Magalhães, cavaleiro fidalgo «da Casa Real, senhor da casa dos Magalhães do couto da Feitosa, e de sua «mulher, D. Briolanja Velho de Barros Barreto, 4.ª senhora da Casa e padroado «de Turiz. Tiveram 7 filhos, todos baptizados em S. João do Souto, — mas para «o fim em vista apenas interessam os seguintes:

«Dr. Simão Gavião Barreto, cidadão «de Braga, senhor das casas do Campo «da Vinha e da Casa e padroado de «Turiz, bapt. em S. João do Souto a «3-1-1598 e † na casa do Campo da «Vinha a 27-12-1652. Casou com sua «prima co-irmã D. Briolanja Velho de «Barros, que † no Campo da Vinha «a 24-4-1654, filha de Pedro de João Barreto Gavião, compadroeiro de Turiz, *também morou no Campo da Vinha,* bapt. em São João do Souto a 10-2-1599. Casou com D. Maria de Araújo de Azevedo, filha do Cap. Gonçalo Coelho Veloso e de sua mulher, D. Ana de Araújo de Azevedo.

«Amorim de Magalhães e de sua «mulher, D. Grácia Velho Barreto.

«Luís de Barros Barreto Gavião, «cidadão de Braga, fidalgo da Casa «Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, «ouvidor em Braga, senhor das casas «do Campo da Vinha, compadroeiro «de Turiz. Casou em S. João do «Souto, a 6-7-1671, com D. Teresa «de Paiva de Andrade de Macedo «Coimbra, filha de Miguel de Coimbra «de Andrade, administrador do vínculo «dos Coimbras, e de sua 2.ª mulher, «D. Francisca de Paiva de Andrade.

Luís de Barros Gavião, cidadão de Braga, senhor da Quinta da Fraga (Turiz), compadroeiro de Turiz. *Morou no Campo da Vinha.* Casou em S. João do Souto, a 23-11-1651, com D. Catarina Lobo da Mesquita, filha de Fernão Lobo da Mesquita e de sua mulher, D. Maria Duque, de Caminha.

«António Barreto Gavião, cidadão de «Braga, senhor das casas do Campo da «Vinha, foi bapt. em S. João do Souto «a 25-1-1681. Compadroeiro de Turiz. «Casou com D. Teresa Xavier de Abreu, «filha de António de Araújo Abreu de «Brito, morgado de Guilhadeses, e de «sua mulher, D. Ana Maria de Araújo «Gayo. Com descendência.

Frei Manuel Lobo da Mesquita Gavião Barreto, senhor da Quinta da Fraga, compadroeiro de Turiz, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, capitão-mor de Vila Chã e Larim, bapt. em Turiz a 10-8-1673 e † ib. a 8-9-1746. Casou em Turiz, a 21-9-1721, com D. Ângela Soares da Costa. Com descendência (179).

«Qual dos 2 *Luíses* mandou fazer a pedra de armas? Se foi o Luís de Barros «Barreto Gavião, que casou em 1671, a sua actual representante é a Senhora «D. Maria Eduarda de Almeida Albuquerque e Lencastre, filha e herdeira dos «3.os Condes de Alentém (180). Se foi o primo, Luís de Barros Gavião, que casou «em 1651, era em 1933 seu representante seu 6.º neto Manuel Luís da Costa Lobo, «senhor da Casa da Trapa, em S. Martinho de Castro (Ponte da Barca), com «geração.

(179) Pertencem a este 2.º ramo dois genealogistas, o P.e Luís Gavião Barreto, filho de Frei Manuel Lobo da Mesquita Gavião Barreto, e Manuel Lobo da Mesquita Gavião Barreto, bisneto do mesmo Frei Manuel, os quais deixaram dois nobiliários que pertenceram ao Dr. José de Sousa Machado e que presentemente se encontram na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

(180) *Pedras de Armas do Concelho de Lousada (heráldica de família)*, por Vaz-Osório da Nóbrega, pág. 104.

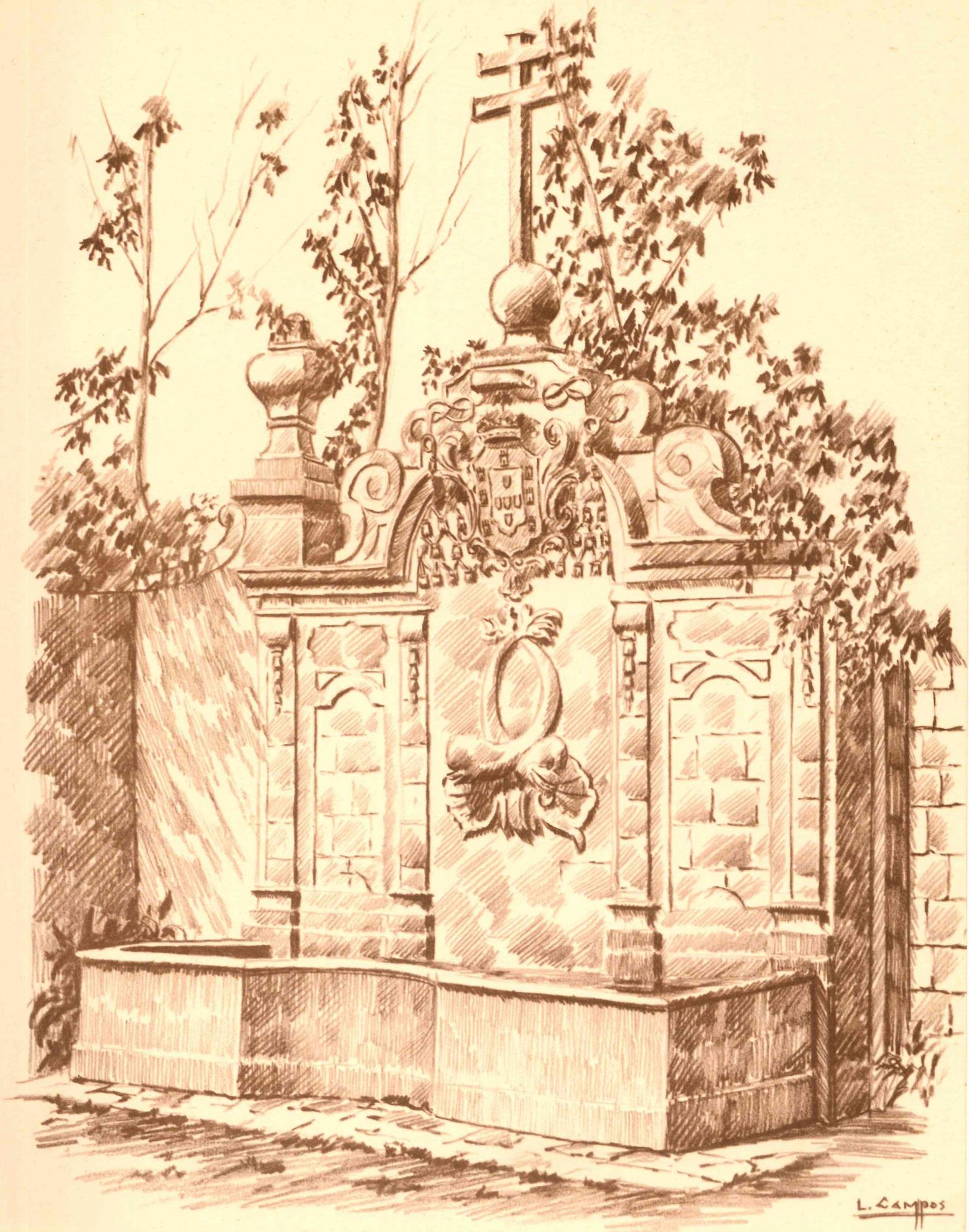
«Inclino-me para a hipótese de que tenha sido o primeiro que, por representar o «ramo primogénito, herdou as casas do Campo da Vinha.

«E aqui tem, meu prezado amigo, uma amostra do que tenho sobre Gaviões, «de Braga.

«Disponha, incondicionalmente, do seu muito amigo e admirador

«a) Domingos de Araújo Affonso».




L. Campos

FONTE MONUMENTAL NUM RECANTO AJARDINADO DA RUA DE ANDRADE CORVO.

96

Localização:

— Largo do Conselheiro Torres e Almeida (Pópulo).
— Edifício do Tribunal Judicial. Frontaria. (181)

Material: granito.

Época: meados da primeira metade do século vinte.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica municipal.

Conjunto:

— Escudo.
— Dois ramos, um de palmeira, à direita, e o outro de oliveira, à esquerda, ladeando o escudo e cruzados na ponta.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CIDADE DE BRAGA (1)

(1) Assim: a imagem de Santa Maria de Braga (assim: Nossa Senhora com um lírio na mão dextra e o Menino Jesus no braço sinistro, aureolada e assente numa peanha), ladeada de duas torres e acompanhada em chefe de três escudetes postos em roquete, cada escudete carregado de cinco escudetes, cada um sobrecarregado de cinco besantes (182).

---

(181) O edifício foi delineado por Carlos Amarante (cf. *Uma figura nacional — Carlos Amarante. Insigne arquitecto e engenheiro. 1748-1815*, por Alberto Feio, pág. 20).

(182) Ver o n.º 81.

* * *

O edifício, que pertenceu ao ramo primogénito dos Costas Pereiras de Vilhena Coutinho, foi vendido à Câmara Municipal por D. Guiomar da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, senhora da Casa da Roda, na freguesia de Bravães, no concelho de Ponte da Barca, falecida em 1926, casada com Duarte Guilherme Ferreri de Gusmão, senhor da Casa de Cabanas, na freguesia de Dume, no concelho de Braga, falecido em 1896 (183).



(183) *Valles Peixotos de Villas-Bôas, da Casa de Carvalho de Arca,* por Vaz-Osório da Nóbrega, pág. 146. Veja-se a bibliografia citada na pág. 202 do presente tomo.





97

Localização:

— Igreja do Pópulo. Frontaria.

Material: granito.

Época: último quartel do século dezoito (184).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo ovalado.

Escudo:

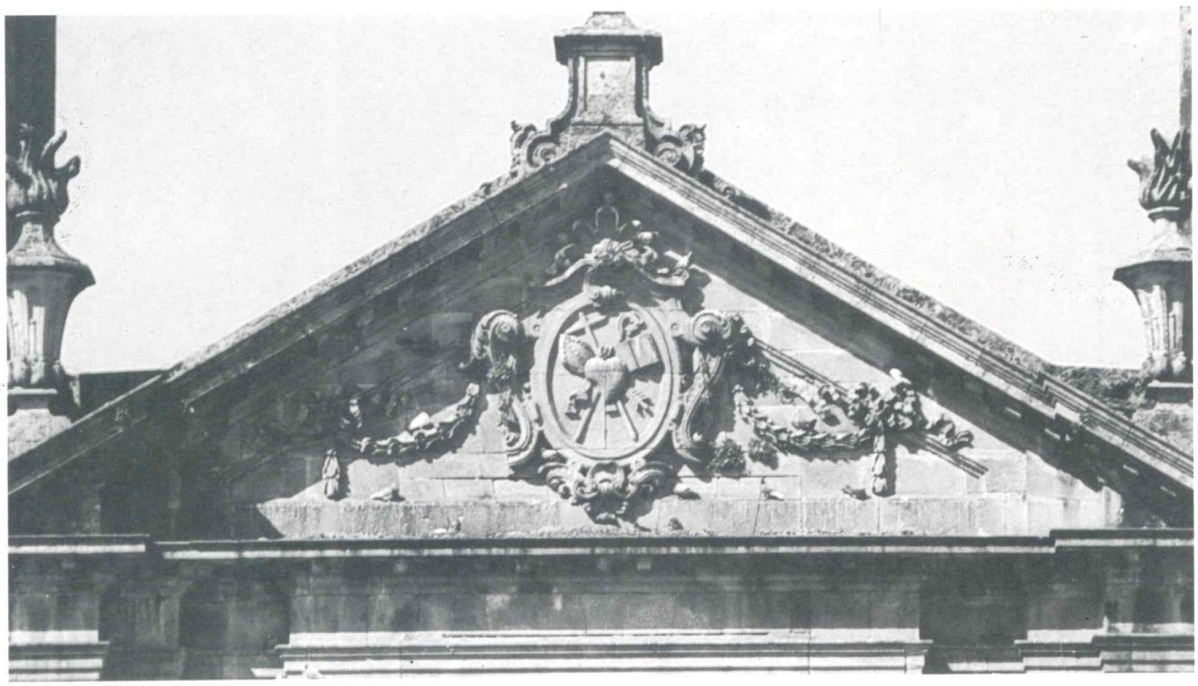
Composição: plena.

Leitura:

SIMBOLOGIA AGOSTINIANA

---

(184) A obra da nova igreja, talvez delineada pelo arquitecto que fez o risco do convento, principiou em 1760, mas parou nos princípios do ano seguinte. «Não consegui averiguar, pela «perda irreparável dos livros do mosteiro, quando recomeçaria a obra da igreja. Foi concerteza «longa a paragem. O tempo suficiente para que, com a eleição de novos reitores, se alterasse o «plano primitivo. [...]. Tenho para mim, que a formosa fachada do Pópulo tenha sido o «primeiro grande ensaio do ilustre arquitecto» (cf. *Uma figura nacional — Carlos Amarante. Insigne arquitecto e engenheiro. 1748-1815,* por Alberto Feio, pág. 20).



97



98

Localização:

— Igreja do Pópulo. Capela-mor. Do lado do Evangelho.
— Num arcossólio, encimando o túmulo, de madeira, do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus.

Material: madeira. Relevo e policromia (óleo).

Época: ano de 1628.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Coronel (de latão).
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— Cartela decorativa sobre a qual assentam o escudo e a haste da cruz.

Escudo:

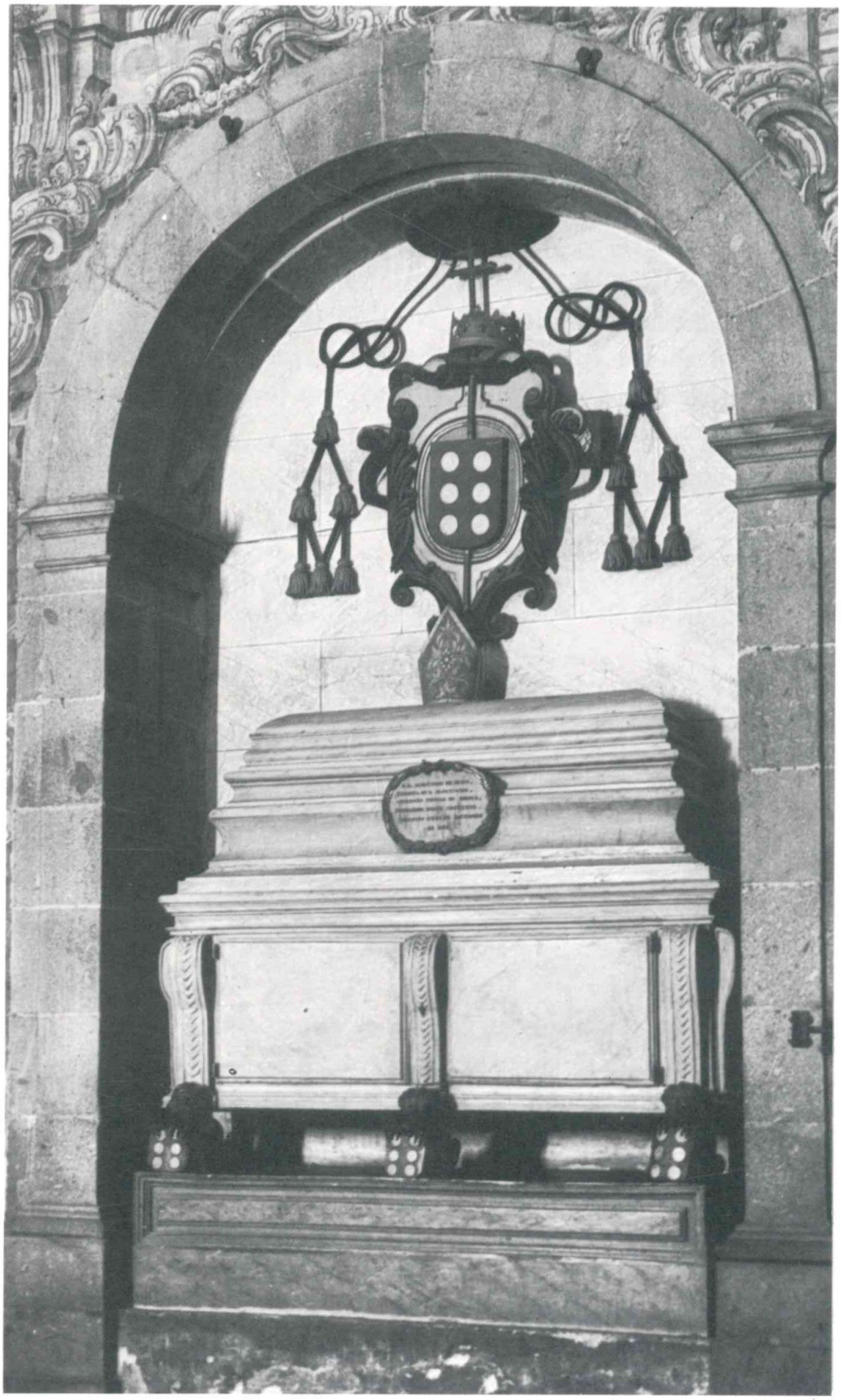
Composição: plena.

Leitura:

CASTRO, de seis (1)

(1) Assim: de vermelho, seis besantes de *prata*, 2, 2 e 2. São armas destes Castros: *de prata, seis arruelas de azul, 2, 2 e 2.*

São as armas do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609), no século D. Pedro de Castro, que nasceu em Lisboa a 16 de Outubro de 1537, filho de D. Fernando de Castro, governador da Casa do Cível de Lisboa, e de sua



mulher, D. Maria de Ayala, filha dos Condes de Monsanto (185), e que faleceu a 25 de Novembro de 1609, sendo sepultado na igreja velha do Convento do Pópulo, conforme as disposições da sua última vontade, até que se construísse a igreja nova. Em 1628 o seu corpo foi trasladado para um túmulo de madeira, mandado fazer pela cidade de Braga, o qual foi colocado na capela-mor da igreja nova, num arcossólio, com uma inscrição (com o ano de 1628) que mais tarde foi substituída pela seguinte legenda (186): D. Fr. AGOSTINHO DE JESUS, / EREMITA DE S. AGOSTINHO, / ARCEBISPO PRIMAZ DE BRAGA, / FUMDADOR DESTE CONVENTO. / FALLECEO EM 25 DE NOVEMBRO / DE 1609. O túmulo assenta em três leões de madeira que seguram com as patas dianteiras, cada um deles, um escudo com as armas dos Castros (de 6), em policromia (assim: de vermelho, seis besantes de *prata,* 2, 2 e 2).

(185) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo III, pág. 72.
(186) Cf. ob. cit., tomo III, págs. 107 e 108.

99

Localização:

— Igreja do Pópulo. Capela-mor. Do lado da Epístola.
— Num arcossólio, encimando o túmulo, de madeira, do Arcebispo D. Fr. Aleixo de Meneses.

Material: madeira. Relevo e policromia (óleo).

Época: ano de 1628.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Coronel (de latão).
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).
— Cartela decorativa sobre a qual assentam o escudo e a haste da cruz.

Escudo:

Composição: plena.

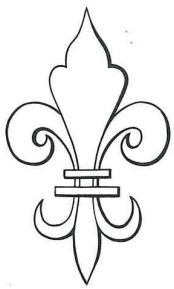
Leitura:

MENESES, dos Condes de Cantanhede (1)

(1) Esquartelado: o I e IV de *prata,* cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes de *prata*; o II e III de vermelho, três flores-de-lis de *ouro*; sobre-o-todo de *ouro*, pleno.



São as armas usadas pelo Arcebispo D. Fr. Aleixo de Meneses (1612-1617), que nasceu em Lisboa a 25 de Janeiro de 1559, filho de D. Aleixo de Meneses, aio d'El-Rei D. Sebastião, e de sua mulher, D. Luísa de Noronha, e neto de D. Pedro de Meneses, 1.º Conde de Cantanhede (187), e que faleceu em Madrid, no Convento de S. Filipe, em Maio de 1617, sendo sepultado, provisòriamente, conforme dispôs, numa capela da sacristia da igreja daquele convento, e, em meados de Abril de 1621, trasladado para a capela-mor da igreja do Convento de Nossa Senhora do Pópulo, onde, do lado da Epístola, num arcossólio, foi colocado o seu túmulo, de madeira, no qual gravaram uma inscrição (com o ano de 1628) que mais tarde foi substituída pela seguinte legenda (188): D. Fr. ALEIXO DE MENEZES, / EREMITA DE S. AGOSTINHO, / ARCEBISPO PRIMAZ DE GOA E DE / BRAGA / FALLECEO EM 3 DE MAIO / DE 1617. O túmulo assenta em três leões de madeira que seguram com as patas dianteiras, cada um, o brasão do Arcebispo.



(187) Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, tomo III, pág. 114.
(188) Cf. ob. cit., tomo III, págs. 125 e 126.

100 e 101

Localização:

— Igreja do Pópulo.
— Púlpito da parte do Evangelho (e púlpito da parte da Epístola).

Material: granito.

Época: fins do século dezasseis (189).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Conjunto:

— Escudo.
— O escudo assente na águia emblemática da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho (Águia de Hipona).
— Mitra.
— Cruz simples posta em pala atrás da águia e passando por dentro da mitra.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

SIMBOLOGIA AGOSTINIANA

---

(189) A primeira pedra do Convento de Nossa Senhora do Pópulo, fundado por D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609) para a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, foi lançada a 3 de Julho de 1596 (cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo III, pág. 101).



100

102

Localização:

— Igreja do Pópulo.
— Capela lateral do lado do Evangelho. Na parede lateral do lado da Epístola.

Material: granito.

Época: ano de 1647 (190).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês.
— Elmo aberto, gradeado, voltado a três quartos à direita, com paquife e timbre.
— Cartela decorativa em que assenta o conjunto descrito.

Escudo:

Composição: esquartelada.

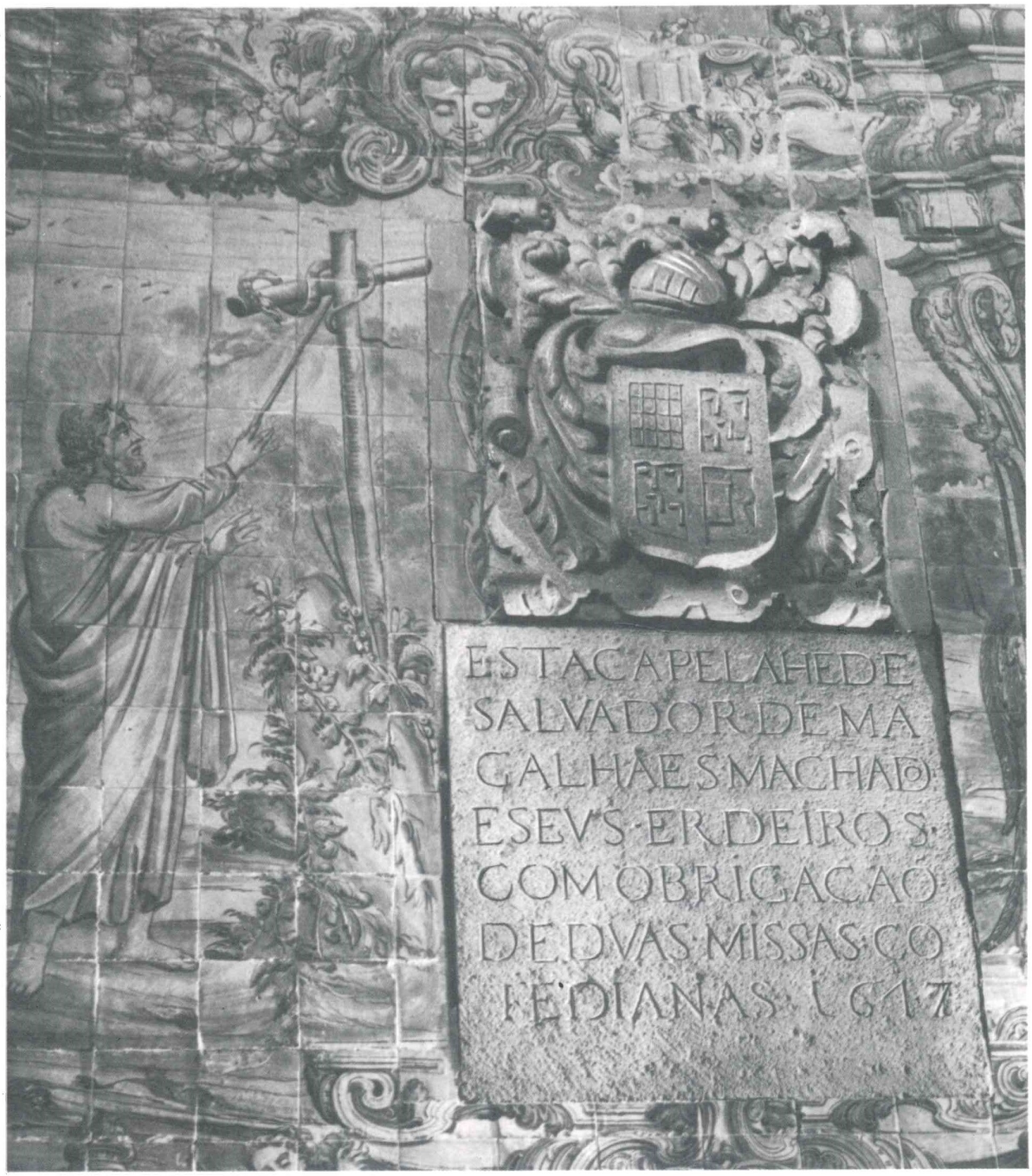
Leitura:

I MAGALHÃES	(1)
II e III MACHADO	(2)
IV MORAIS, antigo	(3)

Timbre de MAGALHÃES (4)

---

(190) Cf. inscrição.


ESTACAPELAHEDE
SALVADOR DE MA
GALHAES MACHADO
ESEVS ERDEIROS
COM OBRIGACAO
DE DVAS MISSAS CO
TIDIANAS 1617

(1) Assim: xadrezado de quatro peças em faixa e quatro em pala. São armas dos Magalhães: *três faixas, cada uma xadrezada de três tiras.*
(2) Cinco machados.
(3) Partido: no I uma torre e no II uma amoreira arrancada. A torre devia estar sainte dum pé de água.
(4) Um abutre.

* * *

Inscrição numa placa de granito, inferiormente ao escudo:

ESTA CAPELA HE DE
SALVADOR DE MA
GALHAEŠ MACHADO
E SEVS ERDEIROS
COM OBRIGACAÕ
DE DVAS MISSAS CO
TEDIANAS · 1647

Veja-se:

— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Magalhães Machados* (a publicar).

103

Localização:

— Antigo Convento do Pópulo (hoje Distrito de Recrutamento e Mobilização N.º 8). Frontaria.

Material: granito.

Época: segunda metade do século dezoito (191).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Conjunto:

— Escudo de fantasia (cartela).
— Coronel.
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo e passando por dentro do coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de quinze borlas pendentes a cada lado (1, 2, 3, 4 e 5).

Escudo:

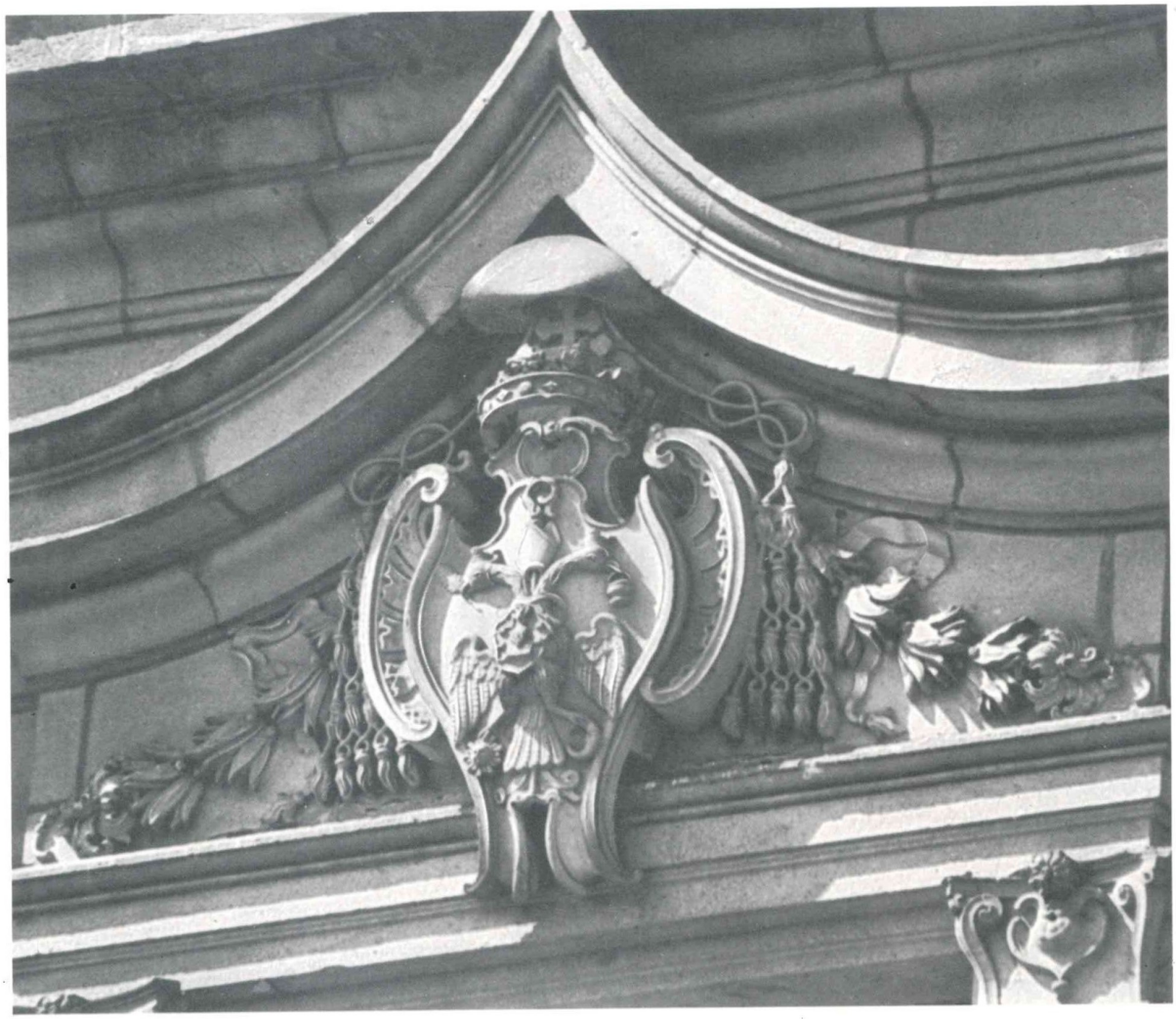
Composição: plena.

Leitura:

SIMBOLOGIA AGOSTINIANA

---

(191) Cf. *Uma figura nacional — Carlos Amarante. Insigne arquitecto e engenheiro. 1748-1815*, por Alberto Feio, pág. 20, e *Diario Bracarense das Epocas, Fastos, e Annaes mais remarcaveis*, por Manoel Joze da Silva Thadim, pág. 171 («No mez de Dezembro, ou Novembro [de 1755] «se principiaram a fazer os alicerse *(sic)* para a fronteira, e Portaria do Populo do Campo da «Vinha»).



103


GOMES DA COSTA

104

Localização:

— Antigo Convento do Pópulo (hoje Distrito de Recrutamento e Mobilização N.º 8). No claustro, em exposição.

Material: granito.

Época: fins do século dezasseis ou princípios do século seguinte (192).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo peninsular, com correia.
— Cruz dupla posta em pala atrás do escudo.
— Chapéu eclesiástico com cordões de seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CASTRO, de seis (1)

(1) Seis arruelas, 2, 2 e 2.

São as armas do Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus (1588-1609).

---

(192) A primeira pedra do Convento de Nossa Senhora do Pópulo foi lançada a 3 de Julho de 1596 por D. Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609) (cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, tomo III, pág. 101).



104

105

Localização:

— Campo da Vinha.
— Casa do Gato Bravo. Portão. (193)

Material: granito.

Época: fins do século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Coronel de nobreza.
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I MACIEL (1)
II ARANHA (2)

No chefe do escudo, brocante sobre o traço de partição, a cruz da Ordem de Cristo.

(1) Partido: no I duas flores-de-lis alinhadas em pala e no II meia águia com a cabeça voltada, movente da partição.

---

(193) A casa e o portão foram delineados por Carlos Amarante (cf. *Uma figura nacional — Carlos Amarante. Insigne arquitecto e engenheiro. 1748-1815,* por Alberto Feio, pág. 20).



105


CASA DE PASTO
SOLAR DE BRAGA

(2) Asna carregada em chefe de um escudete com uma banda carregada de três aranhas, a asna acompanhada de três flores-de-lis.

* * *

Carta de armas passada a Francisco Ventura Maciel Aranha (194):

Fl. 1 «D. MARIA / Por Graça de Deos Raynha de / Portugal, e dos Algarves, «daq.m / e dalem, Mar em Africa, Senho- / ra de Guine, e da Conquista «Na- / vegacaõ do Commercio da E- / thiopia, Arabia, Persia, e da «India &. Faço sa- / ber a os que esta Minha Carta de Brazaõ de / Armas *Nome* «de Nobreza, e Fidalguia virem, que / Francisco Ventura Maciel *Naturalidade* «Aranha, natural / da Freguezia de S. Joaõ de Souto da Cidade / de «Braga, Bacharel nos Sagrados Canones, / e formado na faculdade «de Leys, profeço na / Ordem de Christo, Cavaleiro Fidalgo de «Mi- / nha Caza Real, Secretario da Caza do Despa- / cho da dita «Cidade de Braga, e Superinten- / dencia Geral das Vezitas do «Arcebispado Pri- / mas, me fes petiçaõ dizendo, que pella sen- / tença «de justifiçacaõ de sua Nobreza a ella / junta proferida, e asignada «pella *(sic)* Dezembar- / gador, Corregedor do Civel da Corte, e «Caza / da Suplicaçaõ o Doutor Manoel de Mattos / Pinto de Carvalho, «sobscripta por Cypriano / Antonio Rodrigues Neves Escrivaõ do «mes- / mo juizo, e pellos documentos incorpora- / dos tambem nella *Genealogia* «se mostrava, que elle he / Filho Legitimo de Boaventura Maciel «Ara- / nha Proprietario que foi dos ditos Officios, / e de sua mulher «D. Francisca Thereza Maciel. / Neto pella parte Paterna de Lourenço Fl. 1v. «Maciel // Aranha, e sua mulher D. Izabel Rodrigues. Neto pella «par- / te Materna de Mathias Gonçalves, e de sua mulher D. The- / reza «Maciel.(195). Os quaes seus Pays, e Avós, que foraõ pesso- / as Nobres «das familias dos apellidos de Macieis, e A- / ranhas, que neste Reyno «saõ Fidalgos de Linhagem / Cotta de Armas, e de Sollar conhecido, e «como taes se / trataraõ com Cavallos, Creados, e toda a mais «osten- / taçaõ propria da Nobreza, servindo no Politico, e no / Melitar «os Lugares, e Postos do Governo, sem que em / tempo algum «cometesem crime de Leza Magestade / Devina ou Humana, pello «que me pedia elle mesmo su- / plicante por Merce, que para a «memoria de seus Proge- / nitores se naõ perder, e clareza de sua «antiga Nobreza / lhe mandase dar Minha Carta de Brazaõ de Armas /

(194) Na posse de seu 4.º neto o Dr. Joaquim António Loureiro de Amorim, em Braga.

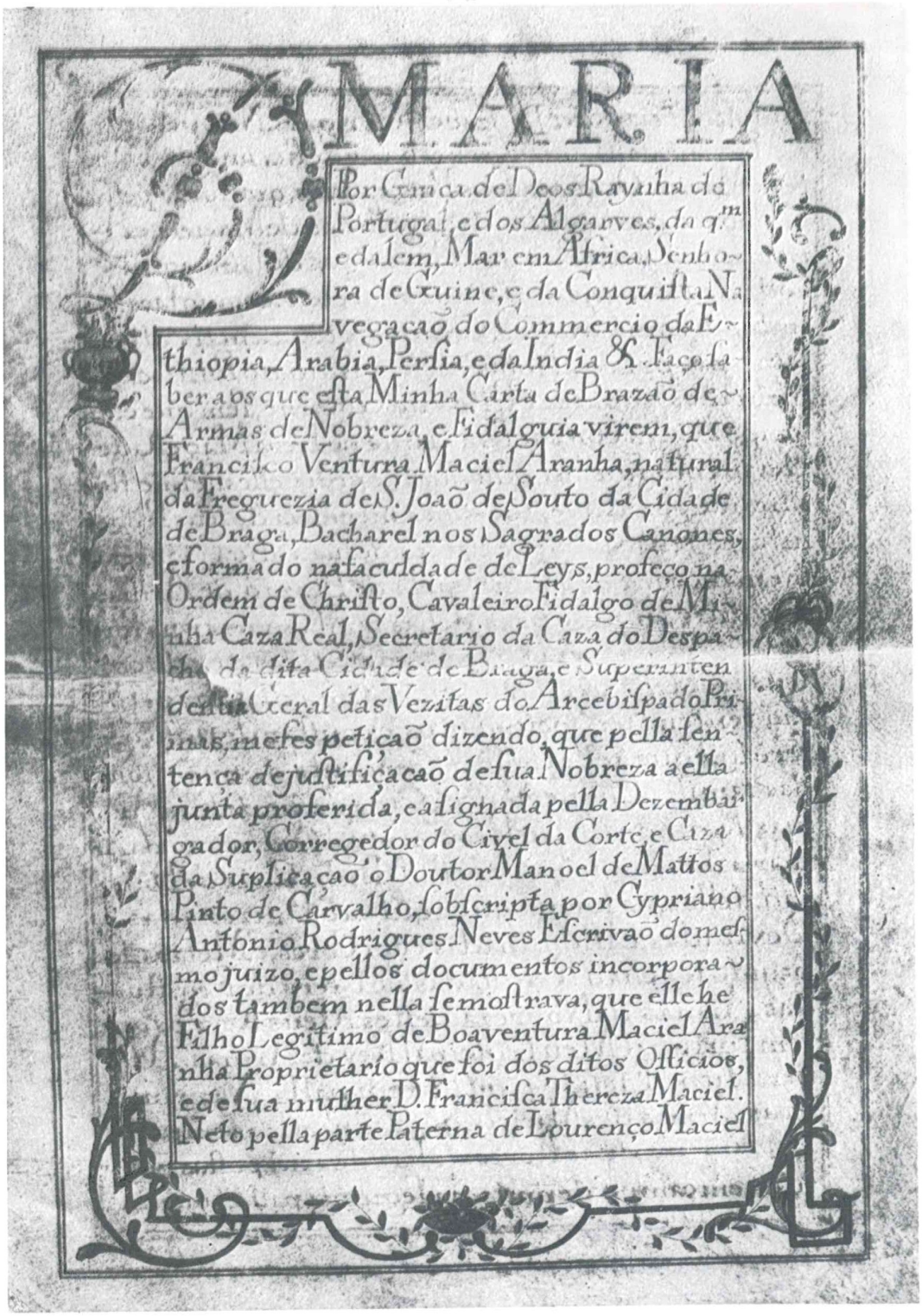
(195) Assentos paroquiais de S. João do Souto, em Braga, e de Darque, no concelho de Viana do Castelo (Arquivo Distrital de Braga).

«das ditas familias para dellas tambem uzar na for- / ma que as «trouxeraõ, e foraõ consedidas a os ditos / seus Progenitores. E vista «por Mim a dita sua peti- / çaõ sentença, e documentos, e constar de «tudo o re- / ferido, e que a elle como descendente das menciona- / das «familias lhe pertence uzar, e gozar de suas Ar- / mas segundo o Meu «Regimento, e Ordenacaõ da Ar- / maria lhe mandei passar esta «Minha Carta de Bra- / zaõ dellas, na forma que aqui vaõ Brazonadas, / «Devizadas, e Illuminadas com Cores, e Metaes, se- / gundo se achaõ «Registadas no Livro do Registo / das Armas da Nobreza destes «Meus Reynos que / tem Portugal Meu Principal Rey de Armas.

Armas «A sa- / ber. Hum Escudo partido em palla. Na primei- / ra as Armas «dos Macieis, que saõ partidas em palla / na primeira duas flores de

Fls. 2 e 2v. «Liz de azul postas em / palla, em campo de prata, na segunda «palla, tambem // *(armas iluminadas)* // em campo de prata hũa «meya Aguia vermelha. Na se- / gunda palla as Armas dos Aranhas, «que saõ em campo / azul hum chaveiraõ sanguinho firme no Escudo «coti- / cado de ouro, e carregado na cabeça de hum Escudete / de «prata com hũa banda sanguinha carregada de tres / aranhas de ouro, «e nos vaõs tres flores de Liz do mes- / mo metal das aranhas. Elmo «de prata aberto guarneci- / do de ouro. Paquife dos Metaes, e Cores «das Armas. Tim- / bre dos Macieis, que he huma flor de Liz de ouro «entre / dois ramos de maceira *(sic)* verde, com maçans de prata, «e / por differença hũa brica vermelha com hum farpaõ de / ouro. «O qual Escudo, e Armas poderá trazer, e uzar taõ / sómente o dito «Francisco Ventura Maciel Aranha, as- / sim como as trouxeraõ, e «uzaraõ os ditos Nobres, e anti- / gos Fidalgos seus Antepassados, em «tempo dos Se- / nhores Reys Meus Antecessores, e com ellas poderá / «entrar em Batalhas, Campos Reptos, Escaramucas, e / exercitar todos «os mais actos licitos da Guerra, e / da Pax. E assim mesmo as «poderá trazer em seus Fir- / mais, Aneis, Senetes, e Devizas, pollas «em suas Cazas / Capellas, e mais Edificios, e deixallas sobre sua / «propria Sepultura, e finalmente se poderá servir, / honrar, gozar, «aproveitar dellas em todo, e por to- / do como a sua Nobreza convem. «Com o que Que- / ro, e me Práz que haja elle todas as Honras, «Privil- / gios *(sic)* Liberdades, Graças, Merces, Izençois, e Fran- / quezas, «que haõ, e devem haver os Fidalgos, e Nobres / de Antiga Linhagem, «e como sempre de todo uza- / raõ, e gozaraõ os ditos seus Antepas- «sados; pello / que Mando a os Meus Dezembargadores, Corre- / «gedores, Provedores, Juizes, e mais Justiças de Me- / us Reynos, e

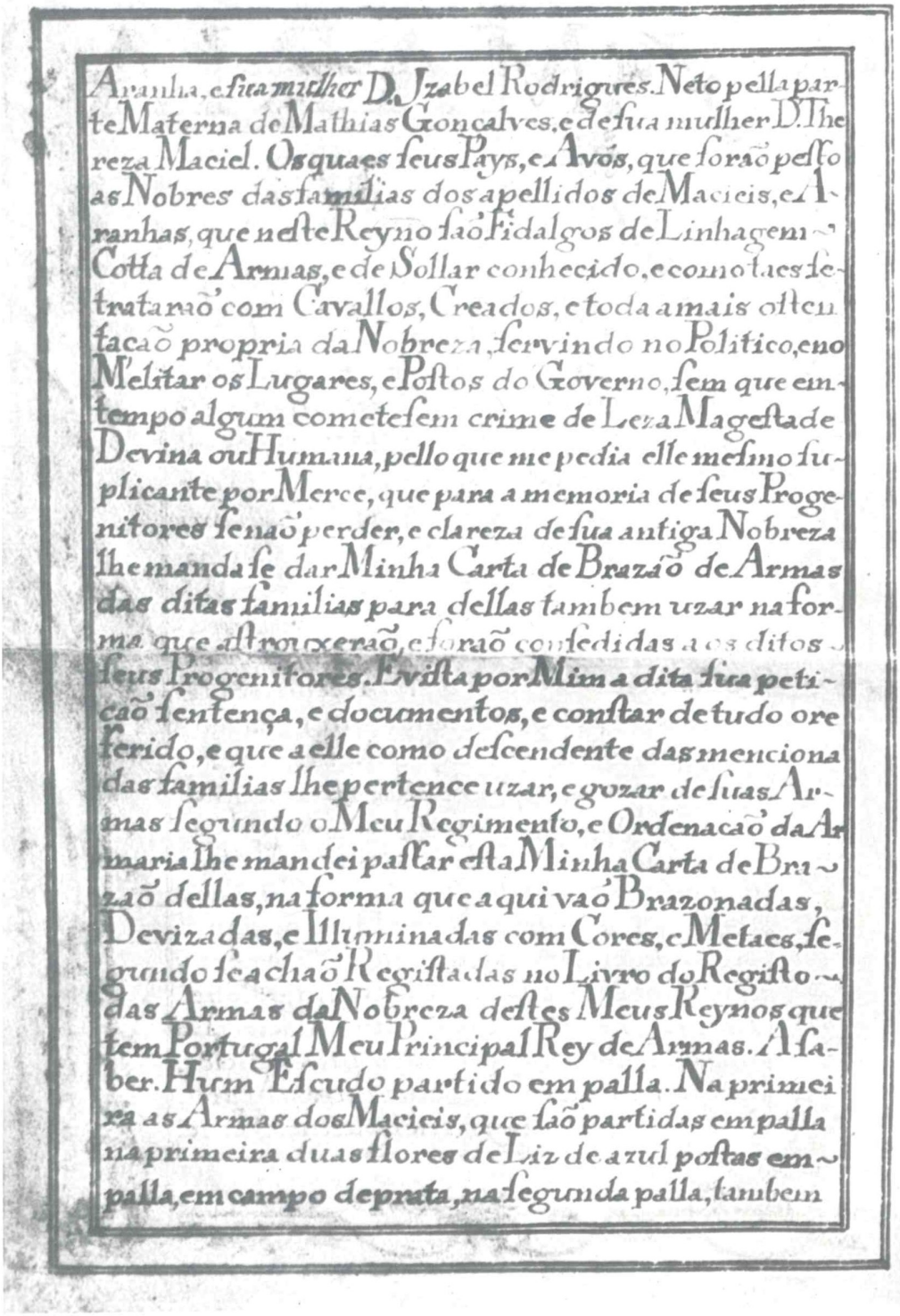
Fl. 3 «em especial a os Meus Reys de Armas // Arautos, e Passavantes, e «a quais quer outros offici- / ais, e pessoas a quem esta Minha Carta



MARIA

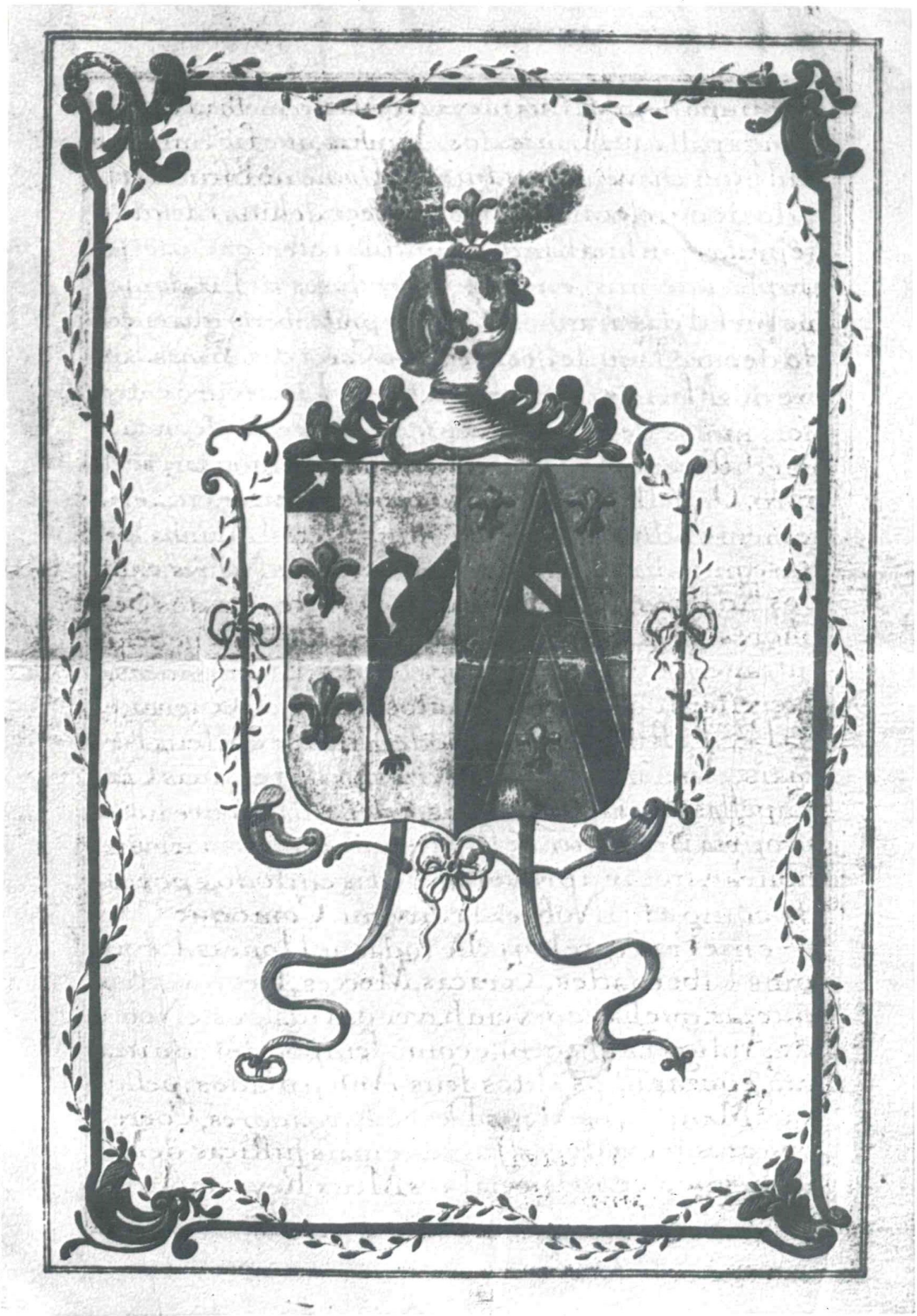
Por Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, da q.m e dalem, Mar em Africa, Senhora de Guine, e da Conquista, Navegação do Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India &. Faço saber aos que esta Minha Carta de Brazão de Armas de Nobreza, e Fidalguia virem, que Francisco Ventura Maciel Aranha, natural da Freguezia de S. Joaõ de Souto da Cidade de Braga, Bacharel nos Sagrados Canones, e formado na faculdade de Leys, profeço na Ordem de Christo, Cavaleiro Fidalgo de Minha Caza Real, Secretario da Caza do Despacho da dita Cidade de Braga, e Superantendente Geral das Vezitas do Arcebispado Primas, me fez petiçaõ dizendo, que pella sentença de justificaçaõ de sua Nobreza a ella junta proferida, e assignada pella Dezembargador, Corregedor do Civel da Corte, e Caza da Supplicaçaõ o Doutor Manoel de Mattos Pinto de Carvalho, subscripta por Cypriano Antonio Rodrigues Neves Escrivaõ do mesmo juizo, e pellos documentos incorporados tambem nella se mostrava, que elle he Filho Legitimo de Boaventura Maciel Aranha Proprietario que foi dos ditos Officios, e de sua mulher D. Francisca Thereza Maciel. Neto pella parte Paterna de Lourenço Maciel

Fl. 1

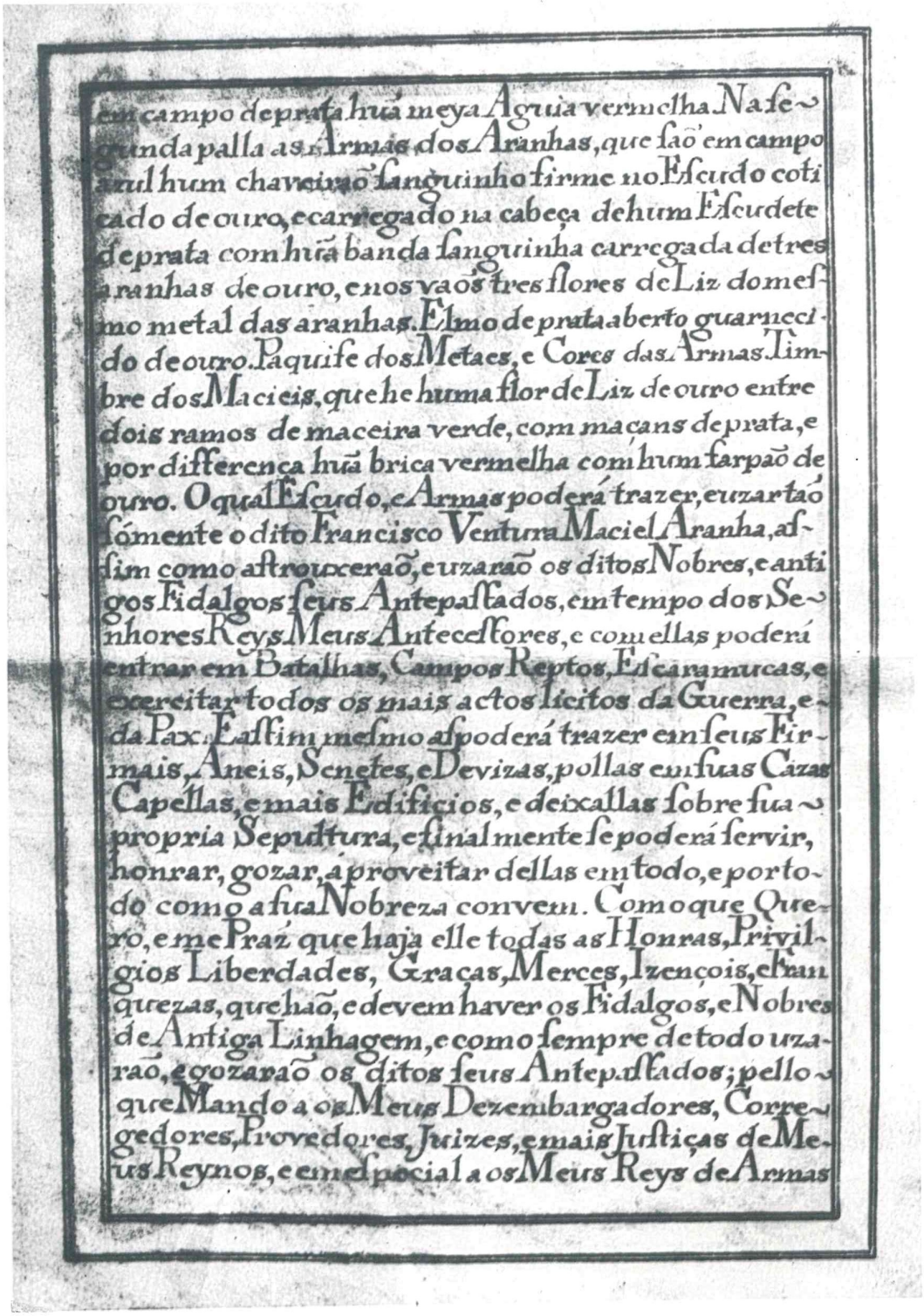


Aranha, e sua mulher D. Izabel Rodrigues. Neto pella parte Materna de Mathias Goncalves, e de sua mulher D. Thereza Maciel. Os quaes seus Pays, e Avós, que forão pessoas Nobres das familias dos apellidos de Macieis, e Aranhas, que neste Reyno sáo Fidalgos de Linhagem, Cotta de Armas, e de Sollar conhecido, e como taes se tratamáo com Cavallos, Creados, e toda a mais ostentacáo propria da Nobreza, servindo no Politico, e no Militar os Lugares, e Postos do Governo, sem que em tempo algum cometesem crime de Leza Magestade Divina ou Humana, pello que me pedia elle mesmo supplicante por Merce, que para a memoria de seus Progenitores senáo perder, e clareza de sua antiga Nobreza lhe mandasse dar Minha Carta de Brazáo de Armas das ditas familias para dellas tambem uzar na forma que athe aqui o fizeráo, e forão concedidas a os ditos seus Progenitores. E vista por Mim a dita sua petiçáo sentença, e documentos, e constar de tudo o referido, e que a elle como descendente das mencionadas familias lhe pertence uzar, e gozar de suas Armas segundo o Meu Regimento, e Ordenacáo da Armaria lhe mandei passar esta Minha Carta de Brazáo dellas, na forma que aqui vaó Brazonadas, Devizadas, e Illuminadas com Cores, e Metaes, segundo se achaó Registadas no Livro do Registo das Armas da Nobreza destes Meus Reynos que tem Portugal Meu Principal Rey de Armas. A saber. Hum Escudo partido em palla. Na primeira as Armas dos Macieis, que sáo partidas em palla na primeira duas flores de Liz de azul postas em palla, em campo de prata, na segunda palla, tambem

Fl. 1 v.

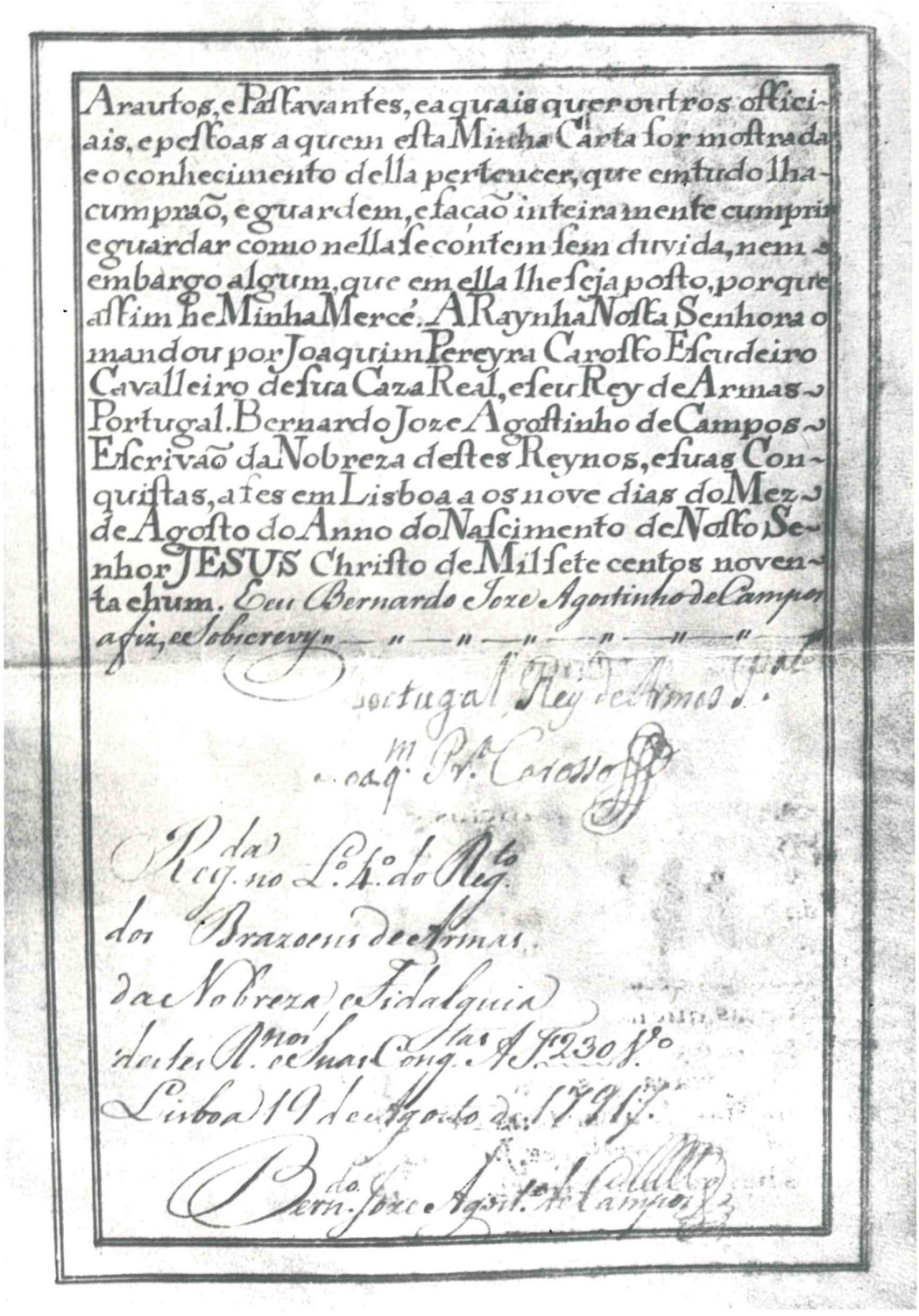


Fl. 2



em campo de prata hua meya Agua vermelha. Na se-
gunda palla as Armas dos Aranhas, que saõ em campo
azul hum chaveirão sanguinho firme no Escudo coti
cado de ouro, e carregado na cabeça de hum Escudete
de prata com hũa banda sanguinha carregada de tres
aranhas de ouro, e nos vaõs tres flores de Liz do mes-
mo metal das aranhas. Elmo de prata aberto guarneci-
do de ouro. Paquife dos Metaes, e Cores das Armas. Tim-
bre dos Macieis, que he huma flor de Liz de ouro entre
dois ramos de maceira verde, com maçans de prata, e
por differença hũa brica vermelha com hum tarpaõ de
ouro. O qual Escudo, e Armas poderá trazer, e uzar taõ
sómente o dito Francisco Ventura Maciel Aranha, as-
sim como as trouxeraõ, e uzaraõ os ditos Nobres, e anti
gos Fidalgos seus Antepassados, em tempo dos Se-
nhores Reys Meus Antecessores, e com ellas poderá
entrar em Batalhas, Campos Reptos, Escaramuças, e
exercitar todos os mais actos licitos da Guerra, e
da Paz. Assim mesmo as poderá trazer em seus Fir-
mais, Aneis, Scnetes, e Devizas, pollas em suas Casas
Capellas, e mais Edificios, e deixallas sobre sua
propria Sepultura, e finalmente se poderá servir,
honrar, gozar, aproveitar dellas em todo, e por to-
do como a sua Nobreza convem. Como que Que-
ro, e me Praz que haja elle todas as Honras, Privil-
gios Liberdades, Graças, Merces, Izençois, e Hum
quezas, que haõ, e devem haver os Fidalgos, e Nobres
de Antiga Linhagem, e como sempre de todo uza-
raõ, e gozaraõ os ditos seus Antepassados; pello
que Mando a os Meus Dezembargadores, Corre-
gedores, Provedores, Juizes, e mais Justiças de Me-
us Reynos, e em especial a os Meus Reys de Armas

Fl. 2 v.



Arautos, e Passavantes, e aquais quer outros officiais, e pessoas a quem esta Minha Carta for mostrada e o conhecimento della pertencer, que em tudo lha cumpraõ, e guardem, e façaõ inteiramente cumprir e guardar como nella se contem sem duvida, nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim he Minha Mercé. A Raynha Nossa Senhora o mandou por Joaquim Pereyra Carosso Escudeiro Cavalleiro de sua Caza Real, e seu Rey de Armas Portugal. Bernardo Joze Agostinho de Campos Escrivaõ da Nobreza destes Reynos, e suas Conquistas, a fes em Lisboa a os nove dias do Mez de Agosto do Anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de Mil sete centos noventa e hum. E eu Bernardo Joze Agostinho de Campos a fiz, e sobscrevy

Portugal, Rey de Armas P.al

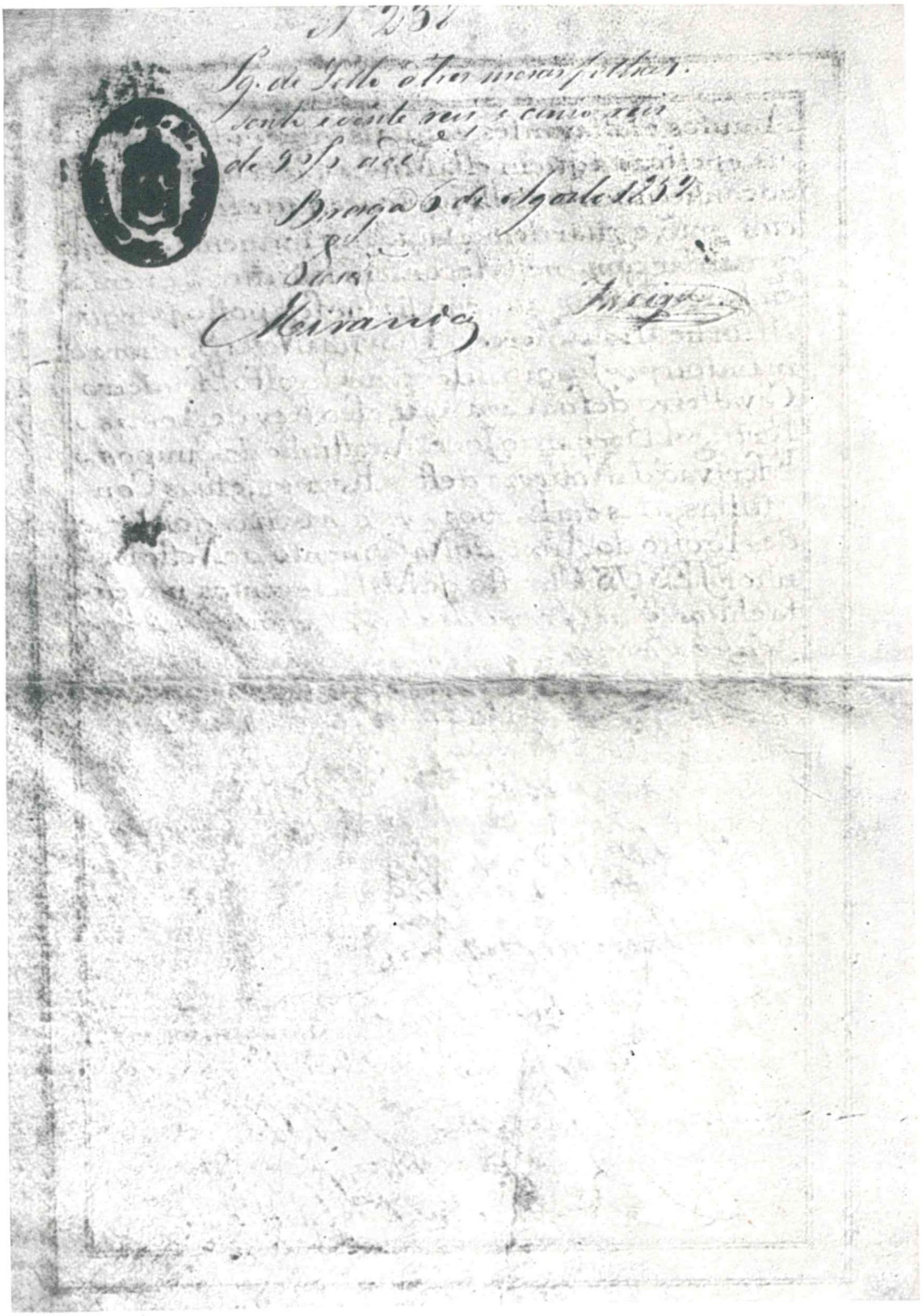
Joaq.m Pr.a Carosso

Reg.da no L.o 4.o do Reg.to dos Brazoens de Armas da Nobreza e Fidalguia destes R.nos e suas Cong.as A F.s 230 V.o

Lisboa 19 de Agosto de 1791.

Bern.do Joze Agost.o de Campos

Fl. 3



Fl. 3 v.

«for mostrada / e o conhecimento della pertencer, que em tudo lha / «cumpraõ, e guardem, e façaõ inteiramente cumprir / e guardar «como nella se contem sem duvida, nem / embargo algum, que em «ella lhe seja posto, porque / assim he Minha Mercé. A Raynha Nossa «Senhora o / mandou por Joaquim Pereyra Carosso Escudeiro / «Cavalleiro de sua Caza Real, e seu Rey de Armas / Portugal. Bernardo «Joze Agostinho de Campos / Escrivaõ da Nobreza destes Reynos, e

Data «suas Con- / quistas, a fes em Lisboa a os nove dias do Mez / de «Agosto do Anno do Nascimento de Nosso Se- / nhor JESUS Christo «de Mil sete centos noven- / ta e hum. E eu Bernardo Joze Agostinho «de Campos / a fiz, e sobscrevy / Portugal, Rey de Armas P.al /

Registo «Joaq.m Pr.a Carosso / Reg.da no L.o 4.o do Reg.to / dos Brazoens de «Armas / da Nobreza, e Fidalguia / destes R.nos e Suas Conq.tas A F. «230 v.o / Lisboa 19 de Agosto de 1791. / Bern.do Joze Agost.o de «Campos».

* * *

Francisco Ventura Maciel Aranha, filho de Boaventura Maciel Aranha, que foi cavaleiro do Sacro Palácio e proprietário do ofício de secretário da Casa do Despacho em Braga, e de sua mulher, e parenta, D. Francisca Teresa Maciel, nasceu em S. João do Souto, em Braga, a 21 de Outubro de 1737 (196). Foi senhor, por compra, da Casa do Gato Bravo, em cujo portão de entrada mandou pôr as suas armas, cavaleiro fidalgo da Casa Real, fidalgo de cota de armas (c. b. de 9 de Agosto de 1791), cavaleiro professo na Ordem de Cristo, bacharel formado em Leis e Cânones, secretário da Casa do Despacho de Braga e superintendência geral das visitas do Arcebispado Primaz, vereador em Braga (1803). Casou em Vitorino das Donas, no actual concelho de Ponte de Lima, a 28 de Maio de 1794 (197), com D. Maria Rosa de Azevedo Araújo e Gama, que nasceu em Vitorino das Donas, na Casa da Torre da Passagem, a 31 de Julho de 1761 e faleceu na Casa do Gato Bravo a 29 de Novembro de 1831, filha de Joaquim José de Azevedo Araújo e Gama, senhor da Casa da Torre da Passagem, fidalgo cavaleiro da Casa Real, e de sua mulher, D. Francisca Angélica de Barros do Rego Barreto, — com geração (com um ramo que seguiu na Casa do Gato Bravo). (198)

---

(196) Livro de Nascimentos n.º 7, fl. 393 v. Arq. Dist. de Braga.

(197) Livro de Casamentos de 1748 a 1880, fl. 49 v. Conservatória do Registo Civil de Ponte de Lima.

(198) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

De Francisco Ventura Maciel Aranha é 4.º neto o Dr. Joaquim António Loureiro de Amorim, que segue, na posse de quem está a carta de armas passada àquele seu antepassado.

1 — JOAQUIM ANTÓNIO LOUREIRO DE AMORIM. Nasceu em S. Vítor, em Braga, a 23 de Agosto de 1914. Filho de Horácio Avelino de Amorim, oficial do Exército, e de sua mulher, D. Frederica Loureiro, senhora da Casa do Gato Bravo, que vendeu. Licenciado em Ciências Matemáticas e engenheiro geógrafo, pela Universidade de Lisboa. Actual reitor do Liceu de Sá de Miranda, em Braga. Comendador da Ordem de S. Gregório Magno. Casou na Igreja do Sameiro, a 10 de Abril de 1947, com D. Maria do Céu Malheiro Leitão de Azevedo, que nasceu em Maximinos, em Braga, a 17 de Fevereiro de 1913, filha de José Leitão de Azevedo e de sua mulher, D. Emília Pedreira Coelho de Araújo Malheiro.

Filhos:

2 — *Joaquim José de Azevedo Loureiro de Amorim.* Nasceu em S. João do Souto, em Braga, a 10 de Fevereiro de 1949.
2 — *Horácio Augusto de Azevedo Loureiro de Amorim.* Nasceu em S. João do Souto a 11 de Março de 1950.
2 — *D. Maria do Sameiro de Azevedo Loureiro de Amorim.* Nasceu em S. João do Souto a 23 de Setembro de 1951.
2 — *D. Maria de Fátima de Azevedo Loureiro de Amorim.* Nasceu em S. João do Souto a 4 de Março de 1953. (199)

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. I, costado 68 — *Casa do Gato Bravo (Braga).*
— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Macieis Aranhas* (a publicar).

* * *

A Casa do Gato Bravo é propriedade do Dr. António José da Costa, advogado em Braga, que está a proceder ao seu restauro.

---

(199) Informação do Dr. Joaquim António Loureiro de Amorim (6-11-1970).

106

Localização:

— Campo da Vinha.
— Capela do Salvador. Na capela-mor, do lado da Epístola, num arcossólio, encimando, na parede, a arca tumular do Conde de Agrolongo, José Francisco Correia.

Material: mármore.

Época: ano de 1931 (200).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo francês.
— Coronel de conde.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

MERCÊ - NOVA CONCE -
DIDA A JOSÉ FRANCISCO CORREIA,
QUANDO VISCONDE DE SANDE (1)

---

(200) «[...] no livro de actas da Direcção deste Asilo consta que na Sessão de 19 de «Fevereiro de 1931, foi resolvido mandar fazer um túmulo em mármore para conter os restos «mortais do grande benfeitor deste Asilo, Exmo. Senhor Conde de Agrolongo. Na mesma acta «também consta que no dia 15 de Abril do mesmo ano, aniversário do seu falecimento, «foi resolvido realizar solenes exéquias e a trasladação do cadáver do cemitério para a Capela «do Salvador», — cf. ofício n.º 52/69, de 26 de Agosto de 1969, do Asilo de Mendicidade Conde de Agrolongo, em resposta ao ofício n.º 566, de 20 do mesmo mês, da Junta Distrital de Braga.



106


Nasceu na freguezia
de São Lourenço de Sande
no dia 14 de Fevereiro
de 1853.
Faleceu em Lisboa
na Praça de Camões
no dia 15 de Abril
de 1929
JOSE FRANCISCO CORREIA
1º CONDE DE AGROLONGO
FUNDADOR D'ESTE AZILO

(1) Assim: esquartelado, tendo no I cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de uma estrela de cinco pontas, acompanhada de quatro besantes acantonados, no II um veado passante, no III uma torre e no IV uma águia com a cabeça voltada, carregada de um escudete sobrecarregado de uma barra xadrezada de duas tiras. Indicados o esmalte do campo do I (ouro), o do campo do II (azul), o do campo do III (azul), o do campo do IV (ouro) e o dos escudetes (vermelho).

* * *

Cartas de armas passadas a José Francisco Correia (201)**:**

I

(Quando Visconde de Sande)

Texto do registo:

(Cartório da Nobreza,
— liv. 10.º, fls. 111 a 113.
Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

Fl. 111 «Alvará de Brazão d'Armas passado a favor do Visconde de Sande, «José Francisco Correia, a saber.
«

Alvará *Nome* «Eu El-Rei, Faço saber aos que este Meu Alvará virem, que «attendendo ao que Me representou o Visconde de Sande, José «Francisco Correia. Considerando que o Brazão d'Armas, é «inherente aos Titulares, por estylo seguido desde longa data. «E Querendo Dar-lhe um testemunho da Minha Real Munificencia, *Nome* «Hei por bem fazer Mercê ao dito Visconde de Sande, José «Francisco Correia, de um Brazão d'Armas, para que d'elle possa «usar, com o Titulo de Fidalgo de Cotta d'Armas, o qual será da *Armas* «fórma seguinte. Um Escudo esquartellado. No primeiro quartel, em «campo de ouro, cinco escudetes vermelhos, postos em cruz, cada «um com quatro bezantes de prata, um em cada angulo, e ao centro «uma estrella de ouro de cinco pontas. No segundo em campo azul «um veado de prata. O terceiro tambem em campo azul, com um

---

(201) Não sei quem é o actual possuidor destas duas cartas de armas. Estarão elas no Brasil? Lê-se no *Anuário da Nobreza de Portugal,* ano I (1950), em *Conde de Agrolongo*: «[...]. † *José*-Francisco Correia, [...]; c. no Rio de Janeiro com D. *Ambrosina* Savard «Saint-Brisson. — *(Rio de Janeiro)*. FILHAS: 1) D. *Helena* Savard Saint-Brisson Correia, actual «representante dos títulos; casada e c. g. 2) D. *Laura* Savard Saint-Brisson Correia, casada e c. g.».

«castello de prata ao centro. O quarto em campo de ouro uma «aguia vermelha voante (202) ao centro, armada de negro, com um «escudete de prata no peito, atravessado por uma correia preta. «Sobre o Escudo a Corôa de Visconde e por supportes dois leões de «ouro. Pelo que Mando ao Rei d'Armas Portugal, que sendo-lhe este «Alvará apresentado, faça debuxar e illuminar as ditas Armas, no «Livro do Thesouro da Nobreza de Portugal (203), e trasladal-o no «Livro competente, para em todo o tempo se conhecer como lhe «Fiz Mercê das referidas Armas, das quaes, o mesmo Rei d'Armas «Portugal, fará expedir ao agraciado, a respectiva Carta de Brazão, «na forma do estylo. Em firmeza do que, lhe mandei passar o «presente Alvará, por Mim assignado, e sellado com o sello das «Armas Reaes, o qual se cumprirá como n'elle se contem, sendo

Data «registado nas Repartições competentes. Paço 4 de Dezembro de «1900. = El-Rei = Conde Mordomo Mór = Alvará, pelo qual Vossa

Nome «Magestade, Ha por bem Fazer Mercê ao Visconde de Sande, José «Francisco Correia, de um Brazão d'Armas, pela fórma acima «declarada. = Para Vossa Magestade Vêr = Passou-se em virtude do «Despacho de 22 de Novembro de 1900. = Carlos Augusto da Silva

Fl. 111 v. «Campos, o fez // escrever = Logar de sello de verba = Pagou de «sello de verba a quantia de sessenta mil réis e tres mil réis de 5 % «por lei de 18 de Julho de 1885 = Lisbôa Receita Eventual 24 de «Janeiro de 1901 = Pelo Escrivão = Azevedo = O Recebedor = C. «Real = Reg.do no Archivo da Torre do Tombo a fls. 123 v.º do «L.º 16 de Reg.to de Mercês. Pagou dois mil setecentos setenta e «dois réis incluindo o addicional de 5 %. Lisbôa 8 de Março de «1901. = Pelo Director A. de Almeida Caldeira.

«

« Brazão.

«

Carta de Armas «D. Carlos por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves etc.

---

(202) Aliás, uma águia estendida.

(203) Foram assim *debuxadas* e *iluminadas*: — Escudo esquartelado: o I de ouro, cinco escudetes de vermelho, postos em cruz, cada um carregado de uma estrela de cinco pontas de ouro, acompanhada de quatro besantes de prata, acantonados; o II de azul, veado saltante de prata; o III de azul, torre de prata, lavrada de negro e aberta de azul; o IV de ouro, águia de vermelho, com a cabeça voltada, bicada e membrada de negro, carregada de um escudete de prata, sobrecarregado de uma contracotica de negro. Coronel de visconde. Suportes: dois leões de ouro, lampassados de vermelho, com a cabeça voltada para trás. (Livro antigo n.º 17, que veio do Cartório da Nobreza, fl. K verso. Na sala de leitura do Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

«Faço saber aos que esta Minha Carta de Brazão d'Armas de «Nobreza e Fidalguia, virem que por parte do Visconde de Sande,
Nome «José Francisco Correia, Me foi apresentado um Alvará, passado «em meu Real nome, o qual é do theor seguinte. Eu El-Rei, Faço «saber aos que este Meu Alvará virem, que attendendo ao
Nome «que Me representou o Visconde de Sande, José Francisco Correia. «Considerando que o Brazão d'Armas, é inherente aos Titulares, «por estylo seguido desde longa data. E Querendo Dar-lhe um «testemunho da Minha Real Munificencia, Hei por bem fazer Mercê
Nome «ao dito Visconde de Sande, José Francisco Correia, de um Brazão «d'Armas, para que d'elle possa usar, com o Titulo de Fidalgo de
Armas «Cotta d'Armas, o qual será da fórma seguinte. Um Escudo «esquartellado. No primeiro quartel, em campo de ouro, cinco «escudetes vermelhos, postos em cruz, cada um com quatro bezantes «de prata, um em cada angulo, e ao centro uma estrella de ouro «de cinco pontas. No segundo em campo azul um veado de prata. «O terceiro tambem em campo azul, com um castello de prata «ao centro. O quarto em campo de ouro uma aguia vermelha «voante (204), ao centro, armada de negro, com um escudete de «prata no peito, atravessado por uma correia preta. Sobre o Escudo «a corôa de Visconde e por supportes dois leões de ouro. Pelo que «Mando ao Rei d'Armas Portugal, que sendo-lhe este Alvará «apresentado, faça debuxar e illuminar as ditas Armas no Livro do «Thesouro da Nobreza de Portugal, e trasladal-o no Livro «competente, para em todo o tempo se conhecer como lhe Fiz Mercê
Fl. 112 «das referidas Armas, das quaes, o mesmo // Rei d'Armas Portugal, «fará expedir ao agraciado, a respectiva Carta de Brazão, na fórma «do Estylo. Em firmeza do que, lhe mandei passar o presente «Alvará, por Mim assignado, e sellado com o sello das Armas Reaes, «o qual se cumprirá como n'elle se contém, sendo registado nas «Repartições competentes. = Paço 4 de Dezembro de 1900. = «El-Rei = Conde Mordomo Mór. = O qual Alvará foi registado no «Cartorio da Nobreza do Reino, Livro 10.º a folhas 111 do Registo «Geral dos Brazões, e o Escudo das ditas Armas foi debuxado e «illuminado no Livro do Thesouro da Nobreza de Portugal, que «tem o meu Rei d'Armas Portugal. Em virtude do qual e em seu «cumprimento, se passou esta Minha Carta de Brazão d'Armas ao
Nome «dito Visconde de Sande, José Francisco Correia, assim e da mesma «fórma que no referido Livro ficam lançadas e aqui vão brazonadas,

(204) Aliás, uma águia estendida.

«divisadas e illuminadas, com figuras, côres e metaes, a saber:
Armas «Um Escudo esquartellado. No primeiro quartel, em campo de ouro,
«cinco escudetes vermelhos postos em cruz, cada um com quatro
«bezantes de prata, um em cada angulo, e ao centro uma estrella
«de ouro de cinco pontas. O segundo em campo azul um veado de
«prata. O terceiro tambem em campo azul, com um castello de
«prata ao centro. O quarto em campo de ouro uma aguia vermelha
«voante (205) ao centro, armada de negro, com um escudete de
«prata no peito, atravessado por uma correia preta. Sobre o
«Escudo a corôa de Visconde e por supportes dois leões de ouro.
«O qual Escudo d'Armas poderá trazer e uzar o dito Visconde
Nome «de Sande, José Francisco Correia, em todos os lugares de honra,
«em que os outros Nobres e antigos Fidalgos costumam trazer as
«suas e com as quaes poderá exercer todos os actos licitos da guerra
«e da paz. E assim mesmo as poderá mandar esculpir em seus
«firmaes, anneis, sinetes, e divisas, pol-as em suas carruagens,
«baixellas, reposteiros, telizes, casas, capellas, e mais edificios, e
«deixal-as gravadas sobre sua propria sepultura. E finalmente se
«poderá servir, honrar, gozar e aproveitar d'ellas em tudo e por
Fl. 112 v. «tudo, como // prorogativa de sua Nobreza. Outro sim Mando que
«haja elle todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês,
«isempções e franquezas, que hão e devem haver os Fidalgos e
«Nobres de antiga linhagem. E mando ao Meu Rei d'Armas
«Portugal que tenha as ditas Armas em bôa e devida guarda para
«em todo o tempo serem havidas e approvadas por verdadeiras, e
«as deixe gozar e possuir, tão sómente ao dito Visconde de Sande,
Nome «José Francisco Correia, e aos seus descendentes, que para esse fim
«legalmente se habilitarem, como cousa sua propria, e a outros
«alguns não. Pelo que Mando a todos os juizes, e mais justiças
«d'este Reino, e em especial a todos os meus Reis d'Armas, Arautos
«e Passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem
«esta Minha Carta fôr mostrada e o conhecimento d'ella pertencer,
«que em tudo lh'a cumpram e guardem e façam inteiramente
«cumprir e guardar, como n'ella se contém, sem duvida nem
«embargo algum, que a ella seja pôsto, porque assim é Minha Mercê.
«El-Rei o mandou pelo Conde de Ficalho, seu Mordomo Mór e
«Carlos Augusto da Silva Campos, Escrivão da Nobreza do Reino,
Data «a fez escrever. = Paço 20 de Dezembro de 1900. = El-Rei = Conde
«Mordomo Mór = Carta pela qual Vossa Magestade, Houve por

(205) Aliás, uma águia estendida.

«bem Fazer Mercê de um Brazão d'Armas, ao Visconde de Sande,
Nome «José Francisco Correia, pela fórma retro declarada. = Para Vossa
«Magestade Vêr. = Está isempto do pagamento de Direitos de Mercê
«por se achar comprehendido nos termos da alinea N. do art.º 2.º
«do decreto de 16 de Agosto de 1898, como se declara no officio da
«Direcção Geral das Contribuições Directas, dirigido a esta repartição
Registo «em 6 de Março do corrente anno = Silva Campos = Registado no
«L.º 10.º de Registo Geral dos Brazões, a folhas 111 v.º = Pagou
«sessenta e tres mil réis de sello e addicionaes, como consta do
«competente Alvará de Mercê archivado n'este Cartório, onde se
«acha lançada a verba seguinte N.º 62 = Pagou de sello de verba a
«quantia de sessenta mil réis, e tres mil réis de 5 °/₀ por lei de 18
«de Julho de 1885 = Lisbôa, Receita Eventual, 24 de Janeiro de
«1901. = Pelo Escrivão = Azevedo = O Recebedor = C. Real =
«Registado o Alvará no L.º 10.º do Registo Geral dos Brazões, a
«folhas 111 e no Archivo Nacional da Torre do Tombo L.º 16 de
«Registo de Mercês a folhas 123 v.º = Silva Campos = Visto = O Rei
Fl. 113 «d'Armas // Portugal = João Baptista dos Santos = Lugar do sello
«branco das Armas Reaes».

II

(Quando Conde de Agrolongo)

Texto do Registo:

(Cartório da Nobreza,
— liv. 10.º, fls. 150 e 151.
Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

Fl. 150 «Nova Carta de Brazão d'Armas, passada a favor do Conde de
«Agrolongo, José Francisco Correia, em reforma da primeira,
«passada em nome de Visconde de Sande.
«
Carta de armas «D. Carlos, por Graça de Deus, Rei de Portugal, e dos Algarves, etc.
«Faço saber aos que esta Minha Carta de Brazão d'Armas, de
«Nobreza e Fidalguia virem, que por parte do Conde de Agrolongo,
Nome «José Francisco Correia, Me foi apresentado um requerimento,
«allegando que tendo obtido Carta de Brazão d'Armas em data de
«20 de Dezembro de 1900, quando usava o titulo de Visconde de
«Sande, que lhe havia sido conferido, e pela qual pagou os
«respectivos emolumentos e sello; tendo sido posteriormente
«agraciado com o titulo de Conde de Agrolongo, por decreto de 23
«de Janeiro de 1904, pretende se lhe passe nova Carta de Brazão,

«conforme a pratica estabelecida, extrahida da primeira e com as «alterações que se referem ao novo titulo. E vista por Mim a dita «sua petição e documentos juntos, que provam ser verdade o que «o supplicante allega, lhe Mandei passar a presente Carta de «Brazão d'Armas, transcrevendo os dizeres da primeira e copiando «fielmente o Alvará da Mercê, que é do theor seguinte. Eu El-Rei, «Faço saber aos que este Meu Alvará virem, que attendendo ao

Nome «que Me representou o Visconde de Sande, José Francisco «Correia. Considerando que o Brazão d'Armas é inherente aos «titulares, por estylo seguido desde longa data. E Querendo «Dar-lhe um testemunho da Minha Real Munificencia, Hei por

Nome «bem fazer Mercê ao dito Visconde de Sande, José Francisco «Correia, de um Brazão d'Armas, para que d'elle possa usar, com

Fl. 150 v. «o // titulo de Fidalgo de Cotta d'Armas, o qual será da forma

Armas «seguinte. Um Escudo esquartellado. No primeiro quartel, em «campo de ouro, cinco escudetes vermelhos, postos em cruz, cada «um com quatro bezantes de prata, um em cada angulo, e ao «centro uma estrella de ouro, de cinco pontas. No segundo, em «campo azul, um veado de prata. O terceiro, tambem em campo «azul, com um castello de prata, ao centro. O quarto, em campo «de ouro, uma aguia vermelha voante (206), ao centro, armada de «negro, com um escudete de prata no peito, atravessado por uma «correia preta. Sobre o Escudo a coroa de Visconde e por «supportes, dois leões de ouro. Pelo que, Mando ao Rei d'Armas «Portugal, que sendo-lhe este Alvará apresentado, faça debuxar e «illuminar as ditas Armas, no Livro do Thesouro da Nobreza de «Portugal, e trasladal-o no livro competente, para em todo o «tempo se conhecer como lhe Fiz Mercê das referidas Armas, das «quaes, o Mesmo Rei d'Armas Portugal, fará expedir ao «agraciado, a respectiva Carta de Brazão, na forma do estylo. Em «firmeza do que, lhe Mandei passar o presente Alvará por Mim «assignado, e sellado com o sêllo das Armas Reaes, o qual se «cumprirá como n'elle se contém, sendo registado nas repartições «competentes. Paço 4 de Dezembro de 1900 = El-Rei = Conde «Mordomo-Mór = Pagou de sello de verba a quantia de sessenta «mil reis e tres mil reis de cinco por cento por lei de 18 de Julho «de 1885 = Lisboa — Receita Eventual 24 de Janeiro de 1901 — «Pelo Escrivão — Azevedo = O Recebedor — C. Real, = O qual

---

(206) Aliás, uma águia estendida.

«Alvará foi registado no Cartorio da Nobreza do Reino, no Livro «10.º do Registo Geral dos Brazões, a folhas 123 v.º, digo *(sic)*, a «folhas 111 e no Archivo da Torre do Tombo a folhas 123 v.º do «Livro 16.º de Registo de Mercês; e o Escudo das ditas Armas foi «debuxado e illuminado no Livro do Thesouro da Nobreza de «Portugal, que tem o Meu Rei d'Armas Portugal. Em virtude do «despacho de 23 de Abril de 1904, exarado no sobredito «requerimento e em seu cumprimento, se passou esta Minha Carta

Nome «de Brazão d'Armas ao dito Conde de Agrolongo, José Francisco «Correia, assim e da mesma forma que no referido livro ficam «lançadas e aqui vão brazonadas, divisadas e illuminadas, com

Armas «figuras, côres e mataes *(sic)*, a saber. Um Escudo esquartellado. «No primeiro quartel, em campo de ouro, cinco escudetes «vermelhos, postos em cruz, cada um com quatro bezantes de «prata, um em cada angulo, e ao centro uma estrella de ouro, de «cinco pontas. No segundo, em campo azul, um veado de prata. «O terceiro, tambem em campo azul, com um castello de prata ao «centro. O quarto, em campo de ouro, uma aguia vermelha, «voante (207), ao centro, armada de negro, com um escudete de «prata no peito, atravessado por uma correia preta. Sobre o «Escudo, a coroa de Visconde, digo *(sic)*, a coroa de Conde e por «supportes dois leões de ouro (208). O qual Escudo d'Armas poderá

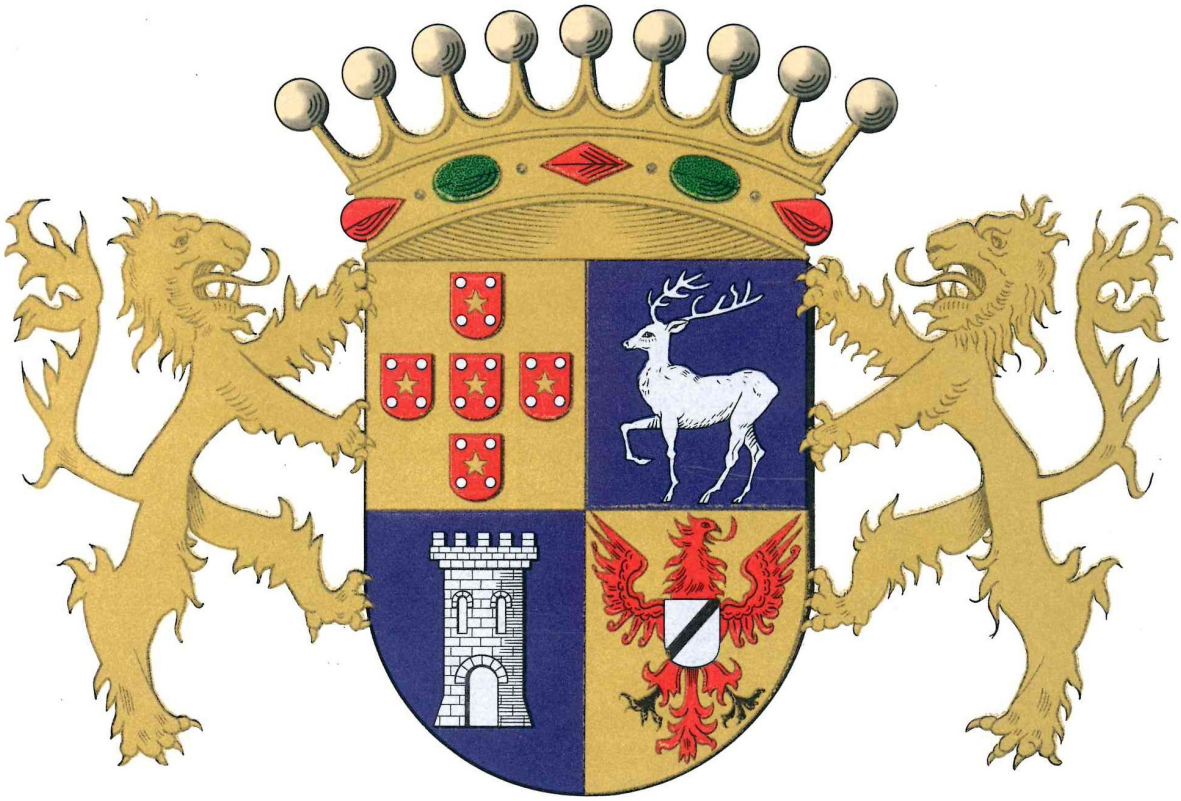
Nome «trazer e usar o dito Conde de Agrolongo, José Francisco Correia, «em todos os lugares de honra em que os outros Nobres e Antigos «Fidalgos costumam trazer as suas, e com as quaes poderá exercer «todos os actos licitos da guerra e da paz. E assim mesmo as «poderá mandar esculpir em seus firmaes, anneis, sinetes e «divisas, pol-as em suas carruagens, baixellas, reposteiros, telizes,

Fl. 151 «casas, capellas e mais edificios, e deixal-as gravadas sobre // sua «propria sepultura. E finalmente se poderá servir, honrar, gosar e «approveitar d'ellas, em tudo e por tudo, como prerogativa de sua

---

(207) Aliás, uma águia estendida.

(208) Assim foram *debuxadas* e *iluminadas* no livro antigo n.º 17, que veio do Cartório da Nobreza para a sala de leitura do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, fl. O verso: — Escudo esquartelado: o I de ouro, cinco escudetes de vermelho, postos em cruz, cada um carregado de uma estrela de cinco pontas de ouro, acompanhada de quatro besantes de prata, acantonados; o II de azul, veado saltante de prata; o III de azul, torre de prata, lavrada de negro; o IV de ouro, águia de vermelho, bicada e membrada de negro, carregada de um escudete de prata, sobrecarregado de uma contracotica de negro. Coronel de conde. Suportes: dois leões de ouro, com a cabeça vista de frente.



«Nobreza. Outro sim Mando, que haja elle todas as honras, «privilegios, liberdades, graças, mercês, isempções e franquezas, «que hão e devem haver os Fidalgos e Nobres de antiga linhagem. «E Mando ao Meu Rei d'Armas Portugal, que tenha as ditas «Armas em boa e devida guarda, para em todo o tempo serem «havida e approvadas por verdadeiras, e as deixe gosar e possuir

Nome «tão sómente ao dito Conde de Agrolongo, José Francisco Correia «e aos seus descendentes, que para esse fim legalmente se «habilitarem como cousa sua propria, e a outros alguns, não. Pelo «que, Mando a todos os juizes e mais justiças d'este Reino, e em «especial a todos os Meus Reis d'Armas, Arautos e Passavantes, e «a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta Minha Carta «fôr mostrada e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo «lh'a cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e «guardar como n'ella se contém, sem duvida nem embargo algum «que a ella seja posto, porque assim é Minha Mercê. El-Rei o «Mandou pelo Conde de Sabugosa, Seu Mordomo Mór e Carlos «Augusto de Campos, Escrivão da Nobreza do Reino, a fez

Data «escrever. Paço 15 de Julho de 1904 = El-Rei = Conde Mordomo-«-Mór — Carta pela qual Vossa Magestade Houve por bem fazer

Nome «mercê de um Brazão d'Armas, ao Conde de Agrolongo, José «Francisco Correia, pela forma retro declarada = Para Vossa «Magestade Vêr — Não pagou direitos de Mercê e sello por terem «já sido liquidados estes verbos *(sic)* pelo Alvará de 4 e primeira «Carta de 20 de Dezembro de 1900, não constituindo o presente «diploma mercê nova = O Escrivão da Nobreza = Carlos Augusto

Registo «de Campos = Registado a folhas 150 do L.º 10.º do Registo Geral «dos Brazões = Carlos Campos = Lugar do sello branco das Armas «Reaes = Visto — O Rei d'Armas Portugal = João Baptista dos «Santos».

* * *

Inscrição tumular:

JOSÉ FRANCISCO CORREIA
1.º CONDE DE AGROLONGO
FUNDADOR D'ESTE AZILO (209)

---

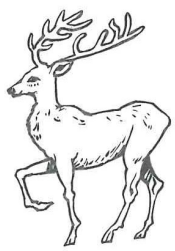
(209) «Asilo de Mendicidade Conde de Agrolongo».

Em duas placas de mármore, encimando o túmulo, na parede, lê-se: Nasceu na freguezia / de São Lourenço de Sande / no dia 14 de Fevereiro / de 1853. *e* Faleceu em Lisboa / na Praça de Camões / no dia 15 de Abril / de 1929. (210)

•

Veja-se:

— *Nobreza de Portugal,* vol. II, em *Agrolongo (Conde de).*
— *Anuário da Nobreza de Portugal,* ano I (1950), em *Conde de Agrolongo.*
— *Conde de Agrolongo. Synthese da vida e da obra do grande industrial.* Publicada no 75.º anniversario do seu nascimento pelos seus amigos e admiradores. Rio de Janeiro — 1928.



(210) O Conde de Agrolongo fundou, no Brasil, a fábrica de tabacos da marca «Veado».

107

Localização:

— Campo da Vinha.
— Quartel da Guarda Nacional Republicana (3.ª Companhia do Batalhão n.º 4). Frontaria.

Material: granito.

Época: «[...] o brasão (armas de Portugal) foi colocado na frontaria deste quartel no ano de 1944» (211).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica nacional.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— O escudo assente numa esfera armilar.

Escudo:

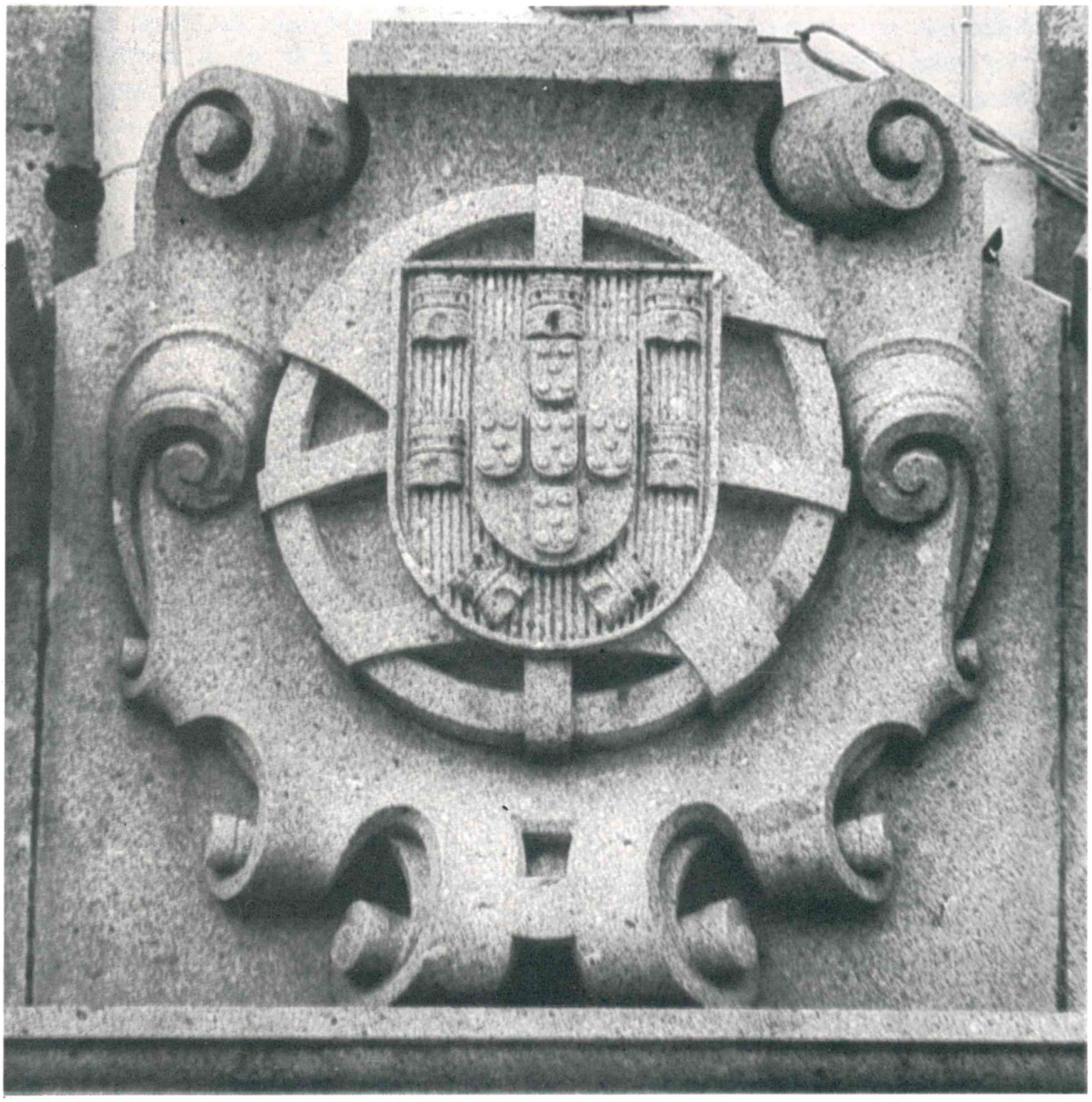
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL
Esfera armilar } (1)

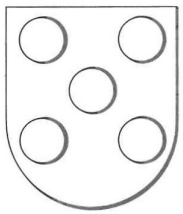
(1) Com a bordadura carregada de sete *torres* em vez de sete *castelos*. Indicado o esmalte da bordadura (vermelho). São as armas da República Portuguesa,

(211) Cf. ofício n.º 664/69, de 26 de Maio de 1969, da 3.ª Companhia do Batalhão n.º 4, em resposta ao ofício n.º 354, de 23 do mesmo mês, da Junta Distrital de Braga.



107

oficializadas por decreto da Assembleia Nacional Constituinte de 19 de Junho de 1911 (*Diário do Governo* n.º 141, de 20-6-1911, e n.º 150, de 30-6-1911) (212): *— Escudo: de prata, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes do campo, e bordadura de vermelho, carregada de sete castelos de ouro, — o escudo assente numa esfera armilar de ouro.*



(212) Cf. *Evolução Histórica das Armas Nacionais Portuguesas,* por Armando de Mattos, 1939, págs. 26 e 143 a 145 (in *Documentos*). Leiam-se em *Heráldica* portuguesa, obra da autoria dos heraldistas Gastão de Mello de Matos e Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira, págs. 50 e 170, as considerações judiciosas sobre a reunião do brasão de Portugal com a esfera armilar. Ver também *Heráldica, Ciência de Temas Vivos,* vol. II.

VOL. I

Tomo I

Pág. 357 — Em Sotomayor, cada faixa, xadrezada de três tiras, tem a tira do meio *carregada* de um filete.

108

Localização:

— Campo da Vinha.
— Casa dos Dinises. Frontaria.

Material: granito.

Época: primeira metade do século dezanove.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo.
— Coronel de nobreza.
— Cartela decorativa sobre a qual assenta o escudo.

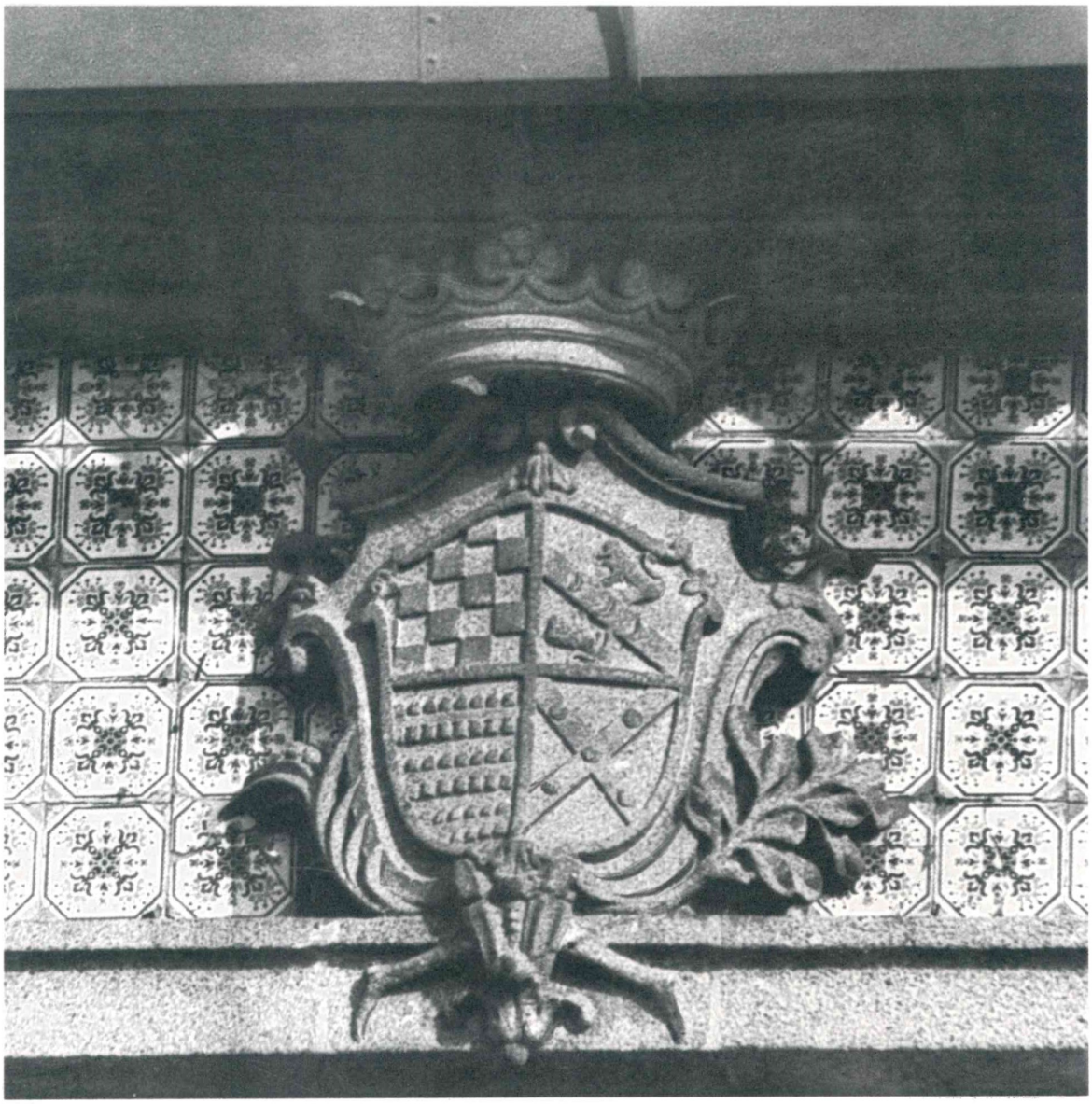
Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I SÁ	(1)
II BARBOSA	(2)
III SOTOMAYOR	(3)
IV ARAÚJO	(4)

(1) Assim: xadrezado de cinco peças em faixa e cinco em pala. São armas dos Sás: *xadrezado de cinco peças em faixa e seis em pala* ou *de seis peças em faixa e sete em pala.*
(2) Banda carregada de três crescentes e assaltada por dois leões.
(3) Três faixas xadrezadas de três tiras.
(4) Aspa carregada de cinco besantes.



108



108

* * *

A pedra de armas foi mandada colocar na frontaria da Casa dos Dinises por Francisco Bernardo Barbosa de Sá Sotomayor, o *Morgado Triste*, senhor da dita casa, administrador do vínculo de Nossa Senhora da Esperança, em Gondizalves, no termo de Braga, tenente de cavalaria, ajudante de brigada (tendo-se distinguido na defesa de Campo Maior, em 1801, e na de Olivença), capitão de Voluntários Realistas de Braga, vereador nesta cidade por várias vezes, que nasceu em Braga a 21 de Julho de 1774 e faleceu na Casa do Lugar, em Parada de Tibães, a 8 de Janeiro de 1852 (213). Era filho de Matias de Araújo Ribeiro de Barbosa e de sua mulher, D. Luísa Caetana de Barbosa e Sá Sotomayor de Faria e Barros, senhora da Casa dos Dinises e administradora do vínculo de Nossa Senhora da Esperança. D. Luísa Caetana era 3.ª neta de Tomaz Nunes, o Novo, falecido em Gondizalves a 13 de Outubro de 1638 (214), e de sua mulher, Grácia Dinis, falecida em S. Vítor, em Braga, a 5 de Janeiro de 1665 (215), ele filho de Lopo Nunes e de sua mulher, Inês *ou* Ana Dias, e irmão do Licenciado Marcos Dinis, primogénito, advogado em Braga, senhor da Casa dos Dinises, no Campo da Vinha, onde faleceu viúvo de Francisca Saraiva (com filhos, que faleceram antes do casal) a 26 de Janeiro de 1654 (216), que com sua irmã Maria Brandoa, falecida, solteira, na Casa dos Dinises, a 24 de Fevereiro de 1660 (217), e sua herdeira, instituiu um vínculo em Vila Frescaínha, junto a Barcelos, e o vínculo de Nossa Senhora da Esperança, em Gondizalves.

Francisco Bernardo Barbosa de Sá Sotomayor casou com D. Josefa Severina Soares de Lançós, senhora da Casa e Quinta do Lugar, em Parada de Tibães, onde nasceu a 16 de Novembro de 1774 (218) e faleceu a 15 de Outubro de 1838 (219), filha do Dr. António José Pereira Soares de Lançós, senhor da dita casa, e de sua mulher, D. Jacinta Margarida Pereira Peixoto; — dos quais é terceira neta D. Maria Alice dos Remédios de Sá Sotomayor Quevedo Pizarro Teixeira Montenegro Soveral (220), actual senhora da Casa dos Dinises, que segue.

1 — D. MARIA ALICE DOS REMÉDIOS DE SÁ SOTOMAYOR QUEVEDO PIZARRO TEIXEIRA MONTENEGRO SOVERAL. Nasceu na vila de S. João da Pesqueira a 20 de Outubro de 1902. Filha de Júlio António Teixeira da Costa

---

(213) Livro de Óbitos n.º 1 de Parada de Tibães, fl. 89. Arq. Dist. de Braga.
(214) Livro Misto n.º 1, fl. 87. Arq. Dist. de Braga.
(215) Livro Misto n.º 6, fl. 224 v. Arq. Dist. de Braga.
(216) Livro Misto n.º 10 de S. João do Souto, fl. 207. Arq. Dist. de Braga.
(217) Livro Misto n.º 10 de S. João do Souto, fl. 46 v.
(218) Livro de Nascimentos n.º 2 de Parada de Tibães, fl. 21 v. Arq. Dist. de Braga.
(219) Livro de Óbitos n.º 1 de Parada de Tibães, fl. 85 v.
(220) Arq. do Dr. Domingos de Araújo Affonso.

Montenegro, que foi presidente da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, e de sua mulher, D. Laura Leonor de Sá Sotomayor Quevedo Pizarro, senhora da Casa do Convento, na vila de S. João da Pesqueira, e neta paterna dos Barões de Casais do Douro e materna do Dr. Gaspar de Sá Sotomayor de Sousa Quevedo Pizarro, senhor da Casa dos Dinises e da Capela de Nossa Senhora da Boa Esperança, em Gondizalves, e de sua mulher, D. Ambrozina Pereira Loureiro (Baronesa de Fragosela). Senhora da Casa dos Dinises, que herdou de sua tia materna D. Georgina Ernestina de Sá Sotomayor de Sousa Quevedo Pizarro, casada com o Brigadeiro João Pires de Campos, que foi comandante da Escola Prática em Torres Novas e governador civil de Coimbra; e senhora da Casa do Passadiço, na vila de S. João da Pesqueira, e da do Senhor do Desterro, em Casais do Douro, que foram de seu marido. Actual representante do título de Barão de Casais do Douro. Casou no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 1 de Dezembro de 1923, com Artur José Soveral Teixeira Montenegro e Costa, formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, senhor da Casa do Passadiço e da do Senhor do Desterro, presidente da Câmara de S. João da Pesqueira, do Conselho Geral e do Conselho de Direcção da Casa do Douro, na Régua, comandante de lança da Legião Portuguesa, provedor da Santa Casa da Misericórdia de S. João da Pesqueira e presidente do Grémio da Lavoura, que nasceu na Casa do Passadiço a 31 de Dezembro de 1901 e faleceu no Porto a 25 de Maio de 1965, filho de Artur Augusto Soveral da Costa, senhor da Casa do Passadiço, primo em 2.º grau do Marquês de Soveral, e de sua mulher, D. Ambrozina da Purificação Teixeira Montenegro, senhora da Casa do Senhor do Desterro, filha dos Barões de Casais do Douro.

Filhas:

2 — *D. Alice Maria de Sá Sotomayor Quevedo Pizarro Teixeira Montenegro Soveral e Costa.* Nasceu no Porto, em Santo Ildefonso, a 24 de Maio de 1930. Casou em Cedofeita, no Porto, a 1 de Maio de 1952, com José Joaquim Teixeira Freire de Andrade, engenheiro-agrónomo pelo Instituto Superior de Agronomia, de Lisboa, chefe dos Serviços Técnicos da Casa do Douro, na Régua, que nasceu na freguesia de Almofala, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, a 12 de Maio de 1919, filho de Luís Teodoro Freire de Andrade e de sua mulher, D. Maria José de Barros.

Filhos:

3 — *José Luís Pizarro Sotomayor Teixeira Montenegro Soveral e Costa Freire de Andrade.* Nasceu no Porto, em Santo Ildefonso, a 13 de Fevereiro de 1953.

3 — *Artur José Pizarro Sotomayor Teixeira Montenegro Soveral e Costa Freire de Andrade.* Nasceu em Casais do Douro, no concelho de S. João da Pesqueira, a 26 de Outubro de 1959.

2 — *D. Ambrozina Maria Laura de Sá Sotomayor de Sousa Quevedo Pizarro Teixeira Montenegro Soveral e Costa.* Nasceu em Coimbra a 30 de Novembro de 1931. Casou em Cedofeita, no Porto, a 11 de Janeiro de 1957, com Jorge Augusto Collus de Barros Pereira, que nasceu na vila de Espinho a 9 de Julho de 1927, filho de Virgínio Augusto Pereira e de sua mulher, D. Elizabeth Vidolise Collus de Barros.

Filhos:

3 — *Artur Jorge Pizarro Sotomayor Teixeira Montenegro Soveral de Collus Pereira.* Nasceu em Coimbra a 22 de Fevereiro de 1958.
3 — *D. Elisa Maria Pizarro Sotomayor Teixeira Montenegro Soveral de Collus Pereira.* Nasceu em Coimbra a 27 de Fevereiro de 1960.
3 — *D. Ambrozina Maria Pizarro Sotomayor Teixeira Montenegro Soveral de Collus Pereira.* Nasceu em Coimbra a 10 de Maio de 1965. (221)

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. II, costado 216 — *Morgado de Nossa Senhora da Esperança (Braga).*
— *Livro de Oiro da Nobreza,* por Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, vol. I, *Bobeda (Visconde de),* págs. 278 a 283 (*§ 1.º — Sás Sotomaiores Pizarros, de Braga, e Baroneza de Fragozela*).
— *Nobreza de Portugal,* vol. II, pág. 491, em *Casais do Douro (Barão de).*
— *Dos Pizarros de Espanha aos de Portugal e Brasil,* por J. T. Montalvão Machado, cap. XVIII — *Pizarros de Braga ou Sotomaiores Pizarros.*
— *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* por Domingos de Araújo Affonso, tít. de *Dinises* (a publicar).

(221) Informação da actual senhora da Casa dos Dinises, a Senhora D. Maria Alice dos Remédios de Sá Sotomayor Quevedo Pizarro Teixeira Montenegro Soveral (13-11-1970).

109

Localização:

— Edifício do Mercado Municipal. Frontaria.

Material: granito.

Época: ano de 1956 (222).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica municipal.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Coroa mural de cinco torres (cidade).

Escudo:

Composição: plena.

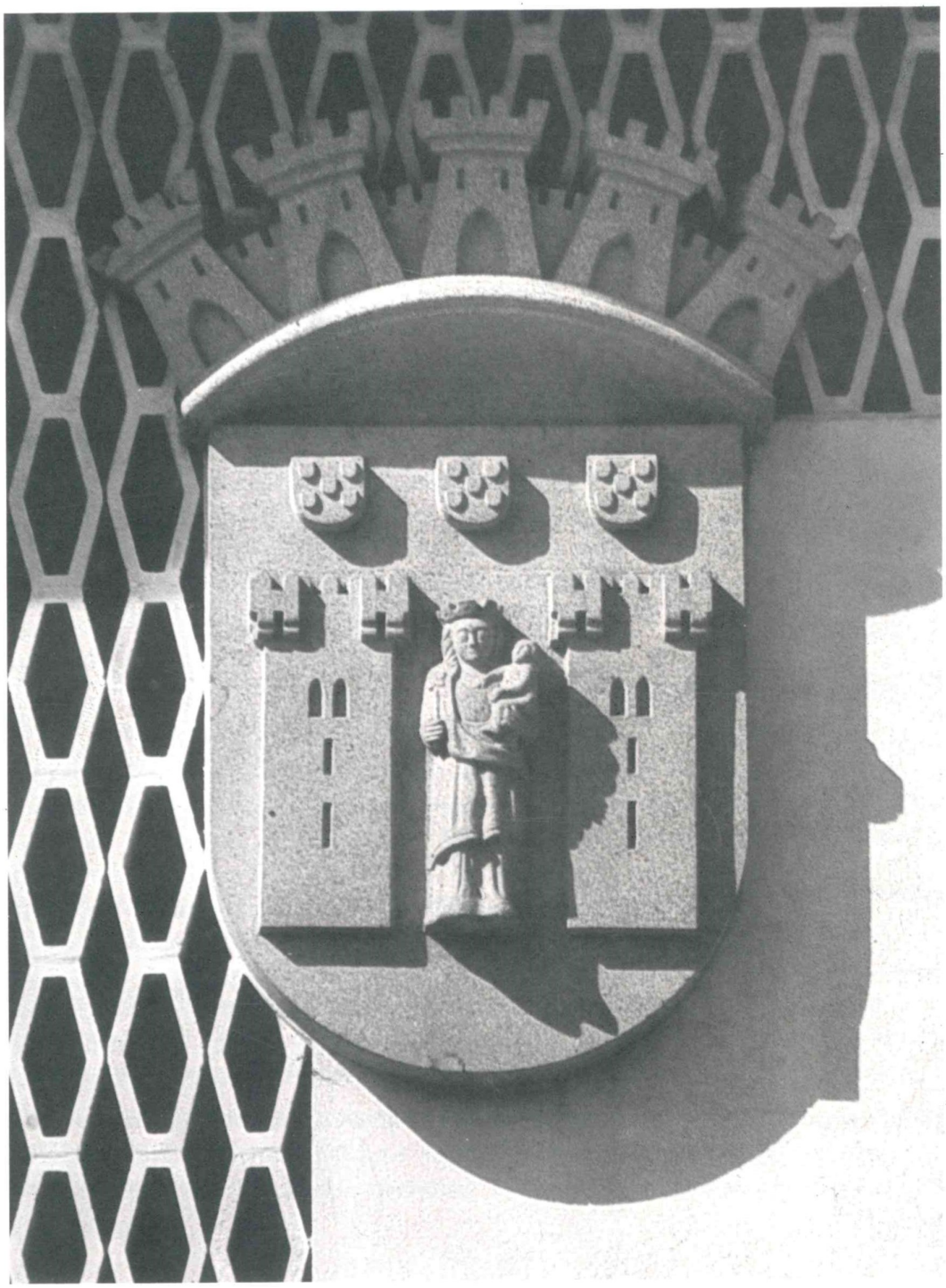
Leitura:

CIDADE DE BRAGA (1)

(1) Assim: a imagem de Santa Maria de Braga (Nossa Senhora, coroada à antiga, com um lírio na mão dextra e o Menino Jesus no braço sinistro), ladeada de duas torres e acompanhada em chefe de três escudetes, cada um carregado de cinco escudetes (223).

---

(222) Cf. legenda.
(223) Ver o n.º 81.



* * *

Numa placa de mármore a seguinte legenda em letras de bronze, na frontaria do edifício:

COMEMORANDO O XXX ANIVERSÁRIO DA
REVOLUÇÃO NACIONAL
FOI ESTE MERCADO MUNICIPAL INAUGURADO
EM
XXVIII - V - MCMLVI
POR SUA EXCELÊNCIA O CHEFE DE ESTADO
GENERAL FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES



110, 111 e 112

Localização:

— Praça do Comércio e Rua do Abade da Loureira.
— Celeiro da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Frontaria. *Em triplicado.*

Material: granito.

Época: «[...] o celeiro da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, em Braga, foi construído em 1953» (224).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica nacional.

Conjunto:

— Escudo.
— Duas espigas de trigo ladeando o escudo.

Escudo:

Composição: plena.

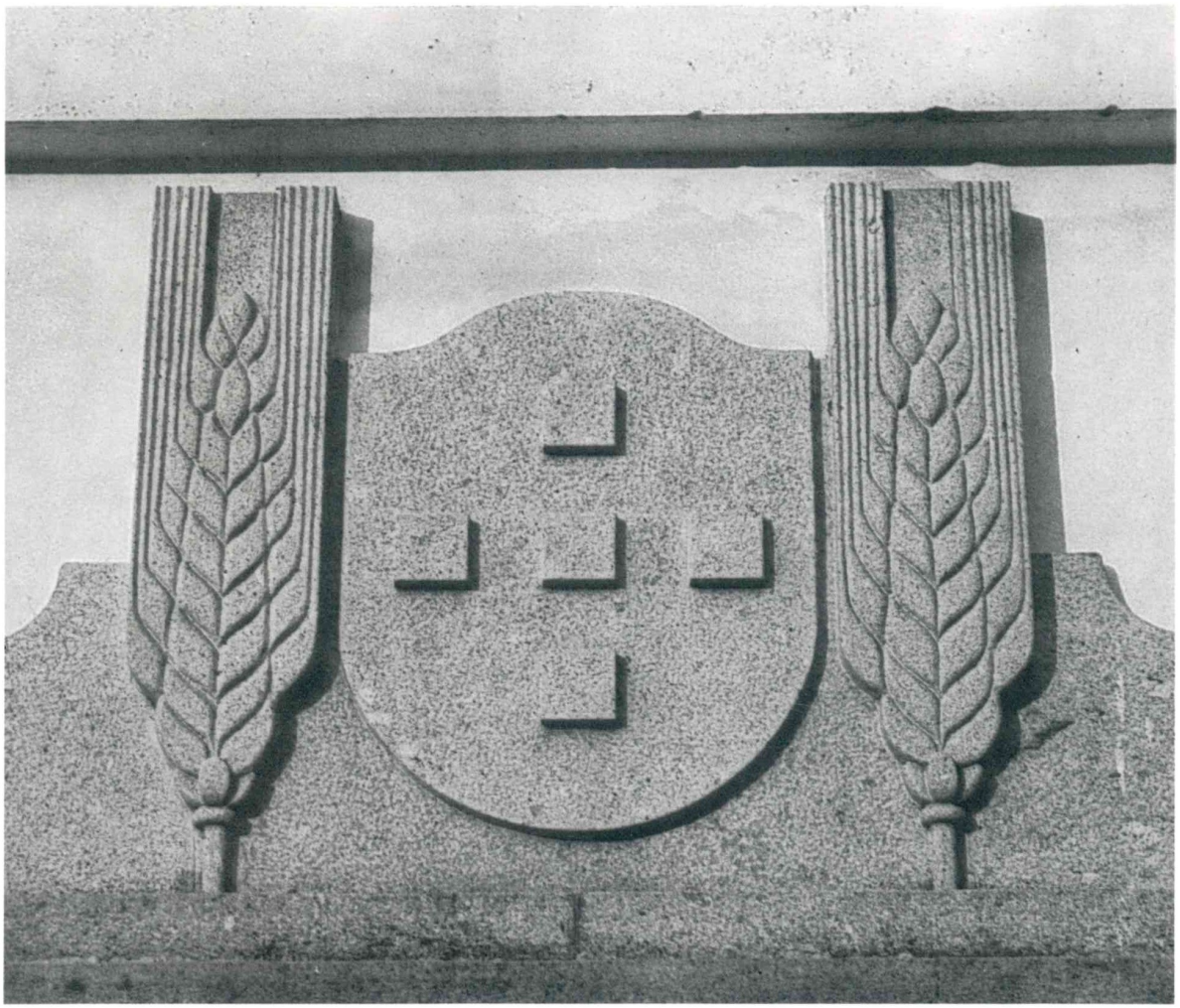
Leitura:

PORTUGAL-ANTIGO (1)

(1) Assim: cinco quadros postos em cruz, em vez das cinco *quinas.* Deviam ter-se esculpido as armas de PORTUGAL (as quinas e a bordadura com os castelos).

---

(224) Cf. resposta da Federação Nacional dos Produtores de Trigo (Lisboa, 30 de Maio de 1969) ao ofício n.º 366, de 26 do mesmo mês, da Junta Distrital de Braga. Ao referir-me, mais uma vez, aos ofícios da Junta Distrital, quero agradecer às digníssimas funcionárias da Secretaria, a Senhora D. Maria Teresa Gomes Moreira Cunhal e a Menina Maria Idalina Machado Tinoco, todo o interesse oficial e o muito carinho feminino que sempre dedicaram, e continuarão dedicando, às *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga.*



110

113

Localização:

— Edifício da Cadeia Civil. Frontaria.

Material: granito.

Época: o edifício foi construído em 1906 e ampliado em *1931* (225).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica municipal.

Conjunto:

— Escudo peninsular.
— Coroa mural de cinco torres (cidade).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

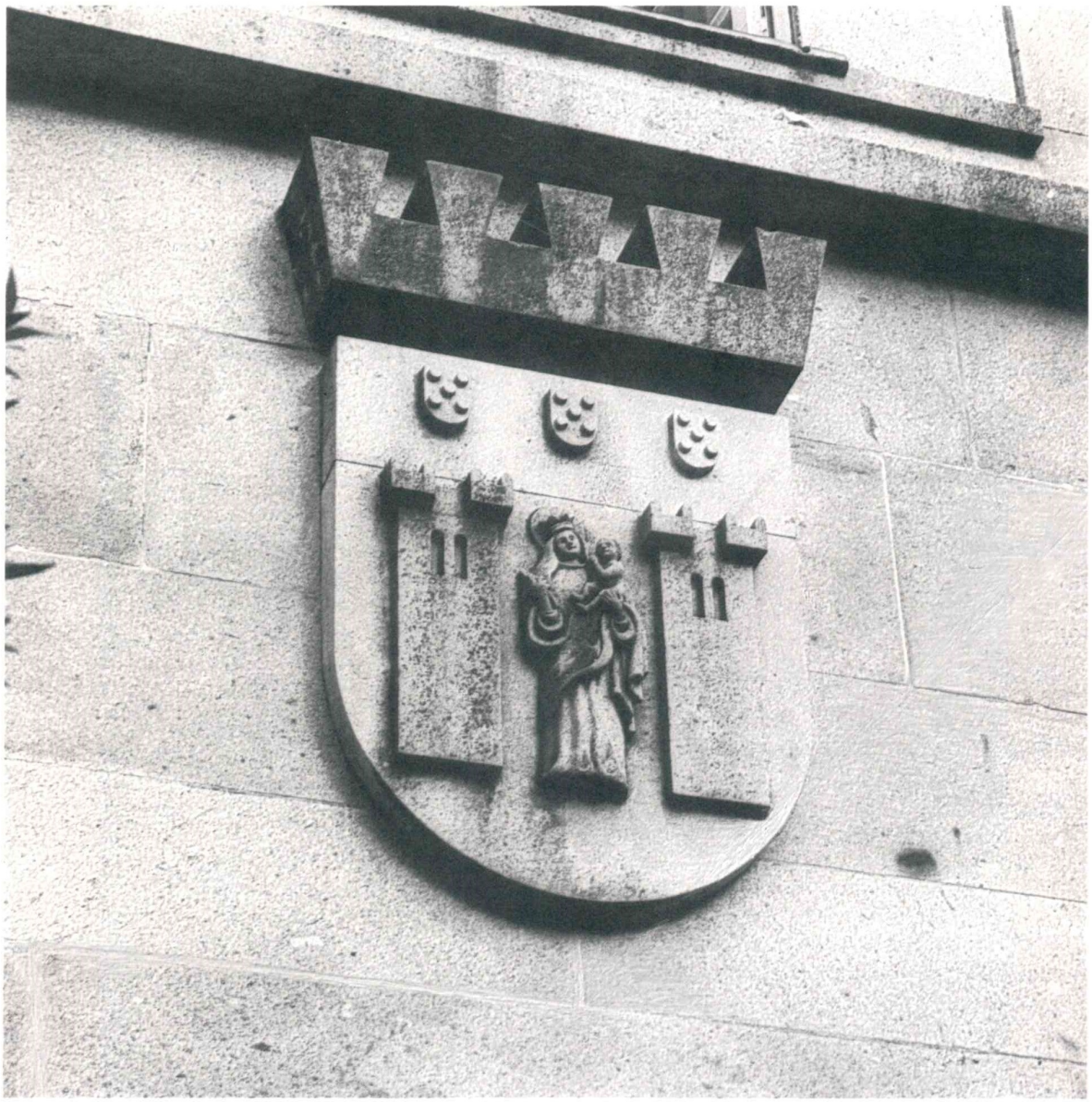
CIDADE DE BRAGA (1)

(1) Assim: a imagem de Santa Maria de Braga, coroada à antiga e aureolada, ladeada de duas torres e acompanhada em chefe de três escudetes, cada escudete carregado de cinco besantes (226).

---

(225) Cf. ofício n.º 3438, de 11 de Junho de 1969, da Câmara Municipal de Braga, em resposta ao ofício n.º 344, de 20 de Maio do mesmo ano, da Junta Distrital de Braga.

(226) Ver o n.º 81.



114

Localização:

— Igreja do Carmo. Frontaria.

Material: mármore.

Época: entre 1908 e 1910 (227).

LIÇÃO HERÁLDICA:

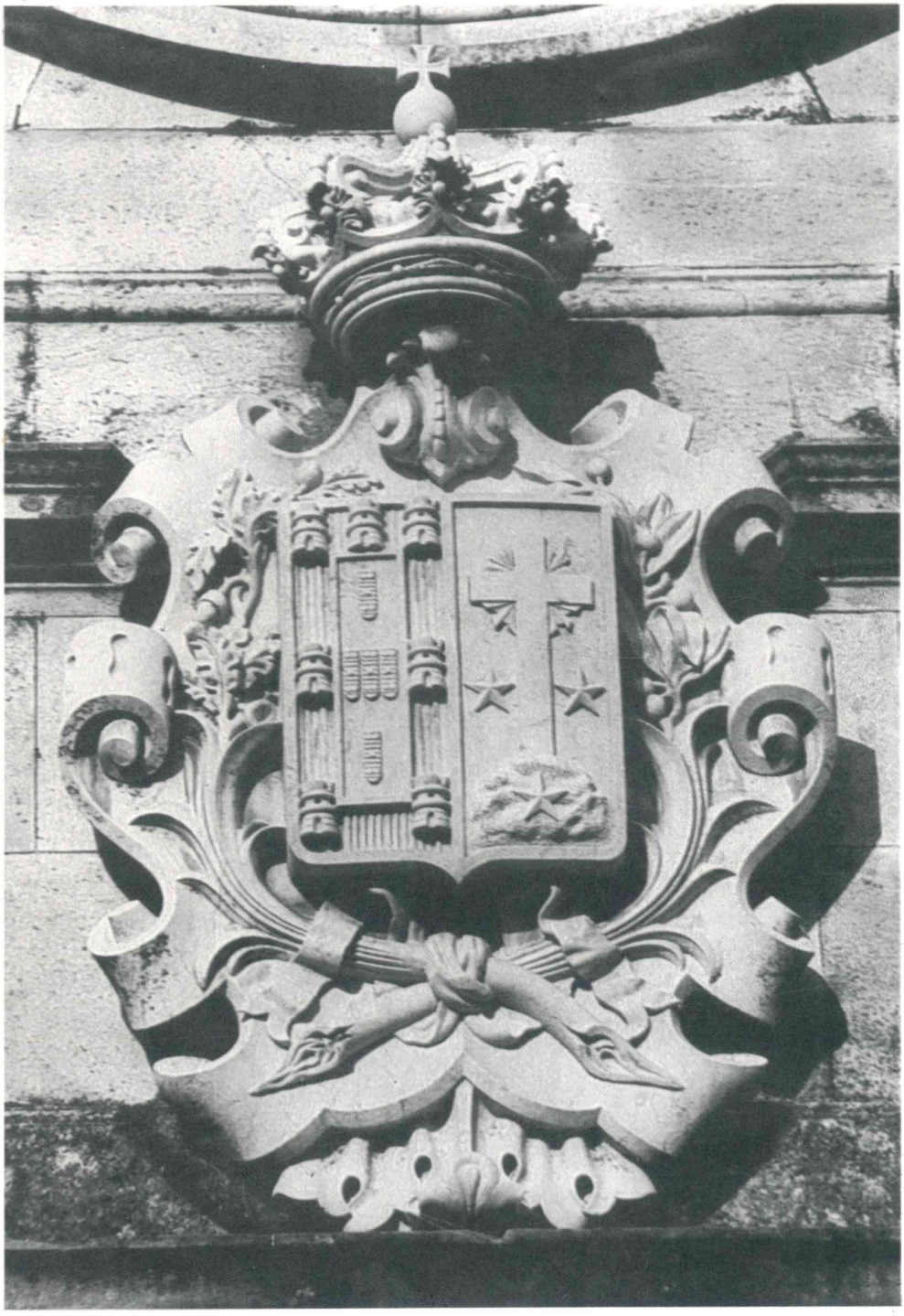
Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Conjunto:

— Escudo francês.
— Coroa real.
— Dois ramos, um de carvalho, à direita, e o outro de oliveira, à esquerda, abraçando o escudo e cruzados na ponta.
— Cartela decorativa sobre a qual assentam o escudo e os ramos.

---

(227) Em resposta ao ofício n.º 618, de 10 de Setembro de 1969, da Junta Distrital de Braga, informou o Rev.do P.e Fernando Villabona, cronista do Convento dos Carmelitas Descalços de Braga, que a actual frontaria da Igreja do Carmo foi principiada a construir-se em 1908 e concluída em 1911. Quanto à feitura da pedra de armas, nada consegui apurar, — parecendo-me, contudo, que ela foi esculpida para a nova frontaria da igreja. Na capa e na portada dos *Estatutos da Real Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Cidade de Braga erecta na sua Capella Real da mesma Cidade* (ed. de 1895) e nas do *Regulamento dos empregados da Real Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Cidade de Braga e Tabellas de Emolumentos da mesma Irmandade e de seus empregados* (ed. de 1906) figuram as armas reais e não as que estão na frontaria da igreja.





Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

REAL IRMANDADE DE
NOSSA SENHORA DO CARMO (1)

(1) Partido das armas de Portugal e das da Congregação dos Carmelitas Descalços ou Observantes. No I esculpiram-se, na bordadura, *torres* em vez de *castelos* e indicou-se o esmalte dos escudetes (azul) e o da bordadura (vermelho); e no II o campo e a cruz sainte deste foram representados, ao natural, por uma cruz latina, raiada, firmada num monte (Monte Carmelo), e figuraram-se as estrelas com cinco pontas, duas ladeando a cruz e a terceira carregando o monte. É brasão dos Carmelitas Descalços: — *escudo: de negro, mantelado de prata, com uma cruz de negro, sainte do campo, e três estrelas de oito pontas de um no outro, postas 2 e 1.*



115

Localização:

— Igreja do Carmo. Capela das Relíquias.
— Tampa da sepultura rasa de Simão da Costa Pessoa, 1.º Conde de Vinhais.

Material: mármore.

Época: meados do século dezanove (o Conde de Vinhais faleceu no ano de 1848).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo.
— Coronel de conde.

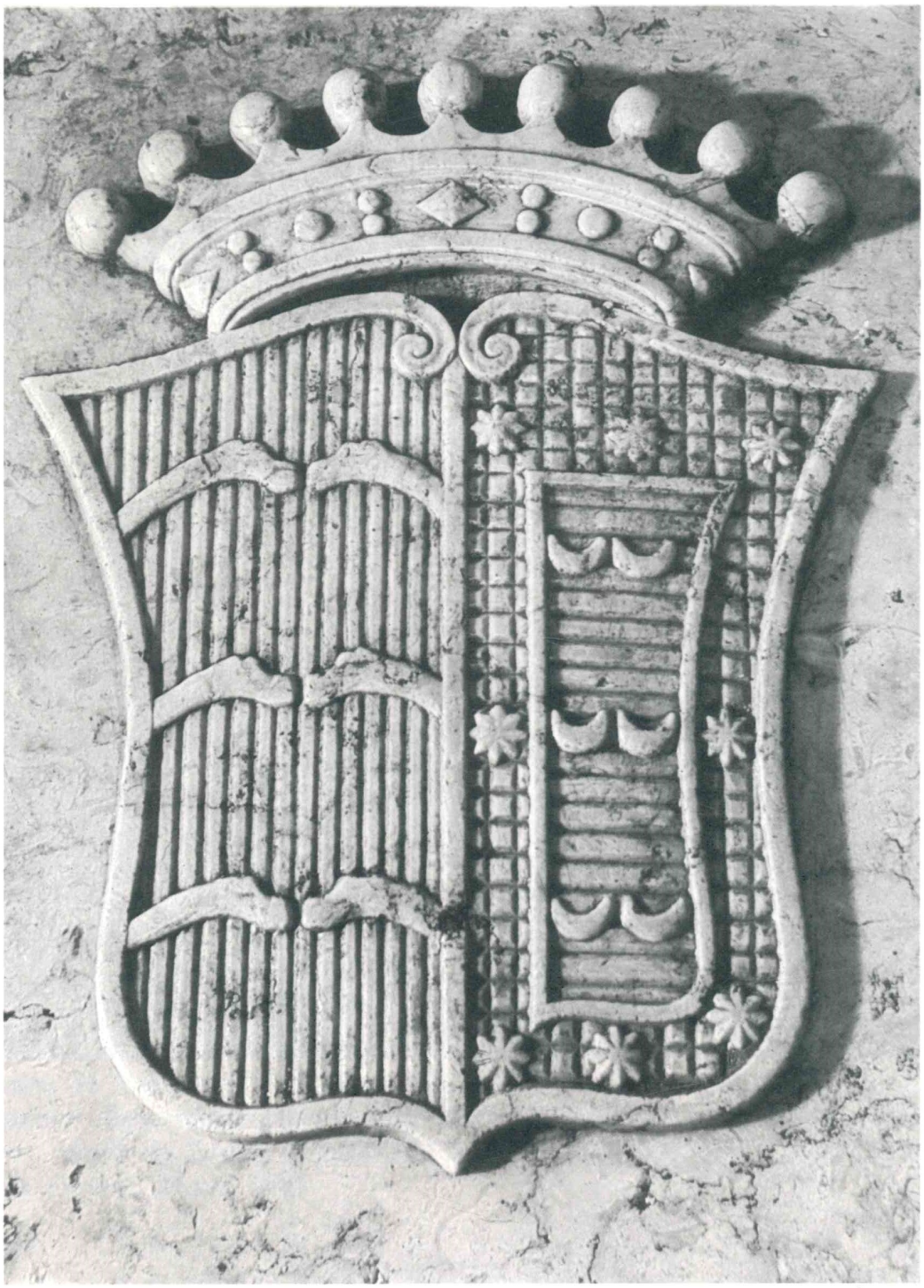
Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I COSTA (1)
II PESSOA (2)

(1) Seis costas, 2, 2 e 2, firmadas nos flancos. Indicado o esmalte do campo (vermelho).
(2) Seis crescentes, 2, 2 e 2, e bordadura carregada de oito estrelas de *oito* pontas. Indicados o esmalte do campo (azul) e o da bordadura (negro).



115


AQUI JAZ
SIMÃO DA COSTA PESSOA
BARÃO, VISCONDE, E CONDE DE VINHAES
FIDALGO CAVALLEIRO DA CAZA REAL
COMMENDADOR DAS ORDENS DE S. BENTO
D'AVIS E TORRE-ESPADA, CONDECORADO
COM A CRUZ N.ª DA GUERRA PENINSULAR;
E POR S. M. CATHOLICA, COM A CRUZ DE S.
FERNANDO DA 1.ª CLASSE, E COM A GRÃO CRUZ
D'IZABEL A CATHOLICA; MARECHAL DE CAMPO
DOS REAES EXERCITOS, E COMMANDANTE
DA 4.ª DIVISÃO MILITAR. ✠ ✠ ✠ FILHO
PRIMOGENITO DE JOZE DA COSTA PESSOA
FIDALGO CAVALLEIRO DA CAZA REAL, E DE
SUA MULHER D. JOZEFA DE MORAES
SARMENTO BARRETO.
NASCEO EM VINHAES AOS 25 DE MARÇO
DE 1790, MORREU EMBRAÇA AOS 30 DE SETEMBRO
DO
1848.
SEU SAUDOZO IRMÃO O BARÃO DE VINHAES
LHE VOTOU ESTA CAMPA.

* * *

Inscrição tumular:

AQUI JAZ
SIMAÕ DA COSTA PESSOA
1.º BARAÕ, 1.º VISCONDE, 1.º CONDE DE VINHAES;
FIDALGO CAVALLEIRO DA CAZA REAL;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE S. BENTO
D'AVIS, E TORRE-ESPADA; CONDECORADO
COM A CRUZ N.º 3 DA GUERRA PENINSULAR;
E POR S. M. CATHOLICA, COM A CRUZ DE S.
FERNANDO DA 1ª CLASSE, E COM A GRAÕ CRUZ
D'IZABEL A CATHOLICA; MARECHAL DE CAMPO
DOS REAES EXERCITOS, E COMMANDANTE
DA 4ª DIVISAÕ MILITAR: & & & FILHO
PRIMOGENITO DE JOZE DA COSTA PESSOA
FIDALGO CAVALLEIRO DA CAZA REAL, E DE
SUA MULHER D. JOZEFA DE MORAES
SARMENTO BARRETO.
NASCEO EM VINHAES AOS 25 DE MARÇO
DE 1790 (228), MORREU EM BRAGA AOS 30 DE SEPTEMBRO
DE
1848 (229),
SEU SAUDOZO IRMAÕ O BARAÕ DE VINHAES
LHE VOTOU ESTA CAMPA.

•

Veja-se:

— *Nobreza de Portugal,* vol. III, em *Vinhais (Barões, Viscondes e Condes de).*
— *Anuário da Nobreza de Portugal,* ano II (1964), em *Conde de Vinhais.*
— *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança,* por Francisco Manuel Alves [Abade de Baçal], — tomo VI (*Os Fidalgos*), págs. 605 e segs. (*Família Costa Pessoa*), Porto, 1928.

---

(228) Nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança,* tomo VI, na *Nobreza de Portugal,* vol. III, em *Vinhais (Barões, Viscondes e Condes de),* e no *Anuário da Nobreza de Portugal,* ano II (1964), em *Conde de Vinhais*: n. em Vinhais a 15-IX-1789.

(229) Cf. *Memórias.* Nas duas últimas obras citadas atrás: f. em Braga a 20-IX-1848.

116

Localização:

— Rua do Carvalhal.
— Casa que pertenceu ao 1.º Conde de Azevedo. Frontaria.

Material: granito.

Época: suponho que a pedra de armas foi mandada esculpir entre o ano de 1843 e o de 1846, conforme as considerações que adiante farei.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Conjunto:

— Escudo ovalado, dentro de uma moldura decorativa.
— Coronel de nobreza.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

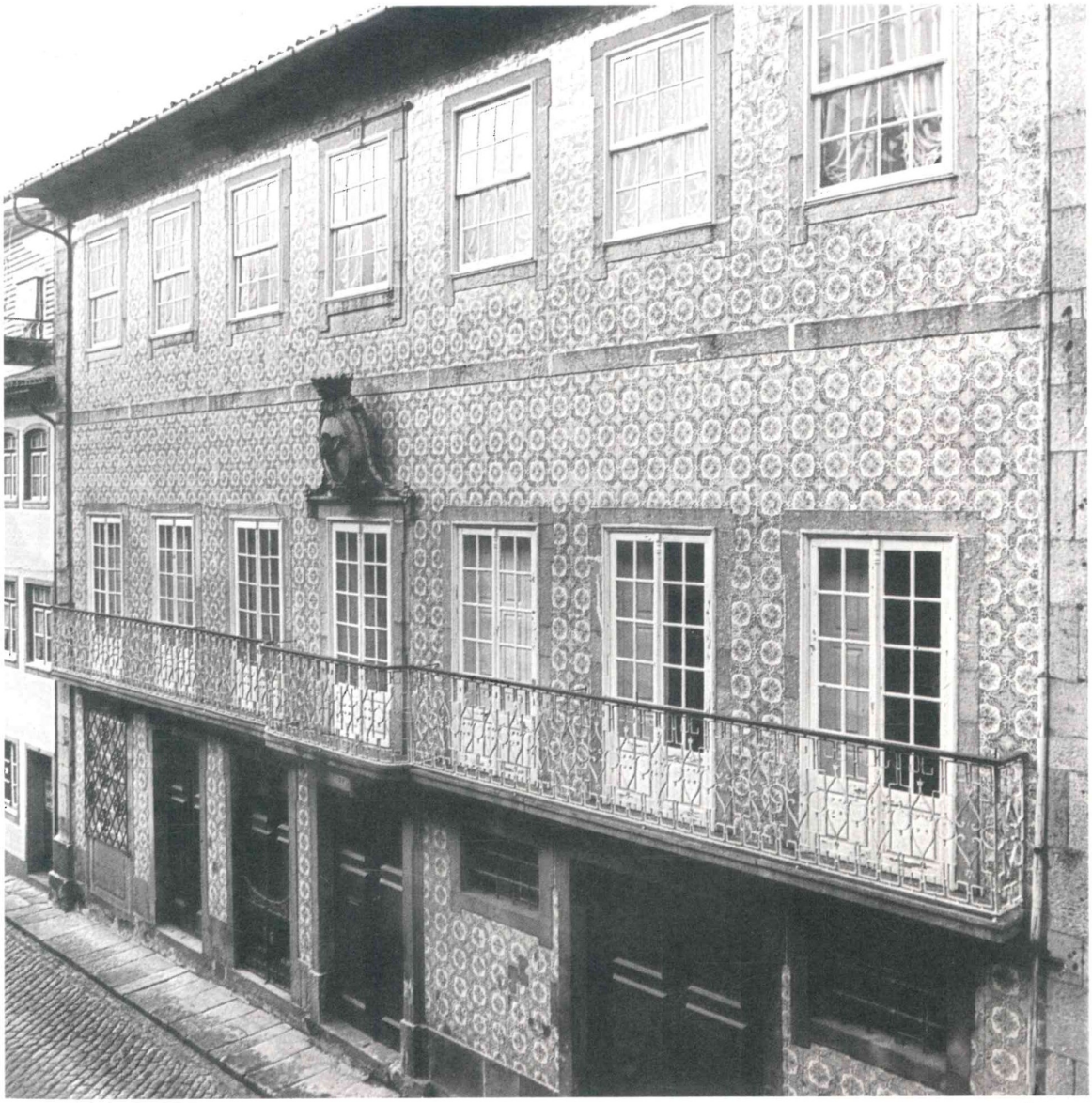
AZEVEDO, dos senhores da Casa de Azevedo (1)

(1) Uma águia.

* * *

É meu parecer que a pedra de armas foi esculpida quando Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho, o futuro Conde de Azevedo (1876), que principiou a ter residência em Braga em Dezembro de





116

1843, ainda não tinha sido agraciado com o título de Visconde de Azevedo (1846), pois que o escudo está encimado por um coronel de nobreza.

A casa foi mandada construir pelo Cónego João Evangelista de Azevedo e Sousa (que em 1834 tinha 80 anos de idade), o que nos poderia levar a crer ter sido ele quem mandou fazer a pedra de armas, — mas parece-me que se assim fosse, o Cónego teria a preocupação, e toda a razão, em que o escudo ficasse encimado por um chapéu eclesiástico e não por um simples coronel de nobreza.

Para a construção da casa teve o Cónego João Evangelista de contrair um empréstimo na Misericórdia de Braga, ficando como fiador o pai do Conde de Azevedo, António Martinho Velho de Barbosa da Fonseca Sousa e Castro. Mas, tendo sido aquele expulso do seu benefício pelos Liberais, em 1834, não pode pagar o que ainda devia à Misericórdia, pelo que esta fez arresto aos seus bens, ficando com a casa o fiador, que a veio a vender a estranhos. Em 1843, o futuro Conde de Azevedo comprou a casa, para nela viver enquanto residisse em Braga, e depois a alienou, sendo então pertença de vários proprietários até à sua actual possuidora, a Senhora D. Alice de Araújo Affonso (irmã do genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso), casada com o Dr. Manuel António Braga da Cruz, que nela estabeleceram a sua residência e dos quais há descendência. (230)

•

Veja-se:

— *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho,* por José de Sousa Machado, vol. II, costado 216, § 3.º — *Casa da Fontinha (Estarreja) — Condes de Azevedo.*
— *Nobreza de Portugal,* vol. II, em *Azevedo (Visconde e Condes de).*
— *Pedras de Armas do Concelho da Póvoa de Varzim (heráldica de família),* por Vaz-Osório da Nóbrega. Separata de «Póvoa de Varzim — Boletim Cultural». 1962.
— *Anuário da Nobreza de Portugal,* — ano I (1950) e ano II (1964), em *Conde de Azevedo.*

---

(230) Arquivo do Dr. Manuel António Braga da Cruz. Em casa deste meu erudito Amigo, na sua aconchegada sala-biblioteca, com ele tenho passado muitas horas em conversa amena sobre as coisas antigas de Braga.

117

Localização:

— Largo de Mouzinho de Albuquerque (Campo Novo).
— Monumento a D. Pedro V.

Material: mármore.

Época: ano de 1879 (231).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Conjunto:

— Escudo francês.
— Coroa real.
— Manto.
— Folhas de acanto decorando exteriormente o escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Com a bordadura carregada de sete *torres* em vez de sete *castelos*. Indicados o esmalte dos escudetes (azul) e o da bordadura (vermelho).

---

(231) Data na legenda existente no pedestal.

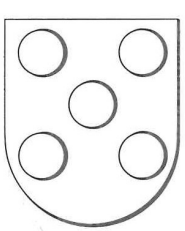




* * *

Inscrição no pedestal:

Á MEMORIA
DO
CHORADO E VIRTUOSO
REI DE PORTUGAL
D. PEDRO V
EM TESTEMUNHO DE RESPEITO
E HOMENAGEM
O
CONEGO JOSÉ NARCISO DA COSTA REBELLO
E SEU IRMÃO
O
BARÃO DA GRAMOSA
1879



118

Localização:

— Faculdade de Filosofia e Instituto Superior de Filosofia de Braga. Frontaria.

Material: mármore rosa ([232]).

Época: ano de 1948 ([232]).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações universitárias.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Tiara.
— As duas Chaves de São Pedro passadas em aspa e ligadas por um cordão.
— Cartela decorativa em que assenta o escudo.
— Listel com a legenda IN SPLENDORE LUCIS VESTRAE.

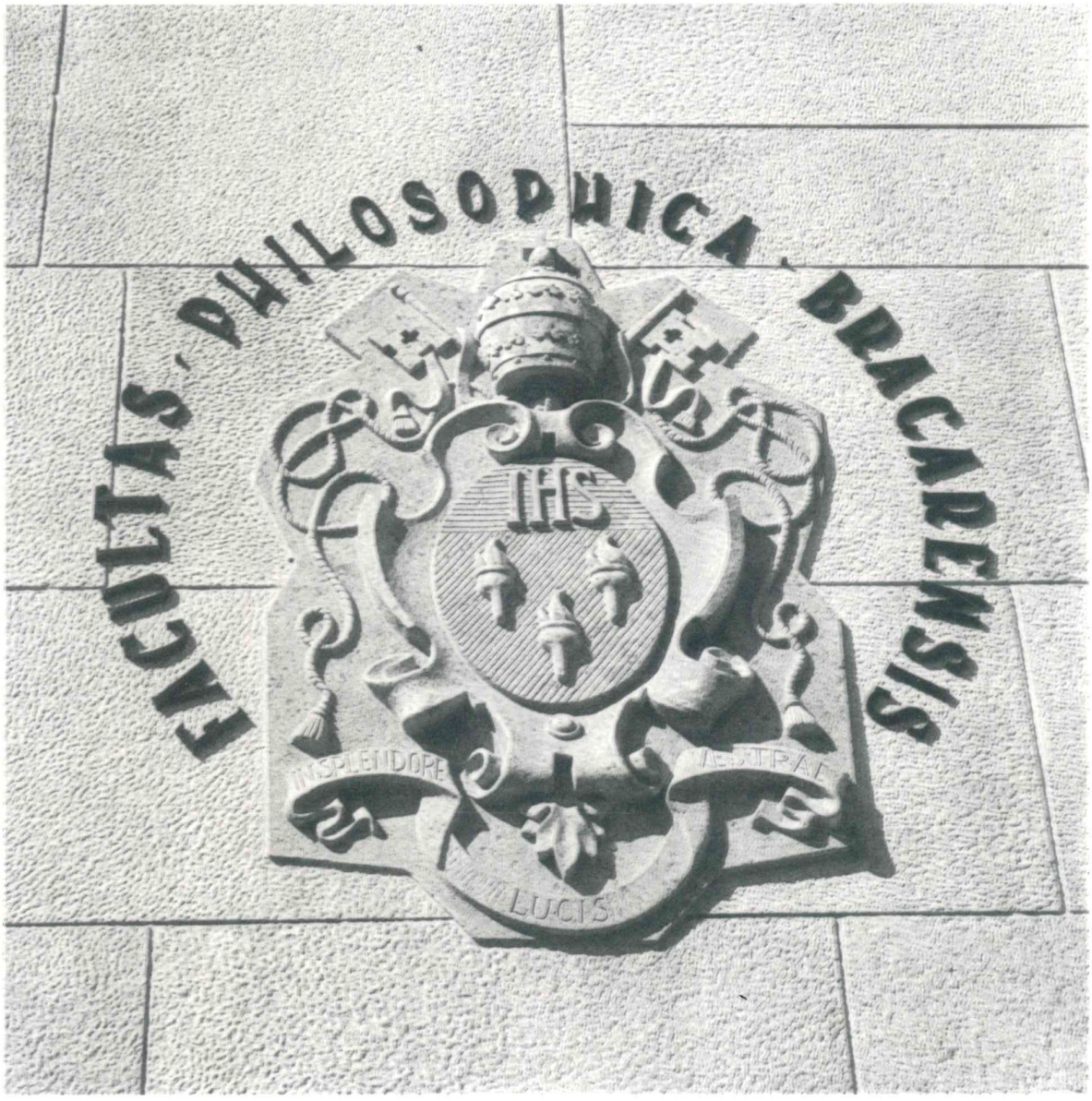
Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

FACULDADE DE FILOSOFIA E
INSTITUTO SUPERIOR DE FILOSOFIA DE BRAGA (1)

([232]) Cf. ofício n.º 246, de 25 de Julho de 1969, da Faculdade de Filosofia e Instituto Superior de Filosofia de Braga, em resposta ao ofício n.º 345 de 20 de Maio, da Junta Distrital de Braga.


FACULTAS PHILOSOPHICA BRACARENSIS
IHS
LUCIS



(1) Três fachos, e chefe carregado do emblema heráldico da Companhia de Jesus (IHS — monograma do nome de Jesus). Indicado o esmalte do campo (púrpura) e o esmalte do chefe (azul).

Armas da Faculdade de Filosofia e Instituto Superior de Filosofia de Braga:

Escudo ovalado: de púrpura, três fachos de ouro, acesos de sua cor; chefe cosido de azul, carregado das três letras IHS de ouro, realçadas de prata. O escudo encimado por uma tiara e pelas duas Chaves de S. Pedro, uma de ouro e a outra de prata, passadas em aspa e ligadas por um cordão de vermelho. Inferiormente ao escudo um listel branco com o mote em caracteres negros: IN SPLENDORE LUCIS VESTRAE.

* * *

A Faculdade de Filosofia, como instituição escolar, precisou de criar um selo branco para autenticar os seus documentos oficiais. Encarregou, então, em 1948, de fazer o desenho desse selo o Rev. P.e Joaquim da Costa Lima, S. J., já falecido, ao tempo redactor da revista «Brotéria», onde tinha a seu cargo a crónica de crítica de arte, — sendo o cunho feito por Freire Gravador, em Lisboa (233).

Este selo branco consta de um brasão encimado pela tiara pontifícia e pelas chaves de S. Pedro e tendo inferiormente um listel com uma divisa.

«O brasão está encimado pela tiara pontifícia e pelas «Chaves de Pedro» «para indicar que a Instituição, sob o aspecto jurídico, é de direito pontifício.

«Na parte superior vê-se o monograma do nome de Jesus — I. H. S. — distintivo «da Companhia de Jesus, pois esta Ordem religiosa é a entidade que dirije «a Faculdade.

«Os três fachos que se vêm na parte inferior, significam as diversas escolas que «legìtimamente se admitem na «Philosophia Perennis», a cuja luz é orientada a «actividade de investigação e especulativa de Mestres e Discípulos. É isso mesmo «que se pretende inculcar com a divisa: «in splendore lucis vestrae» — (no «esplendor da vossa luz)». (234)

Na antiga biblioteca da Faculdade de Filosofia (na 1.ª fase desta, quando era reservada aos membros da Companhia de Jesus) encontra-se um pano com as armas da Faculdade pintadas a óleo, trabalho executado por uma religiosa

---

(233) Informação que me foi dada pessoalmente pelo Rev. Doutor Paulo Durão, professor de Ética Especial na Faculdade de Filosofia e secretário da «Revista Portuguesa de Filosofia», órgão da mesma Faculdade, e que foi provincial da Companhia de Jesus em Portugal e, por duas vezes, reitor da Faculdade.

(234) Cf. ofício n.º 246, de 25 de Julho de 1969, da Faculdade de Filosofia e Instituto Superior de Filosofia de Braga, em resposta ao ofício n.º 345, de 20 de Maio do mesmo ano, da Junta Distrital de Braga.

doroteia, a qual, sendo-lhe impossível obter, na ocasião, em Portugal, pano de Arras, como era seu desejo, recorreu a um tecido que mais de perto pudesse imitar aquele, e neste, utilizando a mesma técnica como se de pano de Arras se tratasse, pintou as armas a óleo diluído em água-rás, conforme o desenho e as cores que, para tal trabalho, lhe haviam sido fornecidos pela Faculdade (235).



(235) Informação que me foi dada pessoalmente pela referida Religiosa, no Colégio de Nossa Senhora da Paz, no Porto.

119

Localização:

— Igreja do Convento de Santa Teresa (vulgo Teresinhas). Frontaria.

Material: granito.

Época: lançou-se a primeira pedra da igreja a 18 de Maio de 1763, sendo esta concluída em Maio de 1766 ([236]).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Conjunto:

— Escudo.
— Coronel.
— Chapéu eclesiástico com cordões de quinze borlas pendentes a cada lado (1, 2, 3, 4 e 5).
— Cruz dupla posta em pala atrás da cartela em que assenta o escudo e passando por dentro do coronel.

Escudo:

Composição: plena.

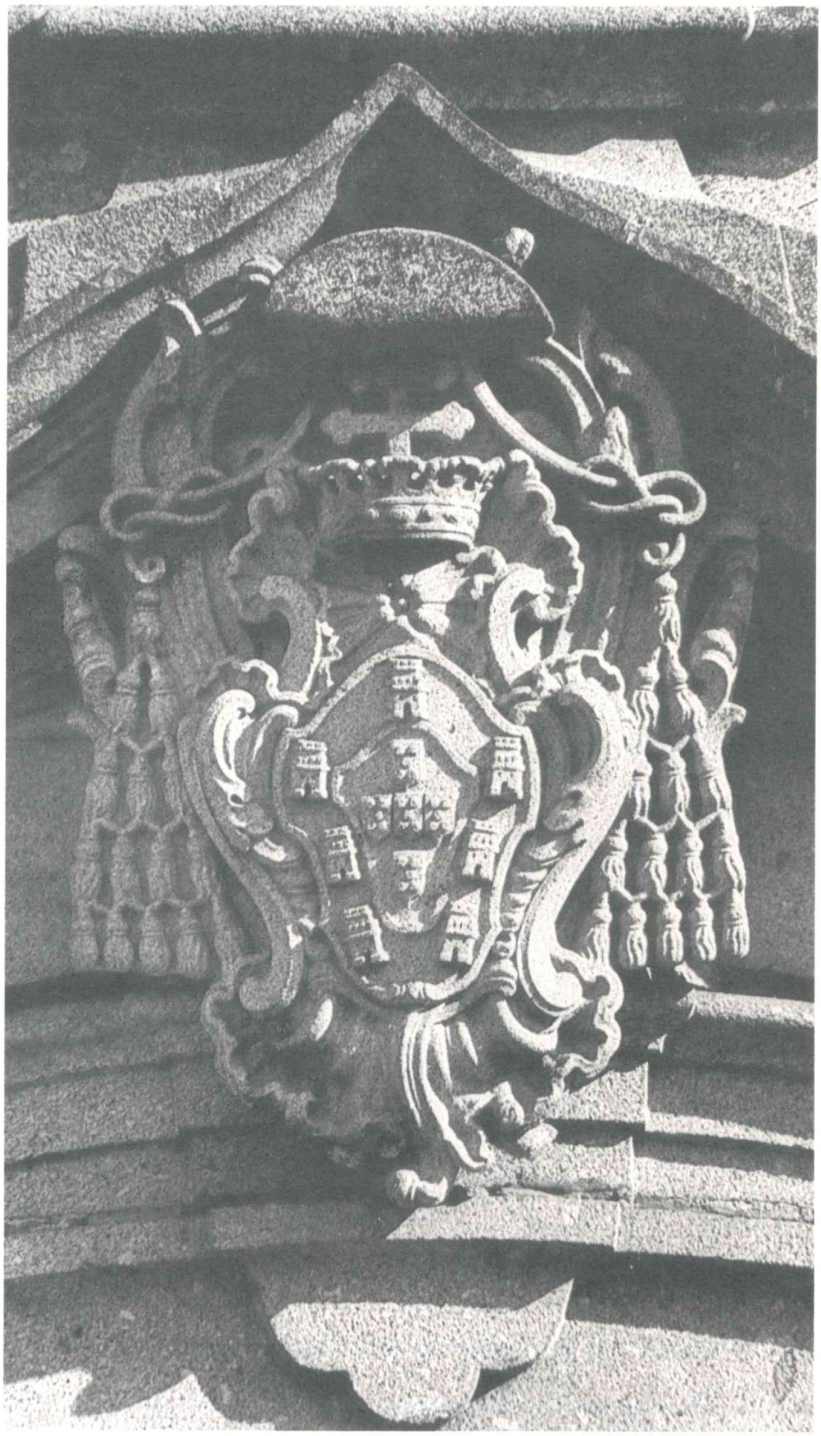
Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) A bordadura carregada de sete *torres torreadas* em vez de sete *castelos*.

São as armas de D. Gaspar de Bragança, filho legitimado de D. João V, na sua qualidade de Arcebispo de Braga (1758-1789).

([236]) 1766: data gravada na portaria do convento. Cf. *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga,* tomo III, pág. 356. A igreja foi benzida a 24 de Maio de 1766.



119



119-120

120

Localização:

— Igreja do Convento de Santa Teresa (vulgo Teresinhas). Frontaria.

Material: granito.

Época: a construção da igreja foi iniciada em Maio de 1763 e terminada em Maio de 1766 (237).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Conjunto:

— Escudo contido numa moldura decorativa.
— Coronel.

Escudo:

Composição: plena.

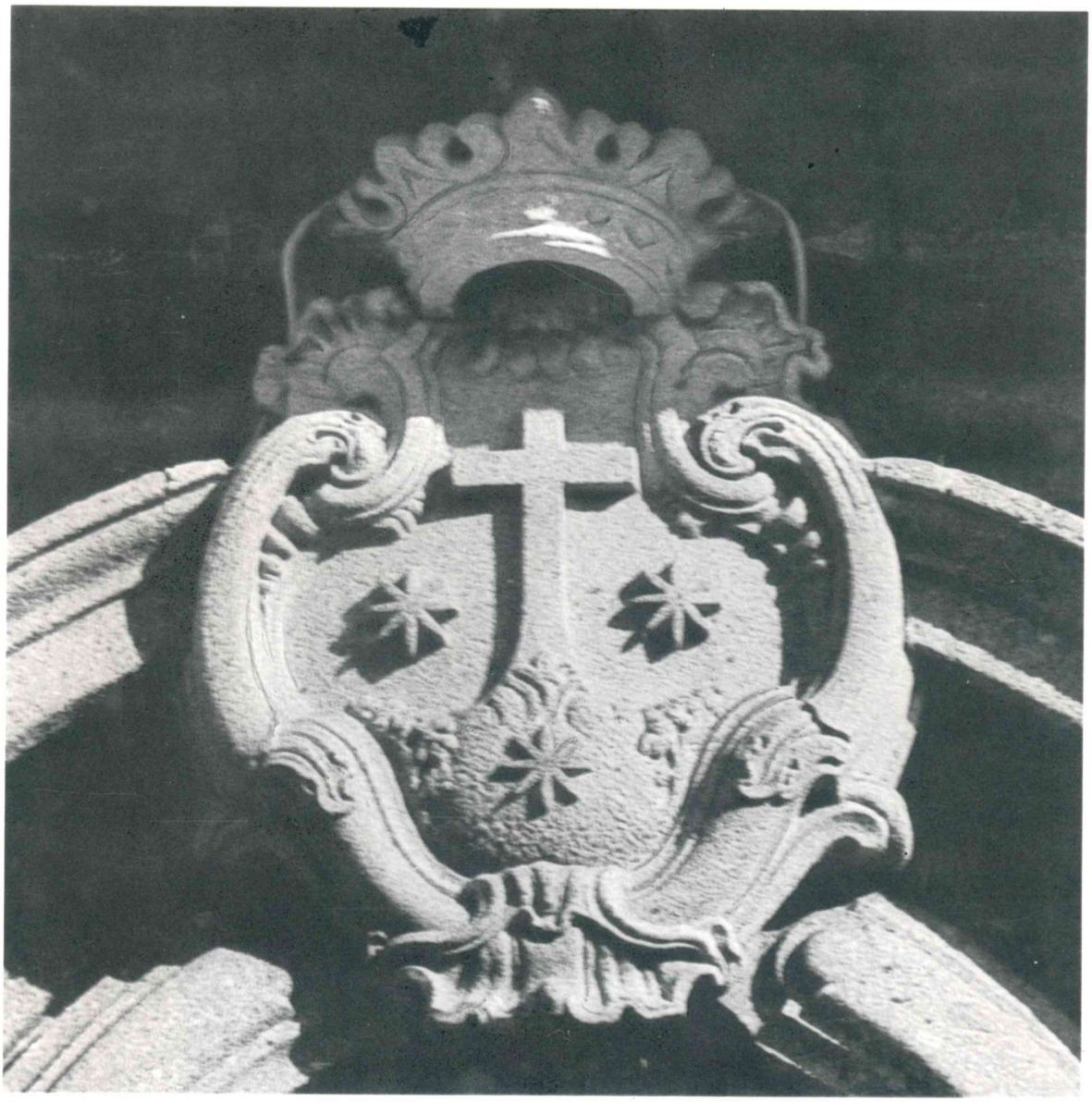
Leitura:

CONGREGAÇÃO DOS
CARMELITAS DESCALÇOS (1)

(1) Com o campo e a cruz sainte deste representados, ao natural, por uma cruz latina firmada num monte, e as estrelas, cada uma de oito pontas, postas 2 e 1, duas a ladearem a cruz e a terceira a carregar o monte. É brasão dos Carmelitas Descalços: *escudo: de negro, mantelado de prata, com uma cruz de negro sainte do campo e três estrelas de oito pontas de um no outro, postas 2 e 1.*

---

(237) Ver a nota da pág. 391.



120

121

Localização:

— Igreja de S. Vicente. Frontaria.

Material: granito.

Época: a igreja foi fundada a terceira vez em 1691 (238).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: simbologia religiosa.

Conjunto:

— Escudo ovalado, com motivos decorativos (cartela), encimado por dois anjos sustendo uma tiara, o escudo sustido também por dois anjos.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

S. JOÃO BAPTISTA BAPTIZANDO A CRISTO (1)

---

(238) Cf. inscrição existente na frontaria, à direita da porta de entrada.



121



121-122

(1) Lê-se nas duas inscrições existentes na frontaria da igreja, à direita e à esquerda da porta de entrada:

AQUI SE GANHAM COPI
OSAS INDULGENCIAS VI
SITANDO ESTA CAPELLA
DEDICADA A S. VICENTE
NA ERA DO SENHOR DC.LVI
REEDIFICADA EM M.DLXV.
E TERCEYRA VES FUNDADA
I69I

MEMBRO DA SACROSANTA
IGREIA LATERANENSE,
DE CUIOS PRIVILEGIOS
GOZA COM OBRIGACAM
DE DUAS LIBRAS DE CERA
PAGAS EM ROMA CADA
ANNO DESDE A ERA DE
I598 (239)

(239) Em *Memorias de Braga,* tomo II, pág. 193: «Gosando dos privilegios da egreja de «Latrão em Roma, e de suas indulgencias; reconhecia por isso a dita Basilica em todos os annos: «mas depois conseguiu *componenda*».

122

Localização:

— Igreja de S. Vicente. Frontaria.

Material: granito.

Época: ano de 1691 (240).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica papal.

Conjunto:

— Escudo ovalado.
— Cartela decorativa em que assenta o escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

INSÍGNIAS PONTIFÍCIAS (1)

(1) As duas Chaves de S. Pedro passadas em aspa e encimadas pela tiara, e uma cruz de três travessas, posta em pala por detrás das chaves e passando por dentro da tiara.

---

(240) Ver o n.º anterior.



Fim do Tomo I
do Volume I

LAVS DEO

COMPOSIÇÃO, REPRODUÇÃO E IMPRESSÃO
OFFSET – LITOGRAFIA NACIONAL - PORTO
1970

biblioteca municipal
barcelos
8418
Pedras de armas e armas
tumulares do distrito de B